

# Communicare:

A Atividade de partilhar Informações  
como Alicerce da Vida em Sociedade

**Edwaldo Costa**  
**(Organizador)**



# Communicare:

A Atividade de partilhar Informações  
como Alicerce da Vida em Sociedade

**Edwaldo Costa**  
**(Organizador)**



**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

## **Linguística, Letras e Artes**

- Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

## **Conselho Técnico Científico**

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

*Communicare*: a atividade de partilhar informações como alicerce da vida  
em sociedade

**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Vanessa Mottin de Oliveira Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Edwaldo Costa

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

C734 *Communicare*: a atividade de partilhar informações como alicerce da vida em sociedade / Organizador Edwaldo Costa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-004-6

DOI 10.22533/at.ed.046212304

1. Comunicação. 2. Informação. 3. Sociedade. I. Costa, Edwaldo (Organizador). II. Título.

CDD 302.23

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

Este e-book lança um olhar para a Comunicação, mais especificamente sobre a atividade de partilhar informações como alicerce da vida em sociedade. Os textos que o compõem são reflexões que visam compreender os contornos que a Comunicação e seus componentes estabelecem entre si e com outras tessituras sociais. Trata-se, portanto, de uma necessária atitude crítica diante do campo em toda a sua complexidade, para mirar suas reconfigurações, seus atravessamentos e os sentidos que os fatos comunicacionais produzem na contemporaneidade. Neste e-book apresentamos 15 capítulos de 30 pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

Os capítulos analisam uma pluralidade de questões, apresentando problemas de pesquisas que abrangem: as práticas comunicativas de brasileiros e venezuelanos interiorizados pela Operação Acolhida; a compreensão de como publicações realizadas no Twitter conseguem agendar o jornal A Folha de São Paulo em sua versão online; narrativas humanizadas em redes sociais; comunicação científica visual; as representações de Michel Temer em Carta Capital; análise da comunicação televisual; identidade no espaço midiático; arquiteturas do digital e suas tendências antropomórficas; software para garantir uma cidade acessível; desenvolvimento das capacidades comunicativas; estudantes na sociedade do conhecimento; preservação do patrimônio histórico e da memória cultural da Bahia; coordenação motora de crianças em vários ambientes de formação pública; etnofotografia como metalinguagem; empresa júnior e formação integrada. Como já mencionado, trata-se de uma obra transdisciplinar.

Um dos objetivos deste e-book é propor análises e fomentar discussões sobre a comunicação a partir de diferentes pontos de vista: político, educacional, filosófico e literário. Como toda obra coletiva, esta também precisa ser lida tendo-se em consideração a diversidade e a riqueza específica de cada contribuição.

Por fim, espera-se que com a composição diversa de autores e autoras, temas, questões, problemas, pontos de vista, perspectivas e olhares, este e-book ofereça uma contribuição plural e significativa.

Edwaldo Costa

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

OPERAÇÃO ACOLHIDA E PRÁTICAS COMUNICATIVAS: UM ESTUDO SOBRE AS CONCEPÇÕES MIGRATÓRIAS E A RECEPÇÃO DOS MIGRANTES VENEZUELANOS NO BRASIL

Edwaldo Costa

Mariceli Ferreira Marques

João Lucas Zanoni da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.0462123041**

### **CAPÍTULO 2..... 16**

O TWITTER E O AGENDAMENTO JORNALÍSTICO DA FOLHA DE SÃO PAULO

Mab Favero Nathasje

Marcos Fabio Belo Matos

**DOI 10.22533/at.ed.0462123042**

### **CAPÍTULO 3..... 30**

NARRATIVAS HUMANIZADAS EM REDES SOCIAIS: O PROJETO INUMERÁVEIS E AS VÍTIMAS DA COVID-19 NO BRASIL

Renato Essenfelder

Emílio Sant'Anna

**DOI 10.22533/at.ed.0462123043**

### **CAPÍTULO 4..... 46**

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA VISUAL: ABORDAGENS NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Ana Cláudia de Araújo Santos

Edvaldo Carvalho Alves

**DOI 10.22533/at.ed.0462123044**

### **CAPÍTULO 5..... 59**

*PERNONA NON GRATA?* AS REPRESENTAÇÕES DE MICHEL TEMER EM *CARTA CAPITAL*

André Melo Mendes

Janaina Barcelos

**DOI 10.22533/at.ed.0462123045**

### **CAPÍTULO 6..... 70**

“PROMESSA DISCURSIVA”: UMA APOSTA INVESTIGATIVA PARA A ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO TELEVISUAL

Fabiola Calazans

**DOI 10.22533/at.ed.0462123046**

### **CAPÍTULO 7..... 77**

IDENTIDADE NO ESPAÇO MIDIÁTICO: O ASSASSINATO DE MARIELLE FRANCO NO *PORTAL G1*

Éverly Pegoraro

Samilli Penteado Barbara

**DOI 10.22533/at.ed.0462123047**

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>88</b>
ARQUITETURAS DO DIGITAL E SUAS TENDÊNCIAS ANTROPOMÓRFICAS	
Douglas Rossi Ramos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0462123048</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>101</b>
APP COMUNICA: SOFTWARE PARA GARANTIR UMA CIDADE ACESSÍVEL	
Vitória Vasconcellos da Luz	
Mario Sérgio Gonçalves Cunha Júnior	
Leandro da Silva Camargo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0462123049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>114</b>
LA PARTICIPACIÓN CIUDADANA EN EL FORTALECIMIENTO DE LA FORMACIÓN EN TEMAS DE SEGURIDAD EN PIMENTEL: UN ESTUDIO EXPERIMENTAL DE DESARROLLO DE CAPACIDADES COMUNICATIVAS	
Jerry Jara Llanos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04621230410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>123</b>
¿LOS ESTUDIANTES EN LA SOCIEDAD DEL CONOCIMIENTO?	
Silvia Domínguez Gutiérrez	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04621230411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>133</b>
CULTURA, TURISMO E O LEGADO DE ARTISTAS E PERSONALIDADES DA BAHIA: PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E DA MEMÓRIA CULTURAL	
Fabrício de Jesus Filgueiras	
Suênio Campos de Lucena	
Lirandina Gomes Sobrinho	
Sonia Maria Davico Simon	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04621230412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>147</b>
COORDENAÇÃO MOTORA DE CRIANÇAS QUE PARTICIPAM DE PROGRAMAS SOCIAIS ESPORTIVOS EM VÁRIOS AMBIENTES DE FORMAÇÃO PÚBLICA	
Thauany Guadalupe Silva	
Viviane Soares	
Jairo Teixeira Junior	
Patrícia Espíndola Mota Venâncio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04621230413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>157</b>
UMA INCURSÃO NA ETNOFOTOGRAFIA COMO METALINGUAGEM: DA DOCUMENTAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO À VISIBILIDADE SOCIAL DE UM ETHOS INDÍGENA DO POVO AKWE-XERENTE DO TOCANTINS	
Adriana Tigre Lacerda Nilo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04621230414</b>	

<b>CAPÍTULO 15.....</b>	<b>170</b>
<b>EMPRESA JUNIOR E FORMAÇÃO INTEGRADA: ECOS JR./UFES</b>	
Manoela Pagotto Martins Nodari	
Rosane Vasconcelos Zanotti	
Gabriela Santos Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04621230415</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>183</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>184</b>

# CAPÍTULO 1

## OPERAÇÃO ACOLHIDA E PRÁTICAS COMUNICATIVAS: UM ESTUDO SOBRE AS CONCEPÇÕES MIGRATÓRIAS E A RECEPÇÃO DOS MIGRANTES VENEZUELANOS NO BRASIL

*Data de aceite: 01/05/2021*

*Data de submissão: 17/04/2021*

### **Edwaldo Costa**

Pós-Doutorando na Daphne Cockwell,  
Ryerson University – Canadá e Doutor em  
Comunicação e Semiótica pela Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)  
<https://orcid.org/0000-0002-3416-3815>

### **Mariceli Ferreira Marques**

Cursa o 5º Ano de Direito no Centro  
Universitário UNIVAG – Cuiabá-MT  
<https://orcid.org/0000-0002-1476-8382>

### **João Lucas Zanoni da Silva**

Mestre em Fronteiras e Direitos Humanos pela  
Universidade Federal da Grande Dourado e  
professor do curso de Direito da Universidade  
do Estado de Minas Gerais (UEMG)  
<https://orcid.org/0000-0003-2794-3263>

**RESUMO:** Num país com altos índices de desigualdade social e de pobreza como o Brasil, promover a proteção humanitária e a garantia dos direitos de migrantes e refugiados venezuelanos é uma missão complexa. O presente estudo tem por objetivo analisar a adequação da legislação brasileira no que diz respeito à proteção dos direitos humanos dos migrantes e refugiados venezuelanos, diante da realidade migratória do País e das principais normas internacionais sobre o tema. Para tanto, utiliza-se o método dedutivo. Para alcançar o objetivo supra, adotou-se, como método de abordagem, o qualitativo e, como método de procedimento, o descritivo.

Quanto à técnica de pesquisa, utilizou-se o levantamento bibliográfico e documental. Entre abril de 2018 a abril de 2021, foram interiorizados para diversos municípios brasileiros 50.475 migrantes e refugiados venezuelanos. A estratégia de deslocar migrantes e refugiados venezuelanos para diferentes municípios no Brasil é uma maneira ordenada de tentar garantir a inserção socioeconômica, desafogar o sistema básico de Roraima, garantir a proteção social e a defesa de direitos. Justifica-se o trabalho em razão da imigração dos cidadãos venezuelanos ao Brasil na busca de uma vida mais digna, em razão da crise política, social, econômica e humanitária que acomete a Venezuela.

**PALAVRAS - CHAVE:** Operação Acolhida. Direitos Humanos e Direitos Fundamentais. Migrantes, Refugiados e Estado Democrático de Direito. Tratados internacionais.

### OPERAÇÃO ACOLHIDA AND COMMUNICATIVE PRACTICES: A STUDY ON MIGRATORY CONCEPTIONS AND THE RECEPTION OF VENEZUELAN MIGRANTS IN BRAZIL

**ABSTRACT:** In a country with high levels of social inequality and poverty like Brazil, promoting humanitarian protection and guaranteeing the rights of Venezuelan migrants and refugees is a complex mission. The present study aims to analyze the adequacy of Brazilian legislation with regard to the protection of the human rights of Venezuelan migrants and refugees, given the country's migratory reality and the main international standards on the subject. For this, the deductive method is used. In order

to achieve the above objective, the qualitative approach was adopted and the descriptive method was used as a procedure method. As for the research technique, a bibliographic and documentary survey was used. Between April 2018 and April 2021, 50,475 Venezuelan migrants and refugees were interned in several Brazilian municipalities. The strategy of displacing Venezuelan migrants and refugees to different municipalities in Brazil is an orderly way of trying to guarantee socio-economic insertion, relieving the basic system of Roraima, guaranteeing social protection and the defense of rights. The work is justified due to the immigration of Venezuelan citizens to Brazil in search of a more dignified life, due to the political, social, economic and humanitarian crisis that affects Venezuela.

**KEYWORDS:** Operação Acolhida. Human Rights and Fundamental Rights. Migrants, Refugees and Democratic Rule of Law. International treaties.

## 1 | INTRODUÇÃO

O cenário de crise política, social, humanitária e econômica que acontece na Venezuela resultou na saída de muitos refugiados venezuelanos do país. Segundo *site* da ONU, mais de cinco milhões de venezuelanos deixaram a Venezuela para viver em países da América Latina e do Caribe. É uma das maiores crises de deslocamento do mundo. O Brasil é o sexto maior anfitrião de venezuelanos.

Desde 2015 o número de venezuelanos que atravessaram a fronteira para chegar ao Brasil aumentou. Mas foi a partir de 2018 que a migração ficou alarmante, em 2021 tornou-se a maior comunidade estrangeira no país, à frente de bolivianos e haitianos. A cidade de Pacaraima, fronteira com a cidade venezuelana de Santa Elena de Uairén, no norte do país, estava recebendo, em média, cerca de 500 pessoas por dia, até ter o fluxo interrompido pela pandemia de Covid-19, que fechou a fronteira em março de 2020.

Em 2021 há cerca de 300 mil venezuelanos vivendo no Brasil, mais que o dobro de dois anos atrás. A grande maioria na condição de migrante, ou seja, que pediu para viver aqui para obter livre trânsito e ganhar um visto de pelo menos dois anos. Outros, cerca de 50 mil aceitaram a condição de refugiados, citando a falta de condições de direitos humanos no seu país de origem. Há, ainda, mais de 100 mil venezuelanos com solicitações de refúgio em aberto, tentando conseguir a documentação que os aceitará como residentes. Assim, configuram o maior número de pedidos de refúgio, por nacionalidade, segundo o Conselho Nacional de Refugiados (Conare). Pelos registros de migração do Ministério da Justiça, os venezuelanos superavam em número os portugueses, haitianos e bolivianos, que até pouco tempo representavam os maiores grupos estrangeiros residentes no Brasil.

É neste contexto em que a Organização Internacional para as Migrações (OIM) e a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) atuam para garantir a esses migrantes ou refugiados seus direitos fundamentais, conforme a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). Também lutam pela intensificação dos movimentos de proteção, de forma que se torna necessário um olhar para a questão dos direitos fundamentais dos migrantes, a partir da criação de políticas regulamentadoras, na esfera da política internacional, que

equilibrem dialoguem com a soberania estatal.

A escolha do tema se deu pela emergente discussão a respeito das políticas públicas voltadas aos migrantes, implementadas pelo Estado, e que devem garantir o exercício dos direitos humanos e fundamentais, independentemente de qualquer condição.

A partir disso, para a compreensão mais profunda da temática contemporânea da migração venezuelana nas cidades brasileiras, faz-se necessária uma investigação sobre legislação migratória e as políticas públicas implementadas pelo Brasil para possibilitar a inclusão social dos migrantes e refugiados, como instrumento par ao exercício dos direitos humanos e fundamentais.

Para alcançar os objetivos supra, adotou-se, como método de abordagem, o qualitativo e, como método de procedimento, o descritivo. Quanto à técnica de pesquisa, utilizou-se o levantamento bibliográfico e documental, pois buscou-se em estudos preexistentes, assim como documentos, elementos para a compreensão do tema.

É importante que o Estado Democrático de Direito, tendo como epicentro a dignidade da pessoa humana, viabilize a recepção digna de migrantes e refugiados venezuelanos, observando as leis nacionais e internacionais de proteção, bem como as diretrizes traçadas pelo Estado Constitucional, de uma sociedade justa e sem discriminação.

## **2 I BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO E CONCEITOS**

A Convenção de Genebra, realizada entre 1864 a 1949, envolve um conjunto de tratados que surgiram como norteadores do Direito Humanitário Internacional, área considerada atualmente universal no campo do direito e que se dedica a regulação das práticas executadas pelos diferentes Estados do mundo de maneira a garantir direitos e deveres em relação à pessoa humana.

A necessidade de migração decorre da existência dos mais variados tipos de conflitos, ocasionados por violências, perseguições ou ainda graves violações aos direitos humanos. Nesta seara, o Direito Internacional dos Refugiados configura-se em três vertentes distintas, ou seja, o Direito dos Refugiados, o Direito Internacional dos Direitos Humanos e o Direito Internacional Humanitário, que convergem e se complementam no propósito de proteger a pessoa humana que esteja vivenciando alguma situação de extrema vulnerabilidade. (SANTOS et al, 2017, p.188)

A Convenção de Genebra nasceu no pós-guerra em meio à experiência traumática para sociedade, em um contexto histórico de crescimento da preocupação com a dignidade humana e os direitos a liberdades fundamentais em âmbito mundial, em resposta às inúmeras violações cometidas durante as duas grandes guerras mundiais.

Uma dessas experiências que se destaca foi o aumento de deslocados por guerra na Europa, que desencadeou uma série de situações críticas nas fronteiras entre os Estados europeus e em seus territórios, com um número significativo de pessoas em condição de

vulnerabilidade social. Conforme destacam Jubliut (2007, p. 25), Bailey (1963, p. 17) e Hobsbawn (1995, p. 57-58) a Segunda Guerra Mundial foi o evento que mais desproveu pessoas de proteção estatal, gerando aproximadamente 40,5 milhões de refugiados, os quais passaram a viver em campos provisórios para pessoas deslocadas.

Nesse contexto, uma das contribuições da Convenção de Genebra de 1951 está em ter trazido a definição clássica de refugiado. Pela Convenção de Genebra relativa ao Estatuto do Refugiado de 1951, refugiado é a pessoa que:

Art. 1º - Definição do termo "refugiado" A. Para fins da presente Convenção, o termo "refugiado" se aplicará a qualquer pessoa: 2) Que, em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele. B. 1) Para fins da presente Convenção, as palavras "acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951", do artigo 1º, seção A, poderão ser compreendidos no sentido de ou a) "Acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 na Europa"; ou b) "Acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 na Europa ou alhures"; (ONU, 1951)

Essa definição, no entanto, possui duas limitações conceituais, a saber: uma temporal e a outra geográfica, que foram sanadas com o Protocolo de Nova York de 1967. A finalidade do Protocolo era excluir o trecho "em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de Janeiro de 1951". Esse fragmento limitava o conceito de refugiado a partir do momento que determinava um recorte temporal, especificando um período para ser entendido como parte da crise humanitária. Também adotava um critério geográfico, que foi igualmente excluído, pois considerava apenas os refugiados europeus (MOREIRA, 2006, p.100), o que no contexto do Direito Humanitário Internacional denota um reforço da desigualdade entre os humanos.

A exclusão do excerto, que constava no texto original de 1951, é um notório avanço conceitual, por apresentar o princípio de igualdade entre os povos e, conseqüentemente, regular a situação do refugiado em todos os contextos de crise enfrentados pela humanidade. A definição de refugiado adotada atualmente é consequência dessa adequação conceitual. Podendo ser aplicada em diferentes contextos de crise humanitária, sendo proficiente para lidar com condições diversas de vulnerabilidade social desses indivíduos.

Além disso, em âmbito latino americano, por influência da Convenção da Organização dos Estados Africanos de 1969 Relativa aos Problemas Específicos dos Refugiados em África, houve uma ampliação do conceito de refugiado, mediante a edição da Declaração de Cartagena de 1984. Essa Declaração estabeleceu em sua conclusão terceira da seção III que o conceito de refugiado recomendável para ser aplicado na região deveria conter

os elementos da Convenção de Genebra de 1951 e do Protocolo de Nova York de 1967 e considerar também como refugiados os indivíduos que fujam de seus respectivos países porque a vida, a segurança ou a liberdade foram ameaçadas pela violência generalizada, pela agressão estrangeira, pelos conflitos internos, pela violação maciça de direitos humanos ou por outras conjunturas que tenham perturbado seriamente a ordem pública (ACNUR, 1984).

Ou seja, a Declaração de Cartagena de 1984 estabeleceu a proteção dos refugiados no universo conceitual dos direitos humanos e introduziu como elemento que integra a definição ampliada de refugiado, a “violação maciça” de direitos humanos, isto é, a grave e generalizada violação dos direitos humanos foi elencada como uma das hipóteses para o reconhecimento do refúgio ao solicitante (TRINDADE; RUIZ DE SANTIAGO, 2003, p. 33). E isso se refletiu na legislação brasileira, a qual conceitua refugiado, com base no entendimento desse debate, da seguinte maneira:

Art. 1º Será reconhecido como refugiado todo indivíduo que: I - devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país; II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior; III - devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país. (BRASIL, 1997)

A Convenção de Genebra de 1951, além de definir quem é o refugiado e os requisitos necessários para o reconhecimento do refúgio, traz parâmetros para a sua proteção jurídica, elencando seus direitos e deveres, bem como a sua situação jurídica e regras de tratamento a serem adotadas pelo Estado que o recebe.

Em suma, os principais direitos assegurados ao refugiado estão na dimensão da não discriminação quanto à raça ou etnia, à posição política ou social, ao país ou região de origem, ao grupo ou cultura de origem, à religião ou religiosidade professada; garantindo a liberdade de culto, pensamento e corpos; tal qual o que é proporcionado aos cidadãos do país que acolhe o refugiado; portanto é natural a aplicação do mesmo regime jurídico, político e social, dado aos demais cidadãos e estrangeiros, com exceção das disposições específicas aos refugiados; direito à propriedade; à associação; a ingressar em juízo; direito ao trabalho; ao bem-estar social; à educação; à residência; à documentação; a não punição pelo ingresso irregular no país e a não devolução ao país de origem. Todos esses elementos oriundos do que rege a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Em contraprestação a esses direitos os refugiados têm o dever de se conformar com as leis e regulamentos nacionais, bem como com medidas tomadas para a manutenção da ordem pública, corroborando para o equilíbrio da cidadania.

A proteção internacional dos refugiados, integrada à Constituição Brasileira (1988), e é norteada pela Convenção de Genebra (1949) – da qual o Brasil é signatário.

O Brasil além de ser signatário da Convenção de 1951, elaborada pela ONU para regulamentar situação jurídica dos refugiados e do Protocolo adicional de 1967, possui uma legislação interna específica sobre o tema, a Lei 9474/97, que aplica a definição ampliada de refugiados trazida pela Declaração de Cartagena de 1984, também ratificada por nosso país (SANTOS *et al.*, 2017, p.189).

É preciso atentar para o conceito de refugiado e suas diferenças em relação aos demais migrantes. Segundo Feller (2005, p.2), tal distinção é extremamente necessária, uma vez que a confusão entre os termos é perigosa, já que pode interferir na proteção dos direitos dos refugiados ou dos migrantes.

Os refugiados carecem de uma proteção especial, em decorrência de terem sido forçados a deixarem o seu país de origem em razão de um temor de perseguição, implicando a sua permanência em risco de vida e, muitas vezes, em condições sub-humanas de subsistência.

É importante ressaltar que os refugiados se encontram protegidos pelo chamado Regime Internacional dos Refugiados, o qual consiste em um conjunto de normas baseadas nas leis humanitárias e nos direitos humanos, bem como em várias instituições destinadas a garantir a proteção de seus direitos e a lhes auxiliar de forma específica. O núcleo de tal regime se encontra na Convenção de Genebra de 1951 e a instituição mais importante dele é o ACNUR. Entretanto, outras organizações o compõem, como as agências intergovernamentais (Comitê Internacional da Cruz Vermelha (IRCC), Programa Mundial de Alimentos (PMA), etc.) e várias organizações não governamentais (ONGs) (OXFAM, Comitê Internacional de Resgate (IRC), etc.) (CASTLES, 2003, p. 9).

Visando a garantia desses direitos a ACNUR atua na Operação Acolhida, no Brasil, dando todo suporte aos refugiados assegurando-lhes seus devidos direitos e zelando pelo seu bem-estar, garantindo que não ocorra restrição aos direitos e protegendo os indivíduos que enfrentam essa condição.

Os migrantes, por sua vez, são todos aqueles que se deslocam entre países por vontade própria, motivados pelos mais diversos fatores, de pessoais a econômicos, não sendo, porém, deslocados forçados, como os refugiados (MOREIRA, 2006, p.19), embora sua condição também possa em alguns casos denotar uma profunda necessidade ou crise humanitária.

Este é o caso dos migrantes Venezuelanos que cruzaram a fronteira da Venezuela com o Brasil no Estado de Roraima, deixando seu país de origem por motivos socioeconômicos, pelo enfrentamento de uma grande escassez de alimentos, pela falta de atendimento médico sem contar os altos índices inflacionários que corroem o poder aquisitivo das camadas mais populares da sociedade venezuelana, entre outros aspectos

decorrentes da atual administração de recursos e política feita pelo governo de Nicolas Maduro.

Nesse contexto, diferentemente da proteção específica dos refugiados que possuem uma legislação internacional que regula de forma abrangente a abordagem necessária a esses indivíduos, chama a atenção o fato de que os demais migrantes ainda não possuam um maior respaldo legal e normativo em sua abordagem e tratamento.

É mister atentar-se para a distinção dos termos para garantir a devida proteção aos refugiados, mas também é necessário que ocorra uma modificação das demais leis para assegurar uma proteção mais global dos grupos não enquadrados no refúgio, garantindo assim a todos os migrantes direitos fundamentais independentemente de sua condição.

No Brasil, os dois grupos (migrantes e refugiados) têm direito à educação, saúde e trabalho. Porém, somente pessoas refugiadas têm garantia a documento de viagem, proteção internacional contra expulsão ou extradição e flexibilização na apresentação de documentos do país de origem, visando a integração local, tal como a facilitação na revalidação de diplomas.

Na figura abaixo é possível identificar o conjunto de legislações e acordos vigentes no âmbito global, documentos amplamente refletidos nas leis nacionais de cada nação, em diferentes medidas. Afinal, é importante conhecer a legislação e os marcos internacionais vigentes

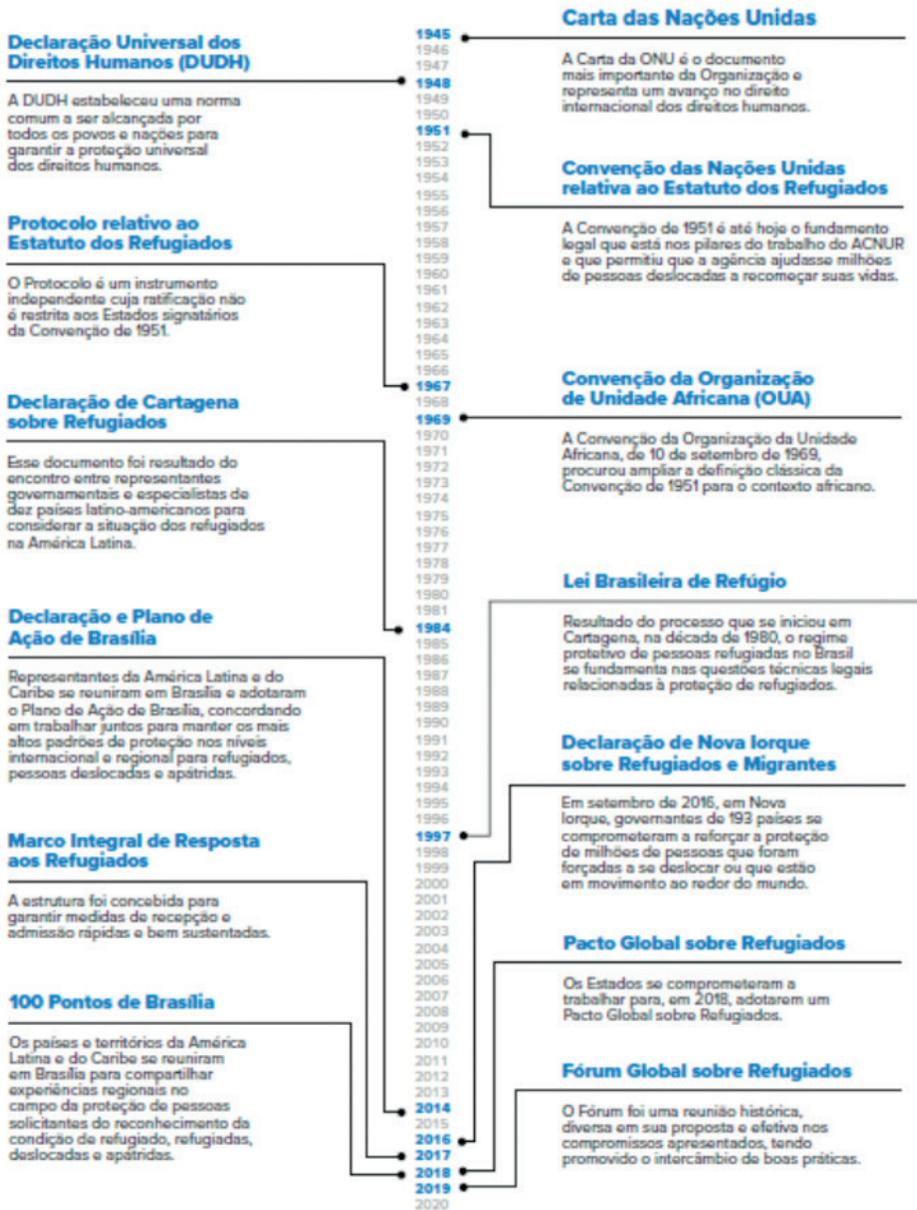


Figura 1 – Marcos Importantes no Debate Sobre Migrações e Refugiados

Fonte: Acnur (2020)

As razões para as pessoas migrarem são variadas e complexas, diversas pessoas migram voluntariamente em razão de trabalho, casamento, novas experiências de vida. Entretanto, um número cada vez mais crescente de pessoas desloca-se de seus países de origem de maneira forçada.

No entanto, não é possível fazer uma distinção nítida entre os movimentos migratórios voluntários e involuntários, pois ambos têm tanto elementos volitivos quanto coercitivos que estão também atrelados à uma mistura de fatores políticos. Ou seja, todos migrantes enfrentam restrições estruturais e todos mantêm um grau de ação para escolher entre as distintas opções (BETTS, 2009, p. 4). Dessa forma, há uma indefinição das linhas divisórias entre migração voluntária e migração forçada (ZETTER, 2015, p. 1).

### 3 | OPERAÇÃO ACOLHIDA

Em 2018, o Governo Federal Brasileiro criou a Operação Acolhida visando receber com dignidade os migrantes e refugiados –documentados, em situação irregular e indocumentados– oriundos da Venezuela, que enfrenta grave crise político-econômica resultando no êxodo de milhares de pessoas. A Operação Acolhida é baseada em três pilares: acolhimento, abrigamento e interiorização.<sup>1</sup> Estabelecendo etapas para o fluxo migratório na fronteira com a Venezuela e consequentemente dando uma resposta à crise humanitária enfrentada.

Naturalmente, os principais territórios que concentram a atuação da Operação Acolhida são os municípios de Boa Vista e de Pacaraima (ambos no Estado de Roraima), fronteiriços com a Venezuela, que se tornaram rotas migratórias tendo suas rotinas afetadas. O Governo Federal juntamente com as Forças Armadas montou uma base de apoio a esses migrantes que adentraram o Brasil pela fronteira em Pacaraima-RR.

Essa rota migratória ocorre envolvendo principalmente o trajeto da capital venezuelana Caracas, até a cidade venezuelana Santa Elena de Uairén que é fronteira com o município brasileiro de Pacaraima. Na fronteira, há uma longa viagem de 1.300 km entre Santa Elena de Uairén e Pacaraima e essa travessia chega a durar 24h de ônibus.

Santa Elena de Uairén fica a 15 km de Pacaraima e os venezuelanos usam táxis coletivos que, por conta do baixo preço do combustível na Venezuela, cobram cerca de R\$ 5,00 pelo trajeto até o posto da Polícia Federal, onde é feito o ingresso legal no Brasil.

O valor pode parecer baixo para os brasileiros, mas com a superinflação na Venezuela o salário mínimo venezuelano é de 248.510 bolívares, o que, no câmbio paralelo de dólar equivale a pouco mais de R\$ 9,00. Devido a essa difícil situação econômica cada vez mais venezuelanos fazem esta rota caminhando.

O escopo da Operação Acolhida é receber a estes migrantes, planejar a logística de interiorização, reunificar a família cadastrando e montando processos, buscar vagas de trabalho e apoiar a seleção, dar apoio social coordenando a busca de apoio da sociedade civil para promover a logística, estabelecer a comunicação com diversos segmentos envolvidos, auditar os processos e empregos de recursos públicos, monitorar a proteção social e metas propostas, auxiliar na educação e capacitação, planejando e conduzindo a

1 Informações do Histórico da Operação Acolhida. Disponível em: <https://www.gov.br/acolhida/historico/> Acesso em 8 de dez. 2020.

educação e a capacitação de migrantes e refugiados.

Além das Forças Armadas, a Operação Acolhida conta com a participação de 11 Ministérios, são eles: Ministério da Defesa, da Economia, do Desenvolvimento Regional, da Educação, da Saúde, da Mulher, Família e Direitos Humanos, da Cidadania e o Gabinete de Segurança institucional. Além da ONU e outras entidades subsidiárias como o OIM, a ACNUR, a Cruz Vermelha, a Polícia Federal, o Ministério Público da União, o Ministério do Trabalho, dentre outros que compõe a rede de atendimento aos migrantes.



Foto 1- Cidade de Boa Vista antes da Operação Acolhida

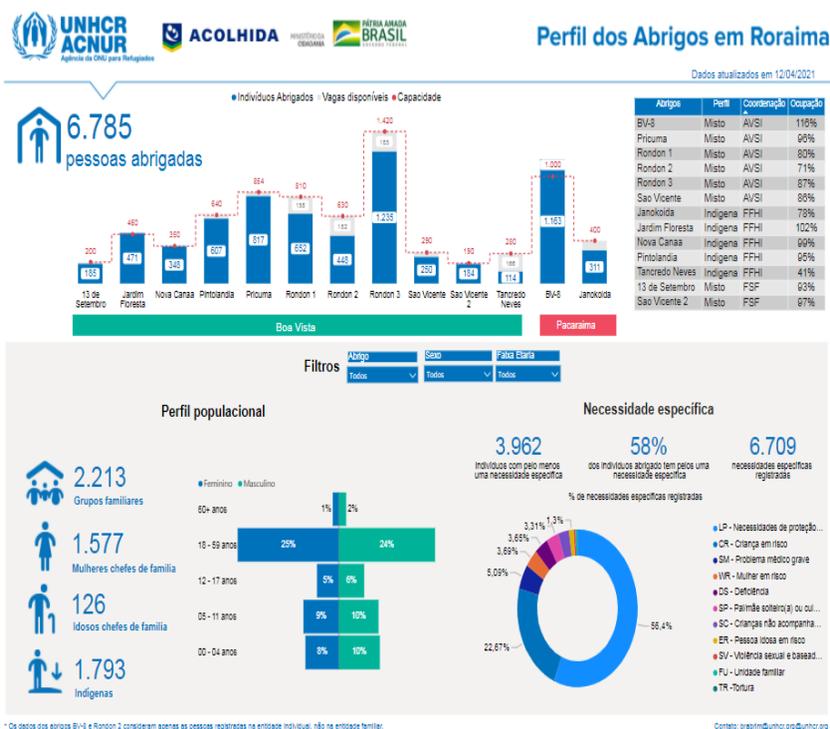
Em maio de 2018, os venezuelanos que estavam acampados na Praça Simon Bolívar e em outras localidades começaram a ser transferidos para abrigos. A operação mobilizou militares das Forças Armadas, civis e agentes públicos municipais.



Foto 2- Abrigo em Boa Vista

Fonte: SG Ibraim (2019)

Em abril de 2021, a Operação Acolhida apoia 13 abrigos só em Roraima, acolhendo 6.785 refugiados e migrantes da Venezuela. Quase metade dessa soma é composta por crianças. Indígenas também são parcela significativa. Cerca de 1.000 vivem em abrigos.



Fonte: ACNUR (2021)

Os primeiros a sofrerem o impacto desse fluxo migratório no Brasil são os moradores de Pacaraima-RR. No início, a população reagiu bem, mas com o aumento do fluxo e a escassez do sistema de saúde, educação e alguns delitos cometidos pelos venezuelanos, muitos roraimenses pararam de apoiar a vinda dos vizinhos. Eles chegam a Pacaraima de diversas formas: por meios de transportes pagos, caronas e até a pé. E dali, a maioria segue para a capital Boa Vista. Muitos chegam a andar mais de 200 km, às margens da Rodovia.

Muitos dos venezuelanos que chegam ao Brasil passam pelo Posto de Interiorização e Triagem (PITRIG) da Operação Acolhida. No local, podem obter informações sobre como solicitar refúgio ou residência temporária no Brasil, emitir documentos, ser vacinados e se voluntariar para a estratégia de interiorização, que cria melhores oportunidades de integração social e econômica em outras regiões do Brasil. Todos os serviços são gratuitos e incluem orientação e referência para os casos mais urgentes de proteção, como crianças e adolescentes desacompanhados dos pais, pessoas com deficiência, mulheres grávidas, idosos e população LGBTI. No PITRIG é traçado um perfil mais detalhado do migrante ou refugiado. Após este preenchimento, são encaminhados para outros setores onde são feitos, com a ajuda de outras instituições governamentais, não governamentais e da sociedade civil, a emissão dos documentos necessários para que eles possam se estabelecer no Brasil.

As principais organizações participantes da ajuda humanitária, atualmente, em Roraima, além das Forças Armadas, são o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR); a Organização Internacional para as Migrações (OIM), responsável por emprego e transferência; a Fraternidade Internacional; a Fraternidade Sem Fronteiras, o Serviço Humanitário SUD entre outras.

A Polícia Federal (PF) é responsável pelo cadastramento de todos os migrantes ou refugiados. É por meio do cadastro biométrico que é possível saber a localização dos migrantes e refugiados, ter um possível controle de práticas ilícitas e também localizar familiares para reuni-los.

Conforme o Coronel Brandão, Chefe do Centro de Coordenação de Interiorização (CCI) da Operação Acolhida, o CCI coordena a etapa final de interiorização dos migrantes e refugiados, funcionando da seguinte forma: Institucional, Logística, Reunificação familiar, Vaga de emprego sinalizada, Reunião Social, Apoio Social, Comunicação e Formação, Auditoria e Monitoração e Educação e Capacitação.

O foco é a integração desses migrantes e refugiados, eles só são interiorizados se houver um receptor, ou seja, cada um dos migrantes e refugiados que foram interiorizados para os municípios brasileiros precisam estar com vaga de emprego garantida, com duração mínima de contrato de três meses ou ter algum parente ou conhecido para lhes receber.

A maioria dos interiorizados recebe um *cashback* (que é um cartão com um valor em dinheiro) para ser usado da forma que melhor lhes convir, sem exigência de prestação de

contas, pois esse valor faz parte do orçado previsto no repasse de verbas que é feito pelo Governo Federal para a Operação Acolhida.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como afirmou o secretário geral da ONU Ban Ki-Moon, em uma Assembleia Geral das Nações Unidas, ao abordar o compartilhamento igualitário de responsabilidade entre os Estados a cerca dos migrantes no mundo, destacando que o acolhimento deve se dar nesse contexto de responsabilização das nações pela pessoa humana. Ele enfatiza

(...) que somente reafirmando o nosso dever de proteger aqueles que fogem da perseguição e da violência, abraçando as oportunidades que refugiados e migrantes oferecem para suas novas sociedades, seremos capazes de alcançar um futuro mais próspero e mais justo para todos. <sup>2</sup> (Ki-Moon, 2016)

Ante o exposto, embora o Brasil tenha demonstrado uma preocupação com o tratamento dado aos migrantes e aos refugiados, é necessária maior ênfase à importância da garantia dos direitos dos migrantes e dos refugiados, investindo em leis e políticas protetivas atentando para seu caráter internacional e interdisciplinar, de forma a não esquecer que o migrante não pode ter suprimidos seus direitos fundamentais que a eles são inerentes enquanto ser humano. E, para além da questão legal, que se tenha um olhar solidário de empatia, considerando que todos nós, sem exceção, estamos sujeitos à situações que nos tornem migrantes ou refugiados.

## REFERÊNCIAS

ACNUR. **Manual de Procedimentos e Critérios a Aplicar para Determinar o Estatuto do Refugiado – de acordo com a Convenção de 1951 e o Protocolo de 1967 relativos ao ACNUR. Nota de orientação sobre extradição e proteção internacional de refugiados.** Genebra, 2008. Disponível em: [http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2013/Manual\\_de\\_procedimento](http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2013/Manual_de_procedimento)> Acesso em: 18 de jan. de 2021.

ACNUR, Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. **Convenção da Organização de Unidade Africana (OUA) Que Rege os Aspectos Específicos dos Problemas dos Refugiados em África.** Disponível em: <http://www.adus.org.br/convencao-da-organizacao-de-unidade-africana/>. Acesso em 10 fev. 2021.

ACNUR, Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. **Declaração de Cartagena de 1984.** Disponível em: [http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/BD\\_Legal/Instrumentos\\_Internacionais/Declaracao\\_de\\_Cartagena.pdf?](http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Declaracao_de_Cartagena.pdf?). Acesso em 10 fev. 2021.

AMARANTE, Êmily de. **A acolhida Humanitária na nova lei de migração.** Dissertação de mestrado (Mestrado em Direito)- Centro Universitário Ritter dos Reis, Faculdade de Direito, Porto Alegre- RS, 2018.

---

<sup>2</sup> Em “Refugiados, uma crise de solidariedade”, publicado na Folha de São Paulo, em 22/05/2016, p. A3.

BAILEY, Sidney. **A História das Nações Unidas**. Trad. João Paulo Monteiro. Rio de Janeiro: Lidador, 1963.

BETTS, Alexander. **Forced Migration and Global Politics**. West Sussex: Willey-Blackwell, 2009.

BRASIL. **Lei n. 9.474, de 22 de julho de 1997**. Disponível em: <[www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)>. Acesso em 8 de fev de 2021.

BRASIL. **Lei n. 13.445, de 24 de maio de 2017**. Disponível em: <[www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)>. Acesso em 8 de fev de 2021.

BARRETO, Luiz Paulo Teles F. A Lei Brasileira de Refúgio - Sua história. In: **Refúgio no Brasil: a proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas**. BARRETO, Luiz (org). 1ª ed. Brasília: ACNUR, Ministério da Justiça, 2010.

CARNEIRO, Wellington Pereira. A declaração de Cartagena de 1984 e os desafios da proteção internacional dos refugiados, 20 anos depois. In: SILVA, Cesar Augusto S. (org.). **Direitos Humanos e Refugiados**. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

CASTLES, Stephen. La política internacional de lamigraciónforzada. **Migración y Desarrollo**, n. 1, out., 2003.

CASTLES, Stephen; KORAC, Maja; VASTA, Ellie; VERTOVEC, Steven. **Integration: mapping the field**. London: Home Office Immigration Research and Statistics Service, 2002.

CNDH. **Relatório sobre violações de direitos humanos contra imigrantes venezuelanos**. Disponível em: <https://www.conectas.org/wp/wp-content/uploads/2018/05/relatorio-sobre-violacoes-de-direitos-humanos-contra-imigrantes-venezuelanos-1.pdf> . Acesso em: 22 de nov. 2020.

CONNECTAS. **São Paulo recebe primeiro grupo de venezuelanos vindo de Roraima**. Publicado em: 05 de abr. 2018. Disponível em: [www.conectas.org/noticias/lei-de-migracao-completa-um-ano](http://www.conectas.org/noticias/lei-de-migracao-completa-um-ano)> Acesso em 22 de nov. 2020

FANTAZZINI, Orlando. **Políticas Públicas para Migrações Internacionais– Migrantes e Refugiados**. Brasília: ACNUR, IMDH & Fantazzini, 2005. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/dados/livros/dht/livro\\_fantazzini.pdf](http://www.dhnet.org.br/dados/livros/dht/livro_fantazzini.pdf). Acesso em 12 mar. 2021.

FELLER, E. Refugees are not migrants. **Refugee Survey Quarterly**, Vol.24, Issue 4. UNHCR, 2005.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos – o breve século XX – 1914–1991**. 2. ed. 18ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 57-58.

JOLIE, Angelina. Prefácio. In: *BARRETO, L.P.T.F. (org) Refúgio no Brasil: a proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas*. 1ªed. Brasília, DF. Ed. Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e Ministério da Justiça, 2010.

JUBILUT, Liliana Lyra. **O Direito Internacional dos Refugiados e a sua aplicação no Ordenamento Jurídico Brasileiro**. São Paulo: Método, 2007.

MOREIRA, Júlia Bertino. **A questão dos refugiados no contexto internacional** (de 1943 aos dias atuais) [Dissertação]. Universidade estadual de Campinas, 2006. Disponível em: <http://200.129.209.183/arquivos/direitos-humanoserefugesar-augusto-da-silva-org.pdf>. Acesso em: 8 de dez. de 2020.

OIM. **Site OIM Brasil**. Disponível em: <https://brazil.iom.int/>. Acesso em 8 de dez. 2020.

ONU. ACNUR. **Estatuto dos Refugiados**. Genebra, 1992. Disponível em: <[www.acnur.org/biblioteca/pdf/3391.pdf](http://www.acnur.org/biblioteca/pdf/3391.pdf)>; Acesso em: 8 de dez. de 2020.

ONU. ACNUR. **Protocolo Relativo ao Estatuto dos Refugiados. 1967**. Disponível em: <[www.onu-brasil.org.br](http://www.onu-brasil.org.br)>. Acesso em: 8 de dez. de 2020.

Operação Acolhida. **Site**. Disponível em: <https://www.gov.br/acolhida/>. Acesso em 8 de dez. 2020.

RABAÇA, Clara; CUNHA, Pedro. **Algumas perspectivas sobre imigração: da imigração econômica à integração cultural**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2007.

SANTOS, J. E. S. CALSING, R. A. SILVA, V. L. Refugiados no Brasil: estamos preparados para a proteção humanitária daquelas pessoas? **Revista do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFC**. v. 37.2, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/30502> Acesso em: 15 dez. 2020.

TRINDADE, Antônio Augusto Cançado; SANTIAGO, Jaime Ruiz de. **La Nueva Dimensión de las Necesidades de Protección de Ser Humano em el Inicio del Siglo XXI**. 2ª ed. San José, CR: Impresora Grossestra Internacional, 2003.

VEDOVATO, Luís Renato. Direito dos refugiados e realidade: a necessária diminuição das distâncias entre o declarado e o alcançado. In: RAMOS, A. C. RODRIGUES, G. ALMEIDA, G. A (orgs.). **60 anos de ACNUR: perspectivas de futuro**. São Paulo: Editora CL-A Cultural. p. 289 – 312, 2011.

ZETTER, Roger. **Protection in Crisis: Forced Migration and Protection in a Global Era**. Washington, DC: Migration Policy Institute, 2015.

# CAPÍTULO 2

## O TWITTER E O AGENDAMENTO JORNALÍSTICO DA FOLHA DE SÃO PAULO

Data de aceite: 01/05/2021

Data de submissão: 16/03/2021

**Mab Favero Nathasje**

Universidade Federal do Maranhão – Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
<http://lattes.cnpq.br/9765140264424976>

**Marcos Fabio Belo Matos**

Universidade Federal do Maranhão – Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
<http://lattes.cnpq.br/0108479464487121>

**RESUMO:** Este artigo discute a teoria do agendamento e sua repercussão dentro da rotina jornalística. Busca-se compreender de que forma as publicações realizadas na rede social Twitter conseguem agendar o jornal A Folha de São Paulo em sua versão online. O recorte do estudo se dá pelo material disponibilizado no site do jornal, na seção denominada Poder e compreende o período do mês de julho de 2019. Realizou-se uma busca dentro da seção com a palavra-chave “Twitter” para que fosse feita uma análise das reportagens que se utilizaram dessa rede social. Posteriormente se individualizou os valores notícias utilizados em cada reportagem. Pode-se concluir que as publicações realizadas no Twitter têm a capacidade de promover o agendamento da mídia tendo em vista a importância que assume no contexto político atual.

**PALAVRAS - CHAVE:** Teoria da agenda; Valor-notícia; Twitter.

### TWITTER AND THE JOURNALISTIC SCHEDULE OF THE *FOLHA DE SÃO PAULO*

**ABSTRACT:** This article discusses scheduling theory and its repercussion within journalistic routine. It seeks to understand how publications made on the social network Twitter can schedule the newspaper A Folha de Sao Paulo in its online version. The study is taken from the material available on the newspaper's website, in the section called Power and covers the period of July 2019. A search was conducted within the section with the keyword “Twitter” to make a analysis of the reports that used this social network. Subsequently the news values used in each report were individualized. It can be concluded that the publications made on Twitter have the ability to promote media scheduling in view of the importance it takes on in the current political context.

**KEYWORDS:** Agenda theory; News value; Twitter.

### 1 | INTRODUÇÃO

A teoria do agendamento tem início na década de 1970 com as pesquisas desenvolvidas por Maxwell McCombs e Donald Shaw, nitidamente inspirados por Walter Lippmann que havia publicado em 1922 a obra clássica *Public Opinion*, sobre a importância da imprensa na sociedade. De acordo com o pensamento de Lippmann (2008) exposto naquele livro, o mundo não é percebido completamente pelas

pessoas, sendo possível à sociedade, visualizar somente uma parcela da realidade.

É neste contexto que as pesquisas sobre agendamento seguem seu curso. Partindo da observação sobre as formas que os meios de comunicação eram pautados e como isso interferia na esfera social. Sendo assim, a teoria do *agenda-setting* parte da premissa de que as notícias publicadas nos meios de comunicação de massa têm o poder de pautar a agenda da sociedade.

Diante dessa percepção, se torna necessário esclarecer que, com a evolução da internet e a popularização das redes sociais, tal limitação percebida anteriormente sobre como a informação chega para a sociedade deve ser relativizada, ou ao menos se alterou profundamente. Existe hoje uma amplitude de fontes e produtores de notícias e todos podem ser ou vir a se tornar importantes ao contexto comunicacional em dado momento. Além disso, há uma ruptura em relação ao tempo e espaço quanto a produção e divulgação das matérias.

Desta forma, este trabalho se propõe analisar de que forma o Twitter, rede social em que as pessoas podem escrever textos com caracteres limitados, 280 no total, ao amparar uma gama enorme de informação, acaba interferindo na produção das matérias e de certa forma, agendando o conteúdo midiático.

Para tanto, se analisou o maior jornal do país *A folha de São Paulo*, durante o mês de julho de 2019, em sua editoria *Poder*, nas reportagens que citavam de alguma forma esta rede social. Recorreu-se a análise de conteúdo como suporte metodológico e se categorizou a forma que o jornal utilizou os tuítes. Fez-se ainda uma análise quanto aos valores-notícia que foram evidenciados nas reportagens, buscando perceber quais deles se sobressaiam à seleção do jornalista.

## 2 | A LINGUAGEM DOS PÁSSAROS E A TEORIA DO AGENDAMENTO

O Twitter conta atualmente com 330 milhões de usuários ativos<sup>1</sup>, no Brasil os números de usuários chegam a 8,2 milhões. Devido a essa abrangência e características próprias de escrita e a rápida disseminação de ideias ali postadas, se tornou uma rede que atrai a atenção dos usuários que buscam participar ativamente emitindo suas opiniões diariamente e dos pesquisadores a fim de entender as diversas alterações que são provocadas pela formatação da plataforma.

Quando se analisa os usuários monetizáveis, que são os ativos diariamente, chega-se a o número de 134 milhões. Sendo assim, percebe-se que é uma rede em que cada pessoa pode emitir suas opiniões, entregar declarações e inserir informações de forma livre e independente, transformando profundamente a construção da notícia no campo jornalístico.

---

1 Disponível em: <<https://link.estadao.com.br/noticias/empresas,numero-de-usuarios-do-twitter-cresce-apos-limpeza-na-rede-social,70002800800>> Acesso em 05 de agosto de 2019.

Compreende-se essa nova realidade segundo Lopes (2013) que traz a noção de segunda geração da web, destacando sua natureza social, que facilita a troca e cooperação entre usuários em novas estruturas horizontais de comunicação e afirma que há “uma nova forma de usar a internet, baseada em ambientes interativos, participativos e de construção coletiva de conteúdo” (Lopes, 2013, p. 9). Isso leva ainda a uma mudança dos meios de comunicação de massa para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação, em que a circulação de informações não obedece ao modelo um-todos, mas à multiplicidade todos-todos conforme exposto por Lemos (2010).

Em outro sentido, Traquina (2012) ao explicar a teoria do *Gatekeeper*, a descreve como uma abordagem microssociológica, focada no jornalista e que exclui qualquer perspectiva macrosociológica da organização jornalística. Revela assim, que as decisões sobre o que se publicar não advêm de uma decisão aleatória e arbitrária, conforme também pensado por White.

Deve-se, todavia, observar também as análises propostas por Shoemaker e Vos (2011) para fazer uma leitura dessa teoria mais adequada aos tempos atuais. Ao colocarem a audiência na análise a cerca da discussão sobre como é feito a escolha das notícias e afirmam que a participação desta atua efetivamente na seleção do que será noticiado

Nesse contexto, urge compreender a teoria do agendamento elaborada na década de 70 nos Estados Unidos, e que revela que os meios de comunicação de massa agendavam o público conduzindo a pauta das conversas cotidianas. Deve-se estar atento às diferenças existentes à época dos estudos de McCombs e Shaw, quando as pessoas tinham somente os meios de comunicação de massa para se informarem dos acontecimentos importantes. Atualmente há uma infinidade de fontes

Barros Filho (1995) ao discorrer sobre o surgimento das primeiras pesquisas que tratavam de agendamento como uma reação a Teoria dos Efeitos Limitados afirma que os efeitos do *agenda-setting* seriam, o empirismo em excesso, a atenção focada nos efeitos de curto prazo, preocupação quantitativa em relação aos estudos e uma limitação do conceito de opinião pública e a análise do comportamento.

Tal teoria revela uma perspectiva clara de que a mídia tradicional possuía a época do início dos estudos, qual seja, o controle do processo e distribuição de conteúdo. Repensando a teoria do agendamento num contexto em que a internet está consolidada e as redes sociais são uma realidade para grande parte da população mundial, devemos pensar que os *medias* também recebem a influência dessas plataformas para situarem suas notícias.

Não se quer dizer aqui que o público só passou a ter importância no agendamento dos meios de comunicação de massa a partir da internet. Esse efeito já existia em qualquer contexto interacional. Todavia, o fluxo comunicacional com o surgimento da rede mundial de computadores intensificou a capacidade do público de influenciar no agendamento da mídia.

Na visão de Palácios (2003) fica claro que esses novos formatos não compreendem uma superação linear dos métodos tradicionais e na verdade, revela uma nova articulação complexa. Portanto, de forma alguma pode-se igualar o poder de um tuíte realizado por um usuário com a publicação de uma reportagem em um meio de comunicação tradicional.

Todavia, deve-se estar atento a essa quantidade de informações que são publicadas diariamente provocando a pluralização dos emissores, de todos-todos, e tornando fundamental aos jornais se utilizarem dos tuítes postados nessa rede como fonte da matéria. Sendo assim, torna fundamental pensar no agendamento da mídia dentro desse contexto.

Desta forma, acredita-se que o ambiente on-line traz contribuições importantes para se pensar no agendamento da mídia sob um olhar mais atual e dinâmico:

As teorias são frutos de seu tempo: são devedoras das condições sociais, políticas e culturais em que foram geradas; são cristalizações daquilo que os indivíduos viviam e pensavam numa determinada época, num determinado lugar (FRANÇA e SIMÕES, 2016, p. 49-50).

É importante pensar também na necessidade que o jornalista tem de buscar estabelecer uma ligação com a sociedade. É diante desse padrão e que conforme explicitado por Guerra (2014), o jornalista precisa de um parâmetro suficiente para utilizar em sua reportagem e não necessariamente, de qualidade.

Sendo assim, a teoria do agendamento quando colocada no contexto intensamente conectado dos dias atuais, deve ser compreendida e reinterpretada dentro dessa visão conectada mundialmente e em que a emissão da informação é democratizada.

### **3 | CONSTRUINDO O VALOR NOTÍCIA**

O critério da noticiabilidade aplicado ao jornalismo é norteador dos estudos dentro da teoria da comunicação. Entende-se por noticiabilidade aquilo que é capaz de atuar e interferir na produção da reportagem, aí incluindo as características tanto do fato quando do julgamento do jornalista, a cultura profissional, condições impostas pela empresa, ética profissional e relação com a fonte.

Deve-se ponderar, todavia, sobre a influência que as redes sociais assumem nesse contexto em que todos se tornam emissores de mensagem e buscar compreender de que forma essa nova relação altera a produção das matérias e entender que outros valores se tornam importantes nesse novo cenário.

Traquina (2001) ao discorrer sobre a teoria etnoconstrucionista afirma que o processo de produção das notícias decorre da seleção e transformação de uma matéria-prima num produto. Dessa forma, não se pode compreender os critérios de noticialidade a partir de uma visão reducionista, como se fossem somente o conjunto de decisões de uma empresa jornalística que administra a quantidade e o conjunto de elementos que tem

potencial para se tornar notícia.

Nesse mesmo sentido, Wolf (2003), embasado por P. Golding e P. Elliot, revela a dupla etapa que norteia a produção jornalística.

Valores-notícia são critérios de relevância difundidos ao longo de todo o processo de produção e estão presentes tanto na seleção das notícias como também permeiam os procedimentos posteriores, porém com importância diferente (WOLF, 2003, p. 212).

**Tabela de valores-notícia para operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis/noticiados**

<p><b>IMPACTO</b> Número de pessoas envolvidas (no fato) Número de pessoas afetadas (pelo fato) Grandes quantias (dinheiro)</p>	<p><b>PROEMINÊNCIA</b> Notoriedade Celebridade Posição hierárquica Elite (indivíduo, instituição, país) Sucesso/ Herói</p>	<p><b>CONFLITO</b> Guerra Rivalidade Disputa Briga Greve Reivindicação</p>	<p><b>CONHECIMENTO/CULTURA</b> Descobertas Invenções Pesquisas Progresso Atividades e valores culturais Religião</p>
<p><b>ENTRETENIMENTO/ CURIOSIDADE</b> Aventura Divertimento Esporte Comemoração</p>	<p><b>TRAGÉDIA/DRAMA</b> Catástrofe Acidente Risco de morte e Morte Violência/Crime Suspense Emoção Interesse humano</p>	<p><b>JUSTIÇA</b> Julgamentos Denúncias Investigações Apreensões Decisões judiciais Crimes</p>	<p><b>GOVERNO</b> Interesse nacional Decisões e medidas Inaugurações Eleições Viagens</p>
<p><b>PROXIMIDADE</b> Geográfica Cultural</p>	<p><b>POLÊMICA</b> Controvérsia Escândalo</p>	<p><b>RARIDADE</b> Incomum Original Inusitado</p>	<p><b>SURPRESA</b> Inesperado</p>

Dessa forma, se utilizou da categorização criada por Silva (2005) para analisar as reportagens que correspondem ao corpus de análise do estudo, pois contempla os valores notícias trazidos pelos diversos estudiosos da área como também atualiza para o cenário atual.

Nesse contexto que abrange a percepção do que é notícia ou tem capacidade de se tornar notícia aliado a instantaneidade das informações publicadas nas diversas redes sociais, torna fundamental buscar uma categorização mais ampla das comumente indicadas pelos autores tradicionais.

E compreender que os meios de comunicação farão uso desse rompimento com a temporalidade e espaço que a internet trouxe à rotina jornalística para desenvolver seus critérios de noticialidade.

## 4 | METODOLOGIA

A partir da teoria do agendamento e encarando-a sob um novo ponto de vista, em que as mídias sociais se tornam primordiais nas análises das relações e interações humanas, procedeu-se a análise de conteúdo, como proposta metodológica, referente as reportagens que resultaram da busca da palavra *Twitter* no site da Folha de São Paulo.

Feito isto, encontrou-se então o resultado de 283 referências encontradas no site quando realizada a busca citada acima. Fez-se um segundo recorte para a editoria de *Poder*, o que resultou em 27 reportagens. Categorizou-se as matérias conforme o valor notícia encontrado, de acordo com as categorias de Silva (2005).

Após essa primeira categorização, classificou-se ainda de acordo com o agendamento percebido. Se o tuíte pautou a reportagem, quando as postagens feitas no Twitter embasaram completamente a reportagem. Se o tuíte serviu apenas de complemento para as informações expostas nas matérias ou se foi utilizado como fonte da reportagem, trazendo a fala postada no Twitter para declarar o posicionamento de determinadas pessoas.

Desta forma, surge como objetivo da pesquisa verificar de que forma o Twitter foi capaz de agendar a folha de São Paulo e como se apropriaram da informação ali encontrada.

## 5 | O AGENDAMENTO DA FOLHA DE SÃO PAULO – ANÁLISE DAS REPORTAGENS

Para avaliar de que forma ocorre o agendamento da Folha de São Paulo pelo Twitter, fez-se uma busca com essa palavra no site do jornal, incluindo as matérias publicadas na versão online e impressa do jornal.

Desta forma, limitou-se a análise ao mês de julho de 2019 e na editoria *Poder*. Após efetuar esse filtro foram encontrados 27 resultados. Desta forma, procedeu-se a análise do modo que o jornal utilizou esses tuítes. Observou se foram utilizados como *Fonte*, em que o jornalista usou a rede social para acessar determinado posicionamento da pessoa interessada.

Aqui se ressalta que a reportagem não se baseia exclusivamente na fala extraída da plataforma, mas apenas traz o tuíte como forma de demonstrar de que forma a pessoa se colocou diante de dada situação. Nessa categoria foram encontradas 23 reportagens que utilizaram as publicações na plataforma para trazer informações e posicionamentos à matéria e foi o modo de utilização mais expressivo da análise.

Outra categoria criada foi a de *Conteúdo*, em que o jornalista se utilizou da rede social para complementar as informações principais da reportagem. Esse padrão foi percebido em três reportagens. Por fim, a categoria *Pautada*, na qual se percebe que a informação extraída do Twitter serviu como único fato gerador da reportagem e a publicação foi o fundamento da reportagem. Nessa categoria só uma reportagem se enquadrou.

É importante ressaltar que dentre as 27 reportagens analisadas, foram utilizadas nas reportagens 15 contas do Twitter. Dessas, somente a do Presidente Jair Bolsonaro tem mais de quatro milhões de seguidores. As contas de seus filhos Carlos e Eduardo, a do Ministro da Justiça, Sérgio Moro e do candidato a Presidência da República, Fernando Haddad, tem acima de um milhão de seguidores.

E ainda com um número expressivo, mas revelando entre 100 mil e 700 mil seguidores, as contas de Janaina Paschoal, deputada estadual mais votada em 2018, Carla Zambelli, deputada federal, Olavo de Carvalho, Ministro da Educação, Alexandre Frota, Deputado Federal, Ciro Gomes, candidato a Presidência da República, Davi Alcolumbre, Senador e a do PSDB, também foram utilizadas pelas matérias.

Abaixo de 100 mil seguidores, foram utilizadas as contas do PDT, de Cristiano Zanin, Advogado de Lula e Walter Delgatti Neto, suspeito de hackear o telefone de integrantes da Lava Jato, conforme se pode analisar na tabela abaixo.

Data	Título	Pautada/fonte/ conteúdo	Valor-notícia	Informações do twitter/ número de seguidores
01/07	Carlos Bolsonaro ataca general Heleno e cria novo atrito com militares	Fonte	Polêmica, Governo	Conta: Carlos Bolsonaro/@CarlosBolsonaro 1,3 milhões de seguidores
03/07	Em seis meses, Olavo oferece a Bolsonaro militância ativa e fanática	Fonte	Proeminência, Governo, Surpresa	Conta: Olavo de Carvalho/@OdeCarvalho 651 mil seguidores
10/07	Mestre da dialética, sociólogo Francisco de Oliveira morre aos 85 anos	Fonte	Proeminência	Conta: Fernando Haddad/@Haddad_Fernando 1.5 milhões de seguidores
11/07	Após ameaça de Covas, aliados de Aécio falam em tribunal de exceção no PSDB	Fonte	Conflito, Governo	Conta: PSDB/@Rede45 607 mil seguidores
13/07	Ciro diz que movimento de Tabata é 'partido clandestino' e que ela faz dupla militância	Fonte	Governo, Conflito, Proeminência	Conta: Alexandre Frota 77 PSL/@alefrotabrasil 170 mil seguidores
14/07	Esquerda irá a conselho contra Deltan, e Vem Pra Rua defende chefe da Lava Jato	Fonte	Polêmica, Justiça	Conta: Fernando Haddad/@Haddad_Fernando 1.5 milhões de seguidores
14/07	Após troca mútua de afagos, votação sela fim da lua de mel entre Ciro e Tabata	Fonte	Polêmica, Governo	Conta: PDT Nacional/@PDT_Nacional 94 mil seguidores Conta: Ciro Gomes/@cirogomes 696 mil seguidores

15/07	'Fumei, cheirei, viajei; agora, estou focado na Câmara', diz Frota sobre papel na reforma	Fonte	Polêmica, Governo	Conta: Alexandre Frota 77 PSL/@alefrotabrasil 170 mil seguidores
15/07	Recursos que poderiam ter afastado Moro da Lava Jato ficam 2 anos sem julgamento	Fonte	Polêmica, Justiça	Conta: Cristiano Zanin Martins/@czmartins 69 mil seguidores
16/07	Campanha contra Lava Jato e a favor de corrupção 'beira o ridículo', afirma Moro	Fonte	Justiça, Polêmica	Conta: Sergio Moro/@SF_Moro 1,2 milhões de seguidores
18/07	Inquérito do caso Adélio desconstrói fake news sobre facada em Bolsonaro, diz delegado	Fonte	Conflito, Proeminência, Governo	Conta: Jair M Bolsonaro/@jairbolsonaro 4,7 milhões de seguidores
18/07	Moro diz que juízes têm o dever de recusar benefícios excessivos para delatores	Fonte	Justiça, Polêmica	Conta: Sergio Moro/@SF_Moro 1,2 milhões de seguidores
20/07	Bolsonaro nega ter falado 'paraíba' como crítica a nordestinos	Fonte	Polêmica, Governo	Conta: Jair M Bolsonaro/@jairbolsonaro 4,7 milhões de seguidores
21/07	Em meses, Coaf vai de símbolo anticorrupção a órgão esvaziado	Fonte	Governo	Conta: Carla Zambelli/ @CarlaZambelli17 255 mil seguidores
23/07	Na Câmara, Eduardo Bolsonaro prioriza política externa e vira guardião do pai	Fonte	Governo, Polêmica	Conta: Eduardo Bolsonaro/@BolsonaroSP 1,6 milhões de seguidores
23/07	Porta-voz diz ter suporte de Bolsonaro e não comenta críticas de Carlos	Fonte	Governo, Polêmica	Conta: Carlos Bolsonaro/@CarlosBolsonaro 1,3 milhões de seguidores
24/07	Moro comemora ação da PF e associa prisões a conteúdo divulgado pelo Intercept	Fonte	Justiça, Polêmica	Conta: Sergio Moro/@SF_Moro 1,2 milhões de seguidores
24/07	Saiba quem são os quatro presos sob suspeita de hackear autoridades	Complemento	Justiça, Polêmica	Conta: Walter/@waltergrandsonn 1.372 seguidores
24/07	Entenda operação contra hackers e veja perguntas ainda sem resposta	Fonte	Justiça, Polêmica	Conta: Sergio Moro/@SF_Moro 1,2 milhões de seguidores

25/07	Preso diz à PF que hackeou mensagens da Lava Jato e as entregou de forma anônima ao Intercept	Fonte	Justiça, Polêmica	Conta: Sergio Moro/@SF_Moro 1,2 milhões de seguidores
25/07	Janaina fala sobre Deltan e diz que palestras devem ter regras e preço 'de aula, não de show'	Complemento	Governo, Justiça	Conta: Janaina Paschoal/@JanainaDoBrasil 552 mil seguidores
26/07	Após 8 anos sem postar, suspeito de ataque hacker voltou com críticas a Moro	Pautada	Justiça, Polêmica	Conta: Walter/@waltergrandsonn 1.372 seguidores
28/07	'Governo federal incentiva garimpo em terras indígenas', diz senador Randolfe Rodrigues	Fonte	Impacto, Conflito, Governo	Conta: Jair M Bolsonaro/@jairbolsonaro 4,7 milhões de seguidores Conta: Davi Alcolumbre/@davialcolumbre 155 mil seguidores
28/07	Defesa de hacker preso diz haver cópias de diálogos com pessoas dentro e fora do país	Complemento	Justiça, Polêmica	Conta: Walter/@waltergrandsonn 1.372 seguidores
29/07	Moro responde a coluna da Folha e diz que fez relação 'lógica' entre hackers e site	Fonte	Justiça, Polêmica	Conta: Sergio Moro/@SF_Moro 1,2 milhões de seguidores
29/07	Guedes critica vazamentos de mensagens da Lava Jato e diz 'vai trabalhar, vagabundo'	Fonte	Governo, Polêmica	Conta: Carla Zambelli/ @CarlaZambelli17 255 mil seguidores
31/07	Janaina pede impeachment de Toffoli por decisão que beneficiou Flávio Bolsonaro	Fonte	Governo, Justiça	Conta: Janaina Paschoal/@JanainaDoBrasil 552 mil seguidores

Após essa primeira análise, tentou-se compreender os valores-notícia que poderiam ser percebidos nas reportagens e visualizar quais predominaram como relevantes ao jornalista na seleção do conteúdo.

Diante disso, percebeu-se que o valor-notícia que teve maior evidência no período foi *Polêmica* com 18 incidências, seguido por *Governo* que apareceu 15 vezes e *Justiça* com 13 encontros. Com quatro referências o valor *Proeminência* e *Conflito*. Logo em seguida, com uma referência cada, os valores-notícia, *Impacto* e *Surpresa*.

Observa-se que devido ao período conturbado tanto politicamente quanto economicamente, num país governado por um partido de extrema direita desde janeiro de 2019, a predominância do valor-notícia *Polêmica* no contexto das reportagens, mostra a forma que o presidente e outras pessoas que protagonizam o cenário político brasileiro

conduzem suas ações e posicionamentos na rede.

É interessante perceber que as postagens na conta do Twitter do Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro foi relacionada em três reportagens, e o valor-notícia *Governo* foi sempre relacionado. Todavia, todas elas estavam associadas a outros valores-notícia como *Impacto*, *Polêmica*, *Conflito* e *Proeminência* revelando para além do teor político de suas postagens, um cunho eminentemente controvertido nas postagens.

As contas de seus filhos Carlos Bolsonaro e Eduardo Bolsonaro, que ocupam cargos políticos no país, foram citadas duas e uma vez respectivamente, apresentando valores-notícia idênticos, relacionados a *Governo* e *Polêmica* juntamente.

Diante do contexto político atual, as contas citadas têm sua relevância clara e conseqüentemente para o agendamento da mídia tendo em vista os cargos políticos ocupados e por tais personagens políticos não concedem entrevistas a quaisquer meios de comunicação. Tornando muito difícil conseguir obter seus posicionamentos acerca dos fatos fora da citada rede social.

Fato curioso sobre a análise das contas referenciadas é que a conta que foi mais citada, na editoria de Poder da Folha de São Paulo foi a do atual Ministro da Justiça Sérgio Moro, ex-juiz federal e responsável pela Lava Jato a época em que exercia a magistratura.

Essa importância dada a um ex-juiz e atual ministro decorre da forma que Moro utiliza sua conta, sempre se posicionando sobre os fatos que envolvem a Lava Jato ou outros quaisquer que envolvam seu nome. Se observa ainda que o ex-juiz adotou postura diferente após assumir o Ministério da Justiça.

Apesar de se esperar que alguém que detém um cargo político dê mais entrevistas aos meios de comunicação de massa do que um juiz, após assumir esse cargo, deixou de dar entrevistas ou pelo menos diminuiu a frequência se comparado ao período em que era magistrado. Desta forma, seus tuítes se tornaram uma fonte importante e de mais fácil acesso aos jornalistas quando precisam usar os posicionamentos que o ministro declarou diante dos fatos.

Para além disso, deve-se destacar que no mês de junho foi iniciada uma série de reportagens da agência de notícias *The Intercept* Brasil que tratavam de vazamentos de conversas hackeadas do telefone do juiz e de outros integrantes da operação. O que fez com que o atual Ministro da Justiça se tornasse ainda mais reservado em sua comunicação com a imprensa, seguindo a tendência de Jair Bolsonaro desde que assumiu a presidência.

Decorre desse contexto essa importância acentuada que a conta alcançou como fonte das matérias. Importante ressaltar que no mês de análise todos os tuítes utilizados foram relacionados a este fato e também evidencia o motivo dos valores-notícia associados em todas as reportagens ser *Justiça e Polêmica*. Destaca-se ainda que a conta do ex-juiz conta com o número expressivo de 1,2 milhões de seguidores.

Desta forma, pode ser observado que na grande maioria das reportagens utilizou-se contas que tinham um grande número de seguidores, ou seja, que tinham um alcance maior

dentro da rede. Como nas reportagens que se utilizaram das contas de dois candidatos a Presidência da República, Fernando Haddad e Ciro Gomes.

Na reportagem *Mestre da dialética, sociólogo Francisco de Oliveira morre aos 85 anos*<sup>2</sup>, a conta de Haddad é usada como fonte das mensagens que os políticos de esquerda deixaram em homenagem a morte do professor. Em outra matéria, *Esquerda irá a conselho contra Deltan, e Vem Pra Rua defende chefe da Lava Jato*<sup>3</sup>, se utilizam da importância do posicionamento Haddad declara naquela situação pra demonstrar o posicionamento dos “rivais” do presidente.

Quanto ao outro candidato a Presidência, Ciro Gomes, na reportagem sobre a votação da reforma da previdência no congresso, a reportagem *Após troca mútua de afagos, votação sela fim de lua de mel entre Ciro e Tabata*<sup>4</sup>, o tuíte pauta o posicionamento que o partido político deveria ter em relação àqueles que votaram a favor da reforma, sendo usado pra demonstrar a importância que as manifestações na rede social acaba assumindo na organização partidária.

Todavia, percebeu-se que o fator definidor para a utilização das declarações ali colocadas se deve ao teor das manifestações publicadas na rede, tendo em vista a grande importância política dos envolvidos e os altos cargos ocupados no governo federal ou as associações dos usuários do Twitter com essas pessoas.

Este último ponto fica claro quando se olha a reportagem *Recursos que poderiam ter afastado Moro da Lava Jato*<sup>5</sup>, em que o tuíte utilizado foi publicado pelo advogado de Lula, para falar das ações disciplinares que tinham no Conselho Nacional de Justiça e que poderiam ter tirado o comando da Lava Jato do juiz em questão. Desta forma, apesar do advogado não ter um número expressivo de seguidores e não ser capaz de sozinho agendar a mídia, nesse tema em questão se torna relevante e se torna fonte da matéria.

Na reportagem *Em seis meses, Olavo oferece a Bolsonaro militância ativa e fanática*<sup>6</sup>, a reportagem utiliza de pequenas partes das publicações realizadas no Twitter do atual ministro da educação pra demonstrar como a presença de Olavo de Carvalho traz certas características aos apoiadores do governo. Ora, dessa forma se percebe claramente que apesar de ter pouco mais de 600 mil seguidores, o cargo ocupado pelo escritor torna suas falas expostas na rede importantes para a mídia que busca a plataforma para ter acesso fácil aos posicionamentos.

Exemplo ainda mais forte das peculiaridades que certos pronunciamentos podem

2 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/mestre-da-dialectica-sociologo-francisco-de-oliveira-morre-aos-85-anos.shtml>> Acesso em 04 de agosto de 2019.

3 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/esquerda-ira-a-conselho-contra-deltan-e-vem-pra-rua-defende-chefe-da-lava-jato.shtml>> Acesso em 04 de agosto de 2019.

4 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/apos-troca-mutua-de-afagos-votacao-sela-fim-da-lua-de-mel-entre-ciro-e-tabata.shtml>> Acesso em 05 de agosto de 2019.

5 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/recursos-que-poderiam-ter-afastado-moro-da-lava-jato-ficam-2-anos-sem-julgamento.shtml>> Acesso em 05 de agosto de 2019.

6 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/em-seis-meses-olavo-oferece-a-bolsonaro-militancia-ativa-e-fanatica.shtml>> Acesso em 06 de agosto de 2019.

assumir em dadas circunstâncias é o uso da conta de Walter Delgatti Neto, suposto responsável pelo hackeamento das mensagens vazadas pelo *The Intercept* Brasil. Sua conta tem pouco mais de 1.300 seguidores, mas quando vislumbrado o contexto político e social a que suas falas passam a se inserir, sua página na rede social assume um lugar de poder para ser usado como fonte em várias reportagens.

Walter foi citado em três matérias e em todas elas teve tuítes seus utilizados nas reportagens. Uma delas intitulada *Após 8 anos sem postar, suspeito de ataque hacker voltou com críticas a Moro*<sup>7</sup>, ressalta a inatividade percebida na conta durante oito anos. Em outra reportagem *Saiba quem são os quatro presos sob suspeita de hackear autoridades*<sup>8</sup>, é analisado a postura que Walter tinha no Twitter, indicando a orientação política e comunicações estabelecidas.

A última reportagem *Defesa de hacker preso diz ter cópias de diálogos com pessoas dentro e fora do país*<sup>9</sup>, que contextualiza a reportagem retomando a inatividade da conta por oito anos e que esta tinha sido retomada a poucos meses com publicações contrárias ao governo.

Diante de tais ponderações percebe-se que a capacidade de agendamento da mídia perpassa várias nuances que vai da importância política de determinada pessoa, a relevância momentânea tendo em vista alguma decisão da justiça ou exposição criada por fatos que alavancam a atenção da sociedade em geral, tendo em vista suas peculiaridades.

Percebe-se desta forma que essa relevância momentânea tem a ver com os valores-notícia referenciados. Pois se trata de questões que envolvem uma grande repercussão, polêmicas, fatos que geram curiosidade social ou que alçam personagens a um papel importante naquele momento.

Como a sessão analisada foi a de *Poder*, nota-se que os *tweets* em sua maioria tem relação com os cargos políticos ocupados. Deve-se ressaltar que o presidente Jair Bolsonaro não concede entrevista a todos os meios de comunicação. A mesma postura é percebida em relação a seus filhos e ministros. O que faz com que as publicações nas redes sociais, em especial o Twitter tenham uma importância ainda maior nesse cenário. Pois, em muitos casos, a grande maioria dos jornalistas só obterão o posicionamento dessas personalidades ao acompanharem as publicações feitas pelos próprios personagens envolvidos ao se utilizarem das redes sociais, com realce maior para o Twitter.

---

7 Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/apos-8-anos-sem-postar-suspeito-de-ataque-hacker-voltou-com-criticas-a-moro.shtml>> Acesso em 08 de agosto de 2019.

8 Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/saiba-quem-sao-os-quatro-presos-sob-suspeita-de-hackear-autoridades.shtml>> Acesso em 07 de agosto de 2019.

9 Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/defesa-de-hacker-presos-diz-ter-copias-de-dialogos-com-pessoas-dentro-e-fora-do-pais.shtml>> Acesso em 08 de agosto de 2019.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria do agendamento é considerada por muitos como uma hipótese e nem sempre é considerada como uma teoria consolidada dentro da comunicação. Todavia, o que se percebe nos consistentes estudos de McCombs e Shaw é que há sim uma coincidência entre a pauta da sociedade e a midiática.

Ao se analisar a teoria do agendamento dentro de um contexto interacional amplo, como o promovido pela internet e as redes sociais, pode-se perceber que há uma via de mão dupla, em que a sociedade consome o que é dito na mídia tradicional, mas também gera conteúdo para os meios de comunicação por fazerem uso espesso das redes sociais como o Twitter.

Essa alimentação se torna constante e rompe os preceitos de temporalidade e espacialidade. Fazendo com que todos possam ser fontes de uma matéria ou mesmo pautar uma série de reportagens. Sendo assim, tudo o que é escrito e publicado no Twitter pode ser usado pela mídia de massa e como fonte oficial para complementar a história a ser contada.

No caso analisado, ao se decidir fazer um filtro dentro da editoria *Poder*, acaba-se por selecionar pessoas que detêm cargos políticos importantes no país, tornando ainda mais evidente a importância que as declarações postadas na rede assumem na pauta jornalística.

Percebeu-se com a análise das reportagens citadas que as reportagens se utilizam na sua grande maioria das declarações postadas nas redes para fundamentarem os dados da reportagem. Assim, se coloca um selo de veracidade e de certa forma, inquestionabilidade à matéria, pois traz uma transparência aos fatos ali narrados, já que permite a todos que sejam checadas as informações expostas.

Diante dessa facilidade de se buscar declarações de qualquer pessoa que faça uso da rede, sem que seja necessário estabelecer um contato direto ou estar sujeito ao interesse dessa pessoa em conversar com o jornalista, faz com que esta forma de produção jornalística se torne cada vez mais frequente.

Claro que os meios de comunicação tradicional continuam dotados das características de serem fontes legítimas e verídicas de informação, todavia, com essa facilidade em se obter acesso às declarações pelo Twitter, a própria mídia tradicional se apodera disso para fazer coincidir os seus interesses aos interesses da sua audiência.

Desta forma, a depender do grau de influência que certo usuário da plataforma tenha no contexto social, suas publicações no Twitter são capazes de se tornar fontes, complementar o conteúdo ou ainda pautar inteiramente uma reportagem, restando demonstrado assim, a capacidade que esta rede social tem de agendar a mídia tradicional.

## REFERÊNCIAS

BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na Comunicação: da Informação ao Receptor**. São Paulo: Moderna, 1995.

CHAVES LOPES, Gustavo.. As redes sociais e os novos fluxos de agendamento: uma análise da cobertura da Al Jazeera sobre a Primavera Árabe. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/pacla/v16n3/v16n3a06.pdf>> Acesso em 05 de agosto de 2019.

FRANÇA, Vera V. e SIMÕES, Paula G. **Curso básico de teoria da comunicação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

GUERRA, Josenildo Luiz. Uma discussão sobre o conceito de valor-notícia. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo; FERNANDES, Mario Luiz. (Orgs.) **Crítérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014.

LEMOS, André. **Cibercultura: Tecnologia e vida social contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MCCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2009.

PALACIOS, Marcos. Fazendo Jornalismo em Redes Híbridas: Notas para discussão da Internet enquanto suporte mediático. Minas Gerais: FCA, PUC, 2003. Disponível em <[https://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2003\\_palacios\\_redeshibridas.pdf](https://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2003_palacios_redeshibridas.pdf)> Acesso em 07 de agosto de 2019.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticialidade. **Estudos de Jornalismo e mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 95-107, 2005.

SHOEMAKER, Pamela J., VOS, Tim P. **Teoria do gatekeeping: seleção e construção da notícia**. Porto Alegre: Editora Penso, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do Jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2012.

WOLF. Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

# CAPÍTULO 3

## NARRATIVAS HUMANIZADAS EM REDES SOCIAIS: O PROJETO INUMERÁVEIS E AS VÍTIMAS DA COVID-19 NO BRASIL

Data de aceite: 01/05/2021

Data de submissão: 02/02/2021

### Renato Essenfelder

Professor de Ciências da Comunicação da Universidade Fernando Pessoa, doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP)  
Porto, Portugal

### Emílio Sant'Anna

Jornalista, mestre em Produção Jornalística e Mercado pela ESPM-SP  
São Paulo, SP, Brasil

**RESUMO:** O trabalho aplica a metodologia da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística para analisar textos do projeto *Inumeráveis*, que se propõe a publicar textos breves que homenageiam as vítimas da Covid-19 no Brasil. Foram mapeadas as estratégias de *subjetivação* e de *objetivação* presentes nos relatos do *Inumeráveis* para compreender melhor como se dá o processo de humanização dos relatos, considerando que a proposta do projeto é a de produzir um conteúdo fora do padrão da grande mídia, que acaba por se concentrar mais nos aspectos mais gerais da doença e de seus efeitos no país e no mundo. Embora a amostra seja reduzida para conclusões mais assertivas, aponta-se que o forte investimento em recursos subjetivantes, obtidos por meio da narração direta de pessoas próximas às vítimas, é responsável pela humanização pretendida e pelo sucesso do projeto, que ganha destaque no maior canal de

TV aberta do país (Globo).

**PALAVRAS - CHAVE:** Inumeráveis. Instagram. Narrativa humanizada. Covid-19. Jornalismo narrativo.

### HUMANIZED NARRATIVES IN SOCIAL NETWORKS: THE 'INUMERÁVEIS' PROJECT AND THE VICTIMS OF COVID-19 IN BRAZIL

**ABSTRACT:** This research applies the methodology of the Pragmatic Analysis of the Journalistic Narrative to analyze texts from the 'Inumeráveis' project, which aims to publish brief texts that honor the victims of Covid-19 in Brazil. The *subjectivation* and *objectification* strategies present in the 'Inumeráveis' reports were mapped to better understand how the process of humanizing the reports takes place, considering that the project's main goal is to produce content outside the standard of the mainstream media, which ends up focusing on the general aspects of the disease and its effects on the country. Although the sample is reduced to claim more assertive conclusions, it is pointed out that the strong investment in *subjective* resources, obtained through the direct narration of people close to the victims, is responsible for the intended humanization and for the success of the project, which is highlighted in the largest TV channel of the country (Globo).

**KEYWORDS:** Inumeráveis. Instagram. Humanized narrative. Covid-19. Narrative journalism.

## 1 | JORNALISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA

A pandemia do coronavírus SARS-CoV-2, que se alastra pelo mundo desde ao menos o final de 2019 e cujo ápice ainda é difícil de estimar, provocou, até o dia 26 de julho de 2020, um número total de 648 mil mortes (JOHNS HOPKINS, 2020, online). Embora ainda se saiba pouco sobre o funcionamento específico desse novo vírus, a categoria à qual ele pertence já é conhecida pela ciência ao menos desde os anos 1960 (NATURE, 1968). O nome “coronavírus” é atribuído em função da aparência do vírus: uma microesfera coberta de espículas de proteína que fazem lembrar uma coroa. Trata-se de um vírus de RNA positivo que “majoritariamente, afeta animais, sendo que em humanos são conhecidas sete variedades” (DE TROI, QUINTILIO, 2020, online).

Das variedades que afetam humanos, cinco foram detectadas no Brasil (incluindo o novo coronavírus), porém nenhuma delas foi tão devastadora quanto o SARS-CoV-2. Aliás, quanto à letalidade da Covid-19 – nome oficial da doença provocada por essa variedade do vírus –, convém notar que, embora a taxa de mortes seja relativamente baixa, na casa dos 2%, segundo os dados disponíveis, sua extraordinária capacidade de contágio é responsável por lotar unidades hospitalares de terapia intensiva e provocar milhares de óbitos diariamente no mundo (DE TROI, QUINTILIO, 2020, online).

No Brasil, a taxa média superior a 1.000 mortes por dia se manteve relativamente estável durante todo o mês de julho (JOHNS HOPKINS, 2020, online).

Como resultado do fato de o vírus ser novo, o noticiário associado a ele naturalmente traz mais dúvidas do que certezas. Questões como os mecanismos de transmissão de pessoa para pessoa, a eficácia dos variados tipos de máscaras, a sobrevivência do vírus em superfícies variadas, a possibilidade de recontaminação, o desenvolvimento de sintomas mais ou menos graves, entre dezenas de outras, ainda estão em aberto.

Depois de reconhecer uma série de erros na condução da grave crise de saúde pública global, a Organização Mundial da Saúde (OMS) tem sido mais cautelosa em seus comunicados sobre o SARS-CoV-2. Nesse cenário, multiplicam-se canais de propagação de desinformação – com o agravante de que, no Brasil, o governo federal resiste ao reconhecimento da gravidade da pandemia e seu presidente, Jair Bolsonaro, é considerado o pior líder mundial na resposta ao coronavírus (THE GUARDIAN, 2020, online). Essa resistência acaba por estimular a desinformação: se o próprio chefe do Executivo já disse se tratar de “gripezinha” (O GLOBO, 2020, online), já fez propaganda explícita do medicamento Cloroquina, cuja eficácia foi descartada em inúmeros estudos científicos recentes (BBC, 2020, online), e aparece em público sem máscara mesmo após ter anunciado que foi infectado pelo vírus, seus apoiadores, e outros agentes de desinformação com agendas políticas próprias, veem-se estimulados a propagar todo tipo de informação não comprovada. Só a página oficial do Ministério da Saúde brasileiro trazia, a 27 de julho de 2020, 84 conteúdos classificados como “fake news” relativos ao novo

coronavírus (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020, online). Segundo a presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), Maria José Braga, “o Brasil é um dos países mais afetados pela indústria da mentira” (IAQUINTO, 2020, online).

Ante uma pandemia que já ceifou mais de 90.000 vidas de brasileiros de março a julho de 2020, aliada à desinformação, ao descaso e ao desconhecimento científico dos mecanismos do novo coronavírus, a mídia brasileira assume ainda mais relevância como portadora de informação confiável em meio às trevas da desinformação.

Note-se ainda que a crise do coronavírus diminuiu a atividade econômica global, e as estimativas de crescimento do PIB para 2020 são negativas em praticamente todos os lugares atingidos. Como consequência, caíram os investimentos em publicidade na mídia tradicional – fenômeno que já era recorrente nos últimos anos – e mesmo na mídia digital.

No Brasil, praticamente todos os veículos jornalísticos impuseram reduções de salário ou mesmo demissões para enxugar custos (PÚBLICA, 2020, online). Enquanto isso, repórteres envolvidos na cobertura do novo coronavírus arriscam a saúde e sofrem constantes agressões e assédio de negacionistas em geral. Criou-se assim um ambiente especialmente desafiador em que menos jornalistas têm de trabalhar mais, sob piores condições, para cobrir esta que é a maior crise de saúde pública global do século.

Soma-se a isso o desafio narrativo, que, apesar de não ser novo, manifesta-se com clareza durante crises como a atual, em que a avalanche de informações e a constância das mortes embute o risco de naturalização da tragédia e de desumanização dos relatos – afinal, quando a conta diária de mortos por Covid-19 ultrapassa as mil pessoas, torna-se praticamente impossível manter uma cobertura “humanizada”.

Tendo em vista a dificuldade de a grande mídia manter a cobertura macro, econômica, política, sanitária e biográfica no ritmo demandado, abordagens alternativas ao noticiário *mainstream* ganham destaque. É o caso do projeto multiplataforma “Inumeráveis”, cuja proposta e narrativas analisaremos a seguir.

## 2 | NARRATIVAS HUMANIZADAS

Há algo de pleonástico na expressão “narrativa humanizada” ou no ato de “humanizar” uma narrativa; afinal, o Homem é, até onde sabemos, o único ser vivo capaz de narrar – portanto, todas as narrativas são intrinsecamente humanas. É precisamente essa qualidade, aliás, que, segundo pensadores contemporâneos (HARARI, 2015) conferiu ao *Sapiens* a supremacia entre os demais seres que habitam o planeta Terra.

Não obstante, a expressão “narrativa humanizada” tem valor pedagógico ao estabelecer uma distinção, ainda que imperfeita, entre histórias que ressaltam o protagonismo humano e histórias que enfatizam aspectos “macrossociais”, de caráter econômico, sanitário, epidemiológico etc., sem maior atenção ou compreensão ao nível das tragédias pessoais.

É uma distinção importante quando consideramos, ainda, que os manuais de redação jornalística tradicionalmente enfatizam uma visão tecnicista, muitas vezes tentando eliminar do texto noticioso o seu caráter narrativo, definindo a notícia como “relato objetivo dos acontecimentos”. Nesse sentido, Motta afirma que os livros técnicos “insistem que o jornalismo é o lugar da racionalidade e da objetividade, onde deve evitar-se não apenas a opinião e os pontos de vista de quem escreve, mas também toda implicatura de qualquer insinuação poética ou metafórica” (MOTTA, 2013, p. 25).

Mas a dimensão narrativa dos milhares de textos produzidos diariamente por jornalistas ao redor do planeta permanece lá, “afinal, redigir uma notícia é uma experiência criadora, ainda que as cartilhas técnicas por vezes tentem esvaziar essa questão” (ESSENFELDER, 2017, p. 189).

No que diz respeito especificamente à concepção “humanizada” da narrativa, Ijuim e Sardinha (2009, p. 174) consideram que “o jornalismo humanizado sintetiza uma abordagem que proporciona ao jornalista uma visão mais ampla de consistência aos seus fazeres”. Cientes da redundância da expressão, escrevem:

Pretendemos com estes termos abranger noções que representem alternativas palpáveis ao processo jornalístico. Por que alternativas, se tratam da busca da própria essência do jornalismo? E por que humanizado se o jornalismo é uma forma de construção social? Porque entendemos que o cientificismo induziu editores e jornalistas a aceitarem modelos racionalistas para seus fazeres. E esses modelos têm ‘embaçado’ nossa visão sobre a raiz: compreensão de mundo. Os modelos racionalistas, integrados à visão simplificadora e fragmentária do cientificismo, justamente têm provocado a maioria dos equívocos a que chamamos de ‘meias verdades’. E, por isso mesmo: Esta redundância é necessária! (IJUIM; SARDINHA, 2009, p. 174)

O debate sobre a humanização da cobertura do novo coronavírus – e em especial das mortes provocadas pela Covid-19 – assume caráter político urgente quando se considera o cenário de desinformação e de descaso com o qual importantes autoridades públicas enfrentam a situação. Dar nome e sobrenome das vítimas se tornou mais do que informar: trata-se de uma atitude política que reforça a gravidade da doença e a necessidade de enfrentá-la com empenho e transparência.

Nesse sentido, o telejornal mais tradicional do país, o “Jornal Nacional”, levou o ar editorial contundente em 20 de junho de 2020, lido pelos apresentadores e editores William Bonner e Renata Vasconcellos. O texto coincidiu com um marco: o país havia acabado de ultrapassar a marca dos 50 mil mortos de Covid-19. Os âncoras disseram que “a história vai registrar aqueles que se omitiram, os que foram negligentes, os que foram desrespeitosos. A história atribui glória e atribui desonra” (JORNAL NACIONAL, 2020, online). Os jornalistas prosseguiram, revezando-se na leitura do editorial:

É um marco trágico na pandemia. Mais de 50 mil mortes. 50 mil. Uma nação se define como a reunião de pessoas que compartilham sentimentos, afetos, laços, cultura, valores, uma história comum. Empatia é a capacidade que o ser humano tem de se colocar no lugar do outro, de entender o que o outro sente. Uma nação chora os seus mortos, se solidariza com aqueles que perderam pessoas queridas. Cinquenta mil. Diante de uma tragédia como essa, uma nação para ao menos um instante e respeita tantas vidas perdidas. E é o que o Jornal Nacional está fazendo agora diante destes rostos que nós temos perdido desde março. (JORNAL NACIONAL, 2020, online)

Outro veículo tradicional da imprensa brasileira, a Folha de S.Paulo estreou, em abril, uma página eletrônica intitulada “Aqueles que Perdemos”, contendo inicialmente 125 textos biográficos de famosos e anônimos vitimados pela pandemia. “O leitor encontrará histórias de pessoas famosas, como Aldir Blanc, Daniel Azulay e Paulinho Paiakan, e de desconhecidos, vítimas da pandemia que infectou milhões e matou milhares de pessoas em 2020”, anuncia o site (FOLHA DE S. PAULO, 2020, online). Há irregularidade de padrão, formato, extensão e abordagem nos textos: desde relatos mais aprofundados, que compõem verdadeiros perfis, até notas taquigráficas feitas a partir de informações publicadas em redes sociais.

Apesar dos visíveis esforços para não reduzir a cobertura à contabilidade mórbida de vítimas, esses veículos – e outros, como “O Estado de S.Paulo”, “O Globo”, UOL etc. – raramente conseguem ir além de um modelo engessado de jornalismo preconizado por seus manuais de redação, que limita a criatividade narrativa e autoral dos jornalistas.

Nesse sentido, interessa-nos direcionar a análise para uma iniciativa independente lançada em abril, o projeto multiplataforma “Inumeráveis”, que encontrou outra maneira de homenagear vítimas da Covid-19 no país e, também, marcar uma posição política.

### 3 | O PROJETO INUMERÁVEIS

A plataforma colaborativa “Inumeráveis” “é um memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do novo coronavírus no Brasil” (INUMERÁVEIS, 2020)<sup>1</sup>. O projeto – que também está nas redes sociais Instagram e Facebook, além de ter originado um quadro no programa Fantástico, da TV Globo – foi lançado em 30 de abril, quase dois meses após os primeiros casos da doença no país.

A iniciativa é do artista plástico Edson Pavoni e do empreendedor social Rodrigo Oliveira. “Não há quem goste de ser número. Gente merece existir em prosa” são as duas primeiras frases no site do projeto, que é aberto à participação de voluntários – na redação e revisão dos textos – e de familiares das vítimas, que incluem os dados e uma breve descrição da vida da pessoa.

A plataforma recebe duas formas de colaboração: voluntários podem se inscrever para escrever a história de uma das vítimas, enviada por amigos ou parentes que preenchem

<sup>1</sup> Disponível em <https://inumeraveis.com.br/>. Acesso em 4 jun. 2020.

um formulário com as informações que darão origem a esse texto.

Até o final de julho<sup>2</sup>, eram 2.989 perfis registrados no site de “Inumeráveis”. O formato desses textos é híbrido, não se prendendo a regras rígidas da comunicação jornalística. Os textos não aspiram ser uma breve biografia, mas sim uma homenagem com elementos da vida e da personalidade da vítima fornecidos ou mesmo narrados a partir da visão de alguém de seu círculo de relações: amigos e familiares. O projeto forma assim um caleidoscópio textual que, analisado em perspectiva, compõe um retrato maior dessas vítimas.

No Instagram, essa perspectiva é ainda mais evidente. Cada uma das histórias, dispostas lado a lado, traz apenas um excerto em destaque, conferindo de forma mais direta tanto a noção de fragmentação quanto de temática.

Os textos têm os créditos dos colaboradores (editores, revisores, apuradores, checadores), um exemplo de construção textual coletiva, assemelhado ao modelo de produção tradicional dos textos jornalísticos.

Considerando, junto com os próprios idealizadores do perfil, que a humanização dos relatos é um fator-chave para o sucesso da iniciativa, este trabalho busca compreender como se articula o aspecto da humanização no “Inumeráveis”, apoiando-se para tanto na metodologia descrita por Motta (2013).

## 4 | NOTA METODOLÓGICA

Para desvendar as estratégias narrativas “humanizantes” em ação, analisamos uma breve amostra de postagens do perfil “Inumeráveis” a partir da perspectiva de sua narrativa textual. Segundo Canavilhas (2014), o texto é o elemento mais utilizado no webjornalismo por questões históricas e econômicas, e por ser a imprensa escrita a referência do jornalismo na internet.

O modelo escolhido é o da Análise Pragmática da Narrativa (MOTTA, 2007). A metodologia proposta por Motta compreende seis passos: 1) recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico (em séries de reportagens, por exemplo); 2) identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios/capítulos; 3) análise das personagens jornalísticas (no nível discursivo); 4) análise de estratégias comunicativas; 5) estabelecimento da relação comunicativa e o “contrato cognitivo”; e 6) identificação dos significados de fundo moral ou fábula da história.

Esse percurso permite que a retórica jornalística seja identificada a partir das marcas textuais, e compreendida a partir dos efeitos que pretende suscitar.

Assim como o próprio Motta sugere, cabe ao autor a escolha das etapas de seu método a serem utilizadas da forma que melhor couber ao estudo do objeto em questão. No caso das narrativas aqui analisadas, tendo em vista nossa questão-problema, que pode

<sup>2</sup> Disponível em <https://inumeraveis.com.br/>. Acesso em 30 jul. 2020.

ser resumida em “quais são os recursos e estratégias empregados pelo perfil Inumeráveis para humanizar os relatos da vítimas da Covid-19 no Brasil?”, posto que a humanização é considerada peça-chave de seu sucesso, atemo-nos ao passo *análise das estratégias comunicativas*, com especial atenção a dois grandes grupos, a saber: elementos de *objetivação* e de *subjetivação*.

A escolha se ancora no trabalho de Motta (2013) e em experiências derivadas (ESSENFELDER, 2017). A partir de considerações desses autores, definimos os recursos mencionados na Tabela 1 como marcadores de *objetivação* e de *subjetivação* a serem realçados.

<b>Estratégias de objetivação</b>	<b>Marcadores textuais</b>
Citação em aspas	Recurso amplamente utilizado na narrativa jornalística que confere ao leitor a identificação de verossimilhança ao emprestar a voz da personagem ao texto.
Estatísticas e didatismo	Prática também largamente empregada para a contextualização dos acontecimentos narrados dentro de uma lógica maior à qual o fato se subordina.
Instituições	Visando um lastro de objetividade, o texto jornalístico recorre com frequência ao uso de elementos, sejam eles estatísticos ou discursivos, baseados na divulgação ou confirmação de informações de instituições. Essas podem ser oficiais, como governos, institutos, universidades, ou não oficiais, como ONGs, por exemplo.
<b>Estratégias de subjetivação</b>	<b>Marcadores textuais</b>
Descrição pormenorizada de cenas, ambientes e personagens	Revela a intenção do narrador de criar determinadas reações por meio do uso de elementos como figura de linguagem e também da descrição de uma realidade que só pode ser acessada por meio dele
Ênfase e intensidade	Recurso de expressão que ressalta determinadas características ou situações, visando causar no leitor efeitos como surpresa, apreensão, atenção, entre outros
Verbos e expressões de sentimento	Marcas de estratégia de subjetivação que revela características e estados emocionais da personagem capazes de criar empatia e identificação no leitor

Tabela 1 - Estratégias de objetivação e de subjetivação, marcadores

Fonte: ESSENFELDER, 2017

## 5 | INTERPRETAÇÃO DE DADOS E RESULTADOS

Considerando as limitações de tempo e de espaço para este artigo, selecionamos aleatoriamente três textos publicados em *Inumeráveis* para análise. Segundo Yin (2001), a análise de dados é o exame, a categorização e a classificação, ou até mesmo a recombinação das evidências de acordo com as proposições iniciais da pesquisa. Essa fase é crucial para a pesquisa, já que a falta de rigor na análise pode comprometer o esforço prévio de levantamento bibliográfico e ainda contaminar as conclusões da pesquisa.

A seguir apresentamos três textos de “*Inumeráveis*” e procedemos a uma análise inicial de cada um deles em relação as suas características objetivantes e subjetivantes.

Texto #1

Abadia de Fátima Alves

1957 – 2020

Era a doçura no olhar, no coração e na vida de todos.

A família era a sua maior paixão. Gerou duas pessoas incríveis: Hainalle e Marcos Henrique. O genro era como se fosse um terceiro filho.

Sempre dizia à filha: “Quando você nasceu, eu soube o que era a felicidade”. É impossível dimensionar a alegria que isso proporcionava aos filhos e, sobretudo, o quanto sentiam-se amados pela mãe. Eram todos muito unidos e, talvez por isso, nunca deixaram de dizer a ela o quanto era amada e o quanto era especial. Não tinha como não amar alguém como ela!

Ser avó foi, definitivamente, o seu grande papel na vida e o que a fez mais feliz. Quando sua Ísis nasceu, ficou maluca de felicidade. Dedicou-se muito à neta, sempre.

Ninguém imaginava que, de uma hora para a outra, seu esposo Abnelio perderia aquela que foi sua companheira por trinta e três anos, a companheira de uma vida inteira de amor. Agora, todos estão se sentindo órfãos.

Era a pessoa mais generosa e preocupada com o próximo de que se tem notícia. Era também uma incansável defensora dos animais. Amava todos os bichinhos e sempre ajudava aqueles que estavam abandonados pelas ruas. Abadia tinha quatro cães.

Como serve de Deus que era, está com Jesus, no Paraíso, mas isso não diminui em nada o tamanho do buraco no peito de todos que com ela conviveram.

Como mãe e filha faziam tudo juntas, era como se fossem uma só pessoa e, agora, a filha terá que seguir sozinha, com as dificuldades de viver em um mundo sem ela. O que acalenta um pouco o coração é a gratidão em ter tido seu anjo, emprestado por Deus, por trinta e um anos.

Abadia era portadora de um linfoma de Burkitt, totalmente curável, e sua partida, por outra doença, deixa a filha inconsolável.

Abadia era mãe de alguém, era avó de alguém, era esposa de alguém. Abadia era o amor de alguém.

Ainda que sigam transformando pessoas em números, sua alegria, seu jeito carinhoso e sua energia positiva permanecerão vivos e latentes, eternamente.

Abadia nasceu em Itapirapuã (GO) e faleceu em Brasília (DF), aos 63 anos, vítima do novo coronavírus. (INUMÉRÁVEIS, 2020, online)

Para auxiliar na sistematização da análise, elaboramos um quadro enumerando as estratégias de subjetivação e de objetivação presentes em cada exemplo coletado, como ilustra a Tabela 2, a seguir.

<b>Tipos de objetivação</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Exemplo</b>
Citação em aspas	1	“Quando você nasceu, eu soube o que era a felicidade”
Estatísticas e didatismo	1	Abadia nasceu em Itapirapuã (GO) e faleceu em Brasília (DF), aos 63 anos, vítima do novo coronavírus
Instituições citadas	Nenhuma	
Tipos de subjetivação	Ocorrências	Exemplo
Descrição de cenas, ambientes e personagens	1*	Abadia era mãe de alguém, era avó de alguém, era esposa de alguém. Abadia era o amor de alguém. Ainda que sigam transformando pessoas em números, sua alegria, seu jeito carinhoso e sua energia positiva permanecerão vivos e latentes, eternamente.
Ênfase e intensidade	11	É impossível dimensionar a alegria que isso proporcionava aos filhos e, sobretudo, o quanto sentiam-se amados pela mãe. Eram todos muito unidos e, talvez por isso, nunca deixaram de dizer a ela o quanto era amada e o quanto era especial. Não tinha como não amar alguém como ela!

Verbos e expressões de sentimento	18	Ainda que sigam transformando pessoas em números, sua alegria, seu jeito carinhoso e sua energia positiva permanecerão vivos e latentes, eternamente.
-----------------------------------	----	---

Tabela 2 - Estratégias de objetivação e de subjetivação, texto #1

No caso do texto 1, quanto às estratégias de objetivação, nota-se a presença discreta de elementos tipicamente associados à prática da construção do texto jornalístico. Há apenas uma citação em aspas e o didatismo se resume aos locais de nascimento e morte da personagem retratada.

O resto do texto se dedica à construção da personagem, com o uso abundante de recursos de subjetivação. “Ênfase e intensidade” e “verbos e expressões de sentimento” são a tônica do texto. Essa última classe, com 18 ocorrências, destaca-se mais do que os outros recursos de construção da personagem e é o recurso mais utilizado para gerar no leitor reações como empatia, familiaridade e compaixão. Todos esses recursos, e as reações por eles geradas, fazem do texto uma construção “humanizada” ao estimular a nossa empatia.

Texto #2

Ana Carolina Guimarães dos Santos

1981 – 2020

A alegria dos encontros, mãe em primeira pessoa. Por amar estar viva, era uma promotora de sorrisos.

Apaixonada pelas filhas, Mariana e Maria Eduarda, tinha enorme apreço pela vida, pelos momentos partilhados com os amigos e com a família. As comidinhas especiais, que tanto podiam ser um vatapá como um belo sashimi, davam sabor a esses encontros; assim como um bom drinque de vodca com suco, desde que não fosse suco de goiaba, que ela detestava.

Provocava risos, mesmo nos momentos mais difíceis; tinha esse talento de encher de alegria os espaços do tempo compartilhado com os seus.

Foi uma guerreira incansável, sem perder, no entanto, a difícil arte de tratar com bom humor os percalços e as armadilhas da vida.

Dedicou seu tempo a tratar com amor as pessoas idosas. E seu sonho era cuidar da irmã mais velha na idade mais madura, quando, segundo ela,

Danielle daria um bocado de trabalho porque certamente seria “uma velhinha muito doida”.

É possível que tenha partido numa nave, feito aquela do filme Cocoon, para uma estrela muito, muito distante, onde o tempo não vai mais correr e ela poderá ser, para sempre, essa moça alegre que viverá eternamente no coração daqueles a quem proporcionou tanto contentamento.

Ana nasceu Rio de Janeiro e faleceu Rio de Janeiro, aos 38 anos, vítima do novo coronavírus. (INUMERÁVEIS, 2020, online)

Vejamos a seguir a sistematização de ocorrências no texto 2.

Tipos de objetivação	Ocorrências	Exemplo
Citação em aspas	1	“uma velhinha muito doida”.
Estatísticas e didatismo	1	Ana nasceu Rio de Janeiro e faleceu Rio de Janeiro, aos 38 anos, vítima do novo coronavírus.
Instituições citadas	0	
Tipos de subjetivação	Ocorrências	Exemplo
Descrição de cenas, ambientes e personagens	1	É possível que tenha partido numa nave, feito aquela do filme Cocoon, para uma estrela muito, muito distante, onde o tempo não vai mais correr e ela poderá ser, para sempre, essa moça alegre que viverá eternamente no coração daqueles a quem proporcionou tanto contentamento.
Ênfase e intensidade	4	Foi uma guerreira incansável, sem perder, no entanto, a difícil arte de tratar com bom humor os percalços e as armadilhas da vida.
Verbos e expressões de sentimento	9	Provocava risos, mesmo nos momentos mais difíceis; tinha esse talento de encher de alegria os espaços do tempo compartilhado com os seus.

Tabela 3 - Estratégias de objetivação e de subjetivação, texto #2

Mais uma vez, os elementos de objetivação aparecem pouco. Apenas uma citação em aspas e, novamente, apenas os locais de nascimento e morte da personagem

aparecem como elementos dêiticos que referenciam a personagem no tempo e no espaço de didatismo. Elementos de subjetivação, por sua vez, são a tônica do texto.

Texto #3

Carlos Henrique Neves de Azeredo

1951 - 2020

Carlão fazia amigos por onde andava no Rio e orgulhava-se da família grande que construiu.

O Carlos ou o Carlão fazia amigos por onde andava no Rio. “Não havia como encontrá-lo sem abraçá-lo e beijá-lo”, lembra a enteada Julia Espindola.

Sua vida ganhou mais alegria aos seis anos quando a mãe, Vera, se uniu a Carlão. E aí, como agregar pessoas era um dom incrível de seu padrasto, a família foi só aumentando. Vieram também Tatiana e Marcelo Neves, filhos do casamento com Rose, com quem Carlos e Vera tinham uma linda e sólida amizade. E assim, somados aos amigos, ele celebrava a vida, de preferência, fazendo “aquele” churrasquinho. Estar com os seus era o que Carlão mais gostava de fazer. E que orgulho ele tinha da família grande e unida que construiu.

Não só pelos momentos de comemorações que será lembrado. Ao agradecer por tudo o que o pai representou em sua vida, a filha Tatiana revela o coração mole de Carlos: “Obrigada por tudo o que você me ensinou, por todas as suas broncas, seus conselhos, por cada lágrima que deixava cair vibrando pelas nossas conquistas”. Ser levada ao altar por seu amado paizinho no dia de seu casamento está entre as lembranças mais felizes de Tati e de todos os que testemunharam o momento. Já Marcelo encontra paz nas lembranças construídas pelo pai ao cumprir com louvor a sua missão na Terra. “Traz conforto saber que você só está vivendo em outro plano, com esse espírito do bem, justo que sempre foi. Sou grato por tudo o que construiu e sei que um dia nos encontraremos novamente”, reflete o filho.

Não é à toa que o tamanho do coração e a alegria de viver desse carioca são exaltados por todos aqueles com quem Carlão convivia. No comércio da rua, era um rosto conhecido e passava cumprimentando as pessoas pelo nome. Também era muito benquisto pelos companheiros de pescaria, do clube de moto Águia de Ouro, dos amigos que fez numa vida inteira de trabalho no Banco Central e ainda pelos que se reuniam para ver o jogo do Fluzão.

Apesar de se despedir tão cedo, se dedicou a amar e curtiu muito a vida com os seus. E é por isso que a Tati e o Marcelo, ao caminhar pelas ruas do Rio, podem dizer com todo orgulho do mundo: “Sim, eu sou filho do Carlão”.

Carlos nasceu em Niterói (RJ) e faleceu no Rio de Janeiro (RJ), aos 68 anos, vítima do novo coronavírus. (INUMERÁVEIS, 2020, online)

A tabela 4, abaixo, enumera as estratégias identificadas nesse último caso.

<b>Tipos de objetivação</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Exemplo</b>
Citação em aspas	4	“Não havia como encontrá-lo sem abraçá-lo e beijá-lo”, lembra a enteada Julia Espindola.
Estatísticas e didatismo	1	Carlos nasceu em Niterói (RJ) e faleceu no Rio de Janeiro (RJ), aos 68 anos, vítima do novo coronavírus.
Instituições citadas	0	
<b>Tipos de subjetivação</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Exemplo</b>
Descrição de cenas, ambientes e personagens	2	Ser levada ao altar por seu amado paizinho no dia de seu casamento está entre as lembranças mais felizes de Tati e de todos os que testemunharam o momento.
Ênfase e intensidade	4	E aí, como agregar pessoas era um dom incrível de seu padrasto, a família foi só aumentando.
Verbos e expressões de sentimento	8	Ser levada ao altar por seu amado paizinho no dia de seu casamento está entre as lembranças mais felizes de Tati e de todos os que testemunharam o momento.

Tabela 4 - Estratégias de objetivação e de subjetivação, texto #3

O texto, em relação aos outros, apresenta mais elementos de objetivação, com quatro citações em aspas. Além delas, apenas a definição de onde o personagem nasceu e onde morreu, e sua idade, compõem os itens que oferecem dados verificáveis sobre quem foi Carlos. Os elementos de subjetivação aparecem em número bem superior.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos de “Inumeráveis” analisados apresentaram um padrão narrativo coeso, sem grandes variações. Em relação às estratégias de objetivação, destaca-se o uso de *citações em aspas* em número pequeno – o que chama a atenção, uma vez que é dos recursos mais comuns em textos jornalísticos.

Outras categorias de objetivação que apareceram nos textos foram *estatísticas* e *didatismo*. A presença constante, no entanto, decorre da escolha por registrar sempre, como era de se esperar, o local e a data de nascimento e de morte de cada vítima.

Se faltam elementos de objetivação, não faltam os de subjetivação nos textos. *Ênfase e intensidade* e *verbos de expressões de sentimentos* são os com maior frequência. Algumas características do projeto ajudam a entender o porquê disso. Os relatos são, a princípio, enviados por familiares ou amigos da vítima, e só depois revisados e adaptados por alguém da equipe do projeto. Dessa forma, é natural que os relatos venham carregados de elementos subjetivantes decorrentes da visão de quem o envia.

Essas características são mantidas nos textos mesmo após o processo de edição, o que indica uma clara escolha editorial pela subjetivação. Os efeitos dessa escolha narrativa acabam por criar textos que fogem às características do jornalismo tradicional.

A consequência mais clara é que esses textos conseguem atingir o que o projeto se propõe, humanizar os relatos sobre as vítimas da pandemia do novo coronavírus, por meio do investimento intensivo em recursos subjetivantes.

Aspecto negativo é falta de padronização do tamanho dos textos, o que pode dar a ideia de que determinados personagens são mais importantes do que outros. Há que se lembrar, porém, que o projeto trabalha com a matéria-prima dos relatos fornecidos por terceiros, e que mesmo contando com equipe numerosa de voluntários, o volume de obituários exigiria dedicação integral de qualquer equipe para que um padrão fosse mantido em seu conjunto.

De todo modo, certamente os relatos de Inumeráveis merecem ser estudados mais profundamente e discutidos no sentido de compreender de que maneira essas novas iniciativas podem contribuir para enriquecer o repertório de narrativas sobre tragédias como a atual e como essas estratégias podem (ou não) ser incorporadas pela mídia profissional.

## REFERÊNCIAS

APPEL, Camila. **Projeto 'Inumeráveis' cria memorial de vítimas da Covid-19 no Brasil**. Folha de S.Paulo. 7. Mai 2020.

BBC. **Cloroquina**: estudo brasileiro 'padrão ouro' reforça evidências mundiais de que medicamento é ineficaz, dizem autores. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-53522399>. Acesso em: 25 jul. 2020.

CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

DE TROI, Marcelo; QUINTILIO, Wagner. **Coronavírus**: lições anti-negacionistas e o futuro do planeta. Disponível em [blog.scielo.org/blog/2020/03/31/coronavirus-lico-es-anti-negacionistas-e-o-futuro-do-planeta](http://blog.scielo.org/blog/2020/03/31/coronavirus-lico-es-anti-negacionistas-e-o-futuro-do-planeta). Acesso em: 20 jul. 2020.

ESSENFELDER, Renato. **Hibridismos narrativos**: recursos literários na grande reportagem contemporânea. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 37-54, set./dez. 2017.

FOLHA DE S. PAULO. **Aqueles que perdemos**: Histórias de vítimas do novo coronavírus. Disponível em: <https://arte.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/historias-das-vitimas-do-novo-coronavirus/>. Acesso em: 15 jul. 2020.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. L&PM, 2015.

IAQUINTO, Kalinka. **Desinformação como estratégia de governo intensifica crise de COVID-19 no Brasil**. In: IJNET, Rede de Jornalistas Internacionais. Disponível em <https://ijnet.org/pt-br/story/desinforma%C3%A7%C3%A3o-como-estrat%C3%A9gia-de-governo-intensifica-crise-de-covid-19-no-brasil>. Acesso em 21 jul. 2020.

IJUIM, Jorge Kanehide; SARDINHA, Antonio Carlos. **Algumas meias verdades sobre a narrativa jornalística... e a busca por um jornalismo humanizado**. In: *Comunicação & Sociedade*, 2009. P. 155-176.

JOHNS HOPKINS. **Coronavirus Research Center**. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso em 26 jul. 2020.

JORNAL NACIONAL. **Íntegra** de 20 jun. 2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8641367/>. Acesso em 20 jul. 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde sem Fake News**. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/component/tags/tag/novo-coronavirus-fake-news?>. Acesso em: 27 jul.2020.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007. p.143-167.

NATURE. **Virology**: Coronaviruses. Nature 220, 650 (1968). Disponível em: <https://doi.org/10.1038>. Acesso em: 24 jul. 2020.

O GLOBO. **Da 'gripezinha' ao 'e daí?', confira as reações de Bolsonaro enquanto aumentavam as mortes pela pandemia no Brasil**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/da-gripezinha-ao-dai-confira-as-reacoes-de-bolsonaro-enquanto-aumentavam-as-mortes-pela-pandemia-no-brasil-24402593>. Acesso em: 25 jul. 2020.

PÚBLICA. **Jornalistas arriscam a vida na crise do coronavírus em meio a demissões, cortes de salário e agressões do presidente**. Disponível em: <https://apublica.org/2020/05/jornalistas-arriscam-a-vida-na-crise-do-coronavirus-em-meio-a-demissoes-cortes-de-salario-e-agressoes-do-presidente/>. Acesso em 25 jul. 2020.

THE GUARDIAN. **The Guardian view on Covid-19 and cults of strength: the weakest response.** Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/may/28/the-guardian-view-on-covid-19-and-cults-of-strength-the-weakest-response>. Acesso em: 25 jul. 2020.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 4ªed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

# CAPÍTULO 4

## COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA VISUAL: ABORDAGENS NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

*Data de aceite: 01/05/2021*

*Data de submissão: 06/04/2021*

### **Ana Cláudia de Araújo Santos**

Departamento de Antropologia e Museologia  
Universidade Federal de Pernambuco  
Recife, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0002-0240-184X>

### **Edvaldo Carvalho Alves**

Departamento de Ciência da Informação  
Universidade Federal da Paraíba  
João Pessoa, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0001-9484-2097>

**RESUMO: Objetivo:** O presente artigo apresenta uma discussão acerca da comunicação científica realizada com base em registros visuais, conceituada como comunicação científica visual. Para tal abordagem, realizou-se uma revisão integrativa buscando identificar, a partir de um levantamento na Base de Dados Referenciais de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), na Base de Dados de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD/IBICIT) e nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), a compreensão acerca desse conceito e de como a comunicação científica visual é discutida na área da Ciência da Informação (CI) brasileira, com ênfase nos documentos iconográficos. Método: Do ponto de vista metodológico esse estudo, caracteriza-se como uma pesquisa exploratória

e descritiva de base documental com abordagem mista. Resultados: Os resultados levantados evidenciam que a comunicação realizada nessa área do conhecimento se restringe aos documentos escritos e textuais, com ênfase na análise bibliométrica de periódicos científicos. Conclusões: Assim, tem-se como consideração final que há uma incipiência de trabalhos que contemplam os registros visuais como sendo portadores de um dado conhecimento científico que possibilita a divulgação de informações científicas sobre uma determinada temática. Destarte, o trabalho inicial realizado possibilita um debate que verse sobre a referida temática contribuindo para uma discussão mais abrangente no que concerne à publicização da produção de informações científicas.

**PALAVRAS - CHAVE:** Comunicação científica visual; Canais de comunicação; Documentos iconográficos; Revisão integrativa.

### **VISUAL SCIENTIFIC COMMUNICATION: APPROACHES IN INFORMATION SCIENCE**

**ABSTRACT: Objective:** The study presents a discussion about scientific communication realized based on visual records, conceptualized as visual scientific communication. For that approach, it is developed an integrative revision in order to identify, from a survey in the Base for Reference Data of Articles and Journals in Information Science (BRAPCI), in the Data Base of Thesis and Dissertations of the Brazilian Institute of Information in Science and Technology (BDTD/IBICT), and in the annals of the National Meeting of Research in Information Science

(ENANCIB), the comprehension about this concept and how visual scientific communication is discussed in the area of Brazilian Information Science (IS), with emphasis on iconographic documents. **Methods:** From the methodological point of view, this study is characterized as an exploratory and descriptive research based on a documentary approach with a mixed approach. **Results:** The surveyed results evidenced that the communication developed in that area of knowledge is restricted to textual and written documents, with emphasis on the bibliometric analysis of scientific journals. **Conclusions:** Thus, in the final considerations it is shown that there is an incipency of works which contemplate visual records as bearers of a given scientific knowledge that enable the divulgation of scientific information about a determined theme. This way, the developed initial work enables a debate about the referred theme, contributing to a more comprehensive discussion in relation to the advertising of the production of scientific information.

**KEYWORDS:** Visual scientific communication; Communication channels; Iconographic documents; Integrative revision.

## 1 | INTRODUÇÃO

O processo de comunicação tem sido marcadamente pautado em uma diversidade na linguagem que mescla o textual e o imagético; essa situação representa o processo histórico a que a humanidade tem sido submetida ao longo do seu desenvolvimento. Em relação ao aspecto imagético, destaca-se a forte influência da inserção dos equipamentos técnicos produtores de imagens e, sobretudo, a invenção e a produção da fotografia, que se constituiu num marco de visualidade e representações do real. (SOUSA; ZAFALON, 2014) “desde então, imagens obtidas a partir de exposições à luz revolucionaram a comunicação. A inserção de fotos em livros e jornais, a **documentação científica**, a criação do cinema são apenas uns dos exemplos de mudanças/invenções insurgidas da fotografia.” (SOUSA; ZAFALON, 2014, p. 93, grifo nosso).

A partir dessa mudança, o ser humano passou a conviver com uma grande multiplicidade de imagens, o que passou a influenciar a sua forma de compreender e ler o mundo. “[...] as fotos [as imagens de uma maneira geral] modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar. Constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver.” (SONTAG, 2004, p. 13).

Nesse sentido, “essa gramática e ética do ver” influenciam quem produz e quem consome as informações contidas nos ambientes em que o indivíduo circula, havendo uma relação de interdependência entre elas. Diante dessa constatação inicial, surge o interesse em compreender como a comunicação científica visual é abordada no âmbito da Ciência da Informação (CI) brasileira e como ela é disponibilizada para a comunidade científica. Assim, o presente trabalho apresenta os resultados de um levantamento de documentos realizado nas bases de dados, tais como, Base de Dados Referenciais de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), Base de Dados de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD/IBICIT) e nos anais do

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) que versam sobre a comunicação científica visual, bem como algumas considerações acerca do tratamento dos documentos iconográficos como canal para a comunicação científica.

O presente artigo encontra-se estruturado em cinco seções, a saber: a primeira, *Introdução*, apresenta as considerações iniciais e o objetivo da discussão que será exposta. A segunda seção, *Comunicação científica: algumas reflexões iniciais*, traz à baila a conceituação de comunicação científica e dos seus canais, enfatizando a sua abordagem tradicional quanto aos documentos escritos e textuais. A terceira seção, *Desenho metodológico*, expõe a caracterização da pesquisa e os percursos realizados para o seu desenvolvimento. A quarta seção, *Análise e discussão dos artigos levantados*, apresenta a análise realizada com os artigos levantados e quais os critérios de inclusão e exclusão para essa abordagem. E, para finalizar, *Considerações finais*, que salienta que os resultados sobre a comunicação científica na CI se restringem aos documentos escritos e textuais, com ênfase na análise bibliométrica de periódicos científicos.

## 2 | COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA: ALGUMAS REFLEXÕES INICIAIS

A comunicação científica é entendida, de acordo com Garvey (1979, p. 10), como “[...] todo espectro de atividades associadas com a produção, disseminação e uso de informação, desde a busca de uma ideia para pesquisa, até a aceitação da informação sobre os resultados dessa pesquisa como componente do conhecimento científico”.

O que se nota é que esta comunicação se volta para todo o processo de desenvolvimento da construção e comunicação do conhecimento científico e não apenas para o seu resultado final, ideia muito difundida por Ziman (1979) Ziman (1979, p. 116):

[...] a forma pela qual a investigação é apresentada à comunidade científica, o trabalho escrito em que são comunicados pela primeira vez os resultados, as críticas subsequentes, as citações de outros autores, o lugar que o trabalho irá afinal ocupar na mente das gerações futuras – tudo isso constitui parte tão importante de sua vida quanto o germe da ideia que deu origem a tudo ou a aparelhagem altamente especializada na qual foi testada e aprovada a hipótese. Ziman (1979, p. 116)

Sobrelevam-se, na ideia supracitada, os canais pelos quais o conhecimento científico é comunicado, classificados por Meadows (1999) como formal e informal. O primeiro constitui-se em registros de informações presentes em livros e periódicos tendo um caráter mais duradouro, enquanto o informal tem um caráter mais efêmero e se utiliza da fala para transmitir informações, a exemplo de conversas pelo telefone e face a face (MEADOWS, 1999, p. 116).

Em relação aos canais de comunicação formal, Araújo (1978, p. 9), as “principais fontes de informação utilizadas são documentos, os quais de uma maneira geral podem ser classificados em literatura primária e literatura secundária” (ARAÚJO, 1978, p. 9 apud

GONÇALVES, FREIRE, 2007), e se encontram assim listados:

documentos ou literatura primária: periódicos: artigos, revistas, jornais técnicos; livros e monografias; dicionários, glossários e tesouros; diretórios; enciclopédias; relatórios: anuais, finais, técnicos, de atividades em andamento, de projetos; teses, enquanto que os documentos ou literatura secundária: resumos; bibliografias; catálogos de publicações; traduções; revisões críticas: de literatura, do estado-da-arte; serviços automatizados: de índices, de resumos; alertas correntes (current contents); índices de citações (citation indexes); proceedings [anais] de eventos científicos. (GONÇALVES, FREIRE, 2007, p. 10)

Nota-se que a conceituação de documento apresentada é a da concepção tradicional, não sendo referenciados os documentos iconográficos<sup>1</sup>, por exemplo, como sendo canais de comunicação para a comunicação científica. Aqui subjaz a problemática do artigo em tela: as discussões apresentadas, na Ciência da Informação, acerca da comunicação científica se voltam para os canais formal e informal, contudo, nestas discussões, a inclusão dos documentos iconográficos ainda é inicial, fato sugestivo da necessidade de ampliação dos estudos.

Esta afirmação pode ser ratificada pelos resultados obtidos no projeto de pesquisa intitulado Correntes teórico-epistemológicas da Ciência da Informação no Brasil e dinâmica de efluentes e afluentes (2009-2012) (renovado 2012-2016), coordenado por Pinheiro. O objetivo do projeto, de acordo com Pinheiro (2012, p. 115), foi “identificar os cursos de pós-graduação, as temáticas, autores, instituições, pesquisadores, grupos de pesquisa e associação de pesquisa, além de eventos e iniciativas que impulsionaram a sua constituição e desenvolvimento como subárea da Ciência da Informação, em nosso país”. Utilizando o método da bibliometria, foram identificados as temáticas e os autores que trabalham acerca deste tema. O levantamento da literatura contemplou publicações internacionais (1966-1995) e publicações nacionais (1972-2004), recorte temporal estabelecido a partir da formulação conceitual da Ciência da Informação, que ocorreu nos anos de 1961 e 1962, na Geórgia (PINHEIRO, 2012, p. 115).

O quadro a seguir apresenta a condensação dos dados levantados na referida pesquisa. A temática relacionada aos “canais de comunicação científica”, em destaque, é o foco da abordagem que se apresenta na presente proposta.

---

<sup>1</sup> Integram esta tipologia documental os documentos que contêm imagens fixas, desenhadas, impressas ou fotografadas (ARQUIVO NACIONAL, 2005).

<b>Temas dos artigos</b>	<b>Nº dos artigos</b>	<b>%</b>
Comunicação científica	17	30,9
Periódicos científicos	12	21,8
Produção científica	12	21,8
Acesso aberto	5	9,3
<b>Canais de comunicação científica</b>	<b>4</b>	<b>7,2</b>
Colégios virtuais	1	1,8
Crescimento da literatura	1	1,8
Frente de pesquisa	1	1,8
Gatekeepers	1	1,8
Rede de colaboradores	1	1,8
<b>Total</b>	<b>55</b>	<b>100</b>

Quadro 1- Temas dos artigos de comunicação científica, por frequência

Fonte: PINHEIRO, 2012, p. 138

Dos quatro artigos publicados nos anos de 1979<sup>2</sup>, 1983<sup>3</sup>, 1984<sup>4</sup> e 2007<sup>5</sup>, nenhum deles faz referência aos documentos iconográficos como um canal de comunicação científica, nem formal, tampouco, informal. A abordagem apresentada pelos autores destas publicações parte dos pressupostos teóricos que consideram a comunicação científica baseada nos suportes impressos e digitais, de tal forma, que ainda se mantém com construções de textos lineares, revelando, assim, a tradição textual.

Contrariamente à abordagem anterior, parte-se da concepção sobre a linguagem visual para a elaboração de uma comunicação, a comunicação visual, aqui entendida como uma representação de um dado conteúdo por meio de uma linguagem que se utiliza da visualidade expressa nos documentos, os quais, segundo Munari (2001, p. 16, grifo nosso) Munari (2001) vão “[...] desde o **desenho** à **fotografia**, à plástica, ao cinema: das formas abstratas às reais, das imagens estáticas às imagens em movimento, das imagens simples às imagens complexas [...]”. Munari (2001, p.16, grifo nosso).

Corroborando com esta definição, Oliveira e Conduru (2004, p. 336, grifo nosso) destacam que “incluem-se nos conceitos de iconografia ou ilustração as imagens obtidas tanto através de métodos manuais de representação como **desenho**, pintura e gravura, quanto de reprodução técnica, como a **fotografia**”. Assim, os documentos iconográficos portam um conjunto de informações que é elaborado a partir de uma reunião de códigos

2 CRISTOVÃO, Heloisa Tardin. Da comunicação informal a comunicação formal: identificação da frente de pesquisa através de filtros de qualidade. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 4, n.1, 1979.

3 CURVO, Plácido Flaviano. Comunicação informal entre pesquisadores e extensionistas na área agrícola. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 12, n. 2, 1983.

4 FREIRE, Isa Maria. Comunicação de informações tecnológicas para o meio rural. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 13, n. 1, 1984.

5 GONÇALVES, Marcio; FREIRE, Isa Maria. Processo de comunicação da Informação em empresas de uma incubadora tecnológica. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 2, 2007.

visuais os quais se podem ser comunicados por vários meios de comunicação. Nesse aspecto, retomam-se os conceitos de canal formal e canal informal da comunicação científica.

A comunicação científica formal “se dá através de diversos meios de comunicação escrita, com destaque para livros, periódicos, obras de referência em geral, relatórios técnicos, revisões de literatura, bibliografias de bibliografias” (TARGINO, 2000, p. 18). Enquanto que “a **comunicação científica informal** consiste na utilização de canais informais, em que a transferência da informação ocorre através de contatos interpessoais e de quaisquer recursos destituídos de formalismo, como reuniões científicas, participação em associações profissionais e colégios invisíveis” (TARGINO, 2000, p. 19, grifo nosso) (TARGINO, 2000, p. 19). Da junção destas definições da tipologia comunicacional origina-se uma terceira, a comunicação semiformal, apresentando características da formal e da informal (TARGINO, 2000, p. 21).

Considerando-se a ideia supracitada, fica evidente que todo conhecimento científico se utiliza de um desses meios de comunicação para ser comunicado a uma comunidade científica. De maneira que, no âmbito dos recursos comunicacionais documentais, a disponibilização do conhecimento científico ocorre com o uso de vários tipos de documentos – aqui entendidos como toda produção que emite uma mensagem por meio da escrita, **imagens** ou sons –, que foram produzidos com o intuito de divulgar ou comunicar o conhecimento produzido (RIBEIRO; SANTOS, 2016, grifo nosso).

### 3 | DESENHO METODOLÓGICO

A pesquisa desenvolvida em relação ao objetivo é exploratória e descritiva, uma vez que nela se analisou uma dada realidade com o objetivo de compreendê-la (GIL, 1991); em relação à fonte, é documental, pois buscou “especificar as propriedades e as características importantes” de um dado fenômeno a ser analisado (SAMPIERI, 2006, p. 102). A sua abordagem é quanti-qualitativa, constituindo-se numa abordagem mista, em que houve uma combinação de caracterização dos dados estatísticos com análise e interpretação dos fenômenos identificados atribuindo-lhes significados (SAMPIERI, 2006; BARDIN, 2009).

Ademais, o fio condutor para a realização do levantamento de documentos foi a revisão integrativa, que se constitui num procedimento específico que possibilita o acesso a um resumo de uma literatura tanto empírica como teoricamente, fornecendo uma compreensão mais abrangente de um dado fenômeno, permitindo, assim, a produção de um conhecimento novo, fundamentado em resultados de trabalhos anteriores (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008). A revisão integrativa se fundamenta em seis etapas que se encontram correlacionadas, a saber: a) identificação do tema e seleção da questão de pesquisa; b) estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão; c) identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados; d) categorização dos estudos selecionados; e)

análise e interpretação dos resultados; 6) apresentação da revisão/síntese do conhecimento (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

A primeira etapa, identificação do tema e seleção da questão de pesquisa, se constitui na etapa base que norteará a realização de toda a revisão integrativa; é ela que subsidiará a seleção da temática e a questão de pesquisa a serem elaboradas durante o desenvolvimento da pesquisa. Além disso, contemplará a definição das palavras-chave e dos descritores que serão utilizados no mecanismo de busca (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

Assim, foi definida como questão norteadora a seguinte pergunta: como a comunicação científica visual é abordada na Ciência da Informação? Visando a atender aos critérios sugeridos para a elaboração da revisão integrativa, as seguintes bases de dados foram selecionadas:

<b>BASE DE DADOS</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
<b>IBICT</b>	Base de dados que “integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil” <sup>6</sup> ;
<b>BRAPCI</b>	Base de dados nacional com referencial na área de Ciência da Informação (CI);
<b>BENANCIB<sup>7</sup></b>	Repositório que disponibiliza os trabalhos e palestras do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB).

Quadro 2 – Fontes de informação selecionadas

Fonte: Elaborada pelos autores (2017)

A seleção das bases de dados está relacionada ao fato de estas se constituírem em ferramentas referenciais na área da Ciência da Informação que contemplam um conjunto de publicações nacionais e internacionais. Os anais do ENANCIB foram selecionados, pois contêm os artigos do GT 07 – (Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação), que tratam especificamente de publicações sobre a comunicação da informação científica.

A segunda etapa, estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão, está relacionada diretamente com a anterior, por isso o problema deverá ser bem delimitado, possibilitando uma abrangência de estudos diversificados, uma vez que a seleção sempre se inicia de maneira mais ampla e depois vai sendo reduzida, ao retornar à questão norteadora do estudo. Destaca-se também que os critérios de inclusão e exclusão devem ser bem objetivos, claros e especificados no estudo que se pretende realizar (BOTELHO;

6 Disponível em: <<http://bdt.d.ibict.br/vufind/>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

7 Disponível em: <<http://repositorios.questoesemrede.uff.br>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

CUNHA; MACEDO, 2011). Os critérios de inclusão, para este estudo, foram os seguintes: 1) presença de descritores no título, resumo e/ou palavras-chave e 2) se há texto completo. Enquanto os critérios de exclusão foram: 3) artigos com entrada duplicada; 4) artigos que não contemplam comunicação científica e visual; 5) trabalhos que não tenham sido produzidos na área da Ciência da Informação e, 6) se não há texto completo.

Na terceira etapa, “identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados”, realiza-se uma leitura dos artigos selecionados, com ênfase no título, resumo e palavras-chave, verificando sua adequabilidade aos critérios de inclusão. Caso este procedimento não seja o suficiente para a análise, lê-se o artigo na íntegra (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011). Dessa forma, tal método foi seguido com a especificação do nome do(s) autor(es), do título, do ano da publicação, além da explicitação dos tipos de trabalho que foram apresentados, no ENANCIB, se comunicação oral ou pôster.

A quarta etapa, categorização dos estudos selecionados, “tem por objetivo sumarizar e documentar as informações extraídas dos artigos científicos encontrados nas fases anteriores” (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011, p. 131), com a elaboração de categorias que atenderão aos objetivos do estudo, analisando informações sobre a quantidade da amostra e o método empregado nos estudos, por exemplo.

A quinta etapa, análise e interpretação dos resultados, “diz respeito à discussão sobre os textos analisados na revisão integrativa” (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011, p. 132). Há um direcionamento dos dados levantados e sua interpretação buscando perceber algumas lacunas e encaminhamentos para pesquisas futuras.

E, por fim, a sexta etapa, apresentação da revisão e/ou síntese do conhecimento que contempla todas as etapas desenvolvidas durante o processo da revisão integrativa, com a especificação de cada uma das fases e a exposição dos principais resultados obtidos (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011). Todas as etapas acima referenciadas serão apresentadas, a seguir, com considerações acerca do seu desenvolvimento.

## **4 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS ARTIGOS LEVANTADOS**

Para o levantamento bibliográfico realizado na Base de Dados Referenciais de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e na Base de Dados de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD/IBICIT), utilizou-se a estratégia de busca “comunicação científica” e “comunicação visual” (como esse conceito contempla imagens e fotografias, esses termos também foram incluídos para a realização da busca, desde que os mesmos estivessem correlacionados à comunicação científica) nos campos “busca” (todos os campos) e “pesquisar” (todos os campos), respectivamente.

Na busca realizada nos anais do GT 07 da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), relativa ao período compreendido entre

1994 e 2016, utilizou-se o critério de busca “comunicação científica” e “comunicação visual” – no título, resumo e texto completo. A seguir, apresentam-se os dados quantitativos e o critério de busca utilizado na presente pesquisa.

BASE DE DADOS	TERMO DE BUSCA	RESULTADOS
BRAPCI	Comunicação científica AND comunicação visual (todos os campos)	21
	Comunicação científica AND fotografia (todos os campos)	02
	Comunicação científica AND imagem (todos os campos)	05
ENANCIB	Comunicação científica AND comunicação visual (título, resumo e descritores)	12
	Comunicação científica AND fotografia (todos os campos)	08
	Comunicação científica AND imagem (todos os campos)	02
IBICT	Comunicação científica AND comunicação visual (todos os campos)	09
	Comunicação científica AND fotografia (todos os campos)	136
	Comunicação científica AND imagem (todos os campos)	142
RESULTADO		337

Quadro 3 – Estratégia de busca  
 Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Conforme listado no Quadro 3, foram retornados 337 arquivos, distribuídos em artigos de periódicos, dissertações e teses. Foi aplicado filtro (ordenar por área) para a base de dados BDTD/IBICT, pois esta indexa produção científica de todas as áreas do conhecimento e a presente pesquisa volta-se apenas para os produzidos na área da Ciência da Informação.

A etapa seguinte foi a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão para a análise e interpretação dos documentos recuperados, como apresentados anteriormente. Os critérios de inclusão foram: 1) presença de descritores no título, resumo e/ou palavras-chave e 2) se há texto completo. Enquanto os de exclusão foram: 3) artigos com entrada duplicada; 4) artigos que não contemplam comunicação científica e visual; 5) trabalhos que não tenham sido produzidos na área da Ciência da Informação e, 6) se não há texto

completo. Para a aplicação desses critérios, foi realizada a leitura dos artigos seguindo cada uma das especificações estabelecidas. A distribuição desses critérios fica assim distribuída: dos 337 artigos recuperados, 335 foram excluídos, pois não contemplavam os critérios de inclusão e, apenas 02 foram incluídos para a realização da análise, de maneira que só esses atenderam aos critérios de inclusão estabelecidos.

O retorno dos 335 artigos estava relacionado à associação dos descritores utilizados para a realização da busca e tais artigos não contemplavam a discussão da comunicação científica visual tendo como foco central a abordagem comunicação visual.

Nos anais do ENANCIB, apenas dois trabalhos que se encaixavam nos critérios estabelecidos para a busca foram encontrados, contudo, um dos trabalhos não atendia à discussão central, especificada neste estudo. O primeiro, um resumo – *Da disseminação seletiva à Web Syndication: uma proposta para a comunicação científica* – apresentado em forma de pôster, no VIII ENANCIB, ano 2007, versa sobre as novas tecnologias e revela de que modo houve uma adaptação aos novos formatos de suporte para o processo de disseminação da informação científica. Apesar de destacar a importância do periódico como principal meio de comunicação, também evidencia os modelos híbridos existentes. Ao referenciar o funcionamento da *Internet*, sobretudo, na questão das atualizações para os usuários, faz menção aos tipos de conteúdo disponibilizados digitalmente. Nesse aspecto, a palavra “imagem” é identificada uma vez, quando cita os tipos de conteúdo que são disponibilizados na WEB (texto, som, imagem e gráficos) (ALMEIDA, 2007).

O segundo artigo, intitulado *Comunicação científica visual e semiformal: registros fotográficos da doença de Chagas em Pernambuco em meados do século XX*, apresentado em formato de comunicação oral no XVII ENANCIB em 2016, se encaixava na especificação dos critérios. Esse artigo apresenta uma discussão sobre comunicação científica visual com uma análise voltada para um conjunto de fotografias da década de 1950, sobre a doença de Chagas<sup>8</sup>, compreendendo-as como canal semiformal para a publicização do conhecimento científico.

Os resultados encontrados com o desenvolvimento desta pesquisa corroboram o pensamento de Ribeiro (1993) Ribeiro (1993, grifo nosso):

a ciência através do seu sistema de controlo do ‘micro-meio’, as instituições da ciência, já permitiu ou aceitou a utilização da imagem na pesquisa e na **comunicação dos resultados**, no entanto, mesmo nas disciplinas em que esta se torna indispensável, não lhe atribuiu ainda o prestígio da escrita ou dos números. RIBEIRO (1993, n. p)

Este posicionamento ratifica a afirmação de que os documentos iconográficos são aceitos para a comunicação do conhecimento científico, entretanto, há uma incipiência de pesquisas que os analisem como meio de comunicação científica, de maneira que há uma

---

8 O referido artigo foi elaborado em coautoria por um dos autores do presente estudo, em 2016, e apresentado como comunicação oral no ENANCIB no mesmo ano.

prevalência dos estudos sobre os documentos escritos, sobretudo, o periódico, como canal para a comunicação científica.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de se comunicar é uma necessidade básica presente nas relações desenvolvidas em sociedade. A maneira como esse processo se dá vem sofrendo modificações ao longo dos anos, sobretudo, com o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação. Entre esses meios, destaca-se o que se baseia em um conjunto de códigos visuais, expressos através de desenhos, imagens, fotografias, que constituem, assim, os documentos iconográficos.

Dessa forma, a discussão em tela teve como objetivo apresentar uma abordagem sobre a comunicação científica com ênfase nos registros visuais, conceituada como comunicação científica visual. Para essa abordagem foi realizada uma revisão integrativa buscando identificar, a partir de um levantamento nas bases de dados Base de Dados Referenciais de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), Base de Dados de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD/IBICIT) e nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), a compreensão acerca desse conceito e de como a comunicação científica visual é discutida na área da Ciência da Informação (CI) brasileira, com ênfase nos documentos iconográficos.

O resultado da referida pesquisa apresenta um dado desafiador em relação ao tratamento e aos estudos sobre os documentos iconográficos, no que concerne aos canais para comunicação científica, uma vez que as pesquisas sobre tal temática são muito incipientes e revelam uma compreensão positivista no que tange à produção e disponibilização da informação e dos conhecimentos científicos baseados nos registros visuais. Assim, considera-se que a Ciência da Informação apresenta uma abordagem tradicional e conservadora em relação aos documentos visuais, sobrelevando a contribuição dos documentos escritos, aspecto que se apresenta de maneira dominante, salientando, dessa forma, uma lacuna sobre a utilização dos documentos imagéticos para a construção e comunicação do conhecimento científico. Contudo, sobreleva-se que, estudos sobre os documentos imagéticos como meio para a comunicação e divulgação científicas desenvolvidos em outras áreas do conhecimento, entre elas, Comunicação, Antropologia Visual e Tecnologia Educacional, podem contribuir com aportes teóricos e metodológicos para a elaboração de futuros estudos a serem desenvolvidos na área da Ciência da Informação sobre a temática aqui desenvolvida.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Robson Lopes de. Da disseminação seletiva à web syndication: uma proposta para a comunicação científica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**. Salvador: UFBA, 2007.

ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro Almeida; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**. Belo Horizonte, v.5, n. 11, p. 121-136, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/1220/906>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

BRAPCI [internet]. Paraná; c2018 [acesso em 10 jan. 2018]. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/>

CRISTOVÃO, Heloisa Tardin. Da comunicação informal a comunicação formal: identificação da frente de pesquisa através de filtros de qualidade. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 4, n.1, pp. 3-36, 1979.

CURVO, Plácido Flaviano. Comunicação informal entre pesquisadores e extensionistas na área agrícola. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 25-42, 1983.

ENANCIB [internet]. Rio de Janeiro; c2018 [acesso em 10 jan. 2018]. Disponível em:

FREIRE, Isa Maria. Comunicação de informações tecnológicas para o meio rural. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 13, n. 1, pp. 67-71, 1984.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GONÇALVES, Marcio; FREIRE Isa. Processo de comunicação da informação em empresas de uma incubadora tecnológica. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 36 n. 2, 16-26, mai./ago. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652007000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652007000200002)> Acesso em: 22 dez. 2017.

IBICT. [internet]. Brasília; c2018 [acesso em 10 jan. 2018]. Disponível em: <http://www.ibict.br/>

MEADOWS, Arthur. Jack. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renta Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: Método de pesquisa para incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 758-64, 2008.

MUNARI, Bruno. **Design e comunicação visual**: contribuições para uma metodologia didática. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OLIVEIRA, Ricardo. Lourenço; CONDURU, Roberto. Nas frestas entre a ciência e a arte: uma série de ilustrações de barbeiros do Instituto Oswaldo Cruz'. **História, Ciências, Saúde, Manguinhos**, v. 11, n. 2: p. 335- 384 mai/ago. 2004.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Constituição epistemológica e social da comunicação científica no Brasil. In: PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro, OLIVEIRA, Eloisa da Conceição Príncipe (orgs.). **Múltiplas facetas da comunicação e divulgação científicas**. Brasília: IBICIT, 2012. pp. 115-148. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/711/1/M%C3%BAltiplas%20facetas%20da%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20divulga%C3%A7%C3%A3o%20cient%C3%ADficas.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2017.

RIBEIRO, Emanuela Sousa; SANTOS, Ana Cláudia de Araújo. Comunicação científica visual e semiformal: registros fotográficos da doença de Chagas em Pernambuco em meados do século XX. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais do XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**. Salvador: UFBA, 2016.

RIBEIRO, José. **As imagens da Ciência**. Porto: Universidade Aberta, 1993. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/ribeiro-jose-as-imagens-da-ciencia.html>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

SAMPIERI, Roberto Hernández. **Metodologia de pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004. 227 p.

SOUSA, Raquel Juliana Prado Leite; ZAFALON; Zaira Regina. Acervos fotográficos em bibliotecas: um desafio metodológico. In: SOUSA; Lucília Maria Abrahão; FUJITA; Mariângela Spotti Lopes; GRACIOSO; Luciana de Souza (orgs.). **A Imagem em ciência da informação: reflexões teóricas e experiências práticas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

TARGINO, Maria das Graças. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. Paraíba: **Revista Informação & Sociedade: Estudos. João Pessoa**, v. 10 n. 2, pp. 1-26, 2000. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/326>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

ZIMAN, John. **Conhecimento público**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1979.

# CAPÍTULO 5

## PERNONA NON GRATA? AS REPRESENTAÇÕES DE MICHEL TEMER EM CARTA CAPITAL

Data de aceite: 01/05/2021

Data de submissão: 12/02/2021

### André Melo Mendes

Professor Associado do Departamento de Comunicação Social da UFMG, Doutor em Literatura Comparada, Belo Horizonte Minas Gerais, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0003-0525-8978>

### Janaina Barcelos

Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social da UFRN. Doutora em Estudos Linguísticos – Análise do Discurso Natal, Rio Grande do Norte, Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/9206365815349191>

**RESUMO:** Este estudo busca analisar as imagens de Michel Temer, político do PMDB que ocupa a presidência do Brasil desde o impeachment da presidenta eleita Dilma Rousseff, veiculadas nas capas da revista semanal de informação *Carta Capital*, durante ano de 2017. Nosso *corpus* inclui todas as edições em que ele aparece nas capas durante esse período. Procuramos verificar quais as representações sociais são mobilizadas para a construção de um imaginário sobre o indivíduo Michel Temer e seu papel como presidente da nação. A metodologia empregada busca referências no campo semiótico e da Análise do Discurso. A análise faz parte de uma pesquisa em andamento que verifica também as outras revistas semanais de informação que circulam no Brasil, *Veja*, *IstoÉ* e *Época*, que trouxeram Temer na capa ao longo de 2017.

**PALAVRAS - CHAVE:** Análise de Imagem, Discurso, Michel Temer, Presidentes do Brasil

### PERSONA NON GRATA? THE REPRESENTATIONS OF MICHEL TEMER IN CARTA CAPITAL

**ABSTRACT:** This study aims to analyze the images of Michel Temer published on the cover of the weekly *Carta Capital* information magazine during 2017. Temer is PMDB politician who has held the presidency of Brazil since the impeachment of President-elect Dilma Rousseff. Our corpus includes all the issues in which it appears on the covers during this time. We try to verify which social representations are mobilized for the construction of an imaginary about the figure of Michel Temer and his role as president of the nation. The methodology used seeks references in the semiotic field and Discourse Analysis. This analysis is part of an ongoing research that also verifies the others weekly magazines of information that circulate in Brazil, *Veja*, *IstoÉ* and *Época*, that brought Temer on the cover throughout 2017.

**KEYWORDS:** Image Analysis, Discourse, Michel Temer, Presidents of Brazil

### INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar as imagens de Michel Temer veiculadas nas capas da revista *Carta Capital*, em 2017, período em que ele ocupa a Presidência da República. Nosso *corpus* inclui todas as edições em que ele aparece nas capas no ano. Procuramos verificar

quais representações sociais são mobilizadas para construção de um imaginário sobre o indivíduo Michel Temer e seu papel como presidente da nação. A metodologia empregada busca referências no campo semiótico e da Análise do Discurso.

Inicialmente, selecionamos as capas nas quais Temer foi retratado visualmente. Na *Carta Capital*, foram 11 aparições em 2017. A partir dessa seleção, as imagens foram analisadas segundo um método de base semiótica, ligado à linha peirceana, que tem semelhanças com os parâmetros desenvolvidos por Panofsky (2002) e conta com uma etapa analítica e outra sintética. Todavia, possui uma diferença fundamental: não considera o último nível da análise como proposto pelo pesquisador alemão, que afirma que a intuição de um leigo pode ser mais efetiva que a capacidade racional de um pesquisador.

Tomamos como noção teórico-metodológica central a abordagem semiótica porque ela nos permite uma possibilidade promissora de crítica das mensagens e dos discursos veiculados na imagem fixa bidimensional, incluindo não apenas a imagem em si, mas também o texto ao seu redor, inclusive sob o ponto de vista da sua visualidade. Quando nos referimos à semiótica, consideramos que tratamos com signos, o que implica vinculação às Teorias da Linguagem. Tal filiação subtende que consideramos a impossibilidade do acesso direto ao mundo que existe fora de nós.

Significa também que cada elemento na imagem bidimensional analisada (cada signo) tem, potencialmente, um sentido próprio, vinculado à sua inserção na sociedade a que pertence, em certo momento histórico. Esse sentido, entretanto, não é fixo e pode variar de acordo com outros elementos (signos) com os quais ele foi utilizado, da composição de que ele faz parte. Dependendo dos demais elementos aos quais foi vinculado, o contexto visual em que está inserido na imagem, então, seu sentido pode ser alterado e até invertido. Nas análises aqui realizadas, a síntese interpretativa tem como base as informações e inferências produzidas na fase analítica, ou seja, a interpretação será feita a partir dos dados objetivos levantados no primeiro momento de análise.

Para o estudo das capas, utilizamos, ainda, como conceitos operadores, as noções de intericonicidade (COURTINE, 2011), imagem sintoma e imaginários sociodiscursivos (CHARAUDEAU, 2006, 2013). A relação com outras imagens, presentes em nossa memória e cultura visual, é nomeada por Courtine (2011) de intericonicidade. O autor considera, nesse repertório, tanto imagens internas quanto externas estocadas pelos indivíduos, sejam elas vistas, imaginadas ou impressões de outras imagens.

O conceito de imagem sintoma, apresentado por Charaudeau (2006, 2013) dialoga com a noção de intericonicidade. Trata-se daquela imagem já vista que remete a outras imagens, por analogia formal (semelhança ou pontos de contato entre elas), ou por um discurso verbal interposto (algo que já leu ou ouviu relacionado a esse tipo de imagem), evidenciando que toda imagem possui certo poder de evocação, em diferentes graus.

A partir de uma abordagem discursiva, Charaudeau (2011) aponta a relevância de incluir esse aspecto na análise de imagens, como um dos mecanismos do processo de

construção do acontecimento , que seria o de referir, isto é, aquele em que uma imagem pode se tornar referência por meio de sua capacidade de tornar-se ícone com o tempo, devido a seu caráter emblemático. Esse mecanismo também se refere à intericonicidade, à tessitura que se opera entre diferentes imagens que balizam a cultura visual, nossos reflexos de leitura.

Os outros mecanismos que atuam na construção do acontecimento por meio do discurso imagético, segundo o autor, seriam i) relatar, dar a ver, documentar, tematizar o mundo, organizando nosso universo de referências, bem como identificar lugares e pessoas por meio da figuração; ii) comentar, uma vez que a imagem carregaria uma intencionalidade tripla (foto, autor, leitor), podendo conter uma visada ou dimensão argumentativa, conceitos propostos por Amossy (2006): iii) provocar, quando a imagem é capaz de tocar a emoção do interlocutor por meio de recursos dramáticos.

Essa repetição dos temas e formas em uma cultura, mesmo que com variações, acaba constituindo uma trajetória histórica que pode aderir a esses temas e formas. Em função disso, em uma análise de imagem, é importante mapear sua trajetória histórica e antropológica porque, nesse processo, significados (sentidos) são agregados ao significante (à forma/tema) – sedimentados e “cristalizados”. Esses significados podem sobressair-se mais ou menos em uma interpretação, dependendo do contexto.

A circulação desses sentidos a partir de discursos vários em diversas linguagens e tempos colabora para a construção e solidificação das chamadas representações sociais (MOSCOVICI, 2011). Elas são importantes para que tenhamos um repertório reconhecível de conhecimentos, crenças e opiniões que nos ajudam a nomear, compreender e julgar o mundo. Tais representações constituem mecanismos que engendram imaginários sociodiscursivos, ou seja, uma proposição de visão de mundo. O conceito de imaginário sociodiscursivo foi apresentado por Charaudeau (2007) para integrar o campo da Análise do Discurso, a partir da noção de representação social de Moscovici (2011) e de imaginários de Castoriadis (1975). Ele é discursivo porque se materializa em formas languageiras, e social pois circula na sociedade.

Portanto, no estudo da imagem, consideramos não apenas seus aspectos formais, suas relações com o contexto histórico, mas também o diálogo com outras imagens da História da Arte e da própria série fotográfica, ao estilo da metodologia proposta por Panofsky (2002).

Durante a síntese interpretativa, também empregaremos os conceitos operadores Discurso, Poder e Verdade, a partir da abordagem de Foucault (2014, 2012, 1979), para filtrar a informação, utilizando-os para melhor compreensão. Por meio deles, o autor desenvolve a reflexão de que tanto os discursos de verdade, quanto o que se entende por sujeito são constituídos a partir a articulação entre jogos de regras, mecanismos e estratégias de poder pertencentes às nossas práticas sociais e culturais (CANDIOTTO, 2010).

Por fim, a análise das capas pode ajudar a verificar quais representações de Michel Temer são mobilizadas, conduzindo a qual proposição de leitura, de visão sobre esse personagem da cena política brasileira. Importante reforçar que tal análise se dá em um contexto, portanto é fundamental verificar qual a situação de comunicação da troca comunicativa, isto é, quem são os interlocutores (instâncias produtora e receptora do discurso) e qual o contrato que rege a troca, a partir das colaborações da Teoria Semiolinguística, proposta por Charaudeau (2005).

## **ANÁLISE DAS CAPAS DE CARTA CAPITAL**

A revista *Carta Capital*, fundada em 1994, é um veículo semanal de informação. Em seu “Manifesto”, publicado em sua página na internet, a revista se propõe a fiscalizar o poder em suas várias dimensões e a perseguir a verdade factual, a serviço da democracia e da diversidade de opinião, contra o autoritarismo do pensamento único. A publicação assume um posicionamento alinhado à esquerda, porém mantém críticas aos partidos e decisões políticas de esquerda. Em 2006, declarou abertamente apoio à candidatura de Luís Inácio Lula da Silva (PT). Em nossa coleta, encontramos dez capas com a presença do presidente Michel Temer em 2017 (FIG. 2).



Figura 2 – Capas de *Carta Capital* de 2017 com Temer

Observa-se que, na *Carta Capital*, Temer aparece majoritariamente acompanhado de outros personagens. Em três capas, está ao lado de aliados e, em duas, ao lado do então procurador-geral da República, Rodrigo Janot – numa dessas capas com Janot também está presente o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Luiz Edson Fachin. Em três capas, Temer aparece só. Na mais recente, é retratado em embate com quem era aliado, mas, agora, pode se tornar adversário.

Sua presença surge como protagonista na maioria das capas, intercalando posições em que aparenta liderança ou cumplicidade com companheiros, e outras em que figura como alvo (literalmente ou não). Nas cenas em grupo, Temer se encontra junto a outros personagens controversos da política brasileira, envolvidos em casos de corrupção, seja como acusados, seja como membros do Judiciário. Nas imagens sozinho, está em posição

fragilizada.

Em relação ao texto, observa-se o uso de palavras e expressões que remetem tanto ao papel de criminoso (capo é abreviatura de *caporgime* ou *capodecina*, cargo de grande importância na hierarquia das famílias da máfia italiana), quanto daquelas que tendem a conferir conotação pejorativa ao personagem, como os adjetivos vulnerável, pecador e ilegítimo, os substantivos vergonha, escárnio, negociata, carnificina e quadrilha, e as expressões rir do Brasil, custar caro, jogar na lama, complicar nossa vida.

As capas recorrem à nossa memória, a nosso repertório e cultura visual, ao buscar estabelecer relações intericônicas, intertextuais e interdiscursivas, estratégia que permite uma possível identificação do leitor com o discurso, devido à partilha de universos de conhecimentos e crenças.

## INTERDISCURSIVIDADES

A capa com a manchete “Todos os homens do capo” propõe conexão tanto com o título do filme “Todos os homens do presidente”, o qual remete ao caso Watergate (crime que levou à renúncia do presidente dos EUA, Richard Nixon), quanto ao fato do então presidente norte-americano estar cercado de seus homens, assim como Temer, que aparece na imagem rodeado por ministros e principais interlocutores, investigados na Lava-Jato. Tal relação conduz a representações do ilícito, do crime na política, associando-as, portanto, a Temer.

Parece-nos haver, ainda, uma ligação imagética, mais sutil, com o filme “O poderoso chefão”, uma vez que Dom Corleone também sempre estava cercado de seus homens e aparece em cenas que envolvem almoços, jantares e festas. Já no campo verbal, a palavra “capo” colabora fortemente para essa associação com a máfia. É interessante notar que filmes como “O poderoso chefão” e “Good Fellas”, histórias relacionadas à máfia, fazem sucesso no imaginário do povo brasileiro.

Tal referência a “O poderoso chefão”, que traz à tona o universo da máfia, pode ser inferida também na capa da chamada “Os pecadores”. Nesse caso, pode-se fazer uma associação intericônica e interdiscursiva com o filme, no que se refere às relações de lealdade (ou quebra dela) entre os membros da “família”.

No filme, é célebre a cena em que Michael Corleone dá, em seu irmão Fredo (que o traiu), o famoso “beijo da morte”, costume da Sicília segundo o qual, quando um homem beija outro, significa que um dos dois deve morrer. Na cena do filme, Corleone diz ao irmão: “Eu sei que foi você, Fredo. Você partiu meu coração!”. Na capa anterior em que Temer aparece, Eduardo Cunha já vinha nomeado como “o vilão da Lava-Jato”, acusado de chantagear Temer. Enquanto Temer está solto, Cunha foi preso, o que pode evocar a ideia de Judas/traidor para Temer (FIG. 3).

Outro detalhe é que Cunha era um dos homens fortes da bancada evangélica, e

a palavra pecador remete o sentido nessa direção. Nesse campo religioso, lembramos que muitos brasileiros se sentiram traídos, como Cristo, com a ascensão de Temer à presidência, e outros tantos pelo modo como conduziu seu governo.

A referência a Judas, maior traidor da história cristã, mesmo que sutil, pode ser percebida também na imagem de Temer com a corda no pescoço. Segundo a Bíblia, Judas suicidou-se enforcando-se em uma árvore. Há uma série de representações nas quais Judas aparece com uma corda no pescoço. A remissão à corda no pescoço é ainda mais evidente para os brasileiros que foram educados com a famosa imagem de Tiradentes, comum nos livros de história tradicionais (FIG. 4). No entanto, ao contrário da ideia de mártir presente no imaginário sobre Tiradentes, no caso de Temer, os sentidos podem se direccionar mais para a traição ao país, conforme a tendência político-ideológica da publicação.

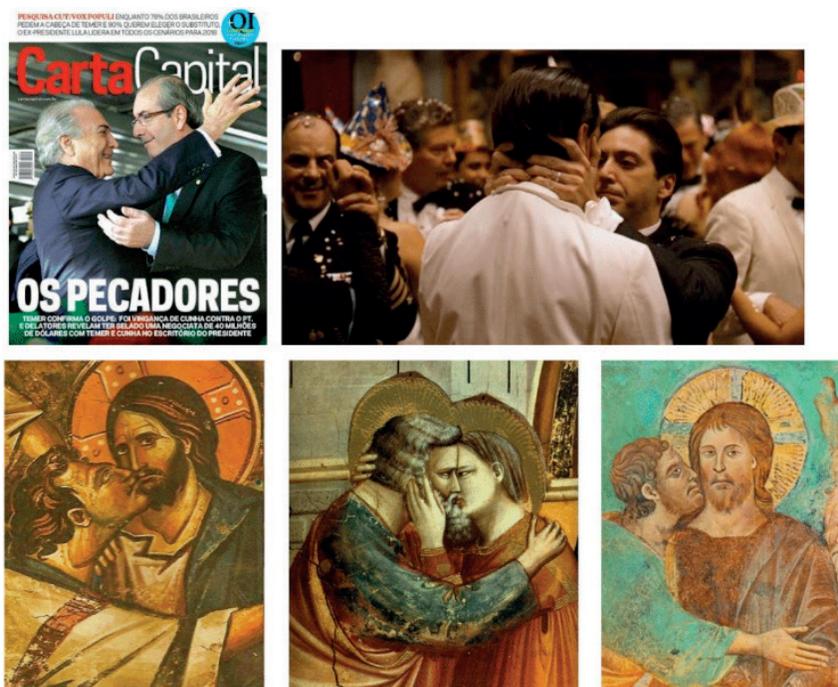


Figura 3 – Possíveis relações interdiscursivas e intericônicas: o sentido de traição na capa da revista, no filme e nas representações artísticas de Cristo e Judas



Figura 4 – Possíveis relações entre representações imagéticas

Além disso, “com a corda no pescoço” é expressão conhecida na sociedade brasileira que remete à ideia de que aquele que está com a corda no pescoço, tal como quem será enforcado, está sem tempo ou sem opções.

Outra referência interessante é a fechadura, por meio da qual a revista exhibe o presidente em uma pose que remete a desânimo, cansaço, esgotamento. Essa pose, conjugada com o adjetivo “vulnerável” e a notícia do risco de ser delatado (por Cunha e por um *hacker*), contribuem para a produção de signos relacionados à ideia de desesperança e fragilidade.

Ser vigiado pelo buraco da fechadura remete a representações de mistério, de algo escondido, mas também conduz à ideia presente em “Alice no país das maravilhas” de que o outro lado da fechadura seria o mundo próprio de Alice, que ela consegue acessar por sua vontade. Tal relação pode levar à reflexão de que Temer se fecharia em seu próprio mundo. Considerando a linha editorial da *Carta Capital*, podemos entender como um mundo que ele usurpou por meio de um golpe, ideia reforçada pelo emprego das palavras golpistas, golpe, ilegítimo e assalto ao poder. A imagem que é acessada pelo buraco da fechadura é uma imagem, no mínimo, desautorizada, como se entrássemos, sem permissão, na intimidade do presidente, como se tivéssemos acesso a um segredo.

A imagem de Temer acessada pelo buraco da fechadura lembra a imagem veiculada da ex-presidenta Dilma nos últimos dias de seu governo (FIG. 5). Tal imagem foi utilizada pela mídia em geral para caracterizar a falta de apoio a Dilma, seu cansaço e desânimo. A repetição da mesma pose contribui para o leitor associar a Temer a ideia de que ele se encontra frágil e desanimado. Tal fragilidade está exposta também na fusão da imagem de Temer no centro de um alvo, como se vê na capa com a chamada “Vergonha” e também naquela com a manchete “Caça a Temer”.



Figura 5 – Exemplos de imagens da ex-presidente Dilma que guardam relação com a análise das capas de Temer

Na capa com a chamada “Vergonha”, há certo humor na montagem. O então procurador-geral da República, Rodrigo Janot, é representado como índio, em referência à frase dita por ele, “enquanto houver bambu, vou mandar flechas”, significando que, mesmo próximo do término da sua função, ele continuaria ativo no trabalho de denúncia contra o presidente.

A capa “Caça a Temer” é uma variação da comentada anteriormente. Temer continua sendo o alvo, entretanto, agora, aquele que vai atirar nele não é mais um índio, nem serão flechas de bambu. A imagem sugere que Temer está na mira telescópica de um *sniper*<sup>1</sup>.

As capas de *Carta Capital* usaram, algumas vezes, a dinâmica de remeter a ditados populares, como no caso da expressão “Com a corda no pescoço”, que significa que a pessoa está com pouco tempo ou em perigo, e “Está na mira” (da justiça, por exemplo), que também significa que a pessoa corre perigo.

<sup>1</sup> Nos últimos anos, com o crescimento dos jogos e dentro desse segmento dos jogos associados à guerra, a figura do soldado *sniper* se tornou popular. A forma de ação desse tipo de soldado ficou ainda mais célebre com o filme “Sniper americano” (2015) que obteve grande sucesso. O *sniper* é um soldado especialista em acertar e eliminar seu alvo.

## INTERPRETAÇÕES POSSÍVEIS

Nas imagens das capas de *Carta Capital*, percebemos que Temer é representado basicamente em duas situações: rindo ou tenso. No primeiro caso, aparece como um sujeito que ri do país, debocha da nação e, subentendido, merece ser punido. No segundo caso, é caracterizado como um indivíduo fragilizado, que corre perigo de perder seu poder e, subentendido, corre o risco de ser punido por ter se rido do país, aliado-se a pessoas “más”.

Em “Os Pecadores”, eles se riem e, em “Escárnio”, Temer ri do Brasil - nesse caso ele está em posição de poder. Quando se encontra entre Janot, (Ministério Público) e Fachin (STF), aparece fragilizado, como na imagem do buraco da fechadura. As capas em que surge fundido à imagem de um alvo, na mira do *sniper* e com a corda no pescoço remetem a ditados populares, em que o sujeito corre perigo.

No jogo das produções de verdade, *Carta Capital* parece querer passar a seguinte mensagem: Temer seria ruim porque debocha do país, está associado a criminosos (seu poder deriva dessas associações) e fragilizado porque está na mira da justiça (com poder ameaçado). Tais possíveis sentidos encontrariam respaldo nas intenções da instância produtora, uma vez que a revista se assume como posicionada à esquerda no campo político e contra o impeachment de Dilma Rousseff, considerado um golpe pela publicação, uma afronta à democracia, como demonstram os termos golpe, golpistas e assalto ao poder. Logo, Temer seria um usurpador, presidente ilegítimo, posicionamento percebido pelas escolhas do campo semântico e dos tipos de imagens empregados nas capas, que o situam em contextos discursivos negativos, que ora o fragilizam, ora o criminalizam, e até o ridicularizam.

Apesar de haver variações no modo de dar a ver o presidente, sua imagem carrega representações de homem sério, bravo, perigoso (capo), alegre (abraçando Cunha, Aécio e Gilmar), caçado (Judas?) e abatido. Nesse conjunto de imagens de Michel Temer, ele é, majoritariamente, representado negativamente.

## REFERÊNCIAS

Amossy, R. (2006). *L'argumentation dans le discours*. 2. éd. Paris: Armand Colin.

Candioto, C. (2010). *Foucault e a crítica da verdade*. Belo Horizonte: Autêntica.

Castoriadis, C. (1975). Les significations imaginaires sociales (pp. 493-538). In Castoriadis, C. *L'institution imaginaire de la société*. 5. ed. Paris: Seuil.

Charaudeau, P. (2013). Imagem, mídia e política: construção, efeitos de sentido, dramatização, ética (pp. 383-405). In Mendes, E. (Coord.). *Imagem e discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG.

Charaudeau, P. (2011) *Les médias et l'information*. L'impossible transparence du discours. 2. éd. Bruxelles: Éditions De Boeck Université; INA.

Charaudeau, P. (2007). Les stéréotypes, c'est bien, les imaginaires, c'est mieux (pp. 49-63). In Boyer, H. *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Langue (s), discours, Paris: Harmattan.

Charaudeau, P. (2006). A televisão e o 11 de setembro: alguns efeitos do imaginário [Versão eletrônica]. *Logos*, 1, 11-20.

Courtine, J. (2011). *Déchiffrer le corps: penser avec Foucault*. Grenoble: Édition Jérôme Millon.

Foucault, M. (2014). *A ordem do discurso: aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. Laura Fraga. São Paulo: Edições Loyola.

Foucault, M. (2012). *Ditos & Escritos IV: estratégia, poder-saber*. Motta, M.B. (Org.). Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault, M. (1979). *Microfísica do Poder*. Machado, R. (Org. e Trad.). 22 ed. Rio de Janeiro: Graal.

Moscovici, S. (2011). *Representações sociais*. Investigações em psicologia social. 8. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Panofsky, E. (2002). *O significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva.

# CAPÍTULO 6

## “PROMESSA DISCURSIVA”: UMA APOSTA INVESTIGATIVA PARA A ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO TELEVISUAL

Data de aceite: 01/05/2021

Data de submissão: 03/02/2021

**Fabiola Calazans**

Faculdade de Comunicação, Universidade de  
Brasília  
ID Lattes: 8248317960549628

**RESUMO:** A partir de uma reflexão teórico-metodológica acerca da noção de promessa de François Jost, apresenta-se a noção da “promessa discursiva” a fim de se pensar os processos comunicacionais televisivos em meio aos discursos cristalizados na sociedade. A “promessa discursiva” é uma aposta metodológica para se analisar o discurso televisivo, por meio do qual é possível investigar também o mundo vivente. Tal noção emerge como elemento importante para a análise da materialidade discursiva de produtos da cultura da mídia, na medida em que as promessas de seus discursos reconduzem e reforçam outros sentidos já assentados e aceitos pela cultura contemporânea. Acredita-se que esse caminho metodológico possa contribuir para que a Teoria da Comunicação expanda suas possibilidades epistemológicas acerca das investigações discursivas de produtos da cultura da mídia.

**PALAVRAS - CHAVE:** discurso; promessa discursiva; teorias da comunicação; televisão; cultura da mídia.

### “DISCURSIVE PROMISE”: AN INVESTIGATIVE WAY FOR THE ANALYSIS OF TELEVISUAL COMMUNICATION

**ABSTRACT:** From a theoretical and methodological reflection about the concept of promise of François Jost, this article presents the notion of “discursive promise” to think the television communication processes in relation to the crystallized discourses in society. The “discursive promise” is a methodological way to analyze the televised discourse, through which we can also investigate the living world. Such a notion emerges as an important element for the discursive materiality analysis of media culture products, because the promises of his discourses lead back and reinforce other senses already settled and accepted by contemporary culture. Through this methodological approach this article aim to contribute to the Communication Theory expand its epistemological possibilities about the discursive investigations of media culture products.

**KEYWORDS:** discourse; discursive promise; theories of communication; television; media culture.

## 1 | INTRODUÇÃO

A partir da imbricação entre televisão e vida social, da relação íntima entre os processos de comunicação televisivos e a sociedade, se desponta a potência para um pensamento apto a enxergar, nas relações de força e de poder, os discursos que se tornam visíveis e enunciados

por meio de estratégias sobre as coisas ditas e não ditas. Inspirado nesse desvelar de sentido, este trabalho tem por objetivo apresentar uma proposta metodológica produtiva para investigar matrizes discursivas de processos comunicacionais televisivos como uma forma de se pesquisar, também, uma formação discursiva cristalizada na sociedade. Ou seja, a partir da simbiose existente entre televisão e vida social, analisar o processo comunicacional dos produtos culturais para se observar o mundo vivente. Sabe-se que a televisão é, de fato, muito investigada no Brasil pelos estudos da recepção e da economia política, mas ainda há amplas brechas para os estudos discursivos aptos a “rachar as coisas, rachar as palavras” (DELEUZE, 2010, p. 113).

A comunicação televisiva é entendida aqui como produto e produção simbólica, a qual intervém, de alguma forma, na construção real do sentido, a fim de oferecer um discurso coerente às formas e às forças com as quais compartilha sua estratégia enunciativa. Aproxima-se de Foucault (2009) e sua concepção de discurso como lugar de articulação do poder e do saber, dimensões exploradas densamente em toda a sua filosofia por meio do que é dito, como é dito, porque é dito, qual é o perigo de dizer o que é dito e se o que é dito pode ser dito de outra forma.

À luz dessa noção de discurso, apresenta-se neste trabalho uma discussão teórico-metodológica sobre a noção de promessa de Jost (2004), no sentido de expor uma proposta de método analítico: o método da “promessa discursiva”. Ressalta-se não só o caráter produtivo desse método para a análise do discurso televisivo, especificamente de emissoras, produtos e mensagens, como para uma epistemologia dos estudos culturais, cujos produtos possuem lógicas empresariais e industriais. Acredita-se que o método analítico da “promessa discursiva” possa contribuir para que a Teoria da Comunicação expanda suas possibilidades epistemológicas acerca das investigações discursivas dos processos comunicacionais televisivos, bem como dos demais produtos da cultura da mídia (KELLNER, 2006).

## **2 | O MODELO DA PROMESSA DE JOST COMO INSPIRAÇÃO METODOLÓGICA**

Em seus estudos sobre a televisão, Jost (2004) aprofunda reflexões críticas importantes sobre a aplicação da noção de contrato como uma analogia ao modelo de comunicação televisual. Ao reaver os conceitos de contrato da semiótica, sociologia e análise do discurso, que pensam a relação entre emissor televisivo e receptor, Jost os critica e se contrapõe aos a eles propondo uma outra ideia que ultrapassa a negociação mútua entre os parceiros da comunicação televisual. Como a noção de contrato funciona somente quando há uma comunicação recíproca, essa transposição para se pensar a comunicação televisual é um tanto quanto falaciosa. Na existência de um modelo de comunicação fortemente assimétrico e unidirecional, produtor e telespectador não possuem as mesmas

ferramentas de comunicação, com efeito, não há uma correspondência mútua e dialógica entre eles, pois a influência de um e de outro no ato comunicacional não é simétrica. Segundo o autor, não há reciprocidade no processo televisivo no sentido homossemiótico, pois “como telespectador, posso também enviar cartas aos emissores, posso utilizar o aparelho, posso mudar de canal; entretanto, não nos comunicamos empregando o mesmo sistema semiótico de comunicação” (JOST, 2004, p. 16).

No fluxo contínuo das mensagens televisivas, o telespectador “não dispõe de quase nenhum meio efetivo de intervir na programação, quanto mais na mensagem que observa no momento” (MATUCK, 2000, p. 105). Não há, pois, retroação uma vez que a atividade em relação a esse meio ainda se restringe a desligar o televisor ou a mudar de canal. Contudo, não se pode negar a existência de participação do telespectador em programas e mensagens televisivas, ainda mais na televisão contemporânea que midiatisa o cotidiano e a intimidade dos indivíduos comuns. Também não se podem desconsiderar os diversos usos e experiências das tecnologias pelos indivíduos, que muitas vezes acessam as redes sociais das emissoras a fim de participarem de programas, bem como solicitarem conteúdos televisivos. Nesses casos, as possibilidades de interferência do telespectador na mensagem ainda são limitadas em função das atividades e dos poderes de produção do emissor.

Diante da televisão, ou se aceita o que é proposto e prometido ou se recusa, de modo que não há renegociação caso haja discordância do “contrato”. Em oposição ao modelo de contrato, que implica uma situação dialógica e um acordo recíproco, cujas regras do jogo são estabelecidas e coassinadas bilateralmente, Jost propõe o modelo de promessa a fim de se estudar o texto ou um programa televisual. Esse modelo é bem próximo da lógica publicitária, até porque “a televisão funciona num sistema publicitário; ela é, em todas as suas partes publicitária” (JOST, 2004, p. 19). A lógica da promessa televisiva opera no âmbito material e simbólico, de modo que sua epistemologia pode ser empregada produtivamente para a análise dos discursos televisivos. Mesmo que o autor tenha utilizado essa lógica para pensar os programas televisivos, seus critérios dispostos no modelo de promessa também oferecem elementos para a análise da produção de sentido da comunicação televisiva.

A principal contribuição de Jost foi compreender os gêneros televisivos como interface entre emissor e telespectador e como portadores de uma promessa cujo horizonte de expectativas ao público é oferecido. Ao fornecerem indicações de “leitura” que visam despertar o interesse do telespectador, os gêneros correspondem a uma “estratégia de comunicabilidade”, a qual é manifestada por subgêneros e formatos, cujas categorias discursivas e culturais portam sentidos (DUARTE, 2006, p. 20). De modo bem similar à promessa básica empregada pelo mercado publicitário, o gênero televisivo emerge, então, como uma espécie de “etiqueta categórica”, a qual é engendrada a partir de crenças e saberes partilhados pela sociedade, cujos horizontes de expectativa são mais ou menos

semelhantes<sup>1</sup>.

Presente na produção de sentido simbólica das materialidades de divulgação como *trailer*, publicidade, *site*, etc., o gênero oferece uma promessa geral de pertencimento de um produto televisivo a uma determinada “etiqueta categórica”, a qual confere um horizonte à expectativa do telespectador. Nesse sentido, conforme Jost, o gênero carrega uma promessa constitutiva e ontológica dos produtos televisivos. Essa concepção é bem próxima do que Eco (2009) e Maingueneau (2004) cogitaram sobre os gêneros narrativos no contrato emissor-leitor, no sentido de conferirem subsídios para a adesão e a credulidade do leitor-modelo no pacto firmado. Um programa televisivo do gênero comédia, por exemplo, ontologicamente deve fazer rir, visto que essa é a promessa constitutiva, a qual é exposta em sua “etiqueta categórica”.

Os gêneros e os formatos televisivos têm se tornado híbridos e complexos diante do surgimento de produtos televisuais na fase atual da televisão. Essa fronteira movediça entre informação, entretenimento, *show*, jogo, etc. diz respeito a uma questão estratégica das próprias emissoras (DUARTE, 2006). Isso porque a atitude de uma emissora de classificar seus próprios programas manifesta sua intenção de diferenciar seu processo comunicativo televisual em relação às outras emissoras, em meio à guerra pela audiência e pela espetacularização.

Para Jost, o gênero pode carregar também uma promessa pragmática, que visa indicar as marcas do produto televisivo para o telespectador no sentido de diminuir os possíveis erros de interpretação. Cita-se como exemplo o *reality show*, uma denominação criada pelas próprias emissoras a fim de designar o próprio gênero televisual, bem como influenciar as crenças dos telespectadores. Essa etiqueta parece um tanto quanto falaciosa, na medida em que “joga habilmente com a oscilação entre real e espetáculo” (JOST, 2004, p. 30), por meio de uma classificação diferente do que efetivamente é transmitido, pois, a tele-realidade exibida é, não raro, roteirizada, editada e exibida sem, no entanto, corresponder plenamente ao que é de fato. De modo que a etiqueta *reality show* foi estrategicamente criada pelas emissoras, a fim de influenciar a interpretação dos telespectadores frente à nova categorização e, assim, conferir autenticidade em relação ao que é exibido.

Jost propõe que se investiguem os mundos repousados nas “etiquetas categóricas”, as quais produzem um certo tipo de crença para o telespectador, pois o gênero estabelece uma promessa de mundo cujo grau de existência promove a adesão ou participação do receptor. A partir da compreensão das produções televisuais como um objeto semiótico complexo que interpenetra os mundos real, fictício e lúdico, o autor além sua análise na identificação da promessa para, depois, cotejá-la com as estratégias de ligação com os três mundos.

---

<sup>1</sup> Na publicidade, promessa básica significa o diferencial de um produto, serviço, empresa ou instituição o qual é comunicado ao consumidor como uma forma de promessa. O reconhecimento dos consumidores sobre o que foi comunicado deverá remeter ao que foi prometido. Por exemplo, a Volvo é conhecida por produzir os carros mais seguros e esse sentido está presente em suas peças publicitárias, sendo sua promessa básica a segurança.

Em sua análise semiótica dos produtos televisivos, centrada no gênero e em seus deslocamentos entre o lúdico, o real e o fictício, Jost afasta-se de um estudo que investigue os produtos da cultura da mídia postos em relação ao tecido social, um viés fundante para quem investiga matrizes discursivas de processos comunicacionais televisivos como uma forma de se pesquisar também formações discursivas cristalizadas na sociedade. No entanto, o processo da comunicação televisiva pensado a partir do modelo da promessa parece ser um avanço teórico-metodológico visto que compreende a lógica desse processo tal qual a publicidade de um produto, neste caso cultural, que oferece promessas e benefícios para seus consumidores. Na televisão e na publicidade são engendradas promessas com as quais os espectadores são convidados a se identificar. A televisão possui um caráter empresarial atrelado intimamente à sua produção em escala industrial, de modo que seu estudo deve ser pensado a partir das promessas comunicacionais de seus produtos culturais.

### **3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS: A PROMESSA DISCURSIVA COMO UMA APOSTA METODOLÓGICA**

Neste trabalho, propõe-se um amoldamento da noção de promessa de Jost, qual seja, a noção de promessa discursiva, a fim de mostrar um caminho para a análise dos discursos do processo comunicacional televisivo. Essa proposta de vincular o modelo da promessa de Jost, herdeiro de uma tradição peirciana, à análise de discurso de linha francesa de Foucault deve-se pelo fato de haver um veio comum filosófico que é o pragmatismo. Afora suas idiossincrasias metodológicas e empíricas, ambos, Peirce e Foucault, procuraram enxergar além da verdade cartesiana, no sentido de observar e estudar a produção da crença e dos hábitos. É sob essa perspectiva pragmática que se propõe a noção de promessa discursiva a fim de sugerir um caminho metodológico para análise da comunicação televisiva de canais televisivos.

Entende-se por promessa discursiva toda a enunciação disposta nas fontes laterais dos produtos da cultura da mídia – como vinhetas, logomarca, sinopses, *story lines*, *sites*, *blogs*, revistas e livros editados pelo produtor, anúncios publicitários, entrevistas, etc. – a qual é engendrada no sentido de divulgá-los, bem como de informar, encantar, influenciar e preparar o público, seja ele espectador, telespectador, leitor ou usuário, para o que lhe será apresentado. As promessas discursivas dos produtos da cultura da mídia são enunciações criadas e disseminadas com base no modelo da indústria cultural de massa, que almeja a grande audiência e fornece-lhe os sentidos com os quais os indivíduos tecem seus modos de ser e estar no mundo. A fim de habitar o ritmo da vida social contemporânea, as promessas discursivas oferecem artifícios prazerosos e vantajosos no sentido de agradar ao público, seduzindo-o com suas projeções e mensagens, com as quais os indivíduos são convidados a se identificar.

As promessas discursivas são produções de sentido portadoras de outros discursos que podem ser investigados e interpelados por uma investigação capaz de contextualizar, interpretar e analisar adequadamente os textos de seus produtos culturais. O estudo das promessas discursivas dos produtos da cultura da mídia é apresentado, então, como uma possibilidade de curso metodológico que, ao se associar à análise de discurso, tal qual entendida por Foucault (2009), Pêcheux (1997) e Orlandi (2009), pode desvelar contornos e tendências de formações discursivas sobre um determinado momento histórico. As promessas são sínteses enunciativas dos produtos culturais que, de forma clara e concisa, devido à brevidade do espaço e tempo destinados a essas mensagens, são exibidas ao público convidando-o a consumir opiniões, sentimentos, modos de ser, representações e modelos ideológicos dominantes.

A partir do modelo de Jost, a noção de promessa discursiva é uma aposta investigativa tanto para a análise do discurso televisivo (de emissoras, produtos, mensagens, etc.) quanto para ser empreendida no estudo dos demais produtos da cultura da mídia, cujas lógicas são empresariais e industriais. Ao admitir a simbiose entre a lógica dos produtos midiáticos e a racionalidade mercadológica, a noção de promessa emerge como elemento essencial para a análise da materialidade discursiva desses produtos, na medida em que as promessas discursivas reconduzem e reforçam outros discursos já assentados e aceitos pela cultura contemporânea. Por conseguinte, as promessas discursivas midiáticas funcionam também como suporte para que as “vontades de verdade” sejam apresentadas agradavelmente e de modo sedutor à sociedade, a fim de influenciar e convencer os indivíduos acerca de ressignificações, naturalizações e paráfrases coerentes às determinadas formações de sentido. A partir do estudo das promessas discursivas dos produtos da cultura da mídia, pode-se encontrar marcas de formações de sentido, bem como vestígios de constituições ideológicas de um momento histórico.

A noção de promessa é aplicada ao processo comunicacional com o intuito também de superar as preocupações de cunho negocial entre emissor e receptor, expressas nas noções de jogo e contrato. Esse amoldamento avança rumo a um estudo das marcas e dos indícios discursivos presentes bem além da imanência do produto televisivo, visto que considera outras vias de conhecimentos laterais como fontes que aportam à formulação de uma promessa, sejam elas vinhetas, *sites*, *blogs*, revistas ou livros editados pela emissora, anúncios publicitários, entrevistas, etc. Essas fontes paralelas fazem a mediação entre texto televisivo, enunciador e enunciatário; elas cumprem a função de ancorar as promessas do emissor televisivo ao destinatário, por meio de um processo que estrutura e modela a comunicação dos produtos culturais conforme as prescrições midiáticas dos produtores. Localizada nessas fontes, a rede de promessas é substrato de formações discursivas midiáticas pela televisão; por isso, deve ser analisada e contextualizada considerando os aspectos da vida social contemporânea.

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Conversações** (1972-1990). Tradução: P. P. Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2010.

DUARTE, E. B. Reflexões sobre os gêneros e formatos televisivos. *In*: DUARTE; Elizabeth Barros; CASTRO, Maria Lília Dias de (Ed.). **Televisão: entre o mercado e a academia**. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 19-30.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. Tradução: H. Feist. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: L. F. de A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

JOST, François. **Seis lições sobre a televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

KELLNER, Douglas. Cultura da mídia e triunfo do espetáculo. *In*: MORAES, D. de (ed.). **Sociedade midiaticizada**. Tradução: C. F. M. da Silva; M. I. C. Guedes, L. Pimentel. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 119-148.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. Tradução: C. P. de Souza-e-Silva; D. Rocha. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MATUCK, Artur. **O Potencial Dialógico da Televisão**. 2. ed. São Paulo: Anna Blume, 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 8. ed., São Paulo: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Análise do Discurso: três épocas (1983). *In*: GADET, F.; HAK, T. (ed.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Unicamp, 1997. p. 61-151.

# CAPÍTULO 7

## IDENTIDADE NO ESPAÇO MUDIÁTICO: O ASSASSINATO DE MARIELLE FRANCO NO *PORTAL G1*

Data de aceite: 01/05/2021

Data de submissão: 11/03/2021

### Éverly Pegoraro

Universidade Estadual do Centro-Oeste  
(Unicentro), Departamento de Comunicação  
Social  
Guarapuava – Paraná  
<http://lattes.cnpq.br/9340856019120479>

### Samilli Penteado Barbara

Universidade Estadual do Centro-Oeste  
(Unicentro), Departamento de Comunicação  
Social  
Guarapuava – Paraná  
<http://lattes.cnpq.br/5804582290008261>

Uma versão prévia deste artigo foi apresentada no Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. A pesquisa é resultado do Programa de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), com bolsa do Cnpq.

**RESUMO:** A pesquisa analisa como as notícias sobre a morte da ativista e vereadora Marielle Franco, em março de 2018, foram recebidas e ressignificadas no espaço destinado aos comentários do público, no portal de notícias *G1*, da Globo. Tal análise permite refletir acerca de como o espaço virtual potencializado pela notícia jornalística pode ser um lugar onde grupos expressam percepções, opiniões e até mesmo

ofensas, caracterizando uma expansão e, muitas vezes, desconfigurações do conteúdo informativo. Para isso, foram mapeadas as notícias das duas primeiras semanas que compreendem o período de 14 a 28 de março de 2018, no referido veículo de comunicação. Dessa forma, foram analisados os comentários dos leitores que, no processo de interação e produção de sentidos, contribuíram para delinear uma identidade à Marielle Franco, referente ao espaço privado e público da ativista. **PALAVRAS - CHAVE:** Jornalismo; opinião; público.

### IDENTITY IN THE MEDIA SPACE: THE MURDER OF MARIELLE FRANCO IN *PORTAL G1*

**ABSTRACT:** The research analyzes how the news about the death of activist and councilwoman Marielle Franco, in March 2018, was received and reframed in the space for public comment, at Globo's *G1* news portal. The analysis allows us to reflect on how the virtual space made possible by journalistic news can be a place where groups express perceptions, opinions and even offenses, characterizing an expansion and, many times, misconfigurations of information content. To this objective, the news of the first two weeks covering the period from March 14<sup>th</sup> to 28<sup>th</sup> were mapped in the mentioned communication vehicle. In this way, the comments of the readers who, in the process of interaction and production of meanings, contributed to outline an identity to Marielle Franco, referring to the activist's private and public space, were analyzed.

**KEYWORDS:** Journalism; opinion; public.

## 1 | INTRODUÇÃO

Como um dos elementos da esfera midiática, o jornalismo é o meio pelo qual as pessoas tomam ciência sobre os acontecimentos do mundo social. O modo como uma notícia pode formar diversas representações sobre um mesmo fato é significativo, também, para a compreensão das dinâmicas sociais. Tais percepções e sentidos podem ser avaliadas a partir das interações dos leitores às notícias que leem. No jornalismo atualmente elaborado no ambiente virtual, é comum que uma matéria jornalística, além do teor informacional sobre o assunto, propicie espaço para respostas do público, que englobam compreensões, concordâncias e/ou discordâncias dos receptores sobre o que envolve o caso.

Esta pesquisa analisou, a partir de reportagens sobre a morte de Marielle Franco no portal de notícias *G1*, como os respectivos comentários feitos pelo público no espaço próprio refletem percepções acerca de um determinado assunto. O objetivo foi identificar características lançadas por esses comentários que, no conjunto, delineiam uma identidade acerca da Marielle Franco, mulher, vereadora e militante. A partir deste recorte, também foi possível entender como o jornalismo pode ser capaz de formar sentidos sobre determinado tema.

## 2 | JORNALISMO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS

A história contada sobre Marielle Franco no *G1* produziu diferentes visões. Para Borelli (2005, p. 1), “o jornalismo é protagonizante na medida em que age sobre a realidade, produzindo múltiplos sentidos”. Neste caso, os textos jornalísticos produzidos acerca da morte da ativista, por meio do seu teor informativo, contribuíram para formar sentidos sobre o caso e sobre quem era a vereadora. As percepções dos leitores, expostas em tais comentários, auxiliam a compreender como tais indivíduos veem a Marielle mulher na vida privada e na vida pública, reconhecendo sua importância na militância, justificando os atos delas ou até mesmo condenando-a.

Borelli (2005) analisa o trabalho jornalístico como uma forma de agir sobre a realidade social, pois ele rege, por meio das notícias, o que é mais importante para a sociedade tomar conhecimento. Isso ocorre a partir do momento em que se escolhe, e, se escreve, segundo a perspectiva do jornal, o que é mais relevante socialmente. Para Ito (2019, p. 24-25), ao mesmo tempo em que o jornalismo pode intervir na construção coletiva de valores e crenças, ocorre o inverso: “a sociedade influencia diretamente as produções veiculadas pelas mídias, num processo contínuo de retroalimentação” (p.24-25). Trata-se de uma simbiose, onde um se alimenta da ação do outro e é capaz de influenciar as próximas condutas, seja do meio midiático, que usa o que ocorre na sociedade para pautar notícias que visam o interesse da população, ou da sociedade, que dita o que é de interesse da imprensa. Portanto, o modo como cada sociedade utiliza os meios comunicacionais depende principalmente do contexto cultural e social em que estão vivendo.

Quando as pessoas estão conectadas por meio de aparatos tecnológicos cada vez mais sofisticados, os sistemas de produção e difusão de informação são ampliados e acabam por agenciar percepções sobre o espaço coletivo (MAGNONI, 2009). As variadas percepções do público acerca de um tema podem ser bastantes diferentes, ainda que de maneira superficial na concepção, como opinião pública. Vicente (2012) exemplifica que é preciso ter cuidado ao tratar do termo público, pois mesmo abrangendo um coletivo, não é homogêneo. Portanto, seria mais cabível usar a palavra no plural. “O termo opinião se relaciona com a maneira de ver, pensar e interpretar os fatos. Os fatos, tal como ocorrem e podem ser observados, se caracterizam por interferir no contexto social, provocando reações e visões nem sempre unânimes” (VICENTE, 2012, p.29). Isso pode ser observado na relação do público para com o jornalismo, em contextos de expansão dos espaços virtuais de manifestação de opiniões e percepções, como nas redes sociais. Muitas vezes, a crítica do público se refere não ao fato em si, mas à maneira como o jornalismo o abordou, ou, ao próprio veículo de comunicação. O status de verdade do jornalismo contemporâneo tem sido posto à prova, as opiniões do público são cada vez mais fragmentadas e, não raras vezes, contraditórias.

Contudo, é importante refletir sobre a participação da opinião pública nas sociedades. Embora a resposta para o que é opinião pública seja dissonante na visão de diferentes pesquisadores, é visto que ela tem um papel importante na sociedade.

De alguma maneira a Opinião Pública, via redes sociais e demais ferramentas disponíveis ao alcance da população, vem ganhando força por conseguir atingir uma população ampla e que de maneira real tem como se expressar e interferir nos processos sociais. O desafio que emerge é relevante, pois levanta uma questão crucial: as formas clássicas de representação e formação de opinião estão preparadas para essa nova forma de participação social? (VICENTE, 2012, p.36)

No caso do assassinato da vereadora, a opinião pública, por meio dos comentários, demonstrou qual era a percepção de diferentes indivíduos sobre quem era Marielle Franco, delineando diferentes nuances de uma identidade formada no âmbito midiático. Por isso, ainda que os comentários dos leitores do *Portal G1* demonstrem o que uma pequena parte da população considerava sobre o caso, eles fazem parte de uma caracterização da identidade pública (midiática) de Marielle Franco. Os comentários expunham percepções as mais diversas, desde referências ao físico, à opção sexual, à filiação político-partidária, às militâncias. Por exemplo, alguns a descreviam como “psolista” e “defensora de bandidos”. Um referiu-se à sua aparência, uma “senhora bonita e elegante”, enquanto outro salientava que a vereadora fazia parte da “esquerda caviar”. Comentários criticando sua ação contra a milícia nas favelas também foram encontrados, entre eles, alguns a ironizavam caracterizando-a ironicamente como “Santa Marielle”. Ironia, sarcasmo, ofensa, preconceito, pena, empatia. Sentimentos que são perceptíveis nesses comentários e

que são retroalimentados pelos comentários de outros leitores, compondo um espaço de produção de sentidos, a parte do texto jornalístico.

A morte da socióloga e vereadora foi um marco na política e repercutiu internacionalmente. Portanto sua vida e sua história foram contadas por muitos meios de comunicação, que levaram ao público novas informações à medida em que os dias passavam. Entretanto, por se tratar de um ato de violência inesperado, a falta de conhecimento sobre a vida de Marielle e o equívoco de publicar informações sem a devida checagem sobre a trajetória da vereadora contribuíram para a circulação de falsas notícias (*fake news*) acerca de quem ela era (em âmbito público e privado).

Esse fator, aliado às diferentes opiniões do público impregnadas de percepções subjetivas e individuais pré-concebidas nos levam a pensar sobre identidade e diferença. Esses dois conceitos, ao mesmo tempo que diferem entre si, dependem um do outro para existirem. Enquanto a identidade nos diz o que algo é, a diferença também auxilia a compreendermos essa identificação. Entretanto, do mesmo modo que afirma o que é, serve para diferenciar o que o indivíduo não é. Esses dois fatores servem para separar grupos societários e formar identidades. Neste contexto, há poder nestas diferenças.

A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre 'nós' e 'eles'. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. 'Nós' e 'eles' não são, neste caso, simples distinções gramaticais. Os pronomes 'nós' e 'eles' não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder. (SILVA, 2000, p. 82)

Relacionando esses apontamentos à Marielle Franco, a partir dos comentários do público no espaço virtual do *Portal G1*, é perceptível que diferentes características acerca da vereadora foram surgindo, auxiliando na construção de uma espécie de identidade midiática. Para o público, as bases das observações sobre quem era ela e o que entendiam que ela fazia na sociedade se formavam a partir de cada nova matéria, cada nova informação. Em muitos casos, é perceptível a demarcação do "nós", pessoas de bem, e do "ela", que fez as escolhas erradas, pois são diferentes das nossas. Portanto, essa demarcação de alteridade não vem seguida de empatia, compreensão, exigência por justiça social, afinal, trata-se de um assassinato (até hoje não resolvido). A limitação rígida entre "nós" e "ela" tem por objetivo marcar o distanciamento entre quem "ela" é o que representa (em termos de vida pública e privada). É este assunto que será abordado a seguir.

### **3 | JORNALISMO E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO CASO MARIELLE FRANCO**

O assassinato de Marielle Franco ocorrido em 14 de março de 2018 já completou mais de dois anos sem resolução. A vereadora do partido PSOL (Partido Socialismo e

Liberdade) foi a mais votada nas eleições de 2016, com 46.502 votos. Ela ganhava espaço e respeito por atuar na defesa dos grupos minoritários, como os periféricos da capital carioca. A política era socióloga e mestre em Administração Pública. Já havia coordenado a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Depois de participar de uma roda de conversas na Casa das Pretas, na Lapa (RJ), Marielle Francisco Silva voltava para casa em um carro dirigido pelo motorista Anderson Pedro Gomes. Os dois foram surpreendidos por 13 tiros, Anderson foi alvejado nas costas com três tiros e a vereadora foi atingida por quatro tiros, três na cabeça e um no pescoço. Depois de mais de um ano de investigações, os dois homens que mataram a vereadora e o motorista do carro dos assassinos foram presos, entretanto ainda não foi revelado quem foi o mandante do assassinato.

A partir do acontecimento, o recorte cronológico desta análise foi formulado: as notícias das duas primeiras semanas veiculadas no *Portal G1* após a morte da vereadora, centrando-se nos comentários do público a partir dos relatos noticiosos, visto que, desde o dia do assassinato, os internautas podiam expressar suas percepções e compreensões sobre o ocorrido em forma de comentários nas matérias que continham espaço destinado a isso. Explica-se, então, que o objetivo não é analisar o texto jornalístico, mas sim os comentários do público a partir da notícia. Para isso, foram selecionadas apenas as reportagens que continham comentários, das duas primeiras semanas após o assassinato publicadas no *Portal G1*.

De todas as selecionadas, 39 seguiram para a categorização, visto que um dos critérios de seleção era de que a matéria fosse textual (e não audiovisual) e que contasse com comentários de leitores. Depois de as matérias terem sido selecionadas, foram divididas em dois critérios. O primeiro foi sobre como Marielle era descrita/mencionada, que se dividiu em vida privada e vida pública. Nesse quesito, incluíam-se comentários que tratavam da vida íntima dela, o trabalho como vereadora, elogios e também observações ofensivas. Já no segundo critério, entraram *posts* sobre fatos gerados nas matérias jornalísticas, mas que não tinham relação direta com o assunto principal da notícia. Por meio dessa classificação, foi possível traçar um perfil sobre o que as pessoas pensavam a respeito da vereadora, caracterizando-se como uma espécie de identidade midiática construída por meio dessas percepções. Também foi possível refletir sobre o jornalismo e sua ação na produção de sentidos.

Após o assassinato da socióloga se tornar um “evento midiático”, proliferaram nas redes sociais e nos espaços opinativos junto às matérias jornalísticas os comentários bem ou mal-intencionados. Nas reportagens selecionadas, entre 14 e 28 de março de 2018, os leitores que haviam comentado se dividiam com opiniões diferentes. Sendo uma maneira de se expressar e uma forma que aproxima o público do veículo jornalístico, a disponibilização de espaço para comentário traz uma sensação de poder delegado ao público. As respostas do público abrangem um leque diversificado de posicionamentos acerca da Marielle Franco

mulher e personagem político, estendendo tais percepções para o que pensam sobre política, corrupção e até mesmo homossexualidade.

Por Marielle Franco ter sido eleita em um partido de esquerda e se colocar como defensora da população periférica, determinados comentários expressavam opiniões de desagrado com relação a essa conduta. Nesse caso, podemos refletir sobre a aversão a partidos de esquerda, ao mencionar como estes “enchem o saco” (Expressão utilizada por um leitor), assim dizendo, incomodam. É importante lembrar que essa diversidade de opiniões ocorre porque é baseada, também, na bagagem individual dos leitores.

Na matéria que tem como título “Vereadora Marielle Franco atuava em favor de policiais vítimas de violência” (*Portal G1*, 20 de março de 2018), que discorre sobre como têm sido as ocorrências denunciadas contra PMs por apresentarem má conduta, pode-se encontrar o diferente posicionamento dos leitores. Enquanto um utiliza o adjetivo de santa, ironizando a forma como, na visão dele, sociedade, imprensa e defensores da ativista construíam uma identidade de pessoa imaculada para a vereadora, outro responde com uma opinião contrária, utilizando do mesmo jogo de palavras:

Daqui a pouco vao dizer que ela era santa.<sup>1</sup>

Daqui a pouco vcs irão dizer que ela era bandida.<sup>2</sup>

A notícia também discorre sobre as vezes em que os policiais se tornavam vítimas em confrontos com traficantes, sendo baleados ou, em casos extremos, mortos. Além de Marielle Franco ter sido conhecida por lutar pelo fim da violência contra a população negra, ela também atuava contra a violência aos agentes policiais. Entretanto, podemos encontrar o seguinte comentário:

Eu não acredito nas mentiras da Globo. Essa vereadora odiava a polícia. Não ajudava policiais coisa nenhuma. Só ajudava mesmo a bandidagem que ela defendia.<sup>3</sup>

A falta de crença no jornalismo e a dificuldade em aceitar as informações trazidas pelos jornalistas foram mencionados em vários comentários, que apresentaram críticas ofensivas, dúvidas sobre o texto jornalístico em questão e sobre a própria idoneidade e posicionamento ideológico da vereadora. Vicente (2012) explica que:

Quando algo não se encaixa com o estereótipo que tínhamos formado nos surpreendemos e num princípio nem sequer o aceitamos. Assim, através dos estereótipos, vemos o mundo como acreditamos que seja e não como ele é. (VICENTE, 2012, p. 33).

1 Link da matéria: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/03/vereadora-marielle-franco-atuava-em-favor-de-policiais-vitimas-de-violencia.html> Data do último acesso: 04 mar. 2021.

2 Link da matéria: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/03/vereadora-marielle-franco-atuava-em-favor-de-policiais-vitimas-de-violencia.html> Data do último acesso: 04 mar. 2021.

3 Link da matéria: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/03/vereadora-marielle-franco-atuava-em-favor-de-policiais-vitimas-de-violencia.html> Data do último acesso: 04 mar. 2021.

A notícia com o título “Multidão emocionada se despede da vereadora Marielle Franco no Rio” (*Portal G1*, 15 de março de 2018) trata da despedida ao corpo da ativista. Novamente, são encontrados adjetivos – a maioria homens – que desqualificam, ironizam, questionam e, por serem expressos em um local visível a outros leitores, também moldam e reforçam uma identidade estereotipada e negativa da vereadora.

Morreu uma Santa do paôco !!!!! Por favor, deixem este ser ARROGANTE E ODIOSA em seus discursos desagregadores descansar caso mereça a PAZ. Quem defende bandido, bandido(a) é<sup>4</sup>

Para Vizeu (2003, p. 108), “toda palavra comporta duas faces sendo determinada pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém [...] toda palavra serve de expressão de um em relação ao outro”. Desse modo, os adjetivos carregam significados. Ao serem expressos, traduzem sentidos sobre o que os autores dos comentários pensavam a respeito de Marielle Franco, como atuava e a favor ou contra quem. Assim, esses atributos vão expressando uma identidade à vereadora.

Diferente do teor das reportagens cuja premissa é pela objetividade informacional, nos comentários dos leitores a opinião é sempre claramente manifesta. No ato enunciativo, o leitor não constitui apenas a si, sujeito locutor, mas também o sujeito-alocutário, isto é, define não só a posição “eu”, mas também a do “tu”. Neste caso, o sujeito transforma-se em alocutário ao mesmo tempo que locutor.

Dessa forma, quando o indivíduo lê as matérias, torna-se aquele que extrai suas conclusões sobre o caso. Sendo assim, não há como o jornalista saber com precisão qual interpretação surgirá de sua matéria, já que depende de cada leitor e de como ele enxerga a situação, pois o jornalista “não pode identificar todos e cada um dos seus interlocutores, nem pode, conseqüentemente, no decurso do processo enunciativo, controlar as hipóteses interpretativas a partir das quais cada um infere aquilo que pretende dizer” (VIZEU, 2003, p.114). Nesse caso, quando analisamos os comentários, cada pessoa tem em mente uma questão que incomoda na notícia abordada, um questionamento sobre como a história está acontecendo ou, ainda, uma opinião já formada sobre o acontecido.

Ao analisar as matérias da segunda categoria, que abrange comentários gerados nas notícias, mas sem relação direta com o tema, há um grande número de pessoas que discursa sobre a falta de impunidade e questiona por que certos casos são levados à imprensa, enquanto outras mortes não são noticiadas. É notória, entretanto, a cobrança pela resolução e pelo esclarecimento de outros crimes que não tenham ligação com Marielle Franco.

O fato de a morte da vereadora repercutir muito mais que a do motorista que estava junto no carro foi a base para a formulação de certos comentários. Surgiram questionamentos sobre por que não noticiavam outras várias mortes que acontecem todos os dias. Opiniões

<sup>4</sup> Cf. <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/03/multidao-emocionada-se-despede-da-vereadora-marielle-franco-rio.html> Data do último acesso: 04 mar. 2021.

que tratam sobre essa questão podem ser vistas a seguir, retiradas da matéria “‘Alarmante’ morte de Marielle Franco visa intimidar defensores dos direitos humanos no Brasil, dizem relatores da ONU” (*Portal G1*, 26 de março de 2018):

Tô meio desatualizado de Brasil, só morreu uma pessoa aqui nos últimos anos??? Porque só tem notícia da morte dessa deputada!<sup>5</sup>

Na matéria “Vídeo da Câmara dos Vereadores mostra Marielle deixando o local no dia em que foi morta” (*Portal G1*, 21 de março de 2018), que traz novidades acerca do caso investigado, alguns comentários questionam a opção sexual da vereadora e demonstram espanto ao descobrirem que ela era cônjuge de uma mulher, relacionando tal escolha à sua vinculação político-partidária, como se fosse algo natural à vinculação ideológica.

É verdade que ela vivia com outra mulher?????!!!!<sup>6</sup>

Sim! No PSOL é assim.<sup>7</sup>

Em outra reportagem, opiniões sobre a orientação sexual de Marielle Franco também são encontradas. A notícia “Justiça recebe ação que pede retirada de vídeos de ‘fake news’ contra Marielle” (*Portal G1*, 22 de março de 2018) rendeu 217 comentários, alguns deles demonstram como parte da sociedade reage sobre a homossexualidade:

Viuva de Marielli???? como assim viuva???? mas Marielli não era uma mulher também???? só se for na cabeça desses dementes do g1, que mulher é mulher de mulher e homem é marido de homem<sup>8</sup>

A indignação e a insatisfação de leitores surgem repetidamente com matérias que citavam o caso do assassinato ou que tinham relação direta com novas informações. Isso pode ser visto na matéria “1º dia tem Red Hot, homenagens a Marielle e bons ajustes na estrutura” (*Portal G1*, 23 de março de 2018). Ao avaliar o primeiro dia do festival Lollapalooza 2018, o texto menciona o show de Rincon, que fez uma declaração a favor da vereadora. Nesta notícia, dos 36 comentários, a maioria criticava o show e a homenagem à vereadora. Apenas seis faziam relação com as informações sobre as apresentações do Lollapalooza, e dos 28 restantes, dois defendiam Marielle Franco. Ente os comentários, mais uma vez aparece a ligação do trabalho da vereadora como defensora de bandido:

QUEM DEFENDE DIREITO A BANDIDO TEM QUE MORRER SIIIIMMMMM<sup>9</sup>

5 Cf. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/alarmante-morte-de-marielle-franco-visa-intimidat-os-que-lutam-pelos-direitos-humanos-no-brasil-dizem-relores-da-onu.ghtml> Data do último acesso: 04 mar. 2021.

6 Cf. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/video-da-camara-dos-vereadores-mostra-marielle-deixando-o-local-no-dia-em-que-foi-morta.ghtml> Data do último acesso: 04 mar. 2021.

7 Cf. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/video-da-camara-dos-vereadores-mostra-marielle-deixando-o-local-no-dia-em-que-foi-morta.ghtml> Data do último acesso: 04 mar. 2021.

8 Cf. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/acao-na-justica-pede-retirada-de-videos-contr-a-marielle-valor-da-causa-e-de-r-1-milhao.ghtml> Data do último acesso: 04 mar. 2021.

9 Cf. <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/loalapalooza/2018/noticia/loalapalooza-2018-1-dia-tem-red-hot-homenagens-a-marielle-e-bons-ajustes-na-estrutura.ghtml> Data de último acesso: 04 mar. 2021.

Neste momento, podemos ver como a repetição de discursos de ódio a partir dessas opiniões vai delineando uma identidade à Marielle Franco. Isso ocorre à medida em que mais pessoas compactuam do mesmo pensamento e o expressam pelos comentários. Para Cruz (2011, p.42), “é a comunicação que carrega as condições de construir a representação que as pessoas possuem acerca das coisas, portanto a comunicação é um *locus* de poder”.

Entre as 39 reportagens selecionadas e categorizadas, uma das que mais chama a atenção pelo número de comentários (622) é “Cinco de 11 câmeras da Prefeitura no trajeto que Marielle fez antes da morte estão desligadas” (*Portal G1*, 21 de março de 2018). Nesta notícia, torna-se recorrente, mais uma vez, opiniões que questionam por que a mídia ainda trazia novas informações sobre o caso, mesmo que apenas sete dias tivessem se passado e ainda não houvesse indicações sobre o mandante e as motivações do assassinato. Um comentário destaca a falta de confiança nas informações disponibilizadas no texto jornalístico, além de trazer adjetivos e frases recorrentes:

Desculpe a sinceridade. Mesmo ela militando por causas policiais, MESMO SE FOSSE VERDADE...não é mais nobre do que um POLICIAL HONESTO QUE DEU A VIDA PARA NOS PROTEGER..... A questão é que o mesmo preconceito que os 'defensores de direitos humanos' estão sentindo agora QUALQUER POLICIAL E FAMILIARES SOFREM COTIDIANAMENTE. E convenhamos, é UMA Marielle para cada 150 policiais....né ?!?!?! Aliás, pq nas matérias sobre o fato não há espaço para comentários?!?! É medo da população se manifestar FARTA dessas ma.ni.p.u.l.a.ç.õ.e.s RECORRENTES ?!?!<sup>10</sup>

Entre as dezenas de comentários, é possível encontrar, em número menor, opiniões que discordam da apresentada acima. O comentário a seguir é uma resposta a um leitor que mostrava desagrado com mais uma matéria sobre o ocorrido:

Por que chega? O que ela defendia te incomoda? Seja mais claro e diga o que defende. Inserção de minorias, diminuição das desigualdades. Isso é um assunto tabu pra você? Faça uma reflexão. Muito fácil vitimar a vítima, jogar minorias debaixo do tapete. Isso gera conforto aos conservadores que não sabem lidar com diversidades. Sejam mais claros e assumam o conservadorismo de vocês<sup>11</sup>.

Com tons agressivos, carregados de ofensas e falta de empatia com os familiares da vítima, foi-se construindo uma representação da vereadora como defensora de bandidos. Nem todos os leitores que se manifestaram tinham a mesma linha de pensamento, mas, a partir da análise dos comentários, foi possível chegar à conclusão de que a maioria das percepções ali expostas tinha um julgamento parecido. Constatou-se que a maioria dos comentários foram escritos por homens, com opiniões insultuosas e ofensivas direcionadas a uma mulher que, no contexto analisado, serviram para delinear no âmbito midiático uma

10 Cf. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/cinco-de-11-cameras-da-prefeitura-no-trajeto-que-marielle-fez-antes-da-morte-estao-desligadas.ghtml> Data do último acesso: 04 mar. 2021.

11 Cf. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/cinco-de-11-cameras-da-prefeitura-no-trajeto-que-marielle-fez-antes-da-morte-estao-desligadas.ghtml> Data do último acesso: 04 mar. 2021.

identidade discrepante da trajetória política da vereadora.

Portanto, os comentários mais recorrentes observados nesta pesquisa foram os que se referiam à Marielle Franco como bandida ou protetora de bandidos, além de frases que apontavam desagrado ao ver a mídia noticiando novas informações sobre o caso. A respeito do que as opiniões representam, Charaudeau (2013, p. 121-122) afirma que “a opinião, ao contrário, revela o ponto de vista do sujeito a respeito de um saber. A opinião não enuncia uma verdade sobre o mundo, ela remete ao sujeito”.

Em vista disso, podemos concluir que, desde o dia do assassinato, os comentários nas matérias que continham espaço para isso, durante as duas semanas de análise, expuseram a aversão de grande parte dos leitores com relação à Marielle Franco, uma vereadora do Psol, além de uma aversão à partidos de esquerda e o que eles representam. Com relação à vida pessoal, foi possível constatar preconceito e desinformação, ao mesmo tempo em que espanto e a estranheza ao descobrir a orientação sexual da vereadora. Sobre a carreira política dela, diversos leitores se manifestaram contrários à trajetória política da vereadora e às ações que ela propunha. A percepção mais destacada era de que a vereadora não agia a favor das “pessoas de bem” e, sim, de acordo com princípios que visassem a proteção se bandidos. Embora “bandido”, nos *posts*, seja uma entidade abstrata e não claramente caracterizada.

Dessa maneira, os comentários no espaço midiático delinearam uma identidade a Marielle Franco, que indicam percepções acerca do que uma mulher negra, ativista política e homossexual enfrentou durante a vida e após ser assassinada: repulsa, desagrado, preconceito, incompreensão.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou a formação de uma identidade midiática à vereadora Marielle Franco, delineada por meio de comentários de leitores em matérias referentes à sua morte. Nos *posts* selecionados a partir das reportagens das duas primeiras semanas após o assassinato, constatou-se quantidade de percepções preconceituosas e ofensivas a respeito da ativista. Adjetivos ofensivos e falta de informação irromperam no espaço dos comentários, com notória percepção compartilhada por muitos leitores de que Marielle Franco defendia “bandidos” em suas pautas políticas. Mesmo que o enunciado jornalístico abordasse informações verídicas e discorresse, em mais de uma matéria, sobre a vida da vereadora e sua trajetória, ainda eram frequentes opiniões formuladas a partir de *fake news* ou comentários que pendessem para o viés ideológico contrário aos partidos de esquerda.

Mais de dois anos depois do assassinato da socióloga e do motorista Anderson Gomes, as perguntas principais continuam sem resposta. Quem foi o mandante do assassinato e por que mandaram matá-la são questões que, vez ou outra, ainda percorrem os portais de notícia ao divulgarem uma informação nova sobre o caso. Nesse contexto, é

de fundamental importância compreender os sentidos que o jornalismo ajuda a construir e disseminar, por meio dos comentários nascidos das reportagens.

## REFERÊNCIAS

BORELLI, Viviane. **Jornalismo como atividade produtora de sentidos**. Bocc, Biblioteca online de ciências da comunicação, 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/borelliviviane-jornalismo-atividade-sentidos.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2020.

CASTELLS, M. **Rede de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CRUZ, M. **A mídia e os formadores de opinião no processo democrático**. São Paulo: Pontoevírgula, 2011.

ITO, Liliane de Lucena. **A (r)evolução da reportagem - Estudo do ciclo da reportagem hipermídia, da produção às respostas sociais**. Liliane de Lucena Ito. Aveiro: Ria Editorial, 2019.

MAFFESOLI, Michel. **A república dos bons sentimentos**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2009.

MAGNONI, Antônio Francisco. **Opinião pública: empowerment e interfaces**. In: Santos, Célia Maria Retz Godoy dos (org.). *A comunicação e a opinião pública na era das redes sociais*. Bauru: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2012. p. 28-37

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

VICENTE, Maximiliano Martin. **Opinião pública: empowerment e interfaces**. In: Santos, Célia Maria Retz Godoy dos (org.). *Opinião pública e sociedade*. Bauru: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2012. p. 28-37

VIZEU, Alfredo. **A produção de sentidos no jornalismo: da teoria da enunciação à enunciação jornalística**. Revista FAMECOS. Porto Alegre. n 22, dezembro 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-producao-sentidos-enunciacao.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2020.

## ARQUITETURAS DO DIGITAL E SUAS TENDÊNCIAS ANTROPOMÓRFICAS

*Data de aceite:* 01/05/2021

*Data de submissão:* 13/01/2021

**Douglas Rossi Ramos**

São Paulo State University (Unesp)

Assis – São Paulo

<https://orcid.org/0000-0002-7697-4085>

**RESUMO:** Em tal proposta, pretende-se colaborar com os estudos a respeito da questão da memória e percepção, em suas dimensões ontológicas e epistemológicas, a partir da análise de intersecções entre as críticas apontadas às ciências e metafísica pela proposta filosófica de Henri Bergson, e os desafios que a nova conjuntura do digital apresentam à sua compreensão habitual. Para tanto, propõe-se analisar, em especial, as configurações tecnológicas e sociais do digital em sua passagem de uma tendência antropocêntrica para antropomórfica, a fim de evidenciar correlações e desencadeamentos de memória e percepção nas complexidades de suas dimensões psicológicas e/ou ontológicas. A abordagem desses temas e questões apresentam importância para a constituição e problematização de uma ontologia e epistemologia da comunicação adequada aos atuais contextos de transformações tecnológicas do digital.

**PALAVRAS - CHAVE:** Memória, Percepção, Bergson, Digital, Ontologia.

### DIGITAL ARCHITECTURES AND THEIR ANTHROPOMORPHIC TRENDS

**ABSTRACT:** In this proposal, we intend to collaborate with the studies on the question of memory and perception, in its ontological and epistemological dimensions, from the analysis of intersections between the criticisms pointed to sciences and metaphysics by Henri Bergson's philosophical proposal, and the challenges that the new context of digital presents to its habitual understanding. To this end, it is proposed to analyze, in particular, the technological and social configurations of digital in its transition from an anthropocentric to anthropomorphic tendencies, in order to show correlations and triggers of memory and perception in the complexities of its psychological and / or ontological dimensions. The approach of these themes and questions is important for the constitution and problematization of an ontology and epistemology of communication adequate to the current contexts of technological transformations of digital.

**KEYWORDS:** Memory, Perception, Bergson, Digital, Ontology.

### 1 | INTRODUÇÃO

O contexto do digital pode ser apreendido como uma forma habitativa, a partir de uma perspectiva ecológica, na qual a separação homem-ambiente, homem-técnica, homem-natureza, seria substituída por um viés ecossistêmico. Em tal contexto, o sistema de informação é constituído pela conexão, formas redes, em que seres e entidades comunicantes

tendem a gerar pluralização de territórios, de modo a superar percepções arquitetônicas e topográficas (DI FELICE, 2009).

O contexto digital, por exemplo, a partir da *internet das coisas* (termo cunhado pela primeira vez em 1999, por Kevin Ashton), consiste em uma *atopia*, ou seja, uma forma não mais antropomórfica de habitar. Trata-se de um contexto informativo digital e transorgânico. Esse habitar atópico se configura com características de hibridação, transitoriedade e fluidez. Nesse sentido, não apenas a produção e revisitação de conceitos se fazem necessárias, como também a produção de uma nova linguagem para descrevê-los (DI FELICE, 2009).

No decorrer dessas transformações entre modelos de comunicação, segundo uma nova dinâmica social *híbrida*, não apenas modificações tecnológicas e sociais requerem análises, mas também questões *ontológicas* e *epistemológicas*. Para tanto, a filosofia de Henri Bergson, em especial, em sua crítica apontada às ciências e metafísica, apresenta-se como proposta pertinente para avaliar esses pontos, na nova conjuntura do digital.

De acordo com Bergson, o modo como se coloca o problema, já apresenta, por si só, pelo simples ato, a resposta que merece. Por essa razão, menos do que a resposta, o que importa é a maneira como o problema foi colocado. Nesse sentido, a história da humanidade consistiria na história da colocação de problemas (DELEUZE, 2010).

Pretende-se, nesse texto, problematizar alguns pontos levantados pela filosofia de Bergson para análise da questão do digital, em especial, em sua passagem de uma tendência *antropocêntrica* para *antropomórfica*. A hipótese a investigar é se os desencadeamentos ontológicos e epistemológicos de *memória* e *percepção* são analisadores da mencionada passagem do *antropocentrismo* (humano centro; o homem como centro, que utiliza aparatos eletrônicos e tecnológicos) para o *antropomorfismo* (humano forma; objetos que tendem a se tornar seres ou entidades comunicantes)?

## 2 | IDENTIDADE NO DIGITAL: PÓS-HUMANISMO

Causa estranhamento pensar a *memória* e *percepção* em termos ontológicos e epistemológicos, e isso deve-se também por já termos uma ideia muito natural e enraizada de *indivíduo*. A noção de indivíduo é eminentemente histórica e seria constituída a partir do advento do paradigma da modernidade, por volta do final do século XIX e início do século XX. Até o final da Idade Média, encontramos apenas um homem subordinado à coletividade, acorrentado às relações que a tradição estabeleceu e a um papel previamente determinado por seu nascimento. Essa identidade do homem tradicional seria, portanto, claramente definida, fixa e estável, com sua vida sendo organizada por instâncias externas a ele que não permitem a intervenção individual (MATEUS, 2011).

No curso da modernidade, o desenvolvimento de uma subjetividade baseada na personalidade confere ao indivíduo a prevalência sobre o coletivo, constituindo assim a

gênese de mutações fundamentais na compreensão do homem e de seu mundo. A noção de indivíduo remonta ao renascimento e à libertação da razão humana, estando diretamente relacionada à noção de *identidade*. O termo identidade significa etimologicamente a ‘mesma entidade’, que, de certa forma, remete à ideia de ‘idêntico’ (FARIA, SOUZA, 2011). O uso da mídia eletrônica, além de revolucionar os meios de comunicação, apresenta influências no processo de constituição de identidade, a qual ocorre em um amplo espectro de fronteiras, diversidade e pluralidade.

Em contraste com os primeiros dias da Web (anos 90), a partir dos anos 2000 teríamos a configuração de uma nova plataforma para a evolução das mídias sociais. Essa plataforma apresentaria como principais características, a colaboração, participação e co-desenvolvimento de software, cujo potencial operacional não seria limitado ao uso em um único dispositivo (GÓMEZ-CRUZ, 2007).

Segundo Gómez-Cruz, a Web, desde o seu início até a grande expansão nos anos 90, já possuía uma arquitetura aberta, com características de colaboração e interatividade entre os usuários, como, por exemplo, alguns tipos de jogos (como RPG) e também chats de bate-papo. Nesta primeira etapa da Web, a identidade digital seria tratada como ficção (avatar), praticamente sem identificações reais do corpo, com tendência ao anonimato e experimentação de identidades múltiplas, fluidas, fragmentadas e imaginativas, diferentes das reais (GÓMEZ-CRUZ, 2007).

A partir de meados de 2003, esse modo de operação da Web seria radicalmente alterado em favor da articulação de uma internet social baseada na criação de plataformas e interconexão de usuários. Aqui já há a tendência do que Sánchez (2014) denominaria ‘identidade expandida’, que refere-se àquela que seria amplificada pelos dispositivos tecnológicos e ambientes digitais de conectividade social na internet. Há a ideia de uma identidade que funcionaria não apenas como mera representação visual, mas cuja *extensão* propiciaria aos indivíduos terem uma perspectiva aumentada de si mesmos e de seu cotidiano na imagem. Nesse sentido, a imagem em rede se transforma no veículo que permite estender os limites da apresentação e definição individual, sendo *parte integral* do indivíduo, bem como seu dar-se a ver no mundo.

Segundo Sánchez (2014), a produção da imagem de si envolveria concepções diferentes, de acordo com o momento histórico e as tecnologias disponíveis. Nesse sentido, as modalidades de auto-apresentação expressariam aspectos distintos, não apenas do ponto de vista estético, como também do contexto social, cultural e político de cada época.

A revolução digital consiste na última revolução comunicativa que modificaria a própria arquitetura do processo de informação, a fim de substituir a forma frontal de transferência de informação (imprensa, teatro, livro, TV), pela reticular, tecnologicamente interativa e colaborativa. Desse modo, uma forma de interação surgiria como resultado da inovação tecnológica, com premissas e características de uma nova arquitetura social que estimula práticas interativas sem precedentes entre nós e as tecnologias da informação (DI

FELICE, 2012).

A mídia não deve mais ser concebida como “ferramentas” ou “instrumentos” a serem utilizados, visto que, ao colocar em uso novas mídias, desenvolvemos e experimentamos intrinsecamente novos tipos de interação social. A partir das novas mídias, seria criado um social sem precedentes, conectado e invisível, desconstruído e reconstruído continuamente por meio de fluxos de informações. A conjuntura do digital, menos do que uma mera substituição de meios e modelos tecnológicos por outros, constitui um novo ecossistema, em uma dimensão trans-orgânica da interação (DI FELICI, 2015).

De acordo com Bharat Anand (2016), “*Todo mundo é uma empresa de mídia hoje*”. Nesse sentido, as redes sociais digitais funcionariam como *câmaras de eco*, que consolidam ainda mais nossos preconceitos e convicções, porque trabalham com algoritmos que constituem bolhas que ratificam nossa visão pré-estabelecida do mundo. Existe a ideia de que, na cultura tecnológica atual, o sistema nervoso seria uma *extensão* dessas tecnologias.

Tal conjuntura refere-se a um contexto a ser abordado por inúmeros autores como uma era do pós-humanismo, em que a rede e seus fluxos de informação não seriam lineares e nem a dinâmica interativa frontal. No pós-humanismo, atributos atualmente imputados aos seres humanos, como *memória* e *percepção*, também seriam recorrentemente atribuídos e referidos a máquinas (DI FELICE, 2013).

### 3 I CYBORGUE: RELAÇÕES SOCIAIS E CORPORAIS

Se pensarmos a internet como um emaranhado de fluxos de dados e conexões em rede, vivemos um momento de consolidação de uma lógica algorítmica, no qual há cada vez maior dependência do que seguimos e navegamos na net (navegação monitorizada por algoritmos). Por exemplo, há estratégias algorítmicas do *marketing* em que a propaganda se torna cada vez mais personalizada. O algoritmo tem margem de criação e liberdade, pois cria seus próprios loops (SLAVIN, 2011).

Se há criação e liberdade, por um lado, por outro, há controle e processos de territorialização da internet. Por exemplo, a Rússia tem uma internet própria para reconhecimento facial de bons e maus cidadãos. Tal grade de controle parece tender, por outro lado, a uma distopia na qual estados nacionais se tornariam fracos. A história da comunicação é a de um processo, cuja etapa recente se encaminha para a expansão e territorialização da internet (HINDMAN, 2008).

Na história da comunicação o termo humanismo é particularmente ambicioso, sendo que, a escrita possibilita esse alargamento de uma escala mais restrita. No humanismo burguês, num contexto de traçar fronteiras das nações, há a imposição de clássicos e leituras nacionais, como um plano de poder para impor a juventude (HEIDDEGER, 2002). A cultura e costumes são também marcadores, elementos importantes para a formação

do Estado moderno, tal como analisa Nobert Elias (em “O processo civilizador”). Segundo Elias, a história dos costumes, a partir da formação do Estado Moderno e de suas influências sobre a civilização, leva-nos a pensar no que aconteceria se um homem da sociedade contemporânea fosse, de repente, transportado para uma época remota de sua própria sociedade. É possível que encontrasse um modo de vida muito distinto do seu, assim como hábitos e costumes que lhe seriam atraentes, convenientes e aceitáveis do seu ponto de vista, enquanto outros inadequados (tal sociedade, seria, para ele, não civilizada) (ELIAS, 1994).

Já no que concerne especificamente ao paradigma da atualidade, pode-se apontar para a ideia, em paródia a um *humanismo*, de um “digitalismo” ambicioso, fundado numa ubiquidade caracterizada pela conexão onipresente não apenas entre humanos, mas também entre seres e entidades comunicantes (artefatos, objetos IoT) (DI FELICE, 2012).

A difusão e a rápida evolução das novas tecnologias de comunicação remodelaram a mídia e a política. Em *Hybrid Media System*, Andrew Chadwick apresenta uma teoria de como a comunicação política funciona atualmente, sendo essa cada vez mais definida por organizações, grupos e indivíduos que teriam maiores habilidades em combinar lógicas de mídia mais antigas com as mais recentes (um sistema híbrido). O poder tende a ser exercido por aqueles que criam, exploram e orientam os fluxos de informações (CHADWICK, 2013).

A questão do cyborgue coloca o hibridismo em suas amplas possibilidades como campo de análise. Na atualidade, em um mundo globalizado e conectado pelos diversos mídias, a questão das fronteiras entre nações dá lugar à questão da fronteira entre humanos e máquinas (o cyborgue) (HARAWAY, 1985).

Segundo Haraway (1985), o cyborgue consiste num organismo cibernético (híbrido de máquina e organismo), uma criatura da realidade social e da ação. Na ficção científica, há exemplos de cyborgues (animal e máquina) que povoam mundos ambigualmente naturais e criados, enquanto na medicina há exemplos de acoplamento entre organismo e máquina. Nesse sentido, a biopolítica de Foucault pode ser entendida como premonição da política cyborgue. Cyborgue nos da nossa política e consiste em nossa ontologia. Diz respeito ao prazer na confusão de fronteiras e para a responsabilidade em sua construção (utopia). Imaginar mundo sem gênero, sem gênese, um mundo sem fim (utopia ou apocalipse pós-edipiano) (HARAWAY, 1985).

Tanto no marxismo quanto na psicanálise em seus conceitos de trabalho, individuação e formação de gênero, há uma dependência do enredo da unidade original. O cyborgue não se manteria estruturado na polaridade público e privado, nem espera que seu pai o salve através da restauração do jardim (do Éden), da fabricação do cônjuge heterossexual (um todo acabado). Não sonha com comunidade no modelo de família orgânica e tampouco pode sonhar voltar ao pó (HARAWAY, 1985).

Haraway (1985), evidencia a partir da questão do cyborgue, a análise do campo das relações. Se remetermos tal contexto de discussão às proposições de Bergson (1964),

em especial, ao Elã Vital (impulso inicial), temos que, a vida é um tornar-se, no sentido de que são as repetições que geram corpos, formas, e criam consistência, a partir da existência. Não se sabe como a vida começou, mas é possível elucubrar como se move, e esse movimento, Bergson (1964), denomina, Elã Vital.

As divergências das vias do impulso inicial constituem as sociedades e as formas, em suas diferenciações. Bergson (1964) se coloca contra a ideia do que está fora ou dentro, para ele, tudo é diferenciação, e faz parte da matéria viva. Segundo Bergson:

Indiquemos, desde já, o princípio de nossa demonstração. Dizíamos que a vida, desde suas origens, é a continuação de um só e mesmo elã que se dividiu entre linhas de evolução divergentes. Algo cresceu, algo se desenvolveu por uma série de adições que foram, todas elas, criações (BERGSON, 1964, p.46).

O Elã Vital pode ser definido como a “energia”, o entusiasmo da Duração. Consiste, em suma, no desejo de criação, capacidade interna de diferenciar-se, de inserir no determinismo o máximo de indeterminação. Bergson (1964) conceitua uma *memória* imanente que pressiona a *percepção* por desvios e declinações, de modo que o movimento da vida consistiria num esforço para subir a encosta que a matéria desce, tal como um esforço para reerguer o peso que cai.

O organismo híbrido, tal como o cyborgue, que diz de um cruzamento de dois ou mais seres, entidades ou progenitores, carrega e é atravessado por tendências distintas. Se, para Bergson (1964), todas manifestações da vida carregam tendências, no entanto, o que há é dominância, a figura do cyborgue coloca em embaraço tal dominância, já que, conforme Haraway (1985), está comprometido com a parcialidade, ironia, intimidade e perversidade (é opositivo, utópico e sem inocência).

De acordo com Bergson (1964), as tendências seriam anteriores àquele que manifesta, de modo que toda tendência seria afirmativa (afirma algo da vida). A tendência constitui um vir a ser. Cyborgue pode ser, por fim, entendido, conforme Haraway (1985), como ação, que mapeia nossas relações sociais e corporais, e como abertura da relação para a diferença (essa entendida como o processo que faz diferir o que nós somos).

## 4 | MEMÓRIA

O avanço tecnológico permitiu a constituição de uma *memória* fora de nós (externalizada). Por exemplo, a rede de transportes ferroviária alavancou o conhecimento, a disseminação da notícia, de modo a contribuir para a transição de uma cultura oral para a escrita. Segundo Arendt (1968) um dos desafios a serem enfrentados pela humanidade é a perda da tradição, dos elos entre passado e presente. De acordo com a autora, a *memória* associada à *percepção* de pertencimento a um mundo, é aquilo que constitui e incorpora os indivíduos. A sociologia e psicologia tenderam a reduzi-la a funções mecânicas, biológicas e sociais, destituídas de uma dimensão epistemológica. Correntes teóricas sociais lidam com

a *memória* enquanto fenômeno social, no entanto, no início do século passado, tornara-se, objeto de reflexão, por excelência, dos filósofos.

Entre os filósofos, Bergson (1990) foi o primeiro a considerar seriamente os limites da memória enquanto atributo exclusivamente da consciência humana. Rejeitou qualquer definição de *memória* que tivesse como base apenas a consciência, como também as teses estabelecidas no campo da psicologia que a reduziam a reações mecânicas do sistema nervoso. Associando à subjetividade elementos inerentes à matéria, Bergson (1990) busca o movimento concreto capaz de trazer o passado para o presente, de modo a reunir espírito e matéria, consciência e corpo físico.

Bergson (1990) procurou demonstrar que as perdas ou diminuições da *memória* não poderiam ser compreendidas somente a partir da destruição de dispositivos físicos e corporais responsáveis por sua conservação. Para o autor, o único caso em que seria possível estabelecer relação direta entre problemas de compreensão da palavra escrita ou falada e lesão cerebral, seria o da afasia, entretanto, mesmo nesse caso, não se observaria a destruição mecânica ou completa da *memória*.

É possível realizar um paralelo entre a questão da lesão cerebral e memória a partir do exemplo da tecnologia de armazenamento em nuvem, que possibilita guardar dados na internet através de um servidor on-line, sempre disponível. Para Bergson (1990), a *memória* não se localiza em um correspondente físico no cérebro. Existe uma *memória virtual* (ontológica) que pode ou tende a se tornar atual. Na nuvem, o virtual atualiza-se em atual (pixels, bits), numa sobreposição, concatenação e dispersão no tempo-espaço caracterizada pela ubiquidade (propriedade de estar em diversos lugares ao mesmo tempo). Essa onipresença, característica da ubiquidade, apresenta condições de possibilidades de atualização da *memória* em um devir humano e não humano, ou em um devir cyborgue, tal qual como evidenciado na concepção de Haraway (1985).

Ao partirmos da visão de Bergson (1990) sobre a *memória* como um movimento, um processo qualitativo que passa do estado virtual para atual, poderíamos apreendê-la também como fundamento para a organicidade (a *memória* dá volume, faz algo ser distinto de uma instantaneidade), no sentido de desvelar outra(s) corporeidade(s) (esforço de subir a encosta a matéria que desce, tal como a memória imanente intenta pressionar a percepção): corporeidade essa, agora cibernética, híbrida e em constante transmutação (virtual para atual). Uma *memória* como elo e expressão da zona fronteira entre o palpável e impalpável em si mesmo.

De acordo com Bergson (1990), a *memória* e seu correspondente físico estabelece um dualismo que estrutura o diálogo entre materialismo e idealismo, constituído por uma descendência dialética, chamada espírito ou história. Somente um ser de *memória* é capaz de mudar seu futuro, ou seja, sua história. A *memória* é o que faz o corpo ser algo distinto de uma instantaneidade.

A *memória*, para Bergson (1990), consiste ainda em um elemento de 'conexão' que

nos permitiria uma certa ‘assimilação’ das dimensões das diferenças (grau e natureza) entre as coisas, apesar de seus constantes e distintos ritmos sucessivos de estado. Para Bergson (1990), ao invocar uma lembrança, nos colocaríamos ao mesmo tempo no passado em geral, depois em uma determinada região na qual a *memória* se atualizaria em lembrança e ganharia progressivamente existência psicológica.

Bergson relata que a lembrança consiste em um movimento cuja ação ocorre no presente. Nesse sentido, a ideia de que resgataríamos uma *memória* que existe no passado seria falsa. Pelo contrário, a imagem da *memória*, constituída em nossa mente, diz respeito a uma atualização ocorrida e influenciada por fatores e elementos do contexto atual, além de se referir à diferença de natureza (as memórias do mesmo objeto, pessoa ou ocorrência, por mais que pareçam semelhantes, sempre diferem entre si na natureza, pois são invocados em atos e momentos singulares) (DELEUZE, 2012).

Teríamos dificuldade em pensar uma sobrevivência em si do passado, pois acreditamos que o passado já não é, deixou de ser. Confundimos o ser com o ser presente, todavia o presente não é, mas age, seu elemento próprio é o ativo, e não o ser. Já o passado deixou de agir, de ser útil, mas não deixou de ser. Nos destacamos do presente, quando buscamos uma lembrança, para inicialmente nos colocarmos no passado em geral, e depois em certa região do passado. Mas a lembrança permanece ainda em estado virtual, dispomo-nos a recebê-la adotando atitude apropriada ) (DELEUZE, 2012).

Essa atitude apropriada, é o elemento que sofreria interferência por influência dos novos artefatos digitais, em sua eminente sociabilidade transorgânica. É nessa nova fusão humano-máquina, digital-ubíquo, que a lembrança se condensaria de virtual para o estado atual (a partir da memória imemorial ou ontológica). Tal como na Duração bergsoniana, o *devir cyborgue* define-se menos pela sucessão do que coexistência.

De acordo com Melot (2006), ao lidarmos com o digital, aquilo que chamamos de documento apresenta mudanças profundas. Texto, mídia e *memória* seriam amplamente redefinidos, assim como transformadas as funções de autor, editor, leitor ou bibliotecário. Mapear o conceito de *memória digital* se torna difícil por tal categoria ser muito amplamente definida, assemelhando-se a definição de abordagens antropológicas de cultura.

O digital nos fornece acesso a uma *memória* virtual materializada em interface digital, a qual acessaríamos repentinamente ao conectar os dispositivos e acionar cliques em páginas e links. A facilidade e a frequência de acesso a essas *memórias* digitais (principalmente em vista da portabilidade dos dispositivos móveis digitais) nos colocam em contato permanente com inscrições visuais, fragmentadas, interpostas e descontínuas, que teriam efeitos diferentes nas formas de constituição de imagens (avatars), postagens, interfaces digitais, vozes, imagens e sons dos aparatos digitais.

Na concepção de cyborgue, pode-se entender o sistema nervoso como algo estendido por essas tecnologias (o cérebro dará resposta com a própria identidade do upload; ponto incisivo entre humano e máquina). Aquilo que antes era especulativo, algo

vislumbrado apenas na ficção científica, começa a ensaiar arranjos reais e *atuais* (em uma expressão bergsoniana), tal como, por exemplo, ao se reconstituir a personalidade e *memória* em um corpo qualquer ou em uma *ausência de corpo* (Teríamos aí uma espécie de materialização da memória ontológica, do ser em si da memória?)

## 5 | PERCEPÇÃO

De acordo com Cádima (2018), a *percepção* está relacionada com a questão dos sentidos e estratégias do olhar, tais como, visão e audição, no como cada um incide sobre a mensagem. No digital, a lógica e estratégia algorítmica, acaba por criar *câmaras de eco* que consolidam ainda mais nossos preconceitos e convicções (correspondem naturalmente aos algoritmos que reorganizam a informação em função dos perfis, interesses e crenças).

Para Meadows (2008), a identidade pós-moderna tende a se constituir a partir da alteridade, diferença e especificidade. A consciência de oposição diz sobre locais contraditórios, não sobre relativismos e pluralismos. O autor relata a respeito da ideia de avatar como uma máquina anexada a psicologia de seu usuário. De dentro dessa máquina, pode-se espiar, olhando de soslaio, e encontrar um mundo novo, assim como olhar para si mesmo, e encontrar uma nova paisagem por dentro (MEADOWS, 2008).

O medo de que os desenvolvimentos tecnológicos associados com tecnologia de computador, inteligência artificial, robótica e muito mais, recentemente, a nanotecnologia conseguirá deslocar a humanidade, e, finalmente, extinguir ou substituir o ser humano por completo, esteve em destaque nos escritos de Leroi-Gourhan na década de 1960, assim como no romance cyberpunk *Neuromancer*, no qual William Gibson definiu o ciberespaço como “uma alucinação consensual” e como “o não-espaço da mente” (GIBSON, 2008).

De acordo com Bergson (1990), a *percepção* coincide de súbito (imediato) com o objeto percebido, no sentido de que, haveria um grau em mim daquilo que percebo no objeto. Se percebo, por exemplo, o roubar, é porque há um grau em mim disso (reconhecer o roubar em mim). Ao contrário da *memória*, conforme Bergson, a *percepção* não apresenta diferença de natureza com aquilo que é percebido, mas, de grau (mais ríspido, liso, escuro, gelado, dentre outros). O ciberespaço uma vez apreendido como “não espaço da mente” ou “alucinação consensual”, remete à semelhança, ou seja, à *percepção*. Há um coincidir que traz existência e sentido à experiência nesses novos contextos reticulares, de modo que, há graus de semelhanças entre o objeto e sujeito da percepção (há algo que coincide ‘de súbito’), e na conjuntura de ubiquidade do digital, tal coincidir manifesta-se multiplamente em sua heterogeneidade quantitativa e qualitativa.

O contexto de ubiquidade e multiplicidade apresentado pelo digital, acarreta numa desmaterialização do observador por completo. O humano está, mas não está, ali, de fato. Virtualmente há inúmeras presencialidades a se materializarem em pixels, em constante atualização no decorrer de clicks, páginas e acessos a artefatos digitais, que, no entanto,

consistem em extensões de outras presencialidades, analógicas e orgânicas (constitui-se uma sociabilidade de máquinas num hibridismo humano digital/cibernético). Percebe-se no ecrã uma imagem digitalizada do indivíduo e expandida por outros canais ou “olhos” digitais, que, embora seja um conjunto de imagens, ao mesmo tempo não se trata apenas de uma mera representação visual, pois diz de uma presença de fato, cibernética, um modo de ser e estar em um novo ecossistema (o smartphone como extensão do braço e olhos).

A imagem analisada e interpretada em termos de pixels, algoritmos e técnicas de processamento de dados, constitui também uma *visão maquínica*, em que os observadores seriam colocados no mesmo plano que as *máquinas de visão*. Essa nova dimensão comunicativa do habitar, abre a possibilidade de analisar a mídia como elemento interveniente nas práticas habitativas, capaz de alterar a *percepção* do local, e, simultaneamente, constituir as relações com o meio (habitar).

A ubiquidade no digital amplia os horizontes da experiência do coincidir com objetos, pelo efeito súbito da transposição dos olhares através dos olhos digitais dos distintos artefatos e da intervenção dos algoritmos. Trata-se de um “olho digital”, cuja ubiquidade de rastros e dados de profiles e perfis no on-line, assim como sua disponibilidade de conexão, permite a nós e aos objetos acessar, ‘de súbito’, aspectos dos encaixos alheios a qualquer momento do dia, num redimensionamento das condições e assimilações de presencialidade social. Nesta diferença de grau, só é possível distinguir a *percepção* de seu objeto, porque essa retém apenas o que é útil para nós (o que nos interessa). No entanto, na *percepção ontológica* (ser em si da percepção), abarca-se a questão da *percepção* do objeto (seres e entidades comunicantes) também a coincidir com o corpo orgânico, em sua fusão como cyborgue (contrastes entre corpo físico-biológico e corpo físico-digital).

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em ‘*Matéria e Memória*’, apesar de realizar uma análise densa, segundo sua época, da estrutura do sistema nervoso, Bergson defende que a *memória* não tem localização no cérebro. Isso destaca sua posição crítica em relação a psicofisiologia de seu tempo, além da crítica a hipóteses *realistas* e *idealistas* da filosofia que também veriam no cérebro a localização da memória. Conforme o próprio autor, o livro ‘*Matéria e Memória*’ foi destinado a afirmar a realidade do *espírito* e da *matéria*, com o intuito de determinar a relação entre ambos, “sobre um exemplo preciso, o da memória” (BERGSON, 1990, p.1). A questão da *matéria*, nesse sentido, será abordada, por Bergson, na medida em que interessa ao problema da relação do *espírito* com o *corpo*.

A matéria será concebida como um ‘conjunto de imagens’, sendo ‘*imagem*’ compreendida como “uma certa existência que é mais do que aquilo que o idealista chama uma representação, porém menos do que aquilo que o realista chama uma coisa - uma existência situada a meio caminho entre a ‘coisa’ e a ‘representação’ (Ibid, p.1). Para o

autor, nos encontramos, portanto, em presença de *imagens* no sentido mais vago que se possa tomar essa palavra. Tais *imagens*, percebidas quando abrimos nossos sentidos e despercebidas quando os fechamos, agem e reagem umas sobre as outras segundo leis constantes (leis da natureza) passíveis de previsões e cálculos. Todavia, há uma *imagem* que prevalece sobre as demais, conhecida não apenas de fora, mediante percepções, mas também de dentro, por meio de afecções, e que diz respeito ao ‘meu corpo’.

No novo contexto do digital, os aparatos digitais constituem-se propriamente como extensões desse corpo, que, por esse simples fato, não só amplia o conjunto de *imagens* conhecidas de fora (mediante percepções), como também de dentro, por meio de afecções de um corpo não mais apenas biológico-histórico-orgânico-social-cultural, mas também difuso e *expandido* (agora em suas extensões cibernéticas e/ou digitais). Evidencia-se, assim, uma *ontologia híbrida*, tal como metaforizado (e materializado) na figura do cyborgue.

Bergson (1990) em sua ontologia complexa, apreende o corpo como um ‘centro de ação’, um objeto capaz de exercer uma ação nova e real sobre outros objetos que o cercam, cujas afecções contém um convite a agir. O corpo cibernético expande esses centros de ações, em especial, devido aos redimensionamentos característicos da ubiquidade, a qual permite desterritorializar (movimento de abandono de territórios) e reterritorializar (movimento de construção de territórios) simultaneamente a partir de novos agenciamentos maquínicos de corpos (agora cibernéticos) e coletivos de enunciação.

Por fim, a passagem de uma tendência antropocêntrica (humano centro) para antropomórfica (forma humana) nas tendências do digital, deixa em evidência o redimensionamento que as novas formas de conectividade e de vida em rede conferem em termos *epistemológicos* (a exigir a emergência de uma nova episteme diversa da desenvolvida na tradição ocidental) e *ontológicos* (ao reivindicar um ser em si não baseado na separação humano/técnica/natureza).

Bergson (1990), ao conceber a matéria como conjunto de imagens, em sua ontologia complexa, contrapõe-se a concepção recorrente de uma percepção constituída de dentro para fora, ou seja, de um mundo exterior construído a partir de sensações inextensivas que se projetaria, a seguir, fora de nosso corpo. Nesse sentido, para Bergson (1990), as *imagens*, em seu conjunto, constitui o universo, o qual subsiste integralmente. Nesse fundamento, o próprio cérebro seria também uma imagem que faz parte do mundo material, de modo a ser, assim, uma contradição supor que nosso sistema nervoso engendraria a representação do universo (é o cérebro que faz parte do mundo material, e não o mundo material que faz parte do cérebro). De modo análogo, pode-se inferir que, na atual conjuntura, é o digital que faz parte do mundo material (por exemplo, através da computação ubíqua), e não o mundo material que faz parte do digital. O digital não é, desse modo, aquilo que engendra a representação do universo no on-line ou em pixels, como se forçado uma separação em categorias que diferem em natureza e não em grau (essa separação consiste em um falso problema).

Ao retomarmos a questão da mente, em Bergson, vimos que essa consistiria em algo que não se localiza exatamente em um correspondente físico do cérebro, mas, diz respeito a algo que estaria em constante mudança de natureza (difere de si própria de um instante a outro). No novo contexto do digital, em que seres e entidades comunicantes estabelecem comunicação entre si, constitui-se uma *mente ontológica* que toma sua forma virtual para atual em corpos híbridos. Trata-se, por fim, de um *inconsciente maquínico*, tal como propõe Deleuze e Guatarri (2010) em “O Anti-Édipo” e “Mil Platôs”, povoado por máquinas desejantes, criaturas híbridas da realidade social e da ação, responsável pelo desejo como intensidade que produz realidade.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. Truth and politics. In: ARENDT, Hannah. **Between past and future**. Nova York: Penguin, 1968. p. 227-264.

BERGSON, H. **A evolução criadora**. Rio de Janeiro: Delta, 1964, 408pp.

\_\_\_\_\_. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes. 1990, 313pp.

BHARAT. A. **The Content Trap: A Strategist's Guide to Digital Change**. New York: Random House, 2016, 423pp.

CÁDIMA, F. **Sobre a Era Digital: do analógico ao “algorithmic turn”**. Revista FSA. 12. 78-93, 10.12819/2015.12.2.5. 2015.

CHADWICK, A. **The hybrid media system: politics and power**. Oxford University Press, 2013, 256pp.

DELEUZE, G. **Bergsonismo**. Tradução de Luiz Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2012, 61pp.

DELEUZE, G; GUATARRI, F. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia** 1. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2010, 560pp.

DI FELICE, M. **A vida secreta dos objetos: Ecologias da Mídia**. 2015. Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/noticias/aconteceu-professor-do-crp-participou-de-simp-sio-internacional-vida-dos-objetos-ecologias->>>.

\_\_\_\_\_. **Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar**. São Paulo: Annablume, 2009, 308pp.

\_\_\_\_\_. **Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares**. Intercom. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2013.

\_\_\_\_\_. **Redes sociais digitais, epistemologias reticulares e a crise do antropomorfismo social**. Revista USP, São Paulo, N. 92, p. 9-19, 2012.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador**. v. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, 193pp.

FARIA, E.; SOUZA, V. L. T. **Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores**. *Psicol. Esc. Educ.* (Impr.), Maringá, v. 15, n. 1, p. 35-42, jun. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572011000100004&lng=en&nrm=iso~](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572011000100004&lng=en&nrm=iso~)>. Acesso em: 09 abr. 2016.

GIBSON, W. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 2008, 252pp.

GOMEZ-CRUZ. **Las metáforas de internet**. Barcelona: Editorial UOL, 2007, 140pp.

HARAWAY, D. J. A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century **In: Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature**. New York, Routledge, 1985 (Trad. Bras. Tomaz Tadeu.)

HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. 2ªed. Petrópolis: Vozes, 2002, 149pp.

HINDMAN, M. **The myth of digital democracy**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2008, 454pp.

MATEUS, S. **O Indivíduo pensado como Forma de Individuação**. *Revista Estudos em Comunicação*. Covilhã: n. 10, 93-106, 2011. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/10/pdf/EC10-2011Dez-05.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2013.

MELOT, M. Préface. In: PÉDAUQUE, Roger T. **Le document à la lumière du numérique**. Caen, Fr: C&F, 2006.

MEADOWS, M. S. **I, avatar. The Culture and consequences of having a Second Life**. Berkeley: New Riders ed., 2008, 144pp.

SÁNCHEZ, L. A. **Identidades Expandidas: arte e redes sociais na internet**. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação Interunidades em Estética e História da Arte. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SLAVIN, K. **How algorithms shape our world**. Edinburgh: TedGlobal, Julho 2011. Disponível em: <[http://www.ted.com/talks/kevin\\_slavin\\_how\\_algorithms\\_shape\\_our\\_world](http://www.ted.com/talks/kevin_slavin_how_algorithms_shape_our_world)>. Acesso em: 28 maio 2015.

## APP COMUNICA: SOFTWARE PARA GARANTIR UMA CIDADE ACESSÍVEL

*Data de aceite: 01/05/2021*

*Data de submissão: 05/02/2021*

### **Vitória Vasconcellos da Luz**

Instituto Federal de Educação Ciência e  
Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul  
Bagé – RS  
<http://lattes.cnpq.br/2603116969746820>

### **Mario Sérgio Gonçalves Cunha Júnior**

Instituto Federal de Educação Ciência e  
Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul  
Bagé – RS  
<http://lattes.cnpq.br/5433374032170222>

### **Leandro da Silva Camargo**

Instituto Federal de Educação Ciência e  
Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul  
Bagé – RS  
<http://lattes.cnpq.br/0870465869635397>

**RESUMO:** Segundo a Lei Brasileira de Inclusão, é direito das pessoas com deficiência física ou mobilidade reduzida, igualdade de oportunidades de acesso em locais públicos. Observa-se a inexistência de meios de comunicação direta e segura com o poder público para denunciar o não cumprimento da Lei. Diante disso, após diversas pesquisas, propõe-se o desenvolvimento de um software aplicativo para dispositivos móveis, vinculado com a prefeitura, para realização de registros de falta de acessibilidade em vias municipais, possibilitando ao usuário, sem cadastro prévio, fotografar o local da ocorrência e enviar diretamente ao órgão público responsável

para que, por meio de uma aplicação web seja verificada a possibilidade de solução e retornando ao usuário cada alteração na situação da ocorrência. Garantindo, assim, o efetivo cumprimento da lei.

**PALAVRAS - CHAVE:** Acessibilidade, inclusão, comunicação.

### **APP COMUNICA: SOFTWARE TO ENSURE AN ACCESSIBLE CITY**

**ABSTRACT.** According to the Brazilian Inclusion Law, it is the right of persons with physical disabilities or reduced mobility, equal access opportunities in public places. It is observed the inexistence of direct and secure means of communication with the public power to denounce the non-compliance with the Law. In view of this, after several researches, it is proposed the development of application software for mobile devices, linked with the city hall, to make records of lack of accessibility in municipal roads, allowing the user, without prior registration, to photograph the occurrence place and send directly to the public body responsible for it, through a web application is verified the possibility of solution and returning to the user each change in the situation of the occurrence. This guarantees effective compliance of the law.

**KEYWORDS:** Accessibility, inclusion, communication.

## 1 | INTRODUÇÃO

Segundo a Lei Brasileira de Inclusão, é direito das pessoas portadoras de deficiência física ou mobilidade reduzida, igualdade de oportunidades de acesso em locais públicos. Observa-se a inexistência de meios de comunicação direta e segura com o poder público para denunciar o não cumprimento da lei.

Ao observarmos as condições de acessibilidade arquitetônica nos centros urbanos e rurais dos municípios brasileiros, verificamos o quanto nos falta para alcançarmos uma democracia verdadeira e abrangente. Essa análise torna-se mais necessária quando se refere especialmente às pessoas com deficiência, pois a elas cidadania plena é cotidianamente negada.

Levanta-se a hipótese de que a utilização de um aplicativo para dispositivos móveis, em parceria com a Prefeitura Municipal de Bagé – RS e a Associação Bajeense de Pessoas com Deficiência (ABADEF), que registre ocorrências de falta de acessibilidade urbana facilite a comunicação entre a população e o poder público e atue como mediador para que os órgãos responsáveis possam verificar os problemas apontados e fornecer possibilidades de solução. Possibilitando, assim, um diálogo entre o poder público e pessoas com deficiência, seus familiares e a população em geral, e proporcionar uma forma mais ágil e eficaz de resolver problemas de acessibilidade existentes.

## 2 | OBJETIVOS

Proporcionar à população bajeense, em especial às pessoas com deficiência, um canal direto de comunicação com o poder público, através do registro de ocorrências de falta de acessibilidade no município de Bagé – RS, utilizando para isso um aplicativo móvel que colete as informações da ocorrência e envie os dados para uma aplicação web, onde as instituições parceiras atuarão como fiscalizadores e poderão identificar a forma mais viável de solução para as ocorrências registradas.

### 2.1 Objetivos Específicos

- Proporcionar ao usuário uma plataforma simples, confiável e acessível para o registro das ocorrências;
- Permitir ao usuário contribuir com ocorrências que já foram registradas, dando prioridade às ocorrências com mais popularidade;
- Dar acesso web às instituições parceiras para fiscalizar e solucionar as ocorrências registradas;
- Permitir que o usuário acompanhe o andamento das ocorrências que cadastrou e priorizou;

- Mapear os pontos onde há registro de ocorrências detalhando sua situação.

### 3 | REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção será apresentado um levantamento teórico sobre temas pertinentes à pesquisa, os quais descrevem o direito constitucional da acessibilidade das pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, e as tecnologias escolhidas para desenvolvimento do projeto.

#### 3.1 O direito constitucional da acessibilidade das pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida

A partir da Constituição da República de 1988, a sociedade civil e o Estado passaram a priorizar o homem como um ser de direitos. O direito de acessibilidade das pessoas com deficiência representa a implementação, a efetivação dos princípios e objetivos traçados pela própria Constituição. Assim a grande relevância do caráter indissociável dos direitos fundamentais, porquanto a Constituição, que objetiva construir uma cidadania plena, acessível a todos os brasileiros, terá mais possibilidade de materialização.

A concepção do termo “pessoa com deficiência” e o seu conceito tiveram suas origens na Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes (ONU, 1975), a qual estabeleceu que “qualquer pessoa incapaz de assegurar por si mesma, total ou parcialmente, as necessidades de uma vida individual ou social normal, em decorrência de uma deficiência congênita ou não, em suas capacidades físicas, sensoriais ou mentais” seria uma “pessoa com deficiência”. Já a definição de “pessoa com mobilidade reduzida” está prevista na Lei n.º 10.098/00, como sendo aquela a que temporariamente tem limitada sua capacidade de relacionar-se com o meio e de utilizá-lo.

O acesso aos elementos que compõem o ambiente é fator a ser trabalhado no processo de planejamento das cidades. Assimilar o que de fato é acessibilidade torna-se fundamental para o alcance de uma cidade mais humana, onde toda a população possa conquistar sua plena cidadania, afirma Bahia et al. (1998).

“A inclusão das pessoas com deficiência física na sociedade faz parte de um processo de trocas. Dessa maneira, a cidade se ajusta às limitações dessas pessoas com projetos de acessibilidade aos espaços públicos e edificações urbanas e, em contrapartida, elas se adaptam ao ambiente das cidades” (Cohen, 2006).

A acessibilidade é um tema social cada vez mais relevante e presente na sociedade. Isso se justifica pelo fato de que as cidades brasileiras, em sua grande maioria, não estão preparadas para possibilitar que as pessoas com deficiência possam acessar, permanecer e utilizar os múltiplos espaços, das edificações, dos elementos da urbanização e dos serviços de uso público e coletivo, com autonomia, segurança e comodidade. Existe, ainda, a barreira cultural, exteriorizada pela sociedade através da demonstração de indiferenças,

de atitudes preconceituosas, de estereótipos que consideram essas pessoas incapazes de atender os objetivos de desenvolvimento do país, destaca Nonato (2011).

*“Se por um lado a realidade presente nas cidades é de calçadas sem rebaixamentos, caixas eletrônicas sem as devidas adaptações, ausência de elevadores adequados nas edificações, ausência ou más condições de rampas, transporte coletivo inacessível, portas estreitas e banheiros não adaptados, por outro, o preconceito social rotula a pessoa com deficiência como incapaz. Enquanto essa situação permanecer, as pessoas com deficiência terão dificuldades para exercerem sua cidadania, continuarão excluídas.” (Nonato, 2011)*

Pode-se afirmar que mudanças na infraestrutura da cidade proporcionam às pessoas com deficiência sentimento de pertença. Pois sem o acesso aos equipamentos urbanos, às escolas, aos transportes públicos, as pessoas com deficiência não podem exercer a sua cidadania. Não se pode falar em inclusão social sem uma cidade acessível, a acessibilidade é necessária para o exercício mínimo da cidadania e da inclusão social. (Araújo, 2008)

A acessibilidade urbana, no contexto da deficiência física, passa a ser um filtro nas relações sociais, podendo esse filtro ser mais ou menos estreito conforme os limites impostos pelo espaço urbano e a capacidade de superação da pessoa com deficiência, conclui Steele (1973).

### **3.2 Android**

Android é um sistema operacional para dispositivos móveis criado em 2003 por Andy Rubin, Rich Miner, Nick Sears e Chris White fundadores da Android Inc. A ideia principal do sistema era ser simples, funcional e possuir integração com vários instrumentos sendo gratuito para as pessoas e simples para os desenvolvedores. (GLAUBER; LECHETA, 2015).

O grande ponta pé para o lançamento do Android se deu em 2007 quando empresas como a Samsung, Sony, HTC, Sprint Nextel, T-Mobile, Qualcomm, Texas Instruments e a própria Google firmaram uma parceria como o objetivo de criar uma plataforma de código aberto para smartphones. O resultado foi a criação da Open Handset Alliance e o primeiro Android comercial rodando em um HTC Dream lançado em 22 de Outubro de 2008 (GLAUBER; LECHETA, 2015).

*“O Android, do Google, passou o Windows e se tornou o sistema operacional mais usado do mundo em março de 2017, informou a StatCounter. É a primeira vez desde que foi lançado que o topo não é ocupado pelo software da Microsoft”(PORTAL G1, 2017).*

Cruz e Carmo (2016) destacam o Android como a plataforma Mobile mais utilizada do mundo, portanto uma das vantagens de se desenvolver para esse Sistema Operacional é ter um grande mercado consumidor de cerca de 86,2% conforme estimativa do instituto

de pesquisa 36 Gartner, em Ago/2016. Além disso, o desenvolvimento nesta plataforma permite uma divulgação mais rápida e simples, através da ferramenta PlayStore (Loja de aplicativos).

## 4 | METODOLOGIA

A primeira etapa do desenvolvimento do projeto foi a escolha do tema a ser abordado. A partir disso, realizou-se uma revisão bibliográfica em publicações da área, com o objetivo de realizar um rápido diagnóstico sobre a realidade das dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência na cidade de Bagé. Desta forma foi possível observar o perfil dos futuros usuários da aplicação, para a escolha das tecnologias que melhor atendem à necessidade do projeto, gerando melhores soluções ao problema observado. Após, foi estabelecida uma parceria com o poder público do município de Bagé – RS e com a Associação Bajeense de Pessoas com Deficiência (ABADEF) onde foi apresentada a proposta e, posteriormente, definido o escopo do sistema e seus requisitos.

A etapa de revisão bibliográfica serviu como base para a terceira etapa, investigação de solução, pois com o entendimento da realidade vivida pelos futuros usuários foi possível definir a ideia da aplicação, procurando atender as demandas levantadas, de forma que as entidades parceiras atuem como órgãos fiscalizadores, obtendo as ocorrências registradas pela população através do aplicativo para, posteriormente verificar um meio viável para solução. Além disso, através da revisão bibliográfica foi possível identificar a existência de aplicativos semelhantes e definir os diferenciais necessários para o desenvolvimento e melhor utilização do sistema proposto.

Após a revisão bibliográfica, apresentação da proposta ao orientador e às entidades parceiras foi iniciada a etapa de desenvolvimento do projeto do software. Inicialmente foi realizado o levantamento dos requisitos, funcionais e não funcionais, e definido o escopo do sistema. Nesta etapa foi utilizada Linguagem de Modelagem Unificada (UML), onde foi definido um projeto de software pensado para proporcionar praticidade e facilidade no desenvolvimento da aplicação.

Para o desenvolvimento da aplicação mobile foi utilizada a plataforma Android. Tendo como base o perfil de usuários observado na primeira etapa foi desenvolvido um aplicativo com interface básica, de fácil entendimento e intuitiva, pois será utilizada por pessoas com deficiência. A Interface foi pensada de modo que qualquer pessoa consiga utilizar o aplicativo, sem necessidade de conhecimentos de tecnologia, sendo acessível para pessoas com qualquer tipo de deficiência.

Posteriormente, foi desenvolvido um sistema web que será acessado pelos órgãos fiscalizadores e tem como objetivo avaliar as ocorrências registradas pela população através do aplicativo Android e procurar a melhor forma de solucionar os problemas registrados. Para o desenvolvimento do sistema web foi utilizada a tecnologia de Java Server Faces

(JSF). O meio de integração entre as aplicações Android e Web foi dado por meio de uma Web Service em Rest.

## 5 I RESULTADOS

O desenvolvimento do software/aplicativo deu-se na plataforma Android para a parte mobile, já na parte web, foi desenvolvido em Java Server Faces (JSF) o meio de integração entre as duas partes foi uma WebService em Rest.

A modelagem é essencial para que o Software seja desenvolvido com o mínimo de erros. Neste processo é feito o escopo do projeto através de análises de requisitos, no nosso caso optou-se pelo uso da Linguagem de Modelagem Unificada – UML.

Com o diagrama de casos de uso é possível descrever como o sistema e o ator interagem através de fluxos. O fluxo principal mostra as interações normais, ou seja, sem erros, entre o ator e o sistema. Na figura 2 encontra-se o diagrama de casos de uso do projeto.

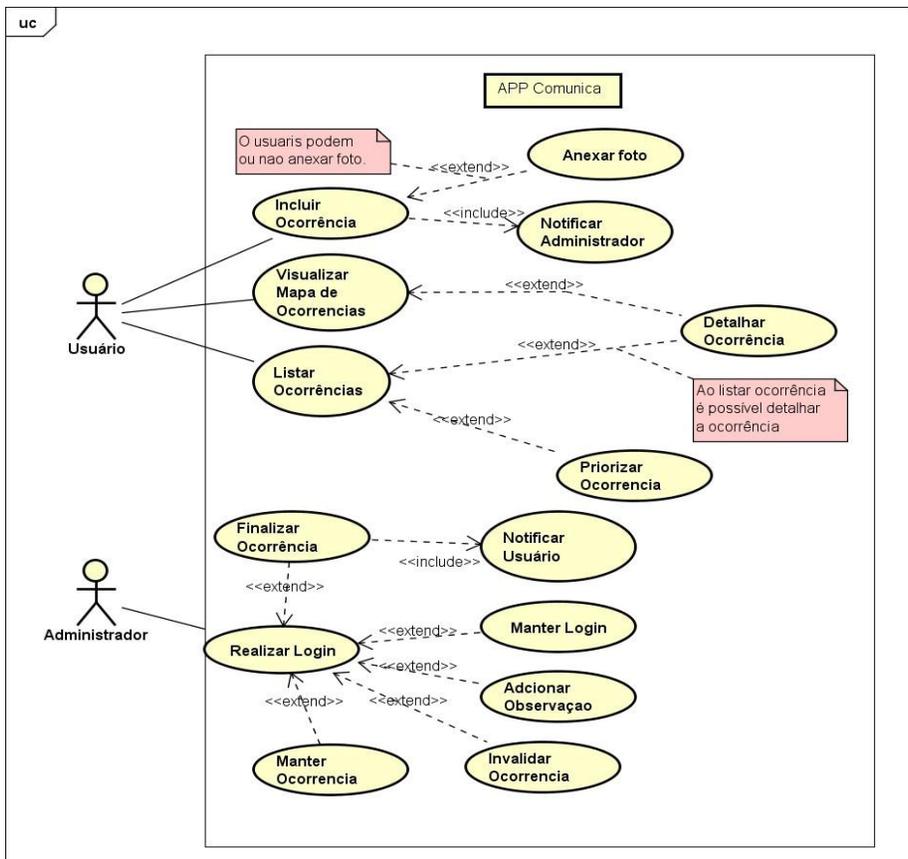


Figura 2. Diagrama de Casos de Uso

Com o diagrama de classes descreve-se a estrutura do sistema, apresentando suas classes, atributos, operações e relações entre os objetos, também possibilita a definição de todas as classes que a aplicação precisa ter e serve como base para a construção de outros diagramas e para o desenvolvimento do sistema, pois separa os elementos de design da codificação do sistema. Na figura 3 é apresentado o diagrama de classes do projeto.

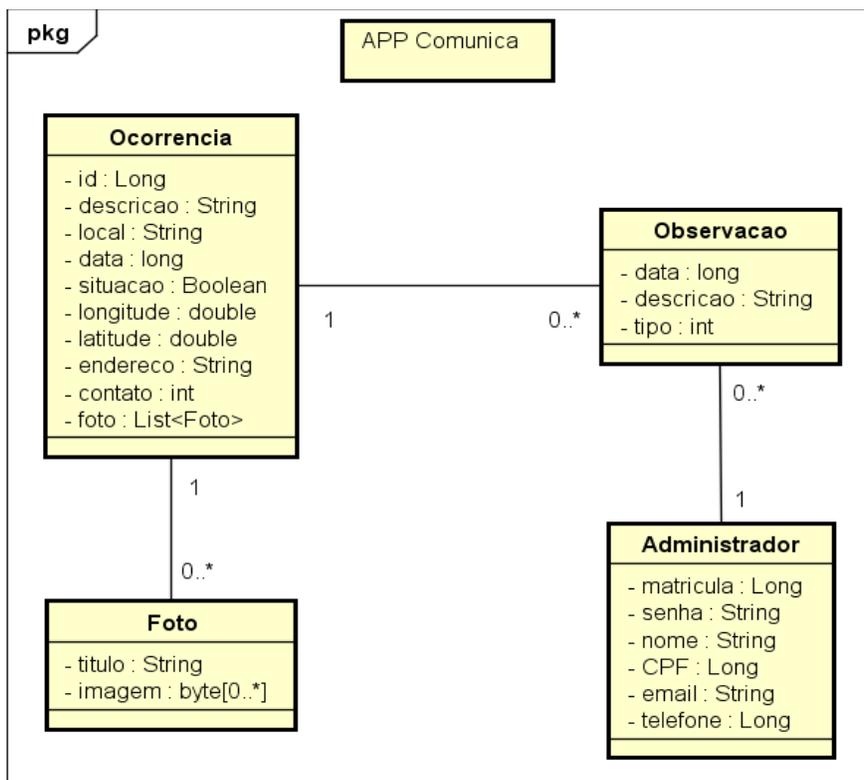


Figura 3. Diagrama de Classes

O aplicativo Comunica tem como sua principal função o cadastro de ocorrências de falta de acessibilidade. Para utilização do aplicativo é necessário que o usuário possua internet no seu dispositivo e esteja com a função de localização ativada. Optou-se por não exigir cadastro de usuário e login, pois a equipe entendeu que não haveria nenhum ganho com estes e, possivelmente, um receio por parte dos usuários em informar dados pessoais. Na tela inicial do aplicativo, o usuário poderá realizar o registro de uma nova ocorrência, informando sua descrição, local e, se desejar, anexando uma imagem da ocorrência cadastrada. Além disso, após clicar no botão de cadastro, localizado na parte inferior da tela, o usuário poderá optar por cadastrar a ocorrência com a sua localização

atual ou informar outra localização. Na Figura 4 apresenta-se a tela inicial do aplicativo, o registro das ocorrências.



Figura 4. Tela Inicial – App Comunica

O aplicativo também possui a função de visualização de listagem de ocorrências, onde o usuário tem a possibilidade de visualizar ocorrências já cadastradas. Na Figura 5 apresenta-se a tela de lista de ocorrências do aplicativo. Ainda na tela de lista de ocorrências do aplicativo o usuário poderá organizar a lista de ocorrências cadastradas de 3 formas: Últimas Inseridas, Mais Populares e Próximas a Você. Lembrando que as ocorrências visualizadas são limitadas em dez casos.



Figura 5. Tela de Listagem – App Comunica

Existe a possibilidade de pesquisar por descrição de ocorrência, com um clique longo na ocorrência é anexado mais um ao contador de popularidade, com o clique simples é aberta a tela com os detalhes da ocorrência selecionada. Na Figura 6 é possível visualizar a tela de detalhamento de ocorrências.

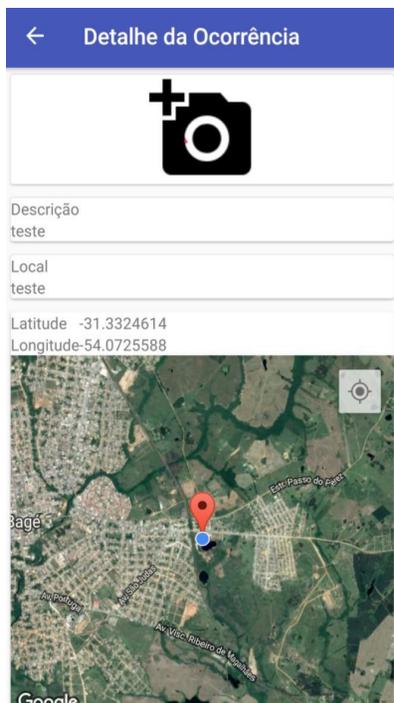


Figura 6. Tela de Detalhamento de Ocorrência – App Comunica

O aplicativo tem no menu lateral a função de mapa, nela é possível ver todas as ocorrências cadastradas no perímetro da cidade, por meio de marcadores, marcadores na cor azul representam ocorrências finalizadas e na cor vermelha ocorrências em aberto. Ao clicar em um marcador é aberta uma janela com informações básicas da ocorrência, com a opção de detalhar a ocorrência. A Figura 7 mostra a tela com o mapa das ocorrências registradas.



Após efetuar o login, o administrador poderá visualizar as ocorrências que foram registradas pelos usuários e finalizá-las, ou visualizar as ocorrências já finalizadas no histórico de ocorrências como apresentado na Figura 9. Ao clicar em uma ocorrência esta será expandida mostrando suas informações possibilitando finalizá-la, neste momento é enviada uma notificação para os usuários do aplicativo Android, possibilitando ver os detalhes desta ocorrência. Assim como na aplicação Android, também é possível visualizar as ocorrências pelo mapa na aplicação Web.

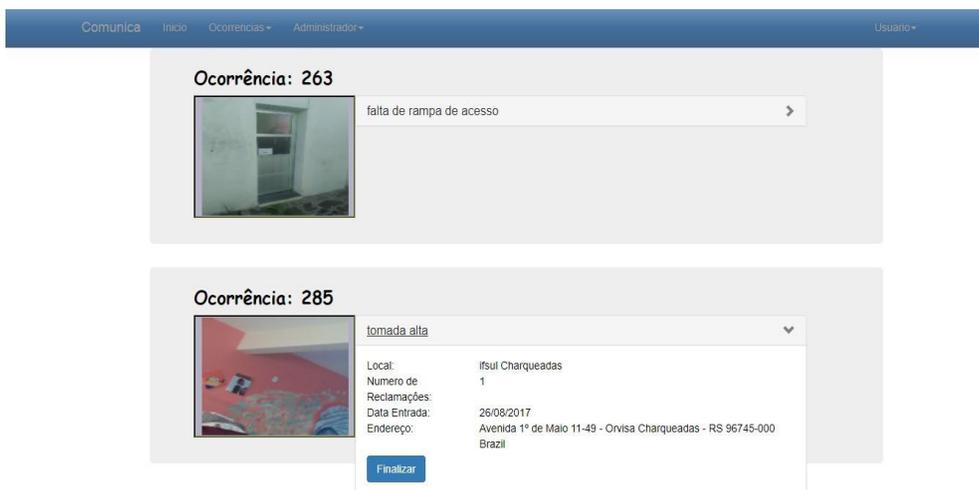


Figura 9. Tela de Listagem de Ocorrências – Aplicação Web

## 6 | CONCLUSÃO

Acredita-se que a utilização do aplicativo possibilitará à população, em especial, às pessoas com deficiência maior autonomia diante dos problemas que enfrentam no seu cotidiano, sendo um canal de comunicação com as autoridades para exigir o cumprimento da lei.

Ao iniciar o desenvolvimento do projeto foi realizada uma parceria com o poder público municipal, este se mostrou aberto a cooperar e auxiliar na implantação do software, pois seria sua a função de fiscalizar e fornecer soluções para as ocorrências registradas. Ao final do desenvolvimento do sistema, devido a impasses burocráticos, a implantação utilizando como entidade fiscalizadora a prefeitura municipal de Bagé tornou-se inviável. Como solução futura, espera-se contar com o apoio da Associação Bajeense de Pessoas com Deficiência (ABADEF), podendo esta atuar como fiscalizadora a fim de identificar a melhor forma de solucionar as ocorrências registradas.

Espera-se disponibilizar o aplicativo para a população bajeense o mais breve possível,

pois durante o desenvolvimento do projeto foi possível compreender a acessibilidade como uma questão social, reconhecendo o predomínio do preconceito e do estigma que exclui a pessoa com deficiência da sociedade. É necessário reunir esforços governamentais, privados e da sociedade para desmistificar a questão da acessibilidade urbana. Cabe a cada um de nós, especialmente ao poder público, dar significado concreto aos avanços alcançados legislativamente, pois só assim a construção de uma cidade acessível deixará de ser uma possibilidade e se tornará realidade.

## REFERÊNCIAS

Araujo, L. A. D. (2008) **A proteção constitucional das pessoas com deficiência e o cumprimento do princípio da dignidade da pessoa humana**. In: MIRANDA, Jorge.

Bahia, S. R. et al. (1998) **Município & Acessibilidade**. Rio de Janeiro: IBAM/DUMA.

Bastos, A. R. B. et al. (2016) **A liga dos super direitos: super-heróis em defesa dos direitos das pessoas com deficiência**. Bagé – RS, Unipampa: ABADEF.

Brasil. (1988) Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasil Lei Nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

Brasil. Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**.

Cohen, R. S. (2006) **Corpo e deficiência: percursos e discursos possíveis na experiência urbana**. Programa de estudos interdisciplinares de comunidades e ecologia social (EICOS). Rio de Janeiro: UFRJ.

Cruz, T.C. Carmo, Y.J. (2016) **Sistema para gerência de despesas**. UFF, Niterói – RJ.

Lecheta, R. R. (2015) **Google Android**. 5º edição. São Paulo-SP: Editora Novatec.

Lima, S. S. C.; Carvalho-Freitas, M. N.; et al. (2013) **Repercussões Psicossociais da Acessibilidade Urbana para as Pessoas com Deficiência Física**. São João del-Rei, MG, Brasil.

Nonato, D. do N. (2011) **Acessibilidade Arquitetônica como Direito Humano das Pessoas com Deficiência**. Orbis: Revista Científica Volume 2.

Organização das Nações Unidas - ONU. (1975) **Declaração dos direitos das pessoas deficientes**.

Steele, F. (1973) **Physical settings and organization development**. Reading, MA: Addison-Wesley.

# CAPÍTULO 10

## LA PARTICIPACIÓN CIUDADANA EN EL FORTALECIMIENTO DE LA FORMACIÓN EN TEMAS DE SEGURIDAD EN PIMENTEL: UN ESTUDIO EXPERIMENTAL DE DESARROLLO DE CAPACIDADES COMUNICATIVAS

*Data de aceite: 01/05/2021*  
*Data de submissão: 10/02/2021*

**Jerry Jara Llanos**

UN Pedro Ruiz Gallo

**RESUMEN:** El desarrollo de esta investigación responde a la necesidad de fortalecer la práctica comunicativa, fomentar la participación ciudadana activa y democrática con respecto al desarrollo de la comunidad de Pimentel. Mediante la aplicación de una encuesta, un focus group y entrevista individual a cada miembro de la comunidad, logramos probar el rol protagónico de los pobladores, a través de los escenarios comunicativos, y el trabajo recíproco con sus autoridades locales, para la ejecución de sus iniciativas ciudadanas en pro de su desarrollo humano y bienestar social. Desde este tipo de problemáticas, la Comunicación para el desarrollo juega un papel estratégico, pues ayuda a generar nuevos procesos de cambio donde se fortalecen las relaciones humanas e interpersonales, para que de esta forma, los pobladores generen espacios participativos en la sociedad y puedan ser reconocidos como actores sociales.

**PALABRAS CLAVE:** Comunicación para el Desarrollo, capacidades comunicativas, participación ciudadana, escenarios comunicativos.

**ABSTRACT:** The development of this research responds to the need to strengthen communicative practice, encourage active and democratic citizen participation regarding the

development of the community. By applying a survey, focus group and individually to each member of the community interview, we can prove the leading role of the people, through the communication scenarios, and mutual work with local authorities for the implementation of their citizen initiatives for human development and social welfare.

Since this type of problem, communication for development plays a strategic role, helping to generate new change processes where human and interpersonal relationships are strengthened, so that in this way, villagers generate participatory spaces in society and can be recognized as social actors.

**KEYWORDS:** Development Communication, communication skills, civic participation, communicative scenarios.

### OBJETIVO

Determinar la manera en que un plan de comunicación para el desarrollo de las capacidades comunicativas entre los pobladores del AAHH La Molina, del distrito de Pimentel, permite aumentar la participación ciudadana, y, con ello, fortalecer la formación en temas de seguridad.

### ENFOQUE Y/O METODOLOGÍA DE ABORDAJE

Diseño:

O1 encuesta, O2 focus group, O3 entrevista individual. La intervención se dio en dos etapas: “Mis derechos de participación”, y “Mi participación como ciudadano”

De la población de nuestra investigación 4587 pobladores trabajamos con una muestra total de 30 personas del AA.HH. La Molina Alta, 15 mujeres y 15 hombres.

## PRINCIPALES RESULTADOS Y REFLEXIONES

Extractos de la discusión final.

La comunicación para el desarrollo es más que un proceso de comunicación lineal y sin retorno, es bidireccional; lo pobladores de este asentamiento humano no le habían dado la importancia necesaria y el gran rol que cumple en el desarrollo humano. Empezar diciendo que, en la mayoría de estos hogares la comunicación es deficiente, debido a varios factores, mayormente a la poca información que poseen, lo cual ha dificultado el buen diálogo con los hijos y el debate mesurado para el buen desarrollo de las relaciones interpersonales entre vecinos y autoridades competentes.

Gumucio (2011) “la comunicación es un factor determinante en la facilitación de la gente en el acceso a la información; por tanto en posibilitar también que sea la propia gente la que tome el control de sus propias vidas y establecer sus propias agendas en relación al desarrollo político, económico y social. En particular, puede contribuir a amplificar las voces de los económica y políticamente marginados, incorporándolas a los debates públicos y políticos del conjunto de la sociedad. La información no se debe reducir a permitirle a la gente saber lo que debería hacer o pensar. La información es poder. Les permitiría a los individuos y comunidades construir su destino y hacer realidad sus aspiraciones”.

Al respecto, se ha fortalecido la comunicación a través de las diferentes charlas y talleres, ya que es el eje principal para no solo el cambio de comportamientos, sino hacia el cambio social, el cual compete el empleo de mejores estrategias comunicacionales, una mayor participación ciudadana, mejores procesos de aprendizaje, desarrollo de habilidades y capacidades, mejores oportunidades, un mejor diálogo, un eficiente trabajo en equipo, una mejor convivencia y sobre todo el empoderamiento de las personas para que se conviertan en los protagonistas responsables de su propio desarrollo.

Carrasco (2011) “La comunicación cumple un rol facilitador en los procesos de participación ciudadana, sobre todo cuando su fin es relacional. Así pues, la comunicación y los comunicadores hacen posible la participación estimulando a los ciudadanos a identificar sus problemas y plantear soluciones a partir del diálogo y la negociación de intereses, conduciendo a la definición de objetivos y metas que orienten la acción ciudadana, moderando instancias de decisión, entre otros. Sin embargo, la comunicación, por sí sola, no genera procesos participativos exitosos ni sostenibles, sino que requiere

voluntad política y cierta institucionalidad en la organización ciudadana, para promover una participación afectiva (que implique) pero efectiva (es decir, responsable)”.

Todas las actividades han sumado para la concreción y entendimiento de la comunicación para el desarrollo, lo cual lo han plasmado en aquellas iniciativas ciudadanas presentadas al alcalde de Pimentel, y en el taller de radio; ha sido un proceso complejo y que necesita ir fortaleciéndose periódicamente, la formación de ciudadanos empoderados en la solución de sus problemas, principalmente en el tema de inseguridad, lo cual lo han tratado de enfocar hacia una cultura de prevención y paz, es decir, el trabajo con niños y jóvenes, rescatar el potencial de estos (desarrollo de sus capacidades y talentos), formarlos y educarlos para que en un futuro sean ciudadanos de bien, y contribuyan al desarrollo de su comunidad.

Gina Gogin (2008) dentro de esta perspectiva, pertinentemente señala que, “la comunicación para el desarrollo busca, propicia, que los individuos y las comunidades se apropien tanto de los mensajes, como de los medios (en términos de proceso y contenido)” Asimismo, es particularmente enfática en señalar el poder que la comunicación nos puede brindar. Un poder no exclusivo de los grandes medios o estadistas, sino de las poblaciones e individuos que, esta vez empoderados tienen potestad de decisión, de participación y por qué no, de cambio”.

La comunicación para el desarrollo entonces vista desde esta óptica se refiere al cambio de comportamiento y su correlato con el dar conocimiento y/o difundir información para promover la adopción de nuevas actitudes, generar participaciones en los actores sociales y así mejorar la calidad de vida de las personas.

Ahora que se les ha brindado a los pobladores una nueva percepción acerca de esta herramienta, tienen el gran reto de emplear esa comunicación que realmente los incita, promueva o lleve a la práctica de una eficiente participación ciudadana, por su alta carga de transformación social, contribuyendo a la gobernabilidad democrática, a la construcción de la paz, a la cultura y al desarrollo, es decir el convertirse en comunicadores y agentes del cambio.

Una de las fortalezas de la comunicación, ha sido el permitir el desarrollo de aquellos escenarios donde las personas han podido participar de forma colectiva en su comunidad, espacios que han incitado al desarrollo de sus habilidades y capacidades, como también el empoderamiento, donde se pudo abrir nuevas y mejores perspectivas hacia el diálogo, el debate, el consenso, la cultura y arte.

Para la buena obtención de resultados para la participación en estos escenarios, las personas tuvieron que poner en práctica todo lo aprendido en las diversas charlas, aquellas que fueron parte de su aprendizaje y formación como ciudadanos comprometidos y responsables con su comunidad; es así que demostraron al momento de exponer aquellas soluciones con respecto a sus problemas sociales, el fortalecimiento de su autoestima, la confianza en si mismos de lo que decían y de lo que querían; además en la audiencia

pública dieron a conocer un mejor liderazgo y trabajo en equipo como organización y con las autoridades pertinentes, logrando el mejoramiento de la comunicación interpersonal a base del dialogo, el fortalecimiento de sus relaciones humanas, la comprensión sobre la importancia de sus derechos colectivos y de aquellos mecanismos de participación ciudadana, comunicando de esta forma el inicio de un gran proyecto de desarrollo para con su comunidad.

La radio ciudadana, les permitió tener una buena experiencia, señalaron sentirse parte de su comunidad de una forma diferente, ya que les daba un poder significativo al momento de transmitir sus opiniones e ideas, resultó un alto valor no solo para ellos, sino también para sus vecinos, es decir, fue un medio en el que todos se escuchaban y participaban activamente.

El papel de la radio comunitaria, radica en atender las prioridades establecidas por la comunidad, de forma que puedan facilitar su discusión, fortalecerlas y desafiarlas, es un espacio donde se ve reflejada la comunidad, donde hay un empoderamiento de la sociedad base; como señala López (1995) “son emisoras donde se ve reflejada la comunidad, donde hay un empoderamiento de la sociedad base. Son espacios caracterizados por la participación, la inclusión, la diversidad, el respeto, y que se convierten en un punto de encuentro entre grupos de población. Tienen un rol importante dentro de la sociedad, sobre todo de visibilizar temáticas que otros no ven”.

Para lograr, entonces, que esta comunicación pueda servir verdaderamente para el fomento de la participación y el fortalecimiento de la democracia, debe considerarse a la comunicación como un agente que puede ayudar a construir el espacio público a través de imágenes, intereses y espacios comunes, lo cual es definido por Andrenacci (2005) como, “el nuevo paradigma de comunicación ciudadana, en el cual se modifican las políticas de comunicación, tratando de inducir el encuentro de la sociedad consigo misma, con el futuro a buscar, posibilitando una expresión y un diálogo plural, testeando al poder, generando la inclusión de los medios masivos al proceso y forjando otros equilibrios que empoderen al ciudadano”.

A través de estos escenarios comunicativos, sale a relucir una vez más la “Comunicación para el Desarrollo”, una forma particular de hacer comunicación. Esta particularidad se debe a que este tipo de comunicación busca, propicia, que los individuos y las comunidades se apropien tanto de los mensajes, como de los medios (en términos de contenido y proceso).

Por tanto, se trata de un proceso de comunicación que otorga poder (empodera) a la comunidad, que busca dar voz a los no escuchados, que es de “muchos a muchos”; y que pone el énfasis en contenidos y temáticas locales. Por ello, quienes trabajamos en este ámbito debemos comprometernos a convencer a otros, del valor de este enfoque; ya sea publicando, promoviendo el debate, o socializando la información más actualizada; y por supuesto, continuar investigando y sistematizando experiencias de desarrollo con

perspectiva comunicacional.

La violencia social y la inseguridad ciudadana se convierte en uno de los principales obstáculos para la construcción de ciudadanía. En consecuencia, para luchar de manera efectiva contra ese fenómeno se requiere más sociedad, más espacio público y una ciudadanía fortalecida en sus derechos y en sus capacidades de acción colectiva.

Como hemos podido apreciar durante toda la ejecución del proyecto, el problema apremiante y preocupante es la inseguridad que viven actualmente los pobladores de La Molina, la seguridad ciudadana es un problema muy complejo que tiene múltiples causas y factores que lo generan. Como no podemos actuar sobre todos ellos a la vez, es necesario que prioricemos sobre qué temas y aspectos podemos trabajar, y la única forma que los pobladores han podido identificar es uniéndose e involucrándose, además de relacionarse mejor con sus autoridades.

La calidad de la ciudadanía tiene una vinculación directa con la inseguridad que se vive diariamente en el asentamiento. Se trata de una relación de intercambio permanente ya que el aumento de la inseguridad tiene también consecuencias en el debilitamiento de la ciudadanía. Son dos fenómenos profundamente interconectados que requieren ser enfrentados de manera conjunta. Slavoj Žižek (2009) “La seguridad es tarea de todos y todas, pero también una clara responsabilidad del Estado, mediante la definición de políticas que permitan avanzar con claridad en el combate de la delincuencia y al mismo tiempo en la articulación de iniciativas que posibiliten ejercer plenamente los derechos ciudadanos. De esta forma, es necesario avanzar en agendas proactivas que contribuyan a disminuir los procesos de exclusión, el debilitamiento de la cohesión social y el aumento de la violencia en el país”.

Lo mencionado por Slavoj es muy importante porque se basa en la relación y participación de la ciudadanía para obtener la tranquilidad tan anhelada, si bien es cierto hay impedimentos, el ahínco está presente, la vinculación de los pobladores frente al problema de seguridad es más evidente ya que manifiestan; el deseo de trabajar en conjunto además de incluir a el alcalde para que tome las riendas del problema.

La comunicación ha fortalecido las relaciones sociales, el cooperativismo y la participación; factores importantes dentro del proyecto, las participantes que forman parte de nuestra muestra del proyecto, se comienzan a empoderar para enfrentar sus problemas.

La experiencia vivida demuestra que la seguridad no se relaciona directa y principalmente con la capacidad de reprimir, con la cantidad de policías, con la militarización o con la compra de armas; ni con medidas represivas que llegan a ser intolerantes con cualquier tipo de división. Sí se relaciona, en cambio, con la inversión que se hace en políticas de acceso a la educación y al trabajo. Para muchos jóvenes es más fácil conseguir un arma que una beca educativa. La inseguridad se relaciona con la carencia de espacios públicos para la convivencia que sean saludables, sanos, seguros, plurales e incluyentes.

#### U.T 04: Organización y prevención para la seguridad

El trabajo en equipo es la base del éxito, cuando un grupo de personas desean obtener algo, la organización es el soporte fundamental para fortalecer los objetivos trazados, esta a su vez permite canalizar y afianzar el involucramiento y capacidad de participación de cada integrante, sin ello es difícil lograr de manera individual un reclamo. En el AA.HH. La Molina los pobladores, participantes de nuestra muestra, han podido entender, rescatar y afianzar que sin su participación esta comunidad no podrá resolver un problema que se afianza cada vez más, la inseguridad.

Ante situaciones críticas en donde la vulnerabilidad de la tranquilidad y la violencia se desatan, es necesario e importante el fortalecimiento de la organización, además de mantener activa las relaciones vecinales y comunitarias, con ello también pueden generar fuerza social para generar y poner en marcha programas de prevención del delito con participación de la comunidad.

Nancy Guerra (2005), en las localidades que poseen una actividad social de base organizada, suele ocurrir que existen organizaciones capaces de canalizar los reclamos de la comunidad contra la inseguridad, la violencia, la falta de presencia gubernamental y policial en sus vecindarios. Ante situaciones de crisis, estas organizaciones son capaces de poner su saber social en funcionamiento y presionar a los gobiernos locales para que respondan a sus requerimientos, recibir asesoría, financiamiento y apoyo en las tareas.

Conforme avanzábamos con el proyecto hemos podido notar que la comunicación entre los pobladores comenzaba a mejorar en su calidad, cada taller brindado hacía notar el involucramiento y una mejor cohesión entre pobladores. El taller radial se convirtió en el más atractivo, porque les iba a permitir mejor su calidad comunicacional con los demás pobladores y así reunir fuerzas para poder desterrar uno de los problemas latentes.

Frente a cualquier problema comunal la organización se convertirá en uno de los ejes, siendo secundado por la comunicación permitiendo no solamente avanzar mancomunadamente sino generando soluciones que al final todos aprovecharan. Es probable que no se pueda abordar todos los problemas de seguridad ciudadana que afectan a la comunidad, pero sí podemos generar una agenda de problemas y posibles proyectos que la comunidad progresivamente puede desarrollar. Esta agenda nos permitirá actuar preventiva y progresivamente sobre los problemas derivados del diagnóstico y plantear diversas áreas de acción.

Es rescatable la participación activa de nuestra muestra, porque en cada taller brindado comenzaban a descubrir que en sus manos tenían las soluciones para enfrentarse a uno de los problemas como la inseguridad, lo importante comenzaban a potenciar sus capacidades comunicativas tomando conciencia que uniéndose les iba a ser más fácil tener la tranquilidad en su vida cotidiana.

## CONCLUSIONES

1. Mediante la ejecución del plan de desarrollo de las capacidades comunicativas entre los pobladores del AA.HH. La Molina del distrito de Pimentel, se mejoró notoriamente la participación ciudadana, manifestado en el involucramiento que tenía cada miembro para establecer estrategias frente a la inseguridad.
2. Conforme conocían las formas de poder participar para enfrentar la inseguridad, más empoderamiento e involucramiento tenían.
3. La comunicación se ha fortalecido entre los pobladores del AA.HH. La Molina en un inicio era deficiente, esto debido al poco trato que tenían entre vecinos, solo podían relacionarse cuando cargan agua de una pileta o cuando sucedía algún escándalo. La problemática era esquivada, se protegían solos no había un trabajo en conjunto.
4. Este aspecto comunicativo, posterior al desarrollo de las actividades del plan intervención, fue progresivamente superior, gracias al reconocimiento de poder participar de cada poblador.
5. La inseguridad que experimentan los pobladores del Asentamiento Human La Molina, es una problemática que cada vez se agrava y esto debido falta de involucramiento de los pobladores y autoridades; además de la falta de comunicación. Estas causas se iban incrementando, pero luego de la ejecución del plan de intervención, fueron reemplazadas consecutivamente por un mejoramiento de sus capacidades comunicativas e involucramiento.
6. El proceder de las autoridades inmediatas (alcalde, policía nacional), frente al problema inseguridad siempre es muy pasiva, podemos concluir que el involucramiento de estas con los pobladores no cambiará sino hay iniciativas por ambas partes.
7. La apertura de espacios participativos y la definición de las capacidades comunicativas permitirán a los ciudadanos; la posibilidad de enfrentar de una manera conjunta la inseguridad ciudadana y el mejoramiento de la convivencia.

## REFERENCIAS

ACERO VELÁSQUEZ, Hugo (2006). *“Los Gobiernos Locales y la Seguridad Ciudadana”*. Bogotá.

ACOSTA, Dina (2006). *“Gestión y ciudadanía: Aprendiendo a participar y ejercer nuestra ciudadanía”*. 2da Edición. Editorial: Gutenberg E.I.R.L. Perú.

AGUILAR, Luis Enrique (2006). *“Aproximaciones a la participación ciudadana en la región andina: el caso peruano”*. Lima: CAJ.

ARRIOLA, Marta: *“La participación comunitaria: en Comunidad y seguridad”*. Universidad Nacional de Lanús y Consejo de Seguridad Interior. Cuadernos de Seguridad. Bs. As. 2010.

BASOMBRÍO, Iglesias Carlos. *"Seguridad Ciudadana: Diagnóstico del problema y estrategias de solución"*. Instituto Peruano de Economía Social de Mercado, Lima. 2005.

BOISIER, Sergio. *"Desarrollo Descentralizado y Descentralizado en América Latina"*. Universo S.A. Lima. 2007.

CARMONA. *"Tomar la iniciativa, tomar el territorio"*. Andalucía- Sevilla. 2008.

CARRASCO ALEGRE, Lorena. *"El rol de la comunicación en los procesos de participación ciudadana a nivel local: el caso del distrito de Barranco"*. Pontificia Universidad Católica del Perú. Facultad de Ciencias y Artes de la Comunicación. 2011.

CARRASCO ALEGRE, Lorena. *"El rol de la comunicación en los procesos de participación ciudadana a nivel local: el caso del distrito de Barranco"*. Pontificia Universidad Católica del Perú. Facultad de Ciencias y Artes de la Comunicación. 2011.

CASTELLS, Manuel. *"La ciudad y las masas"*. Barcelona: Paidós. 2006.

COPER R. K. *"La inteligencia emocional aplicada al liderazgo y a las organizaciones"*. Paidós Ibérica, Barcelona. 2008.

DIEF, Jacques. *"La comunicación clave para el desarrollo humano"*. 5ta Edición. New York, NY: McGraw-Hill. 2014.

FERNÁNDEZ, C. *"La comunicación humana en el mundo contemporáneo"*. Tercera edición. México: Mc Graw-Hill. México. 2008.

GOGÍN SIAS, Gina. *"El enfoque en comunicación para el desarrollo ¿en qué consiste?"*. Editorial: McGraw-Hill. México. 2008.

GUMUCIO, Alfonso. *"Comunicación para el cambio social: clave del desarrollo participativo"*. Volumen XXX. La Paz: Editorial Plural. 2011.

GUMUCIO, Alfonso y TUFLE, Thomas. *"Antología de la comunicación para el cambio social"*. La Paz: Editorial Plural. 2008.

HALL RICHARD, H. *"Organizaciones"*. España. Editorial Prentice-Hall Hispanoamérica. 2009.

LOPEZ VIGIL, José Ignacio. *"Comentarios a la Declaración de los radioapasionados y televisionarios"*, AMARC, Quito, 1995.

MEDINA ARIZA, Juanjo. *"Políticas y estrategias de prevención del delito y seguridad ciudadana"*. Editorial: B de F .Colección:1ª Edición / Rústica / Castellano / Libro. 2011.

MONTERO, M. *"Fortalecimiento de la ciudadanía y transformación social: Área de encuentro entre la Psicología Política y la Psicología Comunitaria"*. Editorial Paidós. Buenos Aires: 2012.

RICO, José María. *"Seguridad ciudadana en América Latina: hacia una política integral"*. Editorial Siglo Veintiuno, México 2002.

SALINAS, Remy. *“Los Múltiples Campos de la Participación Ciudadana en el Perú, Un reconocimiento del Terreno y Algunas Reflexiones”*. Instituto de Estudios Peruanos, Lima. 2005.

SEN, Amartya. *“Desarrollo y Libertad”*. Buenos Aires, Editorial Planeta. 2000.

TRELLES CABRERA Mariela. *“Participación Ciudadana de las Mujeres de Organizaciones Sociales en las localidades de Ate, El Agustino y Santa Anita”*. Lima. 2010.

VÁSQUEZ W. Claudio. *“Aproximación sociológica al fenómeno de la seguridad ciudadana en Talca”*. Ecuador 2008. Disponible en: <http://www.tesis.uchile.cl/handle/2250/106484>

VERDUGO, Eduardo. *“La Democracia Mediática. Un Triángulo entre Medios, Políticos y Opinión Pública”*. Apunte proporcionado en Diplomado de Teoría Política y Gestión Pública. Universidad Miguel de Cervantes. 2009.

ZAPATA BARRERO, Richard. *“Ciudadanía, Democracia y Pluralismo Cultural”*. Buenos Aires: Paidós. 2001.

ŽIŽEK, Slavoj. *“La violencia: Seis reflexiones marginales”*. Buenos Aires, Paidós. 2009.

# CAPÍTULO 11

## ¿LOS ESTUDIANTES EN LA SOCIEDAD DEL CONOCIMIENTO?

Data de aceite: 01/05/2021

Data de submissão: 09/02/2021

**Silvia Domínguez Gutiérrez**

Esta es una versión ampliada de lo que se presentó en el XIII Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC), en el Grupo GT-04 “Comunicación y Educación”, en octubre de 2015.

**RESUMEN:** Los propósitos del presente trabajo consistieron en analizar si los estudiantes de pregrado de los Centros Universitarios Temáticos de la Universidad de Guadalajara, México, ubican, conocen y utilizan las distintas fuentes de información para aproximarse al conocimiento científico, así como indagar qué tan informados se consideran en temas relacionados con la ciencia. Es una aproximación exploratoria/descriptiva, en el que participaron 247 estudiantes, con los que se intercambió información a través de un cuestionario de opciones múltiples. Algunos resultados confirman que los estudiantes habitan más en una sociedad del (des)conocimiento, y habrá que hacer énfasis junto con los docentes en ciertos procesos para leer, ver y analizar críticamente la información y distinguir la de tipo científica.

**PALABRAS CLAVE:** Ciencia; sociedad del conocimiento; Internet, televisión, profesor.

### STUDENTS IN THE KNOWLEDGE SOCIETY?

**ABSTRACT:** The purposes of this research were to analyze whether undergraduates of Thematic University Centers of the University of Guadalajara, know and use the different sources of information to approach the scientific knowledge as well as investigate how informed they are on issues considered with science. It is an exploratory/descriptive approach, which involved 247 students, and the information was obtained through a multiple-choice questionnaire. Some results confirm that students are living in a society of lack of knowledge and need to be emphasized along with teachers in certain processes for reading, watching and critically analyze information and distinguish the scientific type.

**KEYWORDS:** Science; students; knowledge society; Internet; television; professor.

### OS ALUNOS NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO?

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar se os centros da Universidade de Guadalajara Universidade de graduação temáticas localizado, conhecer e utilizar diferentes fontes de informação para se aproximar do conhecimento científico e perguntar como informados são considerados em questões relacionadas com a ciência. É uma abordagem exploratória / descritiva, que envolveu 247 estudantes, com os quais se trocaram informações através de um questionário de escolha múltipla. Alguns resultados confirmam que os alunos vivem em

uma sociedade de (des) conhecimento, e serão enfatizadas, juntamente com os professores em determinados processos para ler, ver e analisar informações de forma crítica e distinguem o tipo científico.

**PALAVRAS - CHAVE:** ciência; sociedade do conhecimento; Internet; televisão; Professor.

## 1 | INTRODUCCIÓN

Es evidente, hoy día, ver a los jóvenes en esta sociedad llamada del conocimiento, usar algún dispositivo digital que los mantenga “comunicados” e “informados”. Observamos que, mínimo, usan su celular casi a cualquier hora del día, y que éste, junto con otros dispositivos, son una parte importante de su vida. Por ejemplo, vemos a los jóvenes -y por supuesto que a otros grupos etarios-, cruzar la calle hablando por su celular, a estudiantes utilizar su computadora o *tablet* en clase, en casa o en otros lugares, ya sea para buscar información que se necesite en ese momento, para estar en contacto con otras personas, por diversión, etc., a través de la *wide world web* (www).

Pero así como se usan de manera constante tales dispositivos, para cuestiones académicas específicas este rango se reduce, ya que en la obtención de información científica pareciera que los estudiantes aún no logran depurar filtros que los conduzcan a obtener información fiable, aspecto que poco ha sido estudiado por la comunidad de académicos.

Por lo tanto, los objetivos del presente trabajo están orientados a analizar si los estudiantes de pregrado de los diferentes centros universitarios temáticos de la Universidad de Guadalajara, México, ubican, conocen y utilizan las distintas fuentes para aproximarse al conocimiento científico, así como indagar qué tan informados se consideran en temas relacionados con la ciencia; de lo anterior, se conjuga una relación de lo que dicen que saben y las fuentes utilizadas, para tener un panorama más próximo en su habitar por esta sociedad del conocimiento, o desconocimiento, según desde donde se mire.

## 2 | FUNDAMENTOS CONCEPTUALES

¿A qué nos referimos cuando se habla de “sociedad del conocimiento”? Existen diversos acercamientos a lo que se ha denominado sociedad de la información, sociedad del conocimiento, sociedad red, e incluso en conjunción, sociedad de la información y el conocimiento (SIC, cf. Covi, 2004). Dichos conceptos tienen aspectos en común, no obstante, guarden ciertas diferencias. Existe, por ejemplo, la preferencia de ciertos investigadores por inclinarse hacia el término de “sociedad del conocimiento” ya que, de acuerdo a ellos, dicho concepto tiene un lugar primordial en la discusión mundial, tanto en las ciencias sociales como en la política, resume las transformaciones sociales que se están produciendo en la sociedad moderna (Krüger, 2006), y porque la participación ciudadana en las políticas públicas sobre ciencia y tecnología son un condicionante importante para la

governabilidad en la actual sociedad (López Cerezo, 2007).

García-Canclini (2011) realiza un análisis más socio cultural aduciendo que retoma el término de “sociedad del desconocimiento” como una modalidad que tiende más a desintegrar en conjunto a la comunicación y al conocimiento. Lash (2005) afirma que más que habitar una sociedad de la información, estamos inmersos en una “cultura tecnológica de la información”, y distingue entre dos tipos de información: 1. La *información* vinculada a la racionalidad y al conocimiento discursivo, y 2. La *desinformación* consecuencia no intencional de la multiplicación, expansión y sobrecarga de la información, caracterizada por su nula conexión con lo universal y con lo trascendental. En síntesis, si la modernidad es ordenada, sus consecuencias no lo son, es decir, la información se hace ingobernable y genera inmensas cantidades de basura, lo que para Lash es un nuevo *desorden*. Se habla, entonces, de una sociedad desinformada por la información.

Tanto Marques de Melo (2008) como Crovi (2004), en otro contexto y nivel de análisis, pero relacionados con las reflexiones anteriores, han advertido sobre la brecha digital como producto del proceso -o imposición- de la sociedad de la información y del conocimiento en Latinoamérica. Ambos hacen un recuento que para entrar en la sociedad del conocimiento no es suficiente tener a la mano la disponibilidad de datos y equipos, productos de las tecnologías, sino que urge que se incrementen los *procesos cognitivos* capaces de alcanzar a toda la población.

Si bien los autores precedentes parten de análisis y reflexiones desde diferentes perspectivas, de alguna manera se coincide en que en la sociedad actual -como se le quiera llamar-, está pasando por una época de saturación de información que no siempre conduce al conocimiento.

## 3 | CONSECUCIÓN DE LOS PROPÓSITOS (O MÉTODO)

### 3.1 Participantes

Los informantes estuvieron conformados por 247 estudiantes (126 mujeres y 120 hombres) de diferentes carreras profesionales de 5 centros universitarios<sup>1</sup>: 49 del Centro Universitario de Ciencias Biológicas y Agropecuarias (CUCBA), 61 del Centro Universitario de Ciencias Económico Administrativas (CUCEA), 48 del Centro Universitario de Ciencias Exactas e Ingenierías (CUCEI), 46 del Centro Universitario de Ciencias de la Salud (CUCS), y 43 del Centro Universitario de Ciencias Sociales y Humanidades (CUCSH). Esta es una muestra dirigida, y el acopio de información se hizo en junio y julio de 2015.

### 3.2 Instrumentos

Se utilizó un cuestionario de preguntas abiertas y de opción múltiple compuesto por

---

<sup>1</sup> Los estudiantes del Centro Universitario de Arte, Arquitectura y Diseño (CUAAD) no pudieron participar en esta etapa de la investigación.

4 secciones: 1. Datos generales 2. Medios de comunicación en la ciencia 3. Orientaciones personales en temas de ciencia y 4. Fuentes y medios influyentes en la construcción de la ciencia. Es un instrumento elaborado de manera personal, mismo que ha sido aplicado en estudios previos (Domínguez: 2014, 2013, 2012, 2011, 2007; Domínguez y Sánchez-Ruiz, 2009), y al que se le ha dado validez y confiabilidad mediante técnicas de pre-test y post-test, así como a través de un estudio piloto. En este trabajo, solo se muestran las respuestas más pertinentes a los objetivos propuestos.

### 3.3 Procedimiento

Primeramente se dio lectura a todas las respuestas de los participantes, paso que llevó a establecer un libro de códigos a partir de las respuestas abiertas de los alumnos, y analizadas a través de un análisis de contenido mixto (Shoemaker y Reese, 1994; Piñuel Raigada, 2002). Una vez clasificadas y codificadas las respuestas, se trasladó la información a hojas Excel para hacer un recuento de las respuestas más enunciadas.

### 3.4 Análisis de los datos

En esta fase del estudio solo se han establecido las frecuencias de las respuestas de los alumnos por centros universitarios; en otra fase se realizarán correlaciones por género, semestre y edad, análisis que no se muestran por el momento. No obstante sea un estudio exploratorio-descriptivo, los resultados se han triangulado de manera teórica y metodológica para que dichos detalles sean más abundantes, y comprender de mejor manera el sentido de las respuestas en conjunto.

## 4 | RESULTADOS Y SU DISCUSIÓN

La mayoría de los alumnos informantes de los cinco centros universitarios temáticos refiere que se considera “más o menos informada” (41.29%) con respecto a temas de ciencia. Esto es, entre “informada” (35.22%) y “más o menos informada” (41.29%) es que se agrupa un gran número de estudiantes. Estos datos, sin considerar las otras alternativas que fueron ínfimas en sus respuestas (“muy informada”, 2.03%; y “nada informada”, 3.24%), permiten observar que los estudiantes tienen una percepción de sí mismos como “algo informados” sobre temas relacionados con aspectos científicos. Dichas respuestas no dejan estar cargadas de deseabilidad, ya que si en la mayor parte de los medios leemos, vemos o escuchamos lo importante que es la ciencia para el desarrollo de un país, entonces la tendencia es a autocalificarse como informados o más o menos informados para no sentirse rezagados o no quedar fuera del juego. Veamos si esto se complementa con la búsqueda intencional de información científica en los diferentes medios.

De las 5 principales fuentes a las que ellos acuden cuando necesitan este tipo de información, resalta la Internet (55.50%) como el medio preferido. Aún cuando no todos ellos tienen instalada la red en su hogar, acuden a este medio para obtener información.

De cualquier manera, dichos estudiantes no están en la lista de los marginados tecnológicamente (brecha digital), ya que son pocos (12.55%) los que no tienen el servicio de la red instalada en casa.

Ante la pregunta: “En ese tiempo que estás en Internet, ¿buscas información de corte científica?”, se observan las respuestas en la Figura No.1.

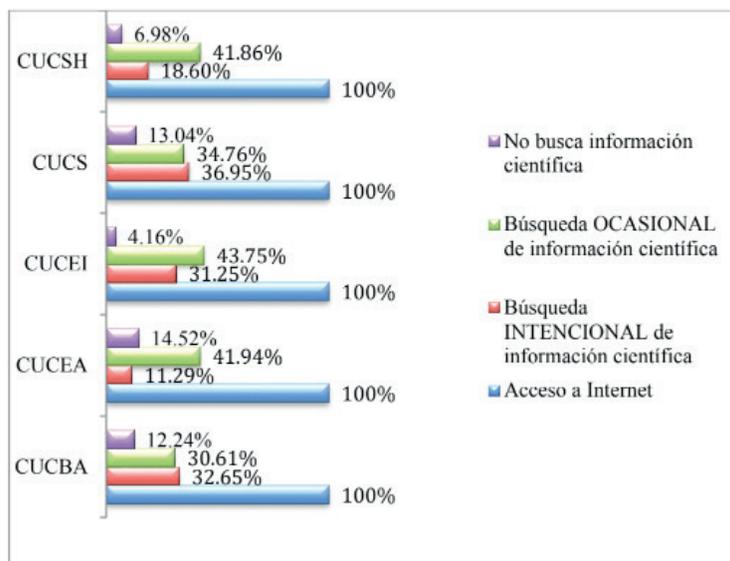


Figura No. 1. Estudiantes, Internet y Ciencia

Fuente: elaboración propia.

Se esperaba que los alumnos informantes buscaran con mayor frecuencia información con contenido científico de manera intencional, más no fue así; la respuesta más favorecida fue hacerlo de manera ocasional, aún cuando todos, el 100%, entran a Internet sin problema. Los jóvenes están muy actualizados en lo concerniente a las redes sociales virtuales, los chats, los blogs, recibir/enviar correos electrónicos, buscar información general, etc., y eso es lo que los ocupa la mayor parte de su tiempo cuando navegan (cf. el 11°. estudio de la AMIPCI, 2015). Pero todavía están alejados en esas búsqueda de información científica de manera más frecuente y consciente en comparación con estudiantes del primer mundo, como se ve en la siguiente tabla.

<p><b>CUCBA</b> Muy interesante, Google, Biblioteca virtual de la U. de G., Redalyc, Youtube, PubMed, Conabio, Somos Virus y Bacterias, Wikipedia, Medline, National Geographic, Todo con Dominio, Campus Party, MyElt.</p>
<p><b>CUCEA</b> Muy interesante, Wikipedia, Notinerd, Condominio.edu, El Informador, El rincón del vago, Cemarnat, ligas del Gobierno, enlaces de Facebook, TED, blogs, foros, revistas científicas, nuevas tecnologías.</p>
<p><b>CUCEI</b> Wikipedia, Muy Interesante, Google, Google noticias, National Geographic, Youtube, Upsocl, TED, Taringa.net, El confidencial, páginas de escuelas o del Gobierno, periódicos, Google scholar, universidades americanas, el canal de la BBC, “el que sea, la fuente no es importante”.</p>
<p><b>CUCS</b> PubMed, The New England Journal of Medicine, Google académico, Nature, Wikipedia, Muy Interesante, Scielo.</p>
<p><b>CUCSH</b> Facebook, Google académico, páginas de universidades, noticieros (Aristegui), Sopitas, revistas jurídicas y de política, páginas de ciencias sociales.</p>

Tabla No.1. Páginas de Internet buscadas por los alumnos para obtener información científica

Fuente: Elaboración propia.

Restando las páginas que se refieren a bases de datos (PubMed), la red de revistas científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal (Redalyc), la *Scientific Electronic Library Online* (Scielo), la base de datos de revistas biomédicas (Medline), entre otras, y los motores de búsquedas como Google, Google Académico y Wikipedia, la revista online más citada fue “Muy Interesante”, la cual es una revista propiamente de divulgación.

Es de notar, que hubo pocas, casi nulas, menciones a nombres de revistas científicas en línea en específico, de las que solo dos resaltan: *The New England Journal of Medicine* y TED (Tecné, Episteme y Didaxis, revista especializada en educación en ciencias experimentales, matemáticas y tecnología). Este panorama muestra que algunos de los alumnos conocen a grandes rasgos dónde encontrar información científica, aunque hay confusiones en distinguir la divulgación científica (que ofrecen revistas como “Muy Interesante”), de las revistas científicas especializadas. En resumen, como bien dicen Trueba-Gómez y Estrada-Lorenzo (2010: 49), “ante tal maremágnum de información, es difícil desbrozar el grano de la paja, lo útil de lo accesorio a no ser que se dedique buena parte del tiempo a esta tarea o se aprovechen los mecanismos de búsqueda avanzada... para delimitar los resultados de esa millonada informativa”.

Tenemos una situación muy parecida con la consulta de las revistas científicas impresas, ya que la mayoría dijo no leerlas, pero los que sí dicen hacerlo, leen revistas de divulgación científica, que son muy diferentes a las revista científicas especializadas. Se observó que la revista “Muy Interesante” es la más consultada junto con otras revistas de la misma categoría ( *National Geographic*, Conozca Más, Quo, Selecciones). Predomina la lectura de estas revistas que son consideradas por los alumnos como revistas científicas, y esta clasificación debe preocupar a los docentes e investigadores porque no hay una clara

delimitación, en los alumnos informantes, de las características que debe cubrir una revista científica especializada.

Uno de los problemas de las revistas de divulgación científica consiste en que en los reportajes sobre investigaciones muchos procesos de la investigación son eliminados, y en esa síntesis se distorsiona el sentido de la investigación misma (cf. Palma, 2013) creando una falsa ilusión de lo que es y el proceso de cómo se realizan las investigaciones científicas. Cabe mencionar, también, que en dichas revistas se da prioridad a ciertas disciplinas científicas (las denominadas “duras”), en detrimento de otras (las ciencias sociales, por ejemplo), además de considerar como científicas a algunas pseudo ciencias.

Como parte última de este trabajo, tenemos el consumo de programas televisivos en general, y aquellos que son considerados por los estudiantes con contenido científico. Por ejemplo, en la Figura No. 3, se detalla cuánto tiempo ven televisión y cuánto de ese tiempo es para programas con algún contenido científico.

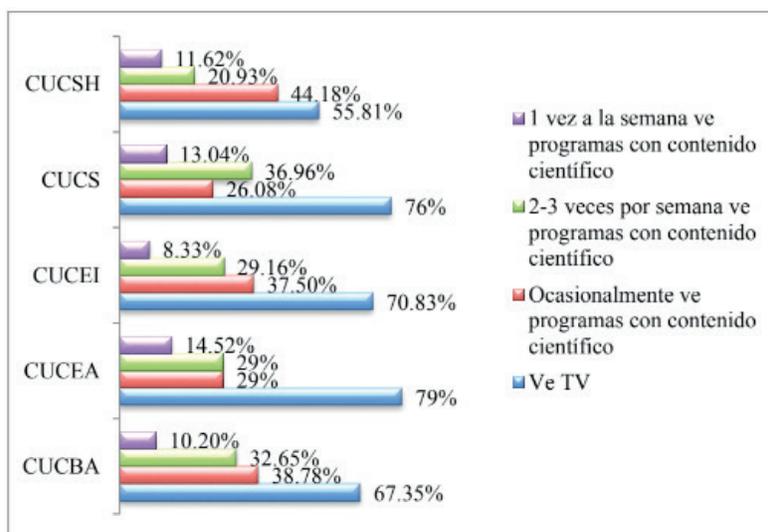


Figura No. 3. Estudiantes, Televisión y Ciencia

Fuente: elaboración propia.

Aunque no todos ven televisión, todavía una gran parte si lo hace (aunque no necesariamente de forma tradicional, sino a través de algún dispositivo digital), y es de forma ocasional –la mayoría coincide en eso-, que ven programas con contenido científico. Se observa que la mayor parte de estos programas son principalmente estadounidenses (los de tipo *Discovery: History Channel, National Geographic, Home and Health, Animal Planet, etc.*), *Breaking Bad, Doctor House, The Big Bang Theory, Grey's Anatomy, Mentas*

criminales, etc.), y hay escasa mención por parte de los estudiantes a los programas nacionales (Cachi chachi porra, Ingenio Tv, Espiral) o latinos (como Julioprofe, que es colombiano y tiene un canal en YouTube).

Hay claramente una preferencia por canales no mexicanos, lo que nos hace reflexionar sobre varios aspectos, entre ellos la oferta televisiva, de la que existe una mayor programación de series norteamericanas; y por otra, la calidad de la programación mexicana con respecto a cuestiones científicas, que posiblemente no son visibles ni atractivos para los alumnos informantes. De cualquier manera, esto da pie para analizar junto con los estudiantes, lo que se observa en la televisión y discernir de toda esta abundante programación lo que es científico, lo que es ciencia ficción, lo que no le compete a la ciencia, así como enfatizar en la ciencia mexicana. Y sobre todo, contrario a lo que dijo un estudiante con respecto a Internet ( “el que sea, la fuente no es importante”), aquí la fuente sí importa, y mucho.

## 5 | COROLARIO

Un muy breve colofón. El panorama antes expuesto sobre el manejo y búsquedas de información científica por parte de los estudiantes de los cinco centros universitarios, muestra efectivamente que más que habitar una sociedad del conocimiento, los muchachos están inmersos en una sociedad de la (des)información o (des)conocimiento. Ante la vasta cantidad de fuentes, y la jerarquización tendenciosa de la información de muchas de éstas, es fundamental hacer hincapié en las capacidades cognitivas en el uso de las TIC, no únicamente de los estudiantes, sino los profesores incluidos que en más de las ocasiones desconocen el potencial de las nuevas tecnologías. Nos queda el reto a los docentes no únicamente el estar actualizados, sino el manejar críticamente los *tsunamis* de información que recibimos día a día para poderlos compartir con los estudiantes de una manera crítica.

## AGRADECIMIENTOS

Un especial reconocimiento a los alumnos del Verano de Investigación Científica (DELFIN) y de la Academia Mexicana de Ciencias (AMC) que participaron en la recolección de datos.

## REFERENCIAS

AMIPCI. (2015, abril). 11º. Estudio sobre los hábitos de los usuarios de internet en México 2015.

Recuperado de: [https://www.amipci.org.mx/images/AMIPCI\\_HABITOS\\_DEL\\_INTERNAUTA\\_MEXICANO\\_2015.pdf](https://www.amipci.org.mx/images/AMIPCI_HABITOS_DEL_INTERNAUTA_MEXICANO_2015.pdf)

Crovi, D. (2004). Sociedad de la información y el conocimiento. Algunos deslindes imprescindibles. En Delia Crovi (coord.), *Sociedad de la Información y el Conocimiento. Entre lo falaz y lo posible*. Buenos Aires, Argentina: UNAM y La Crujía Ediciones, pp. 17-56.

Domínguez, S. (2014). Consumo mediático de información científica entre estudiantes de educación superior. *Comunicación y Sociedad*, Nueva época, núm. 21, enero-junio, pp.43-69.

Domínguez, S. (2013). Campos de significación de la actividad científica en estudiantes universitarios, *Perfiles Educativos*, pp. 28-47.

Domínguez, S. (2012). *Significados de la ciencia en estudiantes universitarios. Aproximaciones a las representaciones sociales de la ciencia, del científico y de la actividad científica*. Jalisco: Universidad de Guadalajara.

Domínguez, S. (2011). La imagen de la mujer en el ámbito científico, *INTERthesis*, Florianópolis, Vol. 08, No. 02, pp. 1-26.

Domínguez, S. y Sánchez-Ruiz. (2009). Construcciones sociales de la ciencia de acuerdo con alumnos universitarios, en Romo, Rosa Martha. (coord.) *Aproximaciones cualitativas a temas de Educación*, Jalisco: Universidad de Guadalajara.

Domínguez, S. (2007). La ciencia y los científicos a través de la mirada de los jóvenes universitarios. *Versión, Estudios de Comunicación y Política. Comunicación: imaginarios y representaciones sociales*, No. 19, pp. 167-188.

García Canclini, N. (2011). De la sociedad de la información a la sociedad del desconocimiento. *Versión Nueva Época*, núm. 27, septiembre.

Krüger, K. (2006). El concepto de 'sociedad del conocimiento'. *Revista Bibliográfica de Geografía y ciencias Sociales*, Vol. XI, núm. 683, 25 de octubre, pp. 1-31.

Lash, S. (2005). *Crítica de la información*, Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.

López Cerezo, J. (2007). Gobernabilidad en la sociedad del conocimiento. *EIDOS*, No. 6, pp.122-147.

Marques de Melo, J. (2008). Para entrar en la Sociedad del Conocimiento: dilemas de la Comunicación en América Latina. *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación, Eptic*, Vol. X, núm. 1, enero-abril, pp. 1-15.

Palma, H. (2013). Algunos tópicos críticos acerca del periodismo científico en grandes medios gráficos. El rey sigue desnudo, *Revista CTS*, no. 22, vol. 8, mayo, pp. 13-30.

Piñuel Raigada, J. L. (2002). Epistemología, metodología y técnicas del análisis de contenido. *Estudios de Sociolingüística*, 3(1), pp. 1-42.

Shoemaker, P. y Reese, S. (1994). *La mediatización del mensaje. Teorías de las influencias en el contenido de los medios de comunicación*, México: Diana.

Trueba-Gómez, R. y Estrada-Lorenzo, J.M. (2010). La base de datos PubMed y la búsqueda de información científica. *Seminarios de la Fundación Española de Reumatología*, 11(2), pp. 49-63.

# CAPÍTULO 12

## CULTURA, TURISMO E O LEGADO DE ARTISTAS E PERSONALIDADES DA BAHIA: PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E DA MEMÓRIA CULTURAL

Data de aceite: 01/05/2021

Data de submissão: 02/02/2021

### Fabrizio de Jesus Filgueiras

UNEB – Universidade do Estado da Bahia  
Salvador, BA  
<http://lattes.cnpq.br/4165502669889667>

### Suênio Campos de Lucena

UNEB – Universidade do Estado da Bahia  
Salvador, BA  
<http://lattes.cnpq.br/7071504060393357>

### Lirandina Gomes Sobrinho

UNEB – Universidade do Estado da Bahia  
Salvador, BA  
<http://lattes.cnpq.br/5501126694196757>

### Sonia Maria Davico Simon

UNEB – Universidade do Estado da Bahia  
Salvador, BA  
<http://lattes.cnpq.br/5381713129168403>

Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

**RESUMO:** Este artigo apresenta o resultado de um projeto de pesquisa que realizou o mapeamento de espaços onde viveram e trabalharam alguns artistas e personalidades do estado da Bahia – Calasans Neto, Dorival Caymmi, Glauber Rocha e João Ubaldo Ribeiro

–, a fim de localizar e verificar as condições físicas atuais destas habitações. Na sequência, abordamos os procedimentos adotados para manter contato com os herdeiros legais, que teve por intenção a eventual visitação turística, afixação de placas nas fachadas e, por fim, a criação de um aplicativo capaz de sugerir esses espaços como novos itinerários turísticos aos visitantes, bem como a moradores, baianos em geral. O intuito desta pesquisa é provocar uma maior atenção dos governados em relação à política de preservação do patrimônio histórico e da memória de homens e mulheres que muito contribuíram ao país, sobretudo, nas artes e cultura, além de sugerir a adaptação desses espaços em novos itinerários turísticos.

**PALAVRAS - CHAVE:** Personalidades da Bahia; Itinerários Turísticos; Patrimônio Histórico; Cultura; Poder Público.

### CULTURE, TOURISM AND THE LEGACY OF ARTISTS AND PERSONALITIES OF BAHIA: PRESERVATION OF THE HISTORICAL HERITAGE AND CULTURAL MEMORY

**ABSTRACT:** This article presents the result of a research project that carried out the mapping of spaces where some artists and personalities from the state of Bahia lived and worked - Calasans Neto, Dorival Caymmi, Glauber Rocha and João Ubaldo Ribeiro - in order to locate and verify the current physical conditions of these dwellings. In the sequence, we approached the procedures adopted to maintain contact with the legal heirs, which aiming at eventual tourist visitation, the display of signs on the façades and, finally, the

creation of an application capable of suggesting these spaces as new tourist itineraries, as well as Bahian residents in general. The intention of this research is to provoke a greater attention of the people in relation to the politics of preservation of the historical patrimony and the memory of men and women who contributed greatly to the country, especially in the arts and culture, besides suggesting to adapt these spaces in new tourist itineraries.

**KEYWORDS:** Personalities of Bahia; Tourist Itineraries; Historical Heritage; Culture; Public Power.

## APRESENTAÇÃO

Este artigo foi desenvolvido a partir de um Projeto Interdisciplinar de pesquisa e extensão, tendo por base reflexões críticas e, sobretudo, ações práticas e efetivas em torno da preservação da memória e do patrimônio histórico dos espaços de artistas e personalidades que viveram e trabalharam no estado da Bahia. A iniciativa foi realizada por Docentes e Discentes dos Cursos de Comunicação Social, Letras, Turismo e Urbanismo<sup>1</sup> do Departamento de Ciências Humanas e do Departamento de Ciências Exatas e da Terra da UNEB, Universidade do Estado da Bahia, Campus Salvador.

Um dos intuitos desta pesquisa consiste em apresentar novas representações sobre o estado da Bahia, cujo turismo é visto pelo senso comum, em especial, a cidade de Salvador, sempre associado a práticas festivas em largos, praias, Carnaval, visitação aos espaços do Centro Histórico, além de eventos religiosos, como romarias e igrejas.

Daí a relevância social e cultural deste estudo, ao ressaltar outros enfoques, como a memória, a cultura, o turismo cultural e o legado de artistas e personalidades que deixaram forte legado cultural e bens materiais na arte, cinema, música e literatura. Busca-se, ainda, promover um melhor aproveitamento de seus ambientes que, eventualmente – conforme será acordado com herdeiros legais e com o apoio do poder público – possam ter uma abertura para visita o turística.

O projeto foi estruturado em dois momentos. No primeiro, foram produzidos perfis de artistas e personalidades representativos para o estado da Bahia. No segundo, foram realizadas visitas técnicas aos espaços a fim averiguarmos informa es sobre o atual estado físico desses locais e, também, para realizarmos registros fotográficos. Entre os nomes dos artistas e personalidades que integram esta pesquisa<sup>2</sup> destacamos Calasans Neto, Dorival Caymmi, Glauber Rocha e João Ubaldo Ribeiro.

Dessa forma, este artigo objetiva apresentar os resultados desta pesquisa, que visa

1 Este trabalho apresenta resultados preliminares do Projeto de Pesquisa e Extensão ainda em curso, intitulado Bahia: Memória, Turismo e Cultura – Cartografia Afetiva dos Espaços de Artistas e Personalidades que produziram e viveram no estado, desenvolvido pelos Professores Drs. Suênio Campos de Lucena e Lirandina Gomes Sobrinho e pela Profa. Mestra Sonia Maria Davico Simon, além dos discentes Amanda Saldanha Nascimento, Amanda Silva dos Santos, Diego Cavalcanti de Brito, Jorge Vinícius Alves Cerqueira e Yuri Castro Costa.

2 Visando a indica o de novos itinerários turísticos foram realizadas pelas equipes de trabalho diversas visita es aos espaços dos seguintes artistas e personalidades pesquisados: Carybé, Castro Alves, Carlos Bastos, Gregório de Mattos, Hildegardes Viana, Jorge Amado, Mário Cravo, Milton Santos, Pierre Verger, Raul Seixas, Vinícius de Moraes, Walter da Silveira, entre outros

formular um novo itinerário, que avança na contribuição para a realização de novos roteiros turísticos, valorizando ainda mais o reconhecimento de artistas e de personalidades através de órgãos públicos, como Iphan e Ipac. A importância da criação desses novos itinerários é propor mais visibilidade e reconhecimento a esses espaços sobre as biografias e importâncias dessas/es artistas e personalidades.

Para isso, foram empregados dois procedimentos metodológicos: a revisão bibliográfica, realizada através da pesquisa de livros e sites, e a pesquisa de campo, correspondendo ao levantamento e à análise e coleta de dados, informações e/ou características inerentes a cada personalidade contidos nos respectivos espaços onde habitaram e/ou trabalharam.

Dividimos este artigo em quatro seções: Na primeira realizamos uma análise sobre os conceitos de turismo, planejamento, patrimônio, memória e interpretação através da vivência cultural dos artistas e personalidades da Bahia. No segundo, apresentamos as fases da pesquisa, como a produção dos perfis biográficos dos artistas, a visitação aos locais, a criação de aplicativo e eventual destinação turística dos espaços. Em terceiro, serão apresentados os perfis biográficos desses artistas. Por fim, encerramos com as Considerações Finais, apontando e analisando os resultados, bem como, discussões acerca dos lugares onde viveram e trabalharam esses artistas e os estados atuais em que se encontram esses imóveis.

## **TURISMO: PLANEJAMENTO, PATRIMÔNIO E INTERPRETAÇÃO**

Nos Estados Unidos e na Europa são bastantes comuns o reconhecimento dos lugares onde os/as artistas e personalidades viveram, na preservação das obras e legados de escritores, músicos, pintores, personalidades e profissionais que muito dignificaram suas vivências com grandes produções. Considerando que a pesquisa em cultura oferece diversas possibilidades de desenvolvimento, como, por exemplo, no caso do alinhamento com o estudo do campo do Turismo, esta pesquisa e conseqüente elaboração de roteiros se configura como real oportunidade de celebrar o encontro de várias vertentes de estudos nas áreas da Arte, Cultura e de Humanidades.

Sobre a definição do estudo do turismo, a World Tourism Organization (UNWTO – Organização Mundial do Turismo) define que:

O turismo é um fenômeno cultural, social e econômico que implica o movimento de pessoas para países ou lugares fora do seu ambiente habitual por razões pessoais ou profissionais. A estas pessoas dá-se o nome de visitantes (que podem ser turistas ou excursionistas [...]) e o turismo tem a ver com as suas atividades [...]. (UNWTO, 2007 *apud* QUINTEIRO; BALEIRO, 2017, p. 19, tradução dos autores)

Além deste, há outros conceitos de turismo, como, por exemplo, o turismo cultural, que incentiva os turistas e residentes a se deslocarem do seu ambiente comum, para

conhecerem novos lugares, a fim de obterem conhecimentos e informações. Richards (1996, p. 24 *apud* QUINTEIRO; BALEIRO, 2017, p. 33) corrobora com esta definição, afirmando que turismo cultural é: “O movimento de pessoas em direção a atrações culturais distantes do seu local de residência habitual, com a intenção de reunir nova informação e experiências para satisfazer as suas necessidades culturais”.

Este tipo de turismo estimula, ainda, os visitantes a apreciarem os produtos culturais do passado, o modo de vida de um povo ou de uma região, promovidos pelos eventos artísticos, culturais, religiosos de seu tempo. Entre os motivadores para o turismo, pode-se apresentar ainda o turismo literário, que instiga a curiosidade das pessoas ao visitar locais descritos em obras literárias ou que impactaram na vivência de seus autores, conforme apresenta Butler:

Uma forma de turismo, na qual a principal motivação para visitar determinados locais está relacionada com o interesse pela literatura. Tal pode incluir a visita a casas antigas ou atuais de autores (vivos e mortos), a locais reais e míticos da literatura, e a locais associados a personagens e eventos literários (BUTLER, 2000, p. 360 *apud* QUINTEIRO; BALEIRO, 2017, p. 35).

Buscando identificar figuras públicas representativas, que poderiam constituir o turismo cultural e literário do estado da Bahia, foi feita uma breve produção dos perfis biográficos de artistas e personalidades. Através desta análise, buscou-se identificar quais foram os espaços, averiguando o atual estado físico onde nasceram e criaram suas respectivas artes. Durante as visitas técnicas foram realizados registros fotográficos, visando à possibilidade de indicação desses locais para a formulação de uma nova política de roteiros turísticos por parte do poder público.

## **O TURISMO EM SALVADOR**

Atualmente, os roteiros turísticos de Salvador têm passado por raras mudanças, uma vez que, quase sempre, estão restritos ao Carnaval e ao Centro Histórico, além de praias como Farol da Barra e Itapuã. A maioria dos planos turísticos soteropolitanos desenvolvidos pelos poderes públicos foca em temáticas há muito exploradas, como festiva, gastronômica, histórica e/ou religioso. Assim, um dos objetivos dessa pesquisa é, sobretudo, divulgar nomes de artistas e personalidades que produziram arte, cinema, música, literatura e que deixaram importante legado à arte e à cultura brasileiras.

Por outro lado, em termos culturais, essas heranças se tornaram simbólicas, porque correspondem a bens culturais que podem contribuir para a ressignificação de patrimônios, e se referem à condição simbólica representando um acervo de manifestações e riquezas populares. Por consequência, quanto mais se investir no turismo cultural, preservando a memória desses artistas, mais os moradores e turistas irão valorizar e partilhar desses conhecimentos. Segundo a Carta Internacional do Turismo Cultural:

O turismo deve trazer benefícios às comunidades residentes e proporcionar-lhes meios importantes e motivação para cuidarem e manterem o seu patrimônio e as suas práticas culturais. É necessário o envolvimento e a cooperação das comunidades locais e/ou indígenas representativas, dos conservacionistas, dos operadores turísticos, dos proprietários, dos autores de políticas, das pessoas que preparam os planos de desenvolvimento nacional e dos gestores dos sítios, para se conseguir uma indústria de turismo sustentável e para se valorizar a proteção dos recursos do patrimônio para as futuras gerações (ICOMOS, 1999).

Contudo, o conceito de patrimônio não se resume apenas a monumentos, obras de arte, e, como historicamente representado, a propriedades de luxo pertencentes à classe dominante. Atualmente, o patrimônio são práticas culturais de coletividade, não sendo segmentada apenas a um público, mas aberto para o todo, como turistas e/ou residentes locais. Segundo Araujo, essa relação entre turismo e patrimônio está permeada por diversas vantagens:

o turismo é uma atividade que possibilita o acesso e o conhecimento dos elementos patrimoniais valorizados; atribui-se como uma função de possível protetor do patrimônio; pode gerar recursos econômicos para a gestão patrimonial; e por último, é percebido como uma ferramenta útil à revitalização do patrimônio que favoreça a sustentabilidade (ARAUJO, 2016, p. 106).

Desta forma, é importante a indicação desses locais para a formulação de uma nova política de roteiros turísticos, para que o grande público possa vir a ter o hábito de frequentar e valorizar esses ambientes. Segundo Goodey (2002, p. 53): “aquilo que a comunidade valoriza para si própria é o que ela deseja preservar e, possivelmente, o que ela vai querer compartilhar com os outros”. Logo, a participação comunitária é de enorme importância para o processo de interpretação. Para Carter (2001, p. 15): “A interpretação é um meio para um fim, que pode contribuir para a gestão da visitação, conservação, economia local, educação, autoestima da comunidade”. Araujo expande essa definição ao afirmar que:

a interpretação não apenas informa, mas possibilita aos visitantes melhores conhecimento e apreciação dos sítios visitados, melhorando a qualidade da experiência dos mesmos, além de contribuir para o prolongamento de sua permanência no local, também servindo de estímulo à realização de novas visitas. A interpretação se tornou um componente importante e essencial para o produto turístico, em especial aos produtos que têm como base os recursos e atrativos turísticos culturais e naturais paisagísticos (ARAUJO, 2016, p. 108).

Para o resultado do planejamento de interpretação de patrimônio deste projeto, deve ser feito o levantamento dos perfis dos artistas e personalidades da Bahia, filtrando as informações mais relevantes, que devem compor a análise e interpretação dos espaços. De acordo com Santos, considerando as definições do conceito de planejamento:

O processo de planejamento constitui-se na definição de um modelo que compreenda o levantamento de informações relevantes, sua análise e interpretação, no ambiente e realidade instaurados, a formulação de objetivos e o consequente avanço em direção ao se propôs (SANTOS, 1988, p. 13 *apud* ARAUJO, 2016, p. 101).

Contribuindo, assim, para divulgar a cidade de Salvador e o estado da Bahia, num contexto cultural mais amplo – não se restringindo apenas ao Carnaval e ao Centro Histórico, como citado anteriormente. Após as visitas aos espaços, faz-se necessário identificar o impacto e as contribuições da interpretação na permanência naquele ambiente, implementando um sistema de *feedback*. Como sugestão, recorreremos ao modelo técnico da comunicação (MORALES, 2006, p. 6 *apud* ARAUJO, 2016, p. 125) que apresenta o canal de comunicação, emissor, mensagem (referente e/ou código) e receptor. Para implementar este sistema, deve-se indagar: quem é o emissor? Qual seria a mensagem transmitida? Através de qual canal de comunicação e quem seria o receptor?

Neste caso, o emissor seria o espaço onde viveram os artistas e personalidades da Bahia. A codificação da mensagem indicaria que naquele espaço nasceram, viveram e se criaram tais artistas, essas informações seriam transmitidas através de um canal de comunicação, ou seja, as placas de memória. De acordo com Araujo (2016, p. 126): “Na outra extremidade está o receptor, que pode ser um residente local ou um turista que capta e decodifica a mensagem, e estará apto a emitir uma resposta para o emissor”.

É importante educar e conscientizar o grande público quanto à preservação dos espaços através da criação e fixação de placas de memória, pois eles são responsáveis por movimentar o turismo e manifestações culturais, que, de alguma forma, mantém preservados a memória e o legado dos principais artistas e personalidades da Bahia, portanto, este projeto busca proporcionar ao público em geral a viabilidade de nova destinação turística a esses espaços, uma vez que intencionamos frear o estado atual de esquecimento desses locais, além de ressaltarmos as biografias dessas personalidades, que seguem, em sua grande maioria, sem quaisquer ações de preservação, de reconhecimento público e de visitação turística.

## **FASES DA PESQUISA**

A pesquisa foi estruturada em quatro fases, que serão apresentadas individualmente a seguir. Na primeira fase da pesquisa foram produzidos breves perfis biográficos dos artistas – Calasans Neto, Dorival Caymmi, Glauber Rocha e João Ubaldo Ribeiro. A estrutura da biografia foi organizada de forma a apresentar os acontecimentos relevantes e efetuar o relato de suas respectivas trajetórias, com abordagem sobre a infância, primeiros trabalhos, obras, prêmios e falecimento.

Na segunda fase, foram feitos mapeamentos dos locais onde esses artistas viveram, a fim de realizar posterior visita técnica aos espaços. Realizamos o contato prévio com

moradores e herdeiros legais que respondem pelos imóveis a fim de nos auxiliarem na realização das ações. A intenção foi também registrarmos observações sobre o estado atual destes espaços onde residiram as personalidades.

A terceira fase ainda será implementada, e consistirá na confecção de placas para serem afixadas nas fachadas dos espaços, a fim de preservar o legado e a cultura desses artistas. Considerando que: “as placas são formas mais comuns de interpretação existentes, pois preservam informações e ilustrações sobre os espaços visitados” (GOODEY, 2002, p. 181 *apud* ARAUJO, 2016, p. 129), esta será uma importante medida de interpretação destes patrimônios.

Desta forma, preservando a memória, registrando a biografia e propondo a inserção de novos roteiros turísticos no estado da Bahia a Universidade procura dar sua contribuição a ações práticas de novos roteiros turísticos para um dos estados brasileiros em que esta área mais se desenvolve. Esta etapa do projeto deve ser formalizada em parceria com o IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional e, também, com o IPAC, Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – órgãos responsáveis pelo patrimônio, pela cultura, pela preservação da história e da memória brasileira.

Na quarta fase, também a ser desenvolvida, através da coleta e organização das informações biográficas dos principais artistas, pretendemos propor a criação de um aplicativo com base no georreferenciamento dos espaços a fim de publicizar novos itinerários e roteiros turísticos, capaz de auxiliar turistas e residentes sobre como chegar nesses locais.

Tendo em vista a expansão do uso de aplicativos e redes sociais no processo de identificação dos ambientes na contemporaneidade, Amaral explica que o georreferenciamento é um importante recurso:

A obra colaborativa e transmidiática propõe a construção de um sistema em rede on-line que compila um grande banco de dados com imagens fotográficas, vídeos, registros sonoros, textos e informações e utiliza a ferramenta computacional API para uso na Internet. Esse sistema apropria-se de mapas, diagramas, informações e dados que serão articulados através de diversas narrativas e utilizarão sistemas de organização georeferenciados (AMARAL, 2013, p. 11).

Portanto, quanto mais relevante a informação posta na base de georreferenciamento, maior será seu impacto e benefícios para que os turistas e residentes locais, ampliando a relevância e direcionando à interpretação do que está sendo exposto. Nesta etapa da pesquisa, todas as fases serão articuladas, de forma que as placas afixadas sejam fiéis ao contexto histórico e cultural das personalidades, respeitando a veracidade dos fatos em suas trajetórias, conforme pesquisado.

Serão elaboradas estratégias de comunicação interpretativa de forma que os perfis dos artistas baianos pesquisados sejam interessantes e dialoguem com o patrimônio

exposto. Afinal, como princípios, a comunicação interpretativa: “deve obter a atenção do visitante, transformar a mensagem em algo apreciável pelo visitante, transformar a interpretação em algo relevante para sua audiência e construir uma estrutura mental ao visitante” (CARTER, 2001, p. 39 *apud* ARAUJO, 2016, p. 126). A comunicação deve tornar a visita ainda mais dinâmica, contribuindo para a construção da experiência do turista.

A seguir serão apresentados os perfis dos artistas baianos pesquisados.

## **PERFIS DOS/AS ARTISTAS BAIANOS/AS PESQUISADOS**

### **CALASANS NETO**

José Júlio de Calasans Neto nasceu em Salvador, Bahia, no dia 11 de novembro de 1932. Filho de José Júlio de Calasans e Frieda Elisabeth Geiger de Calasans. Iniciou sua carreira artística produzindo pinturas e gravuras. Tendo seus primeiros aprendizados em pintura no Ateliê de Genaro de Carvalho, estudando também na Universidade Federal da Bahia na Escola de Belas Artes com Mário Cravo em gravura de metal.

Em suas pinturas, ele costumava usar elementos como o mar, o farol, os peixes e a praia de Itapuã. Atuando como gravurista, ilustrou álbuns, capas e livros para grandes escritores brasileiros, por exemplo, Jorge Amado em obras como *Tieta do Agreste* e *Teresa Batista Cansada de Guerra*, Vinicius de Moraes com *História Natural de Pablo Neruda* e Zélia Gattai com o livro *Um chapéu para Viagem*.

Apassionado pela cultura baiana, Calasans usava em suas gravuras temas que remetessem a Bahia e que, de alguma forma, tentasse resgatar a tradição popular do Nordeste. Ele foi responsável por expor para o mundo afora, dedicando-se à gravura em madeira, realizando exposições na Europa e Estados Unidos.

Foi responsável por criar cenários para o filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol* de Glauber Rocha. Todo seu acervo está preservado em sua residência, no bairro de Itapuã. Calasans Neto foi casado com Auta Rosa, e teve experiências como cenógrafo, desenhista, ilustrador e pintor. Faleceu aos 73 anos, em 1 de maio de 2006, vítima de complicações desencadeadas por uma infecção respiratória, em Salvador.

Atualmente, com base nos registros durante a segunda etapa da pesquisa, pode-se constatar que o domicílio de Calasans Neto, no bairro de Itapuã, em Salvador, foi possível identificar, a partir da área externa, obras do artista como pinturas e gravuras na sala, dentro da residência, apesar de a entrada não ter sido autorizada devido à ausência dos representantes legais no imóvel.

### **DORIVAL CAYMMI**

Dorival Caymmi nasceu em Salvador no dia 30 de abril de 1914. Filho de Durval Henrique Caymmi e Aurelina Soares Caymmi. As primeiras atividades como músico, começou ainda criança ao ouvir familiares tocarem piano. Teve que interromper seus

estudos, para trabalhar como auxiliar na redação do jornal “O Imparcial”. Anos mais tarde com o fechamento do jornal, ele compôs a primeira música chamada “No sertão”.

Depois de sua primeira composição, ele estreou como cantor e violonista na Rádio Clube da Bahia. Caymmi viajou para a cidade do Rio de Janeiro, para conseguir um emprego como jornalista e estudar o curso de Direito, mas, realizou alguns trabalhos na imprensa, no jornal do grupo Diários Associados. Mesmo seguindo essa carreira na imprensa, ele escreveu canções como, *Maracangalha*, *Saudade da Bahia*, *Samba da minha terra*, *Modinha da Gabriela*, *O que é que baiana tem?* e muitos outros sucessos.

Caymmi conheceu o grande amor de sua vida, Stella Maris, em um programa de Calouros, na Rádio Nacional. O casamento ocorreu em 30 de abril de 1940. Tendo três filhos nessa união: Nana Caymmi, Dori Caymmi e Danilo Caymmi. Durante sua carreira musical, Caymmi lançou em torno de 17 álbuns, a maioria LP's, alguns deles foram: *Sambas de Caymmi* (1955), *Eu vou para Maracangalha* (1957), *Caymmi e seu violão* (1959) e outros.

Dorival Caymmi ficou marcado como compositor de músicas populares, além de ter atuado como ator, cantor, compositor, pintor, violonista, um artista íntegro. As suas obras têm valor e importância incomensuráveis, consagrado por inúmeras regravações feitas por diversas/os cantoras/es. Faleceu aos 94 anos, em 16 de agosto de 2008, de falência múltipla dos órgãos e insuficiência renal causados por um câncer no rim que possuía a nove anos, no Rio de Janeiro. A antiga casa de Dorival Caymmi, no bairro de Nazaré, não possui nenhuma indicação sobre o autor.

## **GLAUBER ROCHA**

Glauber de Andrade Rocha nasceu em Vitória da Conquista, Bahia, no dia 14 de março de 1939. Filho de Adamastor Bráulio Silva Rocha e de Lúcia Mendes de Andrade Rocha. Na infância, ele queria ser pastor evangélico, sendo, inicialmente, alfabetizado por sua mãe e depois teve seus primeiros estudos no Colégio do Padre Palmeira, em Vitória da Conquista. Aos oito anos, mudou-se com a família para Salvador, vivendo na pensão no bairro dos Barris.

Descobriu seu talento artístico ao escrever e atuar em peças, desenvolvendo também a desenvoltura para os palcos. Além de trabalhar como repórter no Jornal da Bahia, começou a investir na carreira de cineasta, trabalhando em criação de curta-metragem e dedicando-se a uma associação sem fins lucrativos para discutir cinema. Ele foi um dos integrantes mais importantes do cinema novo<sup>3</sup>, com a proposta “Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, inovando a identidade do cinema brasileiro.

Cursou Direito na Universidade Federal da Bahia, mas não concluiu seus estudos ao iniciar breve passagem em jornais locais, onde escreveu sobre cinema. Na universidade, Glauber conheceu Helena Ignez, que, futuramente, se tornaria sua esposa. Dessa união, tiveram uma filha, Paloma Rocha. O cineasta teve ainda outros filhos: Henrique Cavalleiro,

3 Estética revolucionária e colocando em prática uma narrativa diferente da hollywoodiana (LEITE, 2005, p. 96).

Pedro Paulo, Eryk Rocha e Ava Pátria Gaitán.

Glauber Rocha lançou os curtas *O Pátio* (1959), *Cruz na Praça* (1959), além dos longas-metragens como, *Barravento* (1962), e o mais importante, *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964) e muitos outros. Seus filmes apresentavam contradições da política brasileira e denunciavam as desigualdades sociais do país. Glauber Rocha foi ator, cineasta brasileiro, e escritor. Faleceu aos 42 anos, em 22 de agosto de 1981, vítima de septicemia, provocado por broncopneumonia no Rio de Janeiro.

A pensão onde Glauber Rocha viveu, no bairro dos Barris, é conhecida hoje como Velho Espanha Bar e Cultura, espaço boêmio que oferece música e cerveja. O espaço foi reformado, mas algumas características originais foram mantidas, como o teto de madeira, o piso de ladrilho hidráulico (material que não é mais fabricado na Bahia) e paredes de adobe exposto.

### **JOÃO UBALDO RIBEIRO**

O escritor João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro nasceu na Ilha de Itaparica, Bahia, no dia 23 de janeiro de 1941. Filho de Manuel Ribeiro e de Maria Filipa Osório Pimentel. Viveu a maior parte de sua infância no estado de Sergipe. Nesse período, seu pai passou a ser perseguido por conta de atividades políticas, o que o fez se transferir para Salvador. Iniciou sua carreira profissional, atuando como repórter no Jornal da Bahia, exercendo a função de colunista, chefe de reportagem, jornalista e redator.

Além disso, trabalhou também como editor-chefe e editorialista no jornal Tribuna da Bahia. Ingressou no curso do CPOR, Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Exército da Bahia, mas não chegou a concluir devido ao ingresso num programa internacional de escritores dos Estados Unidos. Formou-se na Faculdade de Direito, mas não chegou a exercer.

Casou-se três vezes. O primeiro casamento com Maria Beatriz Moreira Caldas. O segundo com a historiadora Mônica Maria Rotes, com quem teve duas filhas, Emília Ribeiro e Manuela Ribeiro. E, por fim, com a psicóloga Berenice Batella Ribeiro, a qual teve um casal de filhos, o ator Bento Ribeiro e Francisca Ribeiro. A primeira publicação ocorreu com o livro *Setembro não tem sentido* (1968). A segunda obra foi *Sargento Getúlio* (1971), adaptada para o cinema, rendendo-lhe o Prêmio Jabuti Golfinho de Ouro. Lançou também o romance *Viva o Povo Brasileiro* (1984), além de *O Sorriso do Lagarto* (1989), *A Casa dos Budas Ditosos* (1999) e *O Albatroz Azul* (2009).

Lançou mais de 20 livros, concebendo críticas ao Brasil em aspectos políticos e sociais. Foi eleito à Academia Brasileira de Letras sendo o sétimo ocupante da Cadeira nº 34, na sucessão de Carlos Castello Branco, além de receber o Prêmio Camões (2008), maior honraria literária da língua portuguesa. João Ubaldo Ribeiro foi cronista, escritor, professor e jornalista. Faleceu aos 73 anos, em 18 de julho de 2014, vítima de embolia pulmonar, no Rio de Janeiro. Não foi possível conhecer a casa onde o autor viveu, em

Itaparica, pois estava fechada, apesar de o imóvel aparentar estar bem conservado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse artigo verificamos que há grande desconhecimento e destrato público e coletivo sobre a memória e a preservação dos espaços desses e de muitos outros artistas e personalidades brasileiros. É importante valorizar e partilhar a memória, cultura e história dos artistas, pois como afirma Hostilio (2011): “a identidade de um povo está na sua cultura”. Atualmente, nenhum dos artistas pesquisados têm espaços abertos para visitação pública turística.

As sugestões para as próximas fases da pesquisa em andamento são, através da intervenção do poder público, promover o tombamento desses espaços e fixação de placas de memórias. Para isso, deve-se indenizar os herdeiros legais dos imóveis, possibilitando esta ação de preservação dos bens culturais, de valor histórico, arquitetônico e ambiental, que carregam valor afetivo das personalidades. Assim, haveria meios para que os turistas e residentes locais, pudessem frequentar estes espaços, evitando que sejam esquecidos, destruídos ou reformados.

Através da eventual autorização dos herdeiros legais, espera-se que esses locais sejam abertos para visitação turística, sendo inclusos no aplicativo a ser desenvolvido. Para a construção deste itinerário, sugere-se:

Primeiramente, elaborar um projeto de manutenção de infraestrutura, com a revitalização das fachadas e estruturas da residência de todos os autores; seguido da criação de um Circuito Cultural para cada um dos autores. Especificamente no bairro de Itapuã, considerando a proximidade com a residência de Vinícius de Moraes, sugere-se um circuito integrado com uma galeria, onde seriam expostas as produções de Calasans Neto, com suas pinturas, gravuras e fotografias.

No caso da residência de Caymmi, a sugestão é confeccionar uma pintura personalizada, com canções do artista, além de grafitar o rosto e/ou expor quadros sobre sua vida na fachada e corredores da casa. Já para a pensão onde viveu Glauber Rocha, sugere-se fixar uma estátua do cineasta, em sua homenagem e memória; enquanto para a casa de João Ubaldo Ribeiro, por ter residido na Ilha de Itaparica, sugerimos a criação de um circuito independente para sua residência, integrando nessa visita a Biblioteca Juracy Magalhães, que possui um memorial em homenagem ao artista. Este circuito deve ser planejado para incentivar o desenvolvimento local articulado à a cultura da ilha.

Em todos esses espaços devem ser afixadas placas de identificação com *design* inclusivo, agregando pessoas cegas (texto em braile) e com baixa visão (dispositivo sonoro), por exemplo. Além de utilizar material resistente a intemperes, fonte bastante legível, texto claro, coeso, conciso, objetivo e, quando possível, ilustrado.

Essa iniciativa visa deflagrar ações práticas para um novo raciocínio e práticas

públicas no trato com a memória de homens e mulheres cujo trabalho honraram e divulgaram o Brasil para todo o mundo. Trata-se, portanto, de uma pesquisa com forte apelo à execução, tornando-se indicativo cultural e turístico que visa novas possibilidades de visitação para a cidade de Salvador, um modelo de itinerário turístico que engloba arte, cultura, história e memória, foco distante do costumeiro turismo chamado de “sol e praia” e que propõe toda uma transformação desses espaços em institutos, memoriais, centros culturais, museus, casas que podem se tornar espaços de convivência, algo bastante comum na Europa e nos Estados Unidos.

Assim sendo, esta pesquisa intenciona colaborar não apenas de modo teórico e reflexivo, repensando o turismo que se faz no estado da Bahia, mas, também, interferir de forma prática em ações efetivas em parceria ao poder público, em ações e iniciativas de preservação desses espaços, esforço de a Universidade poder contribuir ainda mais na valorização da arte, da cultura, da história, do patrimônio e de tantas/os artistas e personalidades brasileiras/os.

## REFERÊNCIAS

ACADÊMICO João Ubaldo Ribeiro faz a quarta palestra do ciclo “Vozes contemporâneas: a ficção”. **Academia Brasileira**. Disponível em: <http://www.academia.org.br/noticias/academico-joao-ubaldo-ribeiro-faz-quarta-palestra-do-ciclo-vozes-contemporaneas-ficcao>. Acesso em: 10 mar. 2019.

AMARAL, Lilian. Geopoética: Cartografia Dos Sentidos. In: **Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**, 22., 2013, Bélem. Anais. Belém: UFPA, 2013.

ARAUJO, Gustavo Aveiro. Turismo e Interpretação do Patrimônio Natural e Cultural no Brasil. In: BOMFIM, Natanael Reis. **Representações e Turismo: Imagens e Práticas Socioculturais no Espaço**. 1. Ed. Ilhéus. Editus, 2016. P. 77 – 137.

BIOGRAFIA. **Academia Brasileira**. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/joao-ubaldo-ribeiro/biografia>. Acesso em: 10 mar. 2019.

BOTELHO, Jota Afonso. **O legado de Glauber Rocha**. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/o-legado-de-glauber-rocha>. Acesso em: 24 ago. 2018.

BUTLER, Richard (2000). **Literary tourism**. In **Jafar Jafari** (Ed.), *Encyclopedia of Tourism* (p.360). Londres: Routledge.

CALASANS Neto. **Paulo Darzê Galeria**. Disponível em: <http://paulodarzegaleria.com.br/artistas/calasans-neto/>. Acesso em: 28 ago. 2018.

CALAZANS Neto morre aos 73 anos. **Tribuna PR**. Paraná, 01 de mai. De 2006. Disponível em: <https://www.tribunapr.com.br/mais-pop/calazans-neto-morre-aos-73-anos/>. Acesso em: 28 ago. 2018.

CARTER, J. **A sense of a place**: na interpretive planning handbook. 2. ed. [Lindon]: Scottish Interpretation Network, 2001.

CASTRO JR., Chico. **Reduto boêmio, Bar do Espanha reabre com muita música e cerveja.** Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/cultura/noticias/1880859-reduto-boemio-bar-do-espanha-reabre-com-muita-musica-e-cerveja>. Acesso em: 21 jan. 2019.

CAYMMI, Stella. **Dorival Caymmi: o mar e o tempo.** 1. ed. São Paulo: Grupo Pão de Açúcar, 2001.

CONSELHO INTERNACIONAL DOS MONUMENTOS E SÍTIOS (ICOMOS). **Carta Universal do Turismo Cultural.** ICOMOS: México, 1999.

DORIVAL Caymmi, o mais “baiano” dos grandes nomes da Música Popular Brasileira. **Quem Acontece.** Disponível em: <http://revistaquem.globo.com/Revista/Quem/0,,EMI43384-9531,00-DORIVAL+CAYMMI+O+MAIS+BAIANO+DOS+GRANDES+NOMES+DA+MUSICA+POPULAR+BRASILEIRA.html>. Acesso em: 19 ago. 2018.

DORIVAL CAYMMI, UMA OBRA EM 17 DISCOS. Disponível em: <https://infograficos.oglobo.globo.com/cultura/a-discografia-de-dorival-caymmi.html>. Acesso em: 07 jun. 2019.

DORIVAL CAYMMI. **Museu Afro Brasil.** Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/12/30/dorival-caymmi>. Acesso em: 21 ago. 2018.

FRAZÃO, Dilva. **João Ubaldo Ribeiro.** Disponível em: [https://www.ebiografia.com/joao\\_ubaldo\\_ribeiro/](https://www.ebiografia.com/joao_ubaldo_ribeiro/). Acesso em: 22 ago.2018.

GLAUBER Rocha. **Biografias.** Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/glauber-rocha.htm>. Acesso em: 24 ago. 2018.

GLAUBER Rocha. **Estadão.** Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/personalidades,glauber-rocha,659,0.htm>. Acesso em: 28 ago. 2018.

GONÇALVES, Cassandra de Castro Assis; ALVARADO, Daisy V. M. Peccinini de. **Calasans Neto.** Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo2/modernidade/espraiamento/bahia/calazans/index.html>. Acesso em: 28 ago. 2018.

GONÇALVES, Cassandra de Castro Assis; ALVARADO, Daisy V. M. Peccinini de. **Calasans Neto.** Filhos Ilustres da Bahia. Disponível em: <http://ilustresdabahia.blogspot.com/2013/01/calasans-neto.html>. Acesso em: 28 ago. 2018.

GOODEY, B. **Interpretive planning in a historic urban context: the case of Porto Seguro, Brazil.** Urban Design Internacional, Oxford, UK, v. 8, p. 85-94, June 2003.

HOMENAGEM DO DIA: João Ubaldo Ribeiro. **Best Homenagens.** Disponível em: <https://www.besthomenagens.com.br/homenageamos-hoje-joao-ubaldo-ribeiro/#catalogo>. Acesso em: 10 mar. 2019.

HOSTILIO, Caio. **A verdadeira identidade de um povo está na sua cultura.** 2011. Disponível em: <https://caiohostilio.com/2011/08/31/a-verdadeira-identidade-de-um-povo-esta-na-sua-cultura>. Acesso em: 23 jun. 2019.

LEITE, Sidney Ferreira. **Cinema brasileiro: das origens à retomada.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

MORALES, J. **Guia prática para la interpretación del patrimônio**. Sevilla: Junta de Consejería de Cultura (Consejo de Andalucía), 1998.

MORRE no Rio o escritor e acadêmico João Ubaldo Ribeiro, aos 73 anos. **G1**. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/07/morre-no-rio-o-escritor-joao-ubaldo-ribeiro.html>. Acesso em: 22 ago. 2018.

NOGUEIRA JR., Arnaldo. **João Ubaldo Ribeiro**. Disponível em: [http://releituras.com/joaoubaldo\\_bio.asp](http://releituras.com/joaoubaldo_bio.asp). Acesso em: 18 fev.2019.

PRÊMIOS e distinções recebidos por João Ubaldo Ribeiro. **O Globo**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/premios-distincoes-recebidos-por-joao-ubaldo-ribeiro-13297806>. Acesso em: 10 mar. 2019.

QUINTEIRO, Sílvia e BALEIRO, Rita. **Estudos em literatura e turismo - Conceitos Fundamentais**. 1ª Edição. Letras Lisboa: Lisboa, 2017.

RICHARDS, Greg (Ed.) (1996). **Cultural tourism in Europe**. Wallingford: CABI Publishing.

SANTOS, Luiz Alberto. **Planejamento e gestão estratégica nas empresas**. São Paulo: Semente, 1988.

WORLD TOURISM ORGANIZATION (UNWTO). **Understanding Tourism: Basic Glossary**. Disponível em: <http://cf.cdn.unwto.org/sites/all/files/docpdf/glossaryenrev.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2019.

# CAPÍTULO 13

## COORDENAÇÃO MOTORA DE CRIANÇAS QUE PARTICIPAM DE PROGRAMAS SOCIAIS ESPORTIVOS EM VÁRIOS AMBIENTES DE FORMAÇÃO PÚBLICA

Data de aceite: 01/05/2021

Data de submissão: 13/03/2021

### Thauany Guadalupe Silva

Centro Universitário de Anápolis-  
UniEVANGÉLICA, Curso de Educação Física-  
Anápolis- Goiás

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3549-6064>

### Viviane Soares

Programa de Pós-Graduação em Movimento  
Humano e Reabilitação - Centro Universitário  
de Anápolis, Goiás

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1570-6626>

### Jairo Teixeira Junior

Escola Superior de Educação Física do Estado  
de Goiás (Eseffego) – Goiânia-GO

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9057-3627>

### Patrícia Espíndola Mota Venâncio

Centro Universitário de Anápolis-Go; Programa  
de Pós-Graduação Profissional em Ensino para  
a Educação Básica do Instituto Federal Goiano  
- Campus Urutaí.Go

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5692-0568>

**RESUMO:** O objetivo do estudo foi identificar a coordenação motora de crianças que participam de programas sociais esportivos em vários ambientes de formação pública. Participaram dos testes, 514 crianças de 4 a 13 anos, matriculadas em creches, escolas públicas e no programa social da AABB. Utilizou-se o método da bateria de Oliveira 2018, sendo o estudo transversal e quantitativo. Observou-se que na AABB apresentaram média de pontuação na

coordenação motora de 26,27%; enquanto as crianças das escolas públicas obtiveram 25,86%; e as crianças da creche possuem média de 22,72%. As crianças de 5 a 6 anos estão muitos adiantados para sua idade chegando a 39, % e 33,2% classificados para crianças de 8 anos 12 anos. Para as crianças de 7 a 9 anos embora a maioria se encontra dentro do esperado para sua idade, nota-se também que o percentual de crianças atrasadas com essas idades vem aumentado. Os resultados deste estudo chamam a atenção para as crianças acima de 12 anos em que foi encontrado 54,0% estão no esperado para sua idade os demais estão atrasados, enquanto que 46% de crianças nessas idades estão com atrasos na sua coordenação motora. De modo geral, conforme a organização por grupo os resultados foram considerados normais e satisfatórios, porém, observa-se desempenho a baixo do esperado para crianças com 12 anos. Destaca-se a necessidade de acompanhar essas crianças e intervir, por meio de atividades que estimulem o desenvolvimento motor e assim melhorar a psicomotricidade das crianças.

**PALAVRAS - CHAVE:** Desempenho Psicomotor, Criança, Programas Sociais.

### MOTOR COORDINATION OF CHILDREN PARTICIPATING IN SPORTS SOCIAL PROGRAMS IN VARIOUS PUBLIC FORMATION ENVIRONMENTS

**ABSTRACT:** The aim of the study was to identify the motor coordination of children who participate in social sports programs in various public training environments. Participated in the tests, 514 children from 4 to 13 years old, enrolled in

daycare centers, public schools and in the social program of AABB. The Oliveira 2018 battery method was used, being the cross-sectional and quantitative study. It was observed that in the AABB they presented an average score in motor coordination of 26.27%; while children in public schools obtained 25.86%; and the children at the daycare center have an average of 22.72%. Children from 5 to 6 years are very advanced for their age reaching 39,% and 33.2% classified for children of 8 years and 12 years. For children from 7 to 9 years old, although the majority is within the expected for their age, it is also noted that the percentage of children behind this age has increased. The results of this study call attention to children over 12 years old, in which 54.0% were found to be expected for their age, the others are late, while 46% of children at these ages are delayed in their motor coordination. In general, according to the organization by group, the results were considered normal and satisfactory, however, performance below the expected for children aged 12 years is observed. The need to accompany these children and intervene is highlighted, through activities that stimulate motor development and thus improve children's psychomotricity.

**KEYWORDS:** Psychomotor Performance, Child, Social Programs.

## 1 | INTRODUÇÃO

Define-se a psicomotricidade como “Ciência da saúde e da educação”. Ela visa a representação e a expressão motora, a utilização psíquica mental do indivíduo por meio de seu corpo através das suas experiências com o mundo extrínseco e sua satisfação com ele (SOUZA, 2012).

Por vezes subestima-se a importância de desenvolver a coordenação motora nas crianças. Ela abrange toda a atividade feita pelo indivíduo que retrata suas necessidades e possibilidade de relacionamento com os demais (ALVES, 2007), desde a fase de crescimento da criança, auxiliando a compreender, reconhecer e a aceitar o seu próprio corpo e o do outro (ARANHA, 2016).

O aprendizado e o desenvolvimento do ser humano iniciam-se no nascimento, perdurando e progredindo, em uma sequência lógica. Com o passar dos anos, os bebês, por exemplo, adquirem informações sobre o ambiente a partir de reflexos e, mesmo que involuntários, esses movimentos são necessários na sobrevivência da criança (ALVES, et al, 2016). Llano (2011) os primeiros anos de vida do ser humano são marcados por importantes formações motoras, físicas, mentais e sociais, sendo o período em que a criança possui especial sensibilidade aos estímulos vindos do ambiente.

A evolução do desenvolvimento psicomotor da criança acontece através de fatos que ela viverá e perceberá conforme o passar dos anos, resultando na melhoria e desenvolvimento da sua relação com o ambiente. É um processo demorado e ininterrupto e por isso é essencial focar a criança sem ignorar o fato de que é um processo contínuo (MARAL; FREITAS, 2016).

Durante a infância é imprescindível que a criança seja encorajada e instruída em atividades que estimulem sua coordenação motora que, conseqüentemente, resultará

em habilidades básicas comuns ao ser humano, como andar, pular ou bater palmas. Fernandes e Gutierrez Filho (2012) salienta que os primeiros anos de vida até os seis anos são fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo. Vicini Neto (2014) continua essa afirmação dizendo que as experiências da criança nesse período serão determinantes para a formação do tipo de adulto a que ela irá se tornar.

Quando a criança tem a oportunidade de fazer vários tipos de movimento – saltar, correr, dançar, andar de bicicleta – ela garante um desenvolvimento motor mais equilibrado. Para um excelente desempenho da coordenação motora é necessário tarefas mais complexas, padrões eficazes de movimentos e melhor aprendizagem na escrita (ANDRADE, 2019)

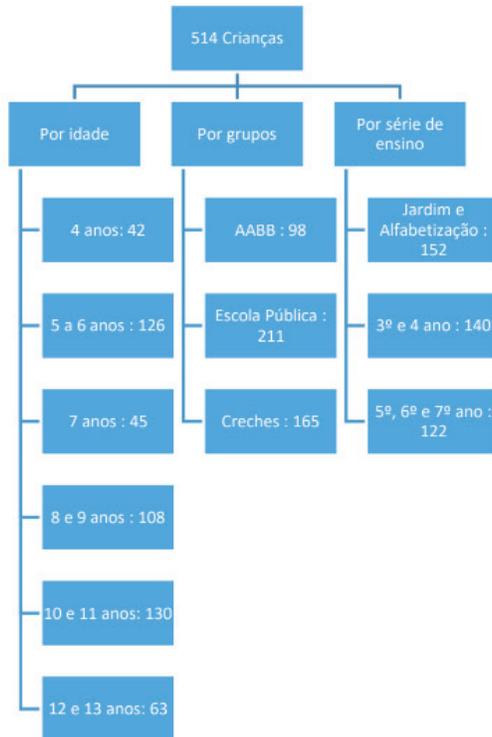
Lopes *et al* (2011) afirmam, em seu estudo, que a coordenação motora das crianças, de modo geral, tem-se apresentado abaixo das expectativas e que a falta de habilidades motoras, além de restrição do corpo e do déficit motor, pode influenciar o comportamento social, a percepção, as emoções, o discurso e a cognição. Machado e Tavares (2010) reforçam essa ideia ao afirmar que a criança irá sentir-se bem desde que seu corpo esteja lhe obedecendo, pois assim a utilização do corpo será para movimentar e agir.

Com base nos dizeres acima, este estudo traz, como problemática, como está a coordenação motora em relação a faixa etária das crianças que frequentam creches, escolas públicas e crianças da Associação atlética Banco do Brasil (AABB) da cidade de Anápolis e que sejam praticantes de esporte. Uma vez que, a oportunidades práticas aliadas ao incentivo e à combinação de movimentos favorece o estímulo e o fortalecimento da coordenação motora que, de acordo com Magalhães, Nascimento e Rezende (2004), podem influenciar o desempenho escolar da criança e a sua autoestima.

Neste sentido o estudo tem como objetivo geral identificar o nível psicomotor da coordenação motora em crianças da cidade de Anápolis-GO. E como objetivo específico comparar a coordenação entre grupos e entre idades.

## **2 | METODOLOGIA**

Foi realizado um estudo do tipo transversal e quantitativo. A pesquisa foi composta por 514 crianças, sendo que as informações coletadas foram organizadas por grupos, série escolar e idade, conforme mostrado no fluxograma abaixo:



Fonte: Silva e Venâncio (2020).

Inicialmente foi solicitada a autorização aos pais e à direção responsável pela AABB, pelos responsáveis das 05 (cinco) creches e pelos responsáveis pelas escolas 05 (cinco) escolhido por conveniência, por meio de um convite e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e termo de Assentimento do menor. Após liberação dos alunos e de posse do TCLE assinados, foi dado início a aplicação dos testes conforme a disponibilidade de dias e horários fornecidos pelos participantes.

Para avaliação das crianças optou-se pela bateria de Oliveira (2018). Os testes realizados foram:

- Cinco testes de Coordenação Global: Andar, correr, dismetria de olhos abertos e de olhos fechados e Postura ao sentar.
- Três testes de Dissociação de movimentos: Abrir e fechar as mãos, Dissociação das mãos e Dissociação dos pés\mãos.
- Cinco testes de Coordenação fina: Recorte, Coordenação dinâmica das mãos, Labirintos, Circunvolução e Prensão do lápis.
- Dois testes de Equilíbrio estático, sendo imobilidade e um pé só\olhos fechados.

- Dois testes de Equilíbrio dinâmico, sendo saltar com um pé só e saltar batendo palmas.

A classificação foi organizada com pontuação conforme o desempenho da criança, somando os resultados das provas de acordo com a tabela das fases da evolução das habilidades psicomotoras.

Com parâmetro foram observados que, as crianças de 04 anos deveriam estar na RCV – Reorganização do corpo vivido (3 a 4 nos). Crianças de 05 a 06 anos na IPICP – Indícios de presença de imagem de corpo percebido (5 a 6 anos). As crianças de 07 anos na ICP – Imagem de corpo percebido. Crianças de 08 a 09 anos na RCP – Reorganização do corpo percebido. As crianças de 10 e 11 anos na IPCR – Indícios de presença de corpo representado. E crianças de 12 e 13 anos na ICR – Imagem de corpo representado (a partir de 12 anos). Os testes tiveram duração de 30 minutos.

Para a análise dos dados foi feito o teste Shapiro-Wilk para avaliar a normalidade dos dados, e análise descritiva dos dados em percentual e frequência por meio do Software SPSS 20.0, adotando um nível de significância de  $p \leq 0,05$ .

### 3 | RESULTADOS

A tabela 01 mostra os resultados da caracterização da amostra em que as crianças avaliadas, no total foram 235 são do sexo masculino e 240 do sexo feminino. Analiticamente, do sexo masculino, provenientes da comunidade AABB 49 crianças, 105 da escola pública e 80 das creches. As crianças do sexo feminino participaram dos testes, 49 da comunidade AABB, 106 da escola pública e 85 das creches. Observou-se que na AABB apresentaram média de pontuação na coordenação motora de 26,27%; enquanto as crianças das escolas públicas obtiveram 25,86%; e as crianças da creche possuem média de 22,72%.

	Comunidade AABB (%)	Escola Pública (%)	Creches (%)
Idade	9,89±1,97	9,34±1,85	4,86±0,59
Sexo masculino (feminino)	49(49)	105(106)	80(85)
Coordenação motora	26,27±4,22	25,86±4,80	22,72±6,65
Mínimo	12	12	4
Máximo	34	34	34

Tabela 01 – Caracterização da amostra

Fonte: Silva e Venâncio (2020).

A tabela 2 mostra a classificação geral da coordenação motora e pôde-se constatar que as crianças das creches apresentaram 14,5% Indícios de Presença de Imagem de Corpo Percebido, e 19,4% apresentaram imagem de corpo percebido, sendo os melhores

resultados para essas categorias. Quando observado sobre a reorganização do corpo recebido, 7,1% das crianças da escola pública e 7,1% da Comunidade AABB apresentam essa habilidade. Quanto aos indícios de presença de corpo representado, o melhor resultado dentre os grupos foi de 36,7% das crianças da comunidade AABB. Observando a coordenação motora de imagem do corpo representado, 60% das crianças que praticam esporte demonstram tal habilidade, que é o melhor resultado.

Coordenação motora	Comunidade AABB n(%)	Escola Pública n(%)	Creches n(%)
RCV	--	-	-
IPICP	3 (3,1)	7 (3,3)	24 (14,5)
ICP	7 (7,1)	24 (11,4)	32 (19,4)
RCP	7 (7,1)	15 (7,1)	7 (4,2)
IPCR	36 (36,7)	77 (36,5)	57 (34,5)
ICR	44 (44,9)	86 (40,8)	44 (26,7)

Tabela 2 - Classificação geral da coordenação motora

Fonte: Os autores (2020).

RCV – Reorganização do corpo vivido (3 a 4 anos); IPICP – Indícios de presença de imagem de corpo percebido (5 a 6 anos); ICP – Imagem de corpo percebido (7 anos); RCP – Reorganização do corpo percebido (8 a 9 anos); IPCR – Indícios de presença de corpo representado (10 a 11 anos); ICR – Imagem de corpo representado (a partir de 12 anos).

A tabela 3 apresenta as informações dos testes organizadas conforme a idade das crianças avaliadas. Para a idade de 4 a 6 anos, não tem nenhuma criança atrasada, as crianças de 5 a 6 anos estão muitos adiantados para sua idade chegando a 39, % e 33,2% classificados para crianças de 8 anos 12 anos. Para as crianças de 7 a 9 anos embora a maioria se encontra dentro do esperado para sua idade, nota-se também que o percentual de crianças atrasadas com essas idades vem aumentando. Os resultados deste estudo chamam a atenção para as crianças acima de 12 anos em que foi encontrado 54,0% estão no esperado para sua idade os demais estão atrasados, enquanto que 46% de crianças nessas idades estão com atrasos na sua coordenação motora.

Coordenação	04 anos n (%)	05 e 06 anos n (%)	07 anos n (%)	08 e 09 anos n (%)	10 e 11 anos n (%)	12 e 13 Anos n (%)
RCV	-	-	-	-	-	-
IPICP	16(38,1)	8(6,3)	5(11,1)	2(1,9)	-	6(9,5)
ICP	15(35,7)	17(13,5)	8(17,8)	14(13,0)	7(5,4)	3(4,8)
RCP	-	8(6,3)	5(11,1)	7(6,5)	8(6,2)	3(4,8)
IPCR	9(21,4)	50(39,7)	14(31,1)	45(41,7)	46(35,4)	15(23,8)
ICR	2(4,8)	42(33,3)	13(28,9)	40(37,0)	62(51,5)	34(54,0)

Tabela 3 – Classificação da coordenação motora por idades

Fonte: Os autores (2020).

RCV – Reorganização do corpo vivido (3 a 4 anos); IPICP – Índícios de presença de imagem de corpo percebido (5 a 6 anos); ICP – Imagem de corpo percebido (7 anos); RCP – Reorganização do corpo percebido (8 a 9 anos); IPCR – Índícios de presença de corpo (10 e 11 anos); ICR – Imagem de corpo representado (a partir de 12 anos).

## DISCUSSÃO

Tomando em análise a coordenação motora conforme a faixa etária, no estudo de Venâncio et. al. (2016), foram analisadas crianças de 8 a 9 anos e percebeu-se um desenvolvimento médio ou baixo, o mesmo foi verificado no estudo de Beltrame et. al. (2017), isto é, nessa faixa etária, as crianças demonstraram dificuldade de movimento. No presente estudo, foi possível identificar que as crianças nessa faixa etária estão abaixo do desenvolvimento, uma vez que apenas 6,5% mostraram competência quanto a reorganização do corpo percebido.

Marim, Nishizawa e Oliveira (2020) a partir da aplicação de testes também ressaltam a importância de oferecer atividades que possibilitem às crianças a descoberta e a melhor compreensão de seu próprio corpo. E Collet et al (2008) observou-se que os praticantes de esportes em horário extraclasse possuíam índices mais elevados de coordenação motora. Com resultados semelhantes, Venâncio et al. (2020), através da aplicabilidade de testes e atividades psicomotoras, concluíram que intervenções contribuem para um melhor desenvolvimento dessas crianças.

Aos 6 anos de idade, Fonseca (2008) aponta que a criança já tem consciência da sua imagem corporal e reconhece seu corpo, há aprimoramento no senso de culpa e de suas habilidades motoras. Relacionando essa afirmativa aos testes realizados nessa pesquisa, verificou-se que, das crianças de 5 e 6 anos, somente 6,3% apresentam indícios de presença da imagem de corpo, habilidade que deveria estar mais desenvolvida para essa faixa etária. Orban *et al* (2018) justificam esse resultado visto que, de 2 a 6 anos, as crianças ainda confundem direção, esquema corporal, temporal e espacial. Porém, ao

contrário dos resultados apresentados nessa pesquisa e sendo diferente à afirmação de Leite (2017), ao avaliar crianças na mesma idade, os resultados mostraram estágio maduro nessa coordenação.

Pôde-se averiguar também que 54% das crianças de 12 e 13 anos demonstram coordenação da imagem de corpo representado, tal habilidade começa a ser percebida por volta dos seis anos de idade, isto é, aos 12 e 13 anos tal habilidade já deveria ser mais desenvolvida, Lathi, Carvalho e Vargas (2014) fizeram pesquisas com crianças de 6 a 12 anos e assim como no estudo aqui apresentado, identificaram alguns atrasos na aprendizagem. Fagundes et. al. (2021) concluíram, em suas pesquisas, que também as crianças dessa faixa etária que praticam esporte, apresentam baixo desempenho motor. Nesse sentido Machado e Tavares (2010) evidenciam que uma criança, cuja psicomotricidade é má constituída, apresentará, na escola, dificuldade na leitura e grafia desarmoniosa.

De 7 a 12 anos de idade acontece a elaboração definitiva do esquema corporal. Fonseca (2008) enfatiza que aos 12 anos o esquema corporal já está formado. Diante disso, Maronesi *et al* (2015) afirmam que aos 15 anos o desenvolvimento psicomotor chega ao seu ápice definitivo.

Pellegrini *et. al.* (2005), em seu estudo com crianças de 7 a 11 anos, notou a necessidade de desenvolver a coordenação motora grossa e fina, já Santos et. al. (2020) através de pesquisa classificou com normal o desenvolvimento psicomotor das crianças. E Cruz Gamboa e Vento (2021) evidenciam a importância de realizar exercícios que estimulem as habilidades e que, conseqüentemente, também contribuirão para o processo de alfabetização, o desenvolvimento social, cognitivo, motriz e afetivo das crianças.

Porém, observa-se nessa pesquisa, a faixa etária de 7 a 12 anos, que há habilidades motoras que poderiam ser mais bem desenvolvidas, compactuando essa afirmação, Bernardi et. al. (2016) aponta que ao comparar os resultados de seu estudo com outras investigações prévias, os dados sugerem uma tendência das crianças brasileiras a apresentarem uma média de desempenho das habilidades motoras abaixo do nível esperado para as respectivas idades.

## CONCLUSÃO

A realização do teste possibilitou identificar a coordenação entre grupos e entre idades. De modo geral, conforme a organização por grupo os resultados foram considerados normais e satisfatórios, porém, observa-se desempenho a baixo do esperado para crianças com 12 anos. Destaca-se a necessidade de acompanhar essas crianças e intervir, por meio de atividades que estimulem o desenvolvimento motor e assim melhorar a psicomotricidade das crianças.

É imprescindível que haja mais pesquisas e intervenções que busquem identificar

e resolver o déficit psicomotor em crianças, uma vez que, conforme apresentado nesse estudo, a coordenação motora interfere nas expressões, na comunicação, no aprendizado e na sociabilidade do indivíduo.

## REFERÊNCIAS

ALVES, F. **Psicomotricidade: Corpo, ação e emoção**. 3 ed. Editora Wak, 2007. 15p.

ALVES, S. M., et al. **Aprendizagem e controle motor**. Sobral: INTA, 2016. Disponível em: <<https://md.uninta.edu.br/geral/aprendizagem-e-controle-motor/pdf/APREDIZAGEM%20E%20CONTROLE%20MOTOR.pdf>>. Acesso em: 07/12/2020.

ANDRADE, T. O. **A contribuição da psicomotricidade na Aprendizagem da escrita**. Cadernos da Pedagogia, v. 13, n. 25, p. 80-90, Jul/Set 2019.

ARANHA, M. L. **A importância da ludicidade e da psicomotricidade para a educação infantil**. 2016. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia modalidade à Distância, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

BELTRAME, T. S. et al. **Prevalência do Transtorno do Desenvolvimento da Coordenação em uma amostra de crianças brasileiras**. Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos, v. 25, n. 1, p. 105-113, 2017.

BERNARDI, C. S. et al. **Desenvolvimento motor e autoconceito de escolares com transtorno do desenvolvimento da coordenação**. Psicologia Escolar e Educacional, SP. V. 20, n. 1, p. 55-57. Janeiro/Abril de 2016.

COLLET, C. **Nível de coordenação motora de escolares da rede estadual da cidade de Florianópolis**. Motriz, Rio Claro, v.14 n.4, p.373-380, out./dez. 2008

CRUZ, M. A. A. J. M.; GAMBOA, J. D.; VENTO, V. G. **Estimulação da psicomotricidade fina em crianças da idade pré-escolar**. REH- Revista Educação E Humanidades. V. II, n. 1, pág.488-504. Jan-jun, 2021.

FAGUNDES, W.D. et al. **Classificação da aptidão cardiorrespiratória de crianças de 5 a 10 anos, utilizando valores normativos na realização do teste de ioiô intermitente nível 1**. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, S.I, v. 10, n. 2, p. e33310212623, 2021.

FERNANDES, J. M. G. D. A.; GUTIERRES FILHO, P. J. B. **Psicomotricidade: Abordagens emergentes**. 1 ed. São Paulo: Editora Manole, 2012.

FONSECA, L. A. M. **O estatuto da criança e do adolescente e os direitos fundamentais**. São Paulo: Edições APMP, 2008.

LAHTI, F. S.; CARVALHO, N. O.; VARGAS, L. S. **A Importância de Atividades Psicomotoras para Crianças de 6 a 10 anos**. Ciência em Movimento, Ano XVI, V. 32, Jan, 2014.

LEITE, F. S. **Desenvolvimento psicomotor de crianças de 4 a 6 anos de escola particular em lima campos – M** p.50-71A. Revista Brasileira De Assuntos Interdisciplinares – Rebai, V. 1, n.1, Jan/Jul, 2017.

LLANO, D. C., **Evolução da motricidade fina e da coordenação durante três anos consecutivos em crianças de 4 e 5 anos de idade.** Orientador: Elenita Costa Beber Bonamigo. 2011. 18 f. Monografia (Graduação) - curso de Fisioterapia, do Departamento de Ciências da Saúde, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí, 2011.

LOPES, L.O. et al. **Associações entre actividade física, habilidades e coordenação motora em crianças portuguesas.** Rev. Bras. Cineantropom. Desempenho Hum. v.13, n.1, p.15-21. 2011.

MACHADO, F. S.; TAVARES, H. M.; **Psicomotricidade:** da prática funcional à vivenciada. Em extensão, Uberlândia, v. 9, n. 1, p.33-45, jan./jul., 2010.

MAGALHÃES, L. C.; NASCIMENTO, V. C. S.; REZENDE, M. B. **Avaliação da coordenação e destreza motora - ACOORDEM:** etapas de criação e perspectivas de validação. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 15, n. 1, p. 17-25, jan./abr., 2004.

MARAL, D. G; FREITAS, M. C. A. M. **As influências da psicomotricidade no desenvolvimento da leitura e da escrita.** Revista educação & mudança, v. 1, n. 31, p. 14-15, 2016.

MARIM, R. N.; NISHYHIZAWA, S. N. I; OLIVEIRA, M. F. L. **Desenvolvimento da coordenação motora grossa em Crianças de 09 e 10 anos.** 2020. Disponível em: < <http://seer.umc.br/index.php/revistaumc/article/download/581/474>>, Acesso em: 09/03/2021.

MARONESI, L. C. et al. **Análise de uma intervenção dirigida ao desenvolvimento da coordenação motora fina, global e do equilíbrio.** Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos, v. 23, n. 2, p. 273-284, 2015.

OLIVEIRA, G. C.; **Psicomotricidade: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico.** 13ª ed., Petrópolis – RJ: Vozes, 2018.

ORBANO, T.S., et al. **Coordenação motora e esquema corporal de crianças de 2 a 6 anos do centro municipal de Educação Infantil de Silvânia-GO.** Revista Interdisciplinar de Promoção da Saúde, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 4, dez. 2018.

PELLEGRINI, A. M., et al. **Desenvolvendo a coordenação motora no ensino fundamental.** São Paulo: UNESP, 2005. Disponível em: < <http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2003/Desenvolvendo%20a%20coordenacao%20motora.pdf>>. Acesso em: 02/12/2020.

SANTOS, I. S.; et al. **Avaliação da motricidade fina, global e do equilíbrio em escolares de Água Doce, SC.** Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.7, n.1, p.4931-4941, jan. 2021.

SOUZA, D. N. **A contribuição do equilíbrio para o desenvolvimento da psicomotricidade em crianças de 2 a 4 anos.** 2012. 38f. Tese ( Pós-Graduação em Psicomotricidade) – AVM Faculdade Integrada, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro.

VENÂNCIO, P.E.M. et al. **Aulas de Educação Física na melhora dos componentes psicomotores de crianças de 7 a 9 anos.** R. bras. Ci. e Mov. v.24, n.2, p.55-62. 2016.

VENÂNCIO, P. E. M. et al. **A Influência de Atividades Psicomotoras em Crianças de Cinco a Seis Anos.** International Journal of Development Research. V. 10, n.11, p.42506- 42510. 2020.

# CAPÍTULO 14

## UMA INCURSÃO NA ETNOFOTOGRAFIA COMO METALINGUAGEM: DA DOCUMENTAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO À VISIBILIDADE SOCIAL DE UM ETHOS INDÍGENA DO POVO AKWE-XERENTE DO TOCANTINS

Data de aceite: 01/05/2021

Data de submissão: 05/02/2021

**Adriana Tigre Lacerda Nilo**

Universidade Federal do Tocantins-UFT  
Palmas-TO

<http://lattes.cnpq.br/3000004068962929>

**Resumo:** Este artigo aborda o modo pelo qual a etnofotografia (DOREA, 2009) pode configurar-se como metalinguagem à medida que atua tanto no registro etnográfico, como instrumental metodológico de pesquisa de campo sobre um *ethos* indígena, quanto como imagem significativa, na perspectiva da Antropologia visual, por dar visibilidade a questões étnicas, ao documentar o povo Akwe-Xerente, do Tocantins (Norte do Brasil), integrante da Amazônia Legal. Discorre sobre o significado de uma proposta de exposição fotográfica sobre as novas ancoragens das tradições desses povos indígenas, (CERTEAU, 1994; THOMPSON, 2008), trazendo ao público essas formas de resistência à hegemonização cultural e à dominação política, exercidas pela sociedade e pela mídia cujas abordagens (re)produzem equívocos e acarretam em invisibilidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ancestralidade, etnografia, etnofotografia, cultura indígena.

### AN INCURSION INTO ETHNOPHOTOGRAPHY AS METALANGUAGE: FROM THE DOCUMENTATION OF FIELD RESEARCH TO THE SOCIAL VISIBILITY OF AN INDIGENOUS ETHOS OF THE AKWE-XERENTE DO TOCANTINS PEOPLE

**ABSTRACT:** This article discusses the way in which ethnophotography (DOREA, 2009) can be configured as a metalanguage as it acts both in the ethnographic record and as a methodological tool for field research on an indigenous ethos, as well as a significant image, in the perspective of visual anthropology, for giving visibility to ethnic issues, when documenting the Akwe-Xerente people, from Tocantins (Northern Brazil), a member of the Legal Amazon. It discusses the meaning of a photographic exhibition proposal on the new anchors of the traditions of these indigenous peoples, (CERTEAU, 1994; THOMPSON, 2008), bringing to the public these forms of resistance to cultural hegemonization and political domination, exercised by society and by the media whose approaches (re) produce mistakes and lead to invisibilities.

**KEYWORDS:** Ancestrality, ethnography, ethnophotography, indigenous culture.

### INTRODUÇÃO À PESQUISA NO ETHOS INDÍGENAS DOS AKWE XERENTE

Para discorrer sobre a temática proposta, inicialmente vivenciada nas imersões de pesquisas de campo e, ainda, relacionadas ao tema-gerador da pesquisa em estágio

pós-doutoral, devemos remontar ao percurso de cada etapa desse processo. Somente assim, acreditamos ser possível entender de que modo o amadurecimento da pesquisa, centrada no estudo das relações entre a comunicação e a cultura indígena, culminou com ações comprometidas à visibilidade dos Akwe Xerente, etnia predominante entre os povos indígenas do Tocantins, no norte do país.

Desse modo, intencionamos discorrer sobre a forma pela qual os propósitos inerentes à pesquisa acadêmica; tais como a construção do conhecimento e a experimentação metodológica podem e, no contexto das comunidades tradicionais, devem estar engajados mediante o compromisso político da preservação da memória cultural desses povos. A partir dessa perspectiva, brotou a reflexão sobre a importância da documentação etnográfica para além do instrumento metodológico da pesquisa, ou seja, também como um meio de proporcionar mais visibilidade a esta temática, pouco e equivocadamente abordada pela mídia.

A resignificação do objetivo inicial da documentação etnofotográfica veio por meio desta proposta de montagem de exposições que reverberasse o local e origem, as próprias aldeias e ampliassem o universo das imagens do Ethos Akwe Xerente para os circuitos universitários em instituições brasileiras de ensino superior.

O projeto intitulado “A cultura Xerente e o redimensionamento das tradições mediante a presença da mídia na aldeia Porteira no Tocantins”, do qual se originou o acervo etnográfico que resultou na proposta da exposição fotográfica, foi desenvolvido em duas etapas, entre 2009 e 2013, com orientações de pesquisa de iniciação científica, nos moldes de PIBIC e PIVIC, mediante a orientação de quatro planos de atividades dos então acadêmicos Ana Carolina dos Anjos, Camila Komatsuzaki, Cláudio Paixão e Élvio Marques, do então curso de Comunicação Social/Jornalismo, da UFT, em aldeias do povo Akwe-Xerente, a 20 km de Tocantínia, localizada a cerca de 80 km da capital do Estado, Palmas.

No decorrer da investigação dessas propostas, o registro audiovisual e fotográfico não se constituiu apenas em mero instrumento metodológico, cuja decisão apriorística sobre o ato de documentar viesse a ter mais significância que a posterior análise dos conteúdos revelados em forma de fotografia. Notadamente em um desses quatro projetos discentes, de autoria da então acadêmica Camila Komatsuzaki Fraga, cuja proposta era analisar “Contextos interativos na aldeia (Porteira) Xerente e a resignificação da imagem”, evidenciava-se a importância da documentação de cunho etnográfico mediante a diversidade cultural da comunidade pesquisada.

Em outras palavras, a abordagem necessitava de um aparato teórico-metodológico de acordo com a cultura indígena em questão. Um dos objetivos dessa abordagem, em específico, era fazer um levantamento dos registros fotográficos mantidos pelos Xerente no âmbito da aldeia Porteira, analisando sua tipologia (fotos de família, de eventos indígenas ou daqueles nos moldes da sociedade envolvente; tais como de formatura na escola ou faculdade), bem como, qual o motivo da escola por cada uma dessas formas

de documentação, tendo como critério de avaliação as variáveis “faixa-etária” e “grau de escolaridade”.

Assim, ressaltamos que nos demais projetos dos outros alunos envolvidos na iniciação científica, sob orientação da mesma orientadora<sup>1</sup>, a documentação fotográfica era parte integrante da opção metodológica, não a tônica predominante do arcabouço teórico ou do objeto de análise, conforme ocorreu especificamente no projeto dedicado à investigação ressignificação da imagem.

Por questões ligadas à ética de pesquisa em ambiente de diversidade étnico-cultural, o ato de fotografar também não poderia ser a primeira atividade posta em prática. Dado o seu inexorável caráter intimista, a fotografia, à medida que possibilita, a alguém, materializar como sua (enquanto apreensão), uma imagem (humana, natural ou social) que é do outro ou tem outra origem, demanda um procedimento prévio a sua realização. Como argumenta Dorea (2009); “é possível dar um passo adiante e reconhecer que as fotografias, ademais de uma simples ilustração cultural, operam transformações nos sujeitos envolvidos em uma pesquisa e naqueles que buscam nelas sentidos e significados (DOREA, 2009, p.192)

Este é o caso do contexto indígena no qual, ao estabelecer o contato para explicar os objetivos da pesquisa e sondar o interesse da comunidade, para não ser invasivo, o pesquisador deve estabelecer uma relação de confiança e respeito. Do ponto de vista do protocolo ético da pesquisa; é importante obter uma autorização expressa (em termo de livre consentimento) , notadamente e estejam na condição de apreender imagens que não sejam as deles próprios ou próprias deles; no máximo de sua “propriedade” configura-se em termos dos direitos autorais da fotografia. Ao adotar este critério, mudamos a conotação tanto da produção quando uso (a ser) feito do material produzido, pois em vez de concebemos como tendo sido “retirado” dos indígenas, esta documentação agrega um valor simbólico para à comunidade e também constitui o acervo das produções técnicas e teóricas resultantes da pesquisa.

Esta é a discutida tensão entre o ser que fotografa e o que é fotografado, considerando-se aqui o momento da captação e, em seguida, o da aparição “revelada”, materializada na forma impressa ou digital. Além disso, advém dessa relação a polissemia que emana desde os possíveis significados sobre “quem, como e por que (?) fotografa” e “quem, como e porque” (?) se deixou fotografar; até os vários sentidos emanados/ percebidos da/na fotografia, observando-se o que ela traz à tona na cena fotografada.

Diante do exposto, utilizamos inicialmente, na metodologia do contato, desde o método da observação e do diálogo, na interação espontânea com a comunidade, procedimento este fundamental no trabalho de campo com uma cultura linguisticamente caracterizada pela oralidade. Na primeira fase da pesquisa, realizamos um levantamento do perfil da comunidade, principalmente no que dizia respeito ao modo pela qual interagira com meios de comunicações convencionais, com a internet e com os aparatos tecnológicos

1 Profª Drª Adriana Tigre Lacerda Nilo

gradativamente acessíveis aos indígenas, em geral.

Entre os objetivos da pesquisa, estavam: **1)** atualizar o mapeamento das atividades cotidianas, vivenciadas na aldeia, relacionando-as aos seus respectivos contextos interativos, considerando as prováveis mudanças na forma do contato estabelecido com a mídia e demais recursos de convergência tecnológica, ocorridas após primeiro levantamento dados até o término do projeto de pesquisa e **2;** Com base no levantamento dos meios de comunicação disponíveis em cada uma das moradias, propomo-nos a verificar; **a)** o tipo de mídia, **b)** a frequência da audiência, **c)** o veículo, **d)** o tipo de programação (entretenimento ou informativa) e **e)** os nomes dos programas mais assistidos, analisar as formas de recepção, ou seja, o entendimento dos programas mais citados.

Acompanhando, ao longo de quatro anos, algumas das atividades desenvolvidas pelos indígenas Xerente da aldeia Porteira, constatamos o processo de resignificação das tradições, conforme entende Coutinho (2005), como reconstrução do passado mediante as condições sociais do presente. Deste modo, essa reelaboração de formas culturais do passado foi compreendida como uma *Aufhebung*. Segundo o mencionado autor, trata-se de uma expressão de Hegel para se referir ao inexorável processo de “conservação, eliminação e renovação” de costumes.

Constatamos uma mudança de postura, a partir do empoderamento dos recursos técnicos e tecnológicos de comunicação, por meios dos quais, os Xerente passaram a registrar a cultura do povo Akwe, na condição de protagonistas da sua história. Um exemplo disto foi a iniciativa de gravação de cantos dos rituais fúnebres e de batismo masculino e feminino do povo Akwe Xerente, em CD, no álbum fonográfico “Watô za inôkre (Eu vou cantar)”, lançado em dezembro de 2012, no Centro de Memória Xerente, em Tocantínia.

Assim foi possível constatar que os indígenas continuam a se dedicar ao cultivo presencial destas tradições, ao mesmo tempo em que, usam aparelhos eletrônicos, como o celular, as máquinas fotográficas ou as filmadoras <sup>2</sup> para registrar suas vivências culturais, sob os seus pontos de vista.

Diante desse contexto, no decorrer da investigação, paralelamente, passamos a realizar a documentação audiovisual e a etnofotográfica, em relação às quais discorreremos mais adiante, tanto sobre a importância do processo de captação, quanto sobre as razões pelas quais procedemos à edição de produtos folkcomunicaçãois, gerados a partir da pesquisa científica.

No desenvolvimento da pesquisa, conforme explicamos, a documentação fotográfica atuou principalmente como um instrumento metodológico, no conjunto da abordagem etnográfica. Era o modo pelo qual, na condição de pesquisadores, interagíamos na realização da pesquisa. Era uma forma de estar presente no contexto indígena e, concomitantemente, entender as formas de presença deles, como se disséssemos: “estamos aqui, registrando

---

<sup>2</sup> Segundo questionário aplicado na comunidade, das 36 questionadas, de 6 famílias possuem esse tipo de equipamento.

o modo Akwe-Xerente de ser e estar no mundo, porque lhes valorizamos, queremos conhecê-los mais e melhor, vivenciar o seu cotidiano e contribuir com a preservação da sua cultura”.

Seguindo os propósitos desse estudo, a fotografia etnográfica documentou desde as atividades cotidianas até ocasiões especiais, nas quais alguns costumes, como a pintura corporal e a dança, são vivenciados em determinados rituais (de batismo, por exemplo) que preservam as tradições ancestrais.

Desta forma, no decorrer da pesquisa, as observações, discussões e considerações sobre os objetivos propostos de identificar os modos de presença da mídia e a sua interferência na chamada nova ancoragem das tradições ancestrais indígenas, entre os diversos instrumentais metodológicos, anteriormente referidos, utilizamos a documentação fotográfica integrava. Se por um lado, as fotos nos davam a conhecer mais e melhor aquele povo, por outro este efeito de sentido não as tornava acessíveis além da aldeia, ou seja, ao mundo do branco, da chamada sociedade envolvente.

Embora desempenhassem uma função extremamente significativa, ao aguçar a nossa percepção da realidade indígena documentada, ampliando simbolicamente o nosso campo de visão da temática estudada; por se delimitarem ao âmbito da pesquisa, atuavam na função coadjuvante à descrição verbal dos textos teóricos. Dizendo de outro modo, eram condicionadas ao processo da retextualização, pelo qual uma tessitura transformava-se em outra, isto é, a linguagem iconográfica era submetida à “explicação ou tradução”, realizada por meio da linguagem escrita, cuja utilização é uma imposição ou práxis do método de produção de projetos, relatórios de pesquisa e artigos científicos.

No entanto, alguns desses condicionantes que delimitaram o papel da documentação fotográfica, tais como a instrumentalização metodológica e a imposição do formato de relatórios e artigos, elaborados pelo uso da língua escrita, como padrão da produtividade acadêmica, nos levaram a encontrar um modo pelo qual a fotografia viesse a ter amplitude na sua forma de visibilidade, ao assumir o status de **olhar** uma determinada realidade, a partir da modalidade exposição fotográfica, conforme propomos.

A opção por este uso da linguagem fotográfica está baseada, como argumenta Sautchk (s/d, p.3), de que:

A fotografia passa então a exercer outro tipo de efeito – antes de buscar respostas, **ela parece suscitar perguntas**. Como se sabe, esse é um preceito maior para Cartier-Bresson, que Milton Guran (2000, p. 158) retoma, acrescentando que a fotografia tem um interesse antropológico justamente porque obriga a uma percepção de mundo diferente daquela dos outros métodos de pesquisa, como a observação ou o registro dos discursos. (**Grifo nosso**)

Nessa linha de pensamento destaca-se como propriedades perceptivas singulares da fotografia a sua capacidade de levantar questões. Assim, além de significar no âmbito

intrínseco à pesquisa, as fotografias passariam a ser vistas sob novas perspectivas; a cada montagem desta exposição. Nesse sentido, concordamos com Sontag (2004) quando diz que “Cada foto é um momento privilegiado, convertido em um objeto diminuto que as pessoas podem guardar e olhar outras vezes” (SONTAG, 2004 apud DOREA, 2009, p.141)

Desse modo, divulgadas em forma de exposição temática, dedicada aos povos indígenas, as fotografias podem sensibilizar e propiciar um conhecimento do *ethos* Akwe-Xerente para um público maior que, muito provavelmente, de outra forma não entraria em contato com esses indígenas, nem teria informações relevantes sobre eles pela mídia convencional.<sup>3</sup>

Portanto, a documentação etnofotográfica, que no seu nascedouro constituiu-se como parte integrante da nossa metodologia de pesquisa, no desfecho do processo de investigação possibilitou esta proposta da exposição de fotografias, cujo arranjo estético permite à linguagem visual um lugar de destaque. Sendo assim, contemplamos as duas funções exercidas pela fotografia na documentação etnográfica, pela qual se configurou o seu caráter de metalinguagem.

## CONTEXTUALIZANDO O CENÁRIO DOS POVOS ORIGINÁRIOS

Os Xerente ainda preservam suas atividades de plantio e pesca, para sustento de suas famílias, nas cerca de 80 aldeias da etnia. Mas, gradativamente, assimilam o estilo de vida da sociedade envolvente, principalmente, no que diz respeito à convivência com as instituições formais de ensino (bilíngues nos níveis infantil e fundamental) e a atuação técnica e/ou política, considerando-se a propensão dos jovens da etnia em cursar universidade e o fato de algumas lideranças ocuparem cargos no poder legislativo local e estadual ou no executivo estadual, principalmente nas áreas de Educação e Saúde, nas quais as comunidades apresentam maior demanda de atenção do poder público.

O mais relevante à nossa observação, na ocasião dessa pesquisa, foi a forma pela qual procedem à nova ancoragem da tradição, ou seja, cultivam os saberes da tradição hermenêutica, dos pais aos filhos, e adotam também as tradições de pertencimento a uma sociedade a cada dia mais digital e multimídia. Portanto foi possível constatar que, por um lado, eles mantêm as tradições da pintura corporal e do rico artesanato com o capim dourado (desde utilitários até os decorativos) e, ainda, dos rituais de casamento e batismo. E, por outro lado, estes costumes não são mais vivenciados apenas no contexto da interação presencial, no qual somente os anciãos tinham o papel de guardiões da memória

---

3 Outro fator muito relevante que reforçou a pertinência de ampliar o olhar (além do espectro aldeias de Tocantínia-UFT/TO) sobre as questões dos indígenas do estado foram as constatações da pesquisa (Pós-Doc): “A Cobertura da temática Indígena na TVE-TO: a narrativa da televisão pública e a representatividade dos Conselhos; Indigenista Missionário, CONPIT (Conselho Estadual de Políticas Indígenas do TO) e Curador (televisivo)”. Referimo-nos à verificação do “descumprimento do papel social desta emissora, quanto ao dever de reconhecer a singularidade da diversidade étnica-cultural indígena, fortemente presente no estado do Tocantins, e do outro, por parte do movimento indígena, a negligência em reivindicar o seu direito à visibilidade das suas pautas” (NILO, A.T.L., 2017).

(ALBERTI, 2004), mas em novos contextos interativos cada vez mais distendidos no tempo e no espaço, à medida que adotam o registro audiovisual e o uso da internet (GALLOIS e CARELLI, 1998).

## **A PROPOSTA DA EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA COMO VISIBILIDADE À QUESTÃO INDÍGENA**

Colocar em exposição fotográfica um povo indígena é um convite ao desafiante exercício de olharmos para o outro, no que ele tem diferente e, ao mesmo tempo, olharmos para todos nós brasileiros (indígenas ou não), na condição de Nação pluriétnica, no intuito de compreender, por paradoxal que pareça, a diversidade na unicidade.

Para ambas as perspectivas, precisamos lançar um olhar diacrônico, que considere o percurso de um processo histórico de mais de quinhentos anos, assim como pontuar num lugar de observação sincrônico, que perceba os efeitos do passado no atual contexto de luta dos povos originários, reunindo essas dimensões nas reflexões acadêmicas e intervenções sociais, no âmbito dos estudos da interface da Comunicação & Cultura.

Por isso, a proposta de uma mostra de imagens dos Akwe Xerente é uma forma de (re)conhecer e não esquecer um povo indígena. Nesta perspectiva, preservar a memória cultural indígena<sup>4</sup> significa prestar uma contribuição ao não esquecimento, conforme defende a antropóloga Carneiro da Cunha (2012). Sabemos que em todo processo de dominação sócio-política e econômica, as tentativas de silenciar e/ou tornar invisível determinadas temáticas, como a indígena, têm forte dimensão histórica e, entre outros efeitos de sentido, o de minimizar a presença ou até mesmo retirar da cena pública os representantes sociais de uma, outrora, maioria, hoje relegada à condição de minoria.

Ainda que, em tese, os indígenas brasileiros tenham garantias legais dos seus Direitos assegurados na Constituição Federal, de 1988, e em jurisprudência internacional (Convenção 169 da OIT/1989), na realidade são historicamente vítimas das mais diversas formas de violência, a exemplo dos impactos do agronegócio no meio ambiente, dos seus interesses representados nacionalmente pela bancada ruralista no Congresso. Além disso, são os mais atingidos pelos impactos de projetos desenvolvimentistas, que violam o direito à terra, arrancando e relocando populações nativas do seu habitat natural, sem a devida consulta prévia, que lhes é assegurada pela citada legislação, reforçada ainda pela Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos Indígenas (2007).

O direito à consulta, à participação social e à autodeterminação integram um dos eixos das diretrizes nacionais das políticas públicas para os povos indígenas. Trata-se de uma infração às conquistas legais dos povos originários que, inclusive, em relação ao Meio Ambiente, sempre demonstraram um nível de consciência ecológica e de vivência integrada

---

<sup>4</sup> Considerando que não há referência a povos do Tocantins no âmbito da etnografia que foi catalogada em um levantamento sobre o significativo panorama dos trabalhos de fotógrafos profissionais dedicados à documentação de etnias brasileiras, intitulado Iconografia Fotográfica dos Povos Indígenas (WEN,L; HUPSEL,R; CAMPOS,R, 2012)

à natureza, de inspiração latino-americana no *ethos* do *buen vivir*, de forma a preconizarem o teor do que hoje embasa algumas das atuais diretrizes para a (etno)sustentabilidade do planeta (DEMARCHI, 2015).

Deste modo, para dar visibilidade às questões indígenas, importa-nos socializar elementos da cultura do povo Akwe-Xerente, por ser a etnia mais populosa deste estado<sup>5</sup>, com cerca de 4 mil nativos, cujo modo de existir e estar no mundo resiste às adversidades das condições de vida, ao mesmo tempo em que reinventa novas ancoragens para suas tradições (CERTEAU, 1994; THOMPSON, 2008).

Por isso, propomos por em cena o registro fotográfico de cunho etnográfico numa exposição que reuniu cerca de 30 fotografias das aldeias Porteira, Brupé e Brejo Comprido. Vislumbramos, portanto, mais o valor simbólico e epistêmico das imagens, em relação ao que representam e dão a conhecer, do que propriamente o seu caráter estético na forma de apreensão da realidade retratada (AUMONT, 1993).

Para efeito de montagem da exposição, segmentamos em seis temas algumas das diversas tradições desse povo, que se encontram absolutamente inter-relacionadas na vida cotidiana. Assim; **1.** Costumes e rituais, **2.** Crianças e jovens, **3.** Pintura corporal, **4.** Artesanato, **5.** Recepção midiática e **6.** Empoderamento tecnológico, constituem partes de um todo revelador do *ethos* Akwe-Xerente, no modo de ser deste povo e de estar no mundo. Com a intenção de vislumbrar o efeito Punctum<sup>6</sup> atribuído ao que a fotografia pode suscitar a quem a vê, colocamos a seguir algumas fotos destes sub-temas:

---

5 Segundo, o antropólogo Demarchi (2015), no estado existem 6 povos: 1) Akwe-Xerente, 2) Mehin-Krahó, 3) Pahin-Apinajé, 4) Iny-Javaé, 5) Karajá-Xambioá e 6) Krahó-Kanela. Porém, levando em conta a chamada auto-definição dos povos, assegurada pela Convenção da OIT 169, os seus nativos se encontram assim reconfigurados em dez etnias: Xerente, 2) Javaé, 3), Apinajé 4) Karajá, 5), Karajá-Xambioá 6) Krahó, 7) Krahó-Takaywrá. 8) Krahó-Kanela, 9) Kanela do Tocantins e 10) Avá-Canaoieiro.

6 Punctum é um conceito criado por Roland Barthes referente à capacidade da fotografia de tocar o observador "independentemente daquilo que seu olhar busca" (ENTLER, 2006 apud DOREA, 2009, p.14)



Cartaz de apresentação da 1ª exposição fotográfica Akwe Xerente



Cacique Tiago Xerente fala sobre a exposição fotográfica na aldeia Porteira.



A pintura corporal (*Dasiwawize*) na pele de Devanir Sawrepte, por: Adriana Tigre



EManoel Xerente (Aldeia Salto). Realidade pulsante: tradição e tecnologia; por: Élvio Marques

## CONSIDERAÇÕES (CONTÍNUAS) QUASE FINAIS

Esta paisagem indígena, o modo de ser e estar das crianças aos anciãos, no seu território, integram à proposta da exposição Akwe-Xerente do Tocantins-um ethos indígena e a nova ancoragem da tradição. No circuito deflagrado há quatro anos, a 1ª montagem aconteceu no I Seminário Latino-americano de Estudos em Comunicação e Cultura (SEMLACULT), na UNILA (Universidade de Integração Latinoamericana), em junho de 2017, em Foz do Iguaçu, Paraná. Neste contexto, a temática alinhou-se à discussão sobre “A Mundialização da cultura na globalização e os processos decoloniais na América Latina”, tema central do referido evento.

Na sua 2ª montagem, em outubro do mesmo ano, na XII Conferência Brasileira de Mídia Cidadã (UFJF), em Juiz de Fora/MG, inseriu-se nos debates sob o tema central “O Direito à Comunicação na luta por uma cidadania ativa”, na qual as minorias sociais têm um papel protagonista. Já na sua 3ª terceira montagem, a exposição aconteceu em abril de 2018, no 17º Encontro Nacional dos Professores de Jornalismo (ENPJ), na Universidade Federal do Tocantins (UFT), em Palmas/TO, tendo sido apreciada por professores de diversas instituições do país, reunidos em torno das discussões do ensino do Jornalismo.

A 4ª montagem dessa amostra aconteceu em junho de 2018, na ocasião da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação, na Universidade Federal do Amazonas (Parintins/UFAM). As imagens ficaram integradas àquele ambiente de presença indígena marcante e ressignificadas diante o olhar de outras populações tradicionais.

De volta às origens, na sua 5ª versão, a exposição foi montada na aldeia Porteira, onde a pesquisa se iniciou. Se ver naquelas imagens possibilitou aos indígenas a auto-identificação, a alegria de reconhecer os parentes, além da satisfação de ver a sua cultura documentada em imagens que estão em circulação, dentro e fora do seu território. Já na sua 6ª montagem, a exposição contextualizou-se no âmbito das discussões do III Congresso Internacional dos Povos Indígenas da América Latina, que aconteceu em maio de 2019, totalmente inserida no foco das discussões políticas e apresentações culturais compartilhadas por pesquisadores de diversas instituições latinoamericanas, tendo servido de **inspiração para outros** estados.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Ouvir Contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro/ RJ: Editora FGV, 2004.

AUMONT, J.A **Imagem**. São Paulo/SP: Papyrus,1993

BRIGGS, A. **Uma história social da mídia: de Gutemberg à Internet**. Trad.de Mª Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar, 2000.

CAMPOS, R S. **Fotografia e alteridade: Os limites das linguagens na experiência etnográfica**. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, Universidade de Brasília, 2009

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo/SP: EDUSP, 1997. p.283-350:Culturas híbridas, poderes oblíquos.

CARNEIRO da **CUNHA**. **Políticas culturais e povos indígenas**. Manuela Carneiro da **Cunha** e Cesarino, Pedro de Niemeyer (Orgs).São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

\_\_\_\_\_ **Índios do Brasil- História, Direitos e Cidadania**. 1ª edição. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

COUTINHO, E. G. **Os sentidos da Tradição** in Comunicação e Cultura. (Orgs. Alexandre Barbalho, Raquel Paiva. São Paulo/SP: Paulus, 2005.

CERTEAU, M de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

DEMARCHI, A;MORAIS, O. Mais algumas idéias equivocadas sobre os índios ou que não deve mais ser dito sobre eles” in **Povos Indígenas do Tocantins: desafios contemporâneos**. Reijane Pinheiro da Silva (org.) Palmas:Nagô Editora, 2015.

DEMO, P. **Metodologia do Conhecimento Científico**.São Paulo/SP: Editora Atlas,1989.

DOREA, J.de C. **Etnografia e fotografia**: reflexões sobre as fotografias etnográficas de Pierre Fatumbi Verger. Dissertação de Mestrado-Universidade federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92976>. Acessada em 21/05/2018.

ELHAJJI, Mohammed. Comunicação, Cultura e Conflitos: uma abordagem conceitual in **Comunicação e Cultura das minorias**. (Orgs. Alexandre Barbalho, Raquel Paiva. São Paulo: Paulus, 2005

GALLOIS, D.T; CARELLI, V. “**Índios eletrônicos**”: uma rede indígena de comunicação, 1998. Disponível em: <https://biblat.unam.mx>, acessado em 30/05/2017

GEERTZ, C. **A Interpretação da Cultura**. Rio de janeiro/RJ: LTC, 2015.

MARCUSCHI, L.A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo/SP: Cortez, 2001

NILO, A.T.L; COUTINHO, I.M da S **A (in)visibilidade das vozes indígenas nas narrativas da TVE-TO: o papel da comunicação pública na (des)construção da cultura regional**. Trabalho apresentado no II Simpósio Internacional Comunicacion y Cultura: Problemas y Desafios de la Memoria e História Oral, Colima-México, Abril de 2017.

\_\_\_\_\_ **A Temática dos Direitos Indígenas diante dos princípios do Telejornalismo público: análise de narrativas da TVE-TO**. Trabalho apresentado no 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação-Intercom-Curitiba, 2017.

\_\_\_\_\_ **(Des) caminhos da participação popular em TV pública: pautas e narrativas indígenas na TVE-TO** Trabalho apresentado no IV Congresso Latino-Americano de Ouvidorias das Audiências de Mídia, UnB, Brasília, Outubro, 2017.

\_\_\_\_\_ **Os Direitos Indígenas na agenda pública dos Direitos Humanos- uma pauta que perpassa nas narrativas da TVE-TO.** Trabalho apresentado no 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, ECA/USP – São Paulo, Novembro, 2017

\_\_\_\_\_ **A atuação de Conselhos sociais e governamentais e os seus efeitos no (des)cumprimento de direitos e deveres no respeito à etnodiversidade cultural: a pauta da temática indígena na TVE-TO .** Trabalho apresentado no I Congresso Internacional de AGACOM-Santiago de Compostela-Espanha, Novembro, 2017.

RIBEIRO, Berta Gleizer. **O Índio na História do Brasil.** São Paulo/SP: Global editora, 2001.

SAUTCHUK, C.E. **Flor D`Água: fotografia e etnografia.** PROA:Revista de Antropologia e Arte, V I, 15pp.

WEN,L; HUPSEL,R; CAMPOS,R. **Iconografia fotográfica dos Povos Indígenas do Brasil.** Projeto do XII Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia, 2012.

THOMPSON, J.B. **A mídia e a modernidade** - uma teoria social da mídia. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

## EMPRESA JUNIOR E FORMAÇÃO INTEGRADA: ECOS JR./UFES

*Data de aceite: 01/05/2021*

*Data de submissão: 11/02/2021*

**Manoela Pagotto Martins Nodari**

**Rosane Vasconcelos Zanotti**

**Gabriela Santos Alves**

**RESUMO:** A proposta deste artigo é fomentar uma reflexão sobre a contribuição da empresa júnior Ecos Jr. para a formação dos alunos do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, em especial os do Curso de Publicidade e Propaganda. Para isso, analisamos as empresas juniores a partir de uma proposta integrada de ensino e relatamos o surgimento e desenvolvimento da Ecos Jr. em seus dezoito anos de funcionamento, especialmente a partir das atividades desenvolvidas durante o ano de 2015.

**PALAVRAS - CHAVE:** interdisciplinaridade; publicidade e propaganda; empresa júnior.

**ABSTRACT:** A proposta deste artigo é fomentar uma reflexão sobre a contribuição da empresa júnior Ecos Jr. para a formação dos alunos do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, em especial os do Curso de Publicidade e Propaganda. Para isso, analisamos as empresas juniores a partir de uma proposta integrada de ensino e relatamos o surgimento e desenvolvimento da Ecos Jr. em seus dezoito

anos de funcionamento, especialmente a partir das atividades desenvolvidas durante o ano de 2015.

**KEYWORDS:** interdisciplinarity; marketing, junior enterprise.

### INTRODUÇÃO

Com o desenvolvimento das economias industrializadas, sobretudo em meados do séc. XIX, os esforços e atenção da sociedade passaram a se concentrar na produção de bens. Soma-se a esse cenário o crescimento no número de empregos, salários, a ampliação e diversificação das mercadorias e, logo, a necessidade de criação de novos públicos consumidores (GOMES; CASTRO, 2007).

Nesse contexto, cabia à publicidade assumir um papel essencialmente informativo, divulgando os usos e funcionalidades dos novos produtos que surgiam no mercado. Como ressalta Perez (2008), no início os publicitários funcionavam como uma espécie de corretores de propaganda, recolhendo anúncios de comerciantes e os colocando em jornais e revistas. Aos poucos, foi se ampliando a abrangência de suas atividades, envolvendo também serviços de criação.

A instauração de uma nova etapa do capitalismo, no séc. XX, conhecida como capitalismo tardio ou capitalismo de consumo, traz consigo profundas transformações nas

relações entre os indivíduos. O consumo se torna peça central da sociedade e muito mais do que uma prática econômica, passa a ser visto sob uma ótica cultural. Falamos, então, em consumir no sentido de pertencer, de compartilhar experiências com outros consumidores, estabelecendo, assim, relações sociais (BAUDRILLARD, 1997; FEATHERSTONE, 1995; MARTINS, 2010). Nesse processo, a publicidade se torna indispensável, à medida que atribui valor aos bens e atrai a atenção para seus aspectos simbólicos. Os anúncios que antes continham informações sobre os produtos vão dando lugar a outros que incorporam valores, sentimentos e estilos de vida.

As agências de publicidade, antes simples intermediárias na veiculação de anúncios, passam a participar mais ativamente da estratégia das empresas. Surge nos Estados Unidos a *American Association of Advertising Agencies* (AAAA), primeiro órgão a reunir profissionais de propaganda. No Brasil, em 1951, é fundada a primeira Escola de Propaganda, em São Paulo, deixando clara a necessidade de uma formação mais técnica e humanística que embasasse as responsabilidades sociais e econômicas da profissão (PEREZ, 2008; VITALI, 2007). Em 1976, o crescimento no número de faculdades de propaganda no país já era extremamente significativo, deixando claro que era preciso fazer mais do que simplesmente criar anúncios bonitos, baseados muitas vezes no “*feeling*” dos profissionais. Pesquisa, planejamento e produção já começavam a despontar como elementos importantes dentro de todo o processo.

Na perspectiva atual, em um mercado cada vez mais globalizado, exigente e competitivo, as agências de publicidade assumem uma posição mais abrangente em relação ao cliente. A propaganda deixa de ser apenas criativa para se tornar cada vez mais científica e nesse cenário se destacam os publicitários que conseguem transitar com desenvoltura pelas mais diversas áreas: marketing, ponto de venda, merchandising, relacionamento, pesquisa, entre outros. Segundo Marcondes (2003), os rótulos nos organogramas das agências deverão desaparecer, dando lugar a criativos multipreparados. As agências anseiam que seus profissionais possam compartilhar e participar de todas as fases das campanhas de seus clientes, atuando de maneira integrada e conjunta. Vitali (2007, p.22), conclui que:

(...) as agências que eram vistas até então como criativas passaram a desempenhar um papel mais completo, de maneira a atender um mercado mais exigente e competitivo. Atualmente, são mais comprometidas com o sucesso de seus clientes, com a capacidade de propor soluções apoiadas nos princípios de marketing; são diversificadas, detêm alternativas e técnicas para fornecer um amplo portfólio de serviços; desenvolvem estratégias eficientes de longo prazo orientadas para apresentar bons resultados.

Para Covaleski (2012), vivemos hoje a era da publicidade hibridizada, em que as campanhas publicitárias passam a ser concebidas de uma maneira transmidiática, atuando em diversas frentes e aliando ao discurso persuasivo ações de entretenimento, permitindo,

assim, um papel cada vez mais colaborativo e participativo do público.

Cabe à academia, portanto, proporcionar condições no sentido de formar futuros profissionais capazes de assimilar todas essas mudanças e novas situações. Para além do conhecimento técnico, os publicitários em formação devem desenvolver uma visão sistêmica de todo o processo, estar abertos a apreender valores diferentes dos seus, trocar ideias, superar divergências, investir no conhecimento humanístico, saber entender e se fazer entender. Não há sentido em transmitir conhecimento que se choque ou que não se relacione com a realidade vivida no mercado. Assumimos então que “a missão da escola, em termos gerais, volta-se para a formação de um profissional-cidadão autônomo, disposto a intervir, de maneira ativa e equilibrada, em uma sociedade que está sujeita às rápidas inovações sociais e tecnológicas” (VITALI, 2007, p.29-30).

## **A EMPRESA JR. DENTRO DE UMA PERSPECTIVA INTEGRADA DE ENSINO**

O ingresso em uma universidade exige dedicação e longas horas de estudo. Alcançar esse objetivo significa fazer parte de um grupo seleto de indivíduos que possuem acesso ao ensino superior. E se os desafios para ingressar nesse ambiente já são grandes, sair de lá com boas perspectivas profissionais é algo que aflige grande parte dos estudantes. “Terei um bom emprego?”; “Alcançarei um salário que me permita viver bem?”; “Como ter experiência se não me dão uma primeira chance?”, questões como estas fazem parte do dia-a-dia dos graduandos e, por isso, saber usufruir dos recursos e experiências disponíveis na universidade é fundamental para definir seus futuros caminhos profissionais.

É nesse contexto que surgem as empresas juniores. Entendendo a necessidade de uma aproximação dos estudantes com o mundo profissional ainda na faculdade. Sabendo que o conhecimento adquirido em sala de aula precisa dialogar com o “mundo real” que os aguarda “lá fora” (BASONI, 2008; ZILIOOTTO; BERTI, 2012). Gondim (2002) aponta que a formação universitária é insuficiente para atender a demanda requerida no mercado de trabalho. Logo, a promoção de espaços qualificados de aprendizagem dentro da universidade é essencial para que os alunos adquiram uma formação diferenciada.

De acordo com a Brasil Júnior, organização que representa o movimento empresa júnior no país, o principal objetivo das empresas juniores é promover uma diversidade de experiências aos alunos, que possam fomentar o seu crescimento pessoal e profissional. Ziliotto e Berti explicam que a empresa júnior (EJ) pode ser definida como:

(...) uma associação civil, sem fins econômicos, constituída e gerida exclusivamente por alunos de graduação de estabelecimentos de ensino superior que presta serviços e desenvolve projetos para empresas, entidades e sociedade em geral, nas suas áreas de atuação, sob a orientação de professores ou profissionais de mercado (2012, p. 211).

Os autores apontam, ainda, que nesses espaços os alunos ocupam funções análogas às que se dedicarão em seu futuro profissional e trocam conhecimento com diversas empresas do mercado, com quem se relacionam e prestam serviço, ampliando suas possibilidades ao se formarem. Basoni (2008), em livro comemorativo dos 10 anos da Empresa Jr. de Comunicação da Universidade Federal do Espírito Santo, chama atenção também para o fato dessas empresas muitas vezes desenvolverem atividades de complementação acadêmica, como palestras, seminários, mostras, entre outros.

O Brasil é hoje um dos países com maior número de empresas juniores do mundo. Dados apresentados na pesquisa “Relatório Nacional Censo e Identidade 2018”, realizada pela Brasil Júnior, apontam que o Movimento Empresa Junior (MEJ) está presente em 88 diferentes cursos de graduação, sendo que os cursos com maior porcentagem de empresários juniores e de empresas juniores são, respectivamente, Engenharia de Produção e Administração. Em relação às características dos alunos atuantes em empresas juniores, a pesquisa apontou que 49% estão na faixa etária de 21 a 25 anos, sendo 51,3% do sexo feminino e 48,6% do sexo masculino. Os participantes, em sua maioria, apontaram que os principais motivos para entrar em uma EJ são a busca por experiência, desenvolvimento pessoal e desafios. Por outro lado, os principais motivos de permanecer no em uma EJ são o aprendizado, a paixão, o propósito e experiência.

Entendendo a visão multifacetada que se espera de um profissional de publicidade na contemporaneidade, as empresas juniores se apresentam como espaços propícios para um desenvolvimento amplo e integrado dos alunos, a partir das diversas experiências que são vivenciadas nesses contextos. A EJ vai além de ser apenas uma aplicação prática do conhecimento adquirido em sala de aula, uma vez que permite a seus integrantes participar de decisões como líderes de uma empresa, coordenar grupos de trabalho, solucionar problemas, coordenar e executar projetos, desenvolver a habilidade de trabalhar sob pressão e em equipe, desenvolver a oratória, a capacidade de negociação, o comprometimento, a proatividade, o perfil empreendedor, entre muitas outras possibilidades (BASONI, 2008; ZILLOTTO; BERTI, 2012). Requião (2008) ressalta que o empreendedorismo é uma das palavras chave do movimento. Por se tratar de uma empresa onde os próprios membros exercem cargos de liderança e aprendem práticas de gestão, muitos juniores acabam desenvolvendo o interesse em futuramente abrir um negócio próprio.

Nas palavras de Oliveira (2005), a empresa júnior:

Contribui para a formação de um profissional cidadão, com uma visão mais ampla de sua formação, que não se restringe somente a atender aos seus interesses pessoais e de carreira, mas a possibilidade de contribuir com suas ações, para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e digna de se viver para todos (p.19).

Dessa forma, estimula-se uma formação baseada na autonomia, adquirindo habilidades que não se referem unicamente à qualificação técnica, mas sim a uma

qualificação social, possibilitando um desenvolvimento profissional, individual e social que é imprescindível no cenário contemporâneo (VITALI, 2007).

Outro ponto a ser considerado refere-se à organização e estrutura das EJs, que refletem uma tendência de interação entre as diferentes áreas do conhecimento. É o que Sommerman (2008) define como interdisciplinaridade e que consiste na cooperação entre diferentes saberes, propiciando intercâmbios reais e, conseqüentemente, enriquecimentos mútuos. Um contraponto às formas de ensino fragmentadas e “hiperespecializadas” (SOMMERMAN, 2008) tão presentes na educação formal. Dentro dessa perspectiva, as empresas juniores se mostram cada vez mais organizadas a partir de estruturas fluidas e flexíveis. A interdisciplinaridade é estimulada dentro do movimento, tanto na formação das EJs - permitindo a participação de alunos de diferentes áreas da graduação - como também propiciando que seus membros circulem e se envolvam em diferentes projetos, o que possibilita uma grande troca de conhecimentos. Além disso, é comum que os membros participem em instituições como federações estaduais e confederações juniores, o que amplifica ainda mais o entendimento do funcionamento dessas redes de relacionamento (BASONI, 2008).

## **ESTUDO DE CASO: ECOS JR.**

A Empresa Júnior de Comunicação da Ufes, Ecos Jr., foi criada em 1997 por iniciativa de três estudantes do Curso de Jornalismo, vinculado ao Departamento de Comunicação Social<sup>1</sup>. As três graduandas buscavam uma forma de aprendizado que pudesse aliar o conhecimento elaborado em sala de aula à prática das ações do mercado de trabalho, e que permitisse, ao mesmo tempo, a experimentação e a realização de funções da profissão ainda em ambiente universitário. Dividida em setores, a empresa júnior buscava atender à demanda dos alunos por um espaço de experimentação através da prestação de serviço para micro e pequenas empresas capixabas, além de atender a comunidade acadêmica.

Sua primeira sede foi uma sala localizada no prédio ED III, no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE/UFES), cedida pelo departamento de Administração, e contava com apenas poucos móveis. Para que a Ecos Jr. pudesse funcionar dentro do horário comercial, das 08:00 às 18:00, seus membros se organizavam em escalas aproveitando horários disponíveis entre as aulas, o que acontece até hoje devido ao reduzido espaço físico disponível para o projeto. Os valores pagos pelos trabalhos realizados, sempre muito abaixo dos praticados pelo mercado (30%, em média), são desde então transformados em benfeitorias para a própria Ecos, como a aquisição de material permanente (mesas, cadeiras, computador), e compra do material de uso contínuo. Ainda em 1997, a Ecos foi transferida para uma sala no Centro de Documentação Bibliográfica (Cedoc), permanecendo lá até

---

<sup>1</sup> À época, o Departamento de Comunicação Social da UFES era formado pelos Cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda. Hoje, além deles, conta com o Curso de Cinema e Audiovisual e a Pós Graduação, nível mestrado, em Comunicação e Territorialidades.

2006, quando mudou-se para uma sala no prédio Cemuni V do Centro de Artes da Ufes, acompanhando a transferência do Departamento de Comunicação Social (BASONI, 2008).

Nesse intervalo de quase dez anos, a empresa júnior cresceu e moldou seu formato de funcionamento dividido em diretorias: diretor/a presidente, responsável pela administração interna, diretoria jurídico-financeira, a quem cabe a responsabilidade pela parte burocrática da empresa, diretoria de projetos, responsável por prospectar clientes, atendê-los e executar o projetos solicitados e diretoria de planejamento, que além de elaborar o planejamento de ações da empresa também era responsável por prospectar clientes. Essas diretorias sofreram mudanças de nome e de atribuições ao longo dos anos, mas mantiveram a mesma lógica de ocupação desses cargos: para ser presidente era necessário ser membro da Ecos Jr. por no mínimo seis meses. Aos alunos novatos cabia a participação em algumas dessas áreas, nas quais eram formalmente constituídos com trainees. Como principal dificuldade encontrada, relata-se a infraestrutura defasada e a falta de apoio da Universidade para o funcionamento da empresa júnior.

Em 2011, a Ecos passou a dispor suas vagas para os alunos dos três cursos ofertados pelo Departamento de Comunicação Social, passando a receber, também, discentes do recém criado curso de Cinema e Audiovisual, além dos já tradicionais Jornalismo e Publicidade e Propaganda. A ideia era de que o membro da Ecos Jr. não ficasse preso ao cargo devido à sua habilitação ou aptidão, tendo o incentivo de investir em áreas que não teria contato durante seu período de formação no curso. Administrada e gerida exclusivamente por alunos da graduação desde sua estruturação, a Ecos Jr. tornou-se também projeto de extensão em 2011, contando com a presença de uma professora orientadora, Gabriela Santos Alves, e passando a ter sua presença e funcionamento reconhecidos pela universidade.

Em 2013, a Ecos Jr mudou-se para uma sala no Cemuni I, do Centro de Artes da UFES, onde permanece até os dias atuais. Em 2014, a coordenação e orientação do projeto foi assumida pela professora Rosane Vasconcelos Zanotti.

Ao final de cada ano acontece uma troca de gestão, novos membros são admitidos e aqueles que já cumpriram dois anos na empresa encerram essa etapa de suas experiências na Universidade. Como cada equipe desenvolve, cria ou reforça práticas e projetos de acordo com suas percepções, definiu-se o ano de 2015 como recorte para este estudo, por se tratar do primeiro ano em que ampliou-se a possibilidade de participação na EJ de alunos dos demais cursos do Centro de Artes para além dos cursos de Publicidade e propaganda, Jornalismo e Cinema e Audiovisual. O resultado do processo seletivo foi a admissão de três alunos do Design e uma aluna do curso de Música. A troca de experiências e o convívio entre estudantes de cursos diversos, e de outros departamentos, contribuiu para sofisticar a experiência interdisciplinar que já se apresentava como prerrogativa da Ecos Jr. desde a sua fundação. A seguir, pontuamos as atividades desenvolvidas no âmbito dos núcleos a partir dos quais a empresa está configurada.

O Núcleo Administrativo é formado pelo trainee de recursos humanos e pelo Diretor Presidente. As tarefas e realizações da equipe durante o ano de 2015 incluíram dois processos seletivos para novos membros, em março e setembro, e um remanejamento interno; regulamentação jurídica e contábil da empresa; organização interna (como escalas de horário e limpeza); confecção de documentação contratual de vínculo e desvinculo de membros; acompanhamento de novos membros (preparação e formação em seus núcleos); pesquisa de feedback individual de clima e liderança da empresa; criação do Conselho Consultivo (formado por antigos membros); formação do código de regulamentação do Conselho Consultivo; eleições para a nova Diretoria Executiva (gestão 2016) e planejamento de co-gestão da diretoria eleita. Está ainda vinculado a este núcleo o Diretor de Atendimento, que conta com dois trainees e são responsáveis pela interface entre a empresa e os clientes de todos os demais núcleos.

O Núcleo de Publicidade e Propaganda é formado pelo Diretor de Projetos Publicitários, e três duplas de criação constituídas por trainees de direção de arte e redação publicitária. Durante o ano de 2015, o núcleo atendeu a Semana de Administração realizada pela Empresa Júnior de Consultoria em Administração da UFES, com criação de logotipo, camiseta, capa da fanpage/Facebook e perfil da fanpage/Facebook; reformulou o logotipo dos Consultores Juniores da UFES; ficou responsável pela identidade visual do vlog da Ecos Jr.; criou nome, logotipo, placa, flyer, cartão de visita e catálogo para o cliente externo Mil Coisas; desenvolveu camiseta, banner e cartaz para a Fecaje (Federação Capixaba do Jovem Empreendedor) e logotipo para o cliente Doralice/ODF. Além disso o núcleo foi responsável pela arte das datas comemorativas postadas no Facebook da Ecos Jr., por todo o material de divulgação dos eventos internos, como Ecos Jr. Convida (identidade visual e cartazes) e Ecos Mostra (identidade visual, cartazes e material de divulgação para as redes sociais), além do redesenho do logotipo da própria Ecos Jr.

No Núcleo de Audiovisual, atuam o Diretor de Audiovisual e quatro trainees, que realizaram o ensaio fotográfico do organograma da Ecos Jr.; um VT de 30” para o Departamento de Economia da UFES/ CORECON; um VT de 15” para divulgação da Semana de Administração realizada pela Empresa Júnior de Consultoria em Administração, e também a cobertura fotográfica do evento; ensaios fotográficos para o cliente externo Thrula Birula (comércio de roupas); um vídeo institucional da própria empresa (VitrinEcos) e promoveu um treinamento de treinamento de After Effects para os membros interessados.

O Núcleo de Eventos é formado pelo Diretor de Eventos e dois trainees, que foram responsáveis pela organização e execução das reuniões gerais (com periodicidade mensal); pelo desenvolvimento e realização do projeto Ecos Jr. Convida (série de palestras realizadas com profissionais do mercado e aberta para todos os alunos interessados no tema), que contou com três edições no ano: a primeira com Alessandra Barcelos (executiva de contas da Agência Kindle – RJ) sobre atendimento publicitário, a segunda com Priscila De Nadai (doutora em Administração) sobre performance de Marketing e a terceira com

Maria Guimarães (redatora da Agência CUBOCC – SP) sobre a revolução feminina na publicidade. O Núcleo organizou e executou ainda um dos principais eventos realizados pela empresa, o Ecos Mostra, um concurso aberto a todos os estudantes de cursos superiores, que poderão concorrer e ter seus trabalhos avaliados por profissionais do Mercado dentro das seguintes categorias: Curta-metragem, Fotojornalismo, Crônica, Peça Publicitária Online e Impressa. Em 2015 o tema central da mostra competitiva foi o uso de bicicletas como transporte alternativo e totalizou mais de 130 inscrições vindas todas as faculdades e universidades da Grande Vitória. No mês de maio realizou o primeiro projeto de imersão, durante todo um final de semana os membros ficaram reunidos fora do ambiente de trabalho e receberam orientações gerais, palestras e treinamentos, num esforço de proporcionar mais capacitação profissional e entrosamento entre os participantes. Por fim, o núcleo organizou em dezembro o evento de encerramento das atividades da gestão 2015 e posse os diretores da gestão 2016.

No Núcleo de Jornalismo, o Diretor e dois trainees foram responsáveis pela assessoria de imprensa para eventos da Ecos Jr, além do gerenciamento de mídias sociais e produção de conteúdo para dois clientes externos: Thrula Birula (comércio de roupas) e Amor&Sexo (sex shop).

O Núcleo de Marketing esteve inativo durante o ano de 2015, em fase final de processo seletivo para a admissão de dois trainees e processo de reativação do núcleo acompanhado pela professora Manoela Pagotto Martins Nodari.

Apesar de ser uma EJ federada desde 2008, a equipe de 2015 teve como diferencial o fato de ampliar a participação da Ecos na JuniorES (Federação Capixaba de Empresas Juniores), responsável por regulamentar, integrar, fomentar, orientar, dar suporte e representar o MEJ capixaba, alinhada ao trabalho da Confederação Brasileira de Empresas Juniores, a Brasil Júnior. Em 2015, ano da presente análise, três membros da Ecos Jr. ocupavam os cargos na JuniorES (coordenadora de relações públicas, coordenadora de criação e assessor de expansão).

Participar da Federação e promover continuamente a ponte entre o trabalho desenvolvido, tanto local quanto nacionalmente, pelo órgão e os membros da Ecos resulta no incremento das bases do empreendedorismo, já provocado pela própria vivência no âmbito da empresa júnior.

A JuniorES foi criada em 2004 com o intuito de dar condições de crescimento, desenvolvimento e fortalecimento do Movimento Empresa Júnior no estado, e hoje conta com cerca de 300 empresários juniores de 11 delas federadas, dentre elas a Ecos Jr.

## **ECOS JR.: MATERIAIS PRODUZIDOS**

Apresentaremos a seguir algumas peças produzidas pelos núcleos da Ecos Jr. durante o ano de 2015, com o objetivo de evidenciar, visualmente, o resultado da proposta

integrada de ensino.

Além disso, é importante ressaltamos a aprovação da Lei 13.267, de 6 de abril de 2016, publicada no Diário Oficial no dia 07/04/16, que visa regulamentar a atuação das empresas juniores no Brasil. Pioneira no mundo todo, ela passa a normatizar a existência de mais de 1.200 organizações no país formadas exclusivamente por estudantes universitários, que não possuem fins lucrativos e executam projetos e consultorias voltadas para micro e pequenos empresários, no mínimo 15% mais baratas do que o valor de mercado, e promete abrir precedentes para outros países, além de incentivar o empreendedorismo nas universidades brasileiras. A lei passa a estabelecer definitivamente o Conceito Nacional de Empresa Júnior (CNEJ) e ampara juridicamente esse tipo de iniciativa, assegurando imunidade tributária e outros direitos. O projeto também favorece o relacionamento das empresas juniores com as Instituições de Ensino Superior, uma vez que criam regras e preveem benefícios como a cessão de espaço físico gratuito para o seu funcionamento na própria universidade, além da inclusão de suas atividades no conteúdo acadêmico do curso da qual faz parte (BRASIL JUNIOR).



Figura 1. Redesenho do logotipo Ecos Jr. À esquerda o logotipo antigo e à direita o novo.



Figura 2. Evento Ecos Mostra. Na ordem, da esquerda para a direita: cartaz de divulgação, material para Facebook e troféu entregue no dia da premiação.



Figura 3. Ciclo de palestras Ecos Jr. convida. Material para Facebook.



Figura 4. Gerenciamento e produção de conteúdo para Facebook. Cliente: Amor&Sexo.



Figura 5. Fotografia de produto e arte para material a ser veiculado no Facebook. Cliente: Thruia Birula.

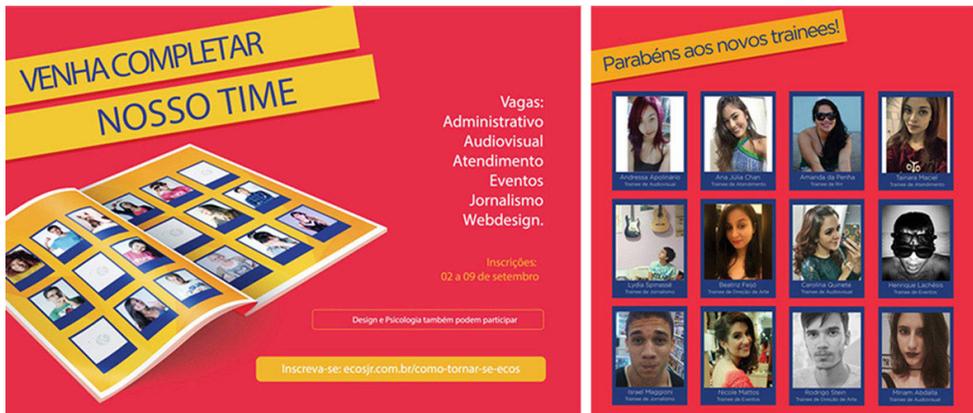


Figura 6. Divulgação do processo seletivo e resultado da seleção de novo membros. Material para Facebook.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que o mercado de trabalho exige, cada vez mais, de seus profissionais uma visão dinâmica e multifacetada. Nesse sentido, a empresa júnior se apresenta como uma excelente oportunidade para o desenvolvimento amplo e integrado dos alunos na universidade, a partir das diversas experiências que são vivenciadas nesses contextos. Com base no estudo de caso apresentado, da empresa Ecos Jr., nota-se uma ampla variedade de atividades desenvolvidas por seus membros em diferentes áreas de atuação, estimulando, assim, o desenvolvimento de habilidades não apenas técnicas, mas também sociais, imprescindíveis no cenário contemporâneo (VITALI, 2007).

## REFERÊNCIAS

BASONI, L. Introdução. In BASONI, L. (Org.). **Ecos Jr. 10 anos de grandes ideias**. Vitória: Gráfica Universitária, 2008. p. 15-16.

BAUDRILLARD, J. **Sistema dos objetos**. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva, 1997.

BRASIL JUNIOR. **Relatório Nacional Censo e Identidade 2018**. 2018. Disponível em: [https://static.brasiljunior.org.br/static-files/%5BBRASIL\\_J%20C3%9ANIOR%5D\\_Censo\\_e\\_Identidade\\_2018.pdf](https://static.brasiljunior.org.br/static-files/%5BBRASIL_J%20C3%9ANIOR%5D_Censo_e_Identidade_2018.pdf). Acesso em: 11 fev. 2021.

BRASIL JUNIOR. **Sancionada a lei das empresas juniores**. 2016. Disponível em: <http://brasiljunior.org.br/noticia/sancionada-a-lei-das-empresas-juniores>. Acesso em: 21 abr. 2016.

COVALESKI, R. O processo de hibridização da narrativa publicitária. **Revista Comunicação**, n. 10, v. 1, p. 52-62, 2012.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

GOMES, N. D.; CASTRO, M. L. D. Publicidade: um olhar metodológico. In PEREZ, C.; BARBOSA, I. V. (Orgs.). **Hiperpublicidade: fundamentos e interfaces**. 1 ed. São Paulo: Thomson Learning, 2007. p. 03-13.

GONDIM, S. M. G. Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com a formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. **Estudos de Psicologia**, v. 7, n.2, p. 299-309, 2002.

MARCONDES, P. A invasão das coisas do outro mundo. **Revista da Criação**, n. 1043, p. 10-12, 2003.

MARTINS, M. P. **A publicidade na cultura de consumo e a representação de estilos de vida**. 2010. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda) – Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

OLIVEIRA, E. M. **Empreendedorismo social e empresa júnior no Brasil: o emergir de novas estratégias para formação profissional**. 2005. Disponível em: <http://www.ts.ucr.ac.cr/binarios/pela/pl-000523.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2016.

PEREZ, C. Estrutura organizacional e modelos de gestão da agência de propaganda. In PEREZ, C.; BARBOSA, I. V. (Orgs.). **Hiperpublicidade: atividades e tendências**. São Paulo: Thomson Learning, 2008. p. 03-22.

REQUIAO, R. Apresentação MEJ. In BASONI, L. (Org.). **Ecos Jr. 10 anos de grandes ideias**. Vitória: Gráfica Universitária, 2008. p. 11-12.

SOMMERMAN, A. **Inter ou transdisciplinaridade? Da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre os saberes**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2008.

VITALI, T. C. O desafio do ensino superior de publicidade para o século XXI. In PEREZ, C.; BARBOSA, I. V. (Orgs.). **Hiperpublicidade: fundamentos e interfaces**. 1 ed. São Paulo: Thomson Learning, 2007. p. 14-31.

ZILLOTTO, D. M. ; BERTI, A. R. A aprendizagem do aluno inserido em empresa júnior. **Revista Conexão UEPG**, v. 8, n. 2, p. 210-127, 2012.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**EDWALDO COSTA** - Pós-Doutor em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (ECA/USP), Departamento de Jornalismo e Editoração (2019). Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 2014. Mestre em Comunicação Social pela Universidade de Marília (2008) e especialista em Informática na Educação (2006), pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Concluiu graduações em Comunicação Social/Jornalismo e Ciências da Computação. Atuou como professor de Comunicação Social/Jornalismo na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), no Centro Universitário Toledo de Araçatuba e na União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo. Coordenou o curso de Especialização em “Inteligência Estratégica”, da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra em Mato Grosso (ADESG-MT) e também supervisionou projetos de pesquisa e extensão com apoio da FAPEMIG e CAPES. Foi professor orientador (bolsista CAPES) de Trabalho de Conclusão de Curso na Especialização em Atendimento Educacional Especializado (AEE), desenvolvido pelo Departamento de Educação Especial da FFC/UNESP/Marília-SP, em parceria com a SEESP/MEC e UAB (Universidade Aberta do Brasil). Na prática profissional, trabalhou em órgãos de imprensa nacional e internacional. Entre as principais coberturas jornalísticas estão: a Copa das Confederações (2013); a Copa do Mundo (2014); a Operação Acolhida (2019) e a Inauguração da Estação Antártica Comandante Ferraz (2020). Atualmente, o organizador do e-book é membro efetivo da Academia de Letras do Brasil-DF e cursa o segundo pós-doutorado na Daphne Cockwell School of Nursing – Ryerson University – Canadá, além de atuar como jornalista no Centro de Comunicação Social da Marinha, em Brasília.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Akwe-Xerente 7, 157, 158, 161, 162, 164, 167

Análise da comunicação televisual 5, 6, 70, 74

Antropomórficas 5, 7, 88

App Comunica 7, 101, 108, 109, 110, 111

Arquiteturas do Digital 5, 7, 88

### C

Capacidades Comunicativas 5, 7, 114, 119, 120

Cidadania 5, 10, 81, 102, 103, 104, 167, 168

Cidade Acessível 5, 7, 101, 104, 113

Ciência da Informação 6, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 56, 57, 58

Comunicação 5, 6, 1, 9, 12, 16, 17, 18, 19, 20, 25, 27, 28, 29, 30, 35, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 99, 100, 101, 102, 112, 133, 134, 138, 139, 140, 155, 158, 160, 163, 167, 168, 170, 173, 174, 175, 182, 183

Comunicação Científica Visual 5, 6, 46, 47, 48, 52, 55, 56

Coordenação motora de crianças 5, 7, 147

Covid-19 6, 2, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 43, 44, 45

### E

Ecos Jr 8, 170, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 182

Empresa Júnior 5, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 181, 182

Espaço Midiático 5, 6, 77, 86

Etnofotografia 5, 7, 157

### F

Folha de São Paulo 5, 6, 13, 16, 21, 25

Formação Integrada 5, 8, 170

### G

G1 6, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 104, 146

### I

Identidade no Digital 89

Indígenas 11, 24, 137, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 167, 168, 169

Informação 6, 17, 18, 19, 21, 28, 31, 32, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 73, 79, 80, 86, 88, 90, 91, 96, 123, 136, 139

Interpretação de dados 37

## **J**

Jornalismo 19, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 43, 44, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 87, 158, 167, 169, 174, 175, 177, 183

Jornalismo em tempos de pandemia 31

## **M**

Marielle Franco 6, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86

Matéria e Memória 97, 99

McCombs e Shaw 18, 28

Memória Cultural 5, 7, 133, 158, 163

Metalinguagem 5, 7, 157, 162

Michel Temer 5, 6, 59, 60, 62, 68

## **N**

Narrativas humanizadas 5, 6, 30, 32

## **O**

Operação Acolhida 5, 6, 1, 2, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 183

## **P**

Percepção 17, 20, 79, 86, 88, 89, 91, 93, 94, 96, 97, 98, 149, 161

Personalidades da Bahia 7, 133

Perspectiva Integrada de Ensino 172

Pesquisa de campo 7, 135, 157

Pós-Humanismo 89, 91

Práticas Comunicativas 5, 6, 1

Programas Sociais Esportivos 7, 147

Propaganda 31, 91, 170, 171, 174, 175, 176, 182

Publicidade 32, 73, 74, 170, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 182

## **R**

Redes Sociais 5, 6, 17, 18, 19, 20, 27, 28, 29, 30, 34, 72, 79, 81, 87, 91, 100, 139, 176

Regulamentação 176

Relações sociais e corporais 91, 93

Representações 5, 6, 47, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 69, 75, 78, 134, 144

## **S**

Sociedade do conhecimento 5, 123, 124

## **T**

Teoria do agendamento 16, 17, 18, 19, 21, 28

Tocantins 7, 157, 158, 162, 163, 164, 167, 168

Twitter 5, 6, 16, 17, 21, 22, 25, 26, 27, 28

## **V**

Valor Notícia 19, 21

Venezuelanos 5, 6, 1, 2, 3, 6, 9, 10, 12, 14

Vida em Sociedade 2, 5

# Communicare:

A Atividade de partilhar Informações  
como Alicerce da Vida em Sociedade

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# Communicare:

A Atividade de partilhar Informações  
como Alicerce da Vida em Sociedade

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)